

SINNERS consumed

SOMME SKETCHER

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou

coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Meu mundo está em chamas, e estou obcecado pela garota que acendeu o fósforo.

Os nós dos dedos ensanguentados e um corpo sem vida aos meus pés confirmam: Penny é a minha morte.

Minha fachada de cavalheiro não passa de uma lembrança.

Meus pecados estão escorrendo pela minha camisa como tinta.

Tentei deixá-la. Não consegui.

Tentei tirar a sua vida; também não consegui fazê-lo.

Por isso dançaremos lentamente nas chamas até que eu não passe de nada além de cinzas e brasas.

Só me erguerei como uma fênix quando ela tiver partido.

O problema é que nunca vou deixá-la ir.

Não, ela teria que correr muito, muito longe para me escapar.

E talvez, ela fuja, se eu lhe disser a verdade: possuo a Linha Direta dos *Sinners Anonymous*.

E tenho escutado todas as ligações que ela fez.

01

Penny

Estou de pé atrás do bar enquanto Raphael se senta em uma poltrona do outro lado. Seus olhos estão fixos em um pedaço de parede sem graça atrás da minha cabeça, uma ficha de pôquer girando entre seus dedos inchados.

O salão é muito imaculado para todo esse sangue. Muito claro, muito quieto. Posso praticamente ouvir os pecados escorrendo de seu corpo - alguns dele, outros não - e manchando o tapete a seus pés de vermelho.

Descanso minhas mãos suadas no bar e engulo.

— Quer que eu ligue para alguém? Seu irmão? — Seus lábios se inclinam em um sorriso sem humor, e me lembro da visão do corpo nu e ensanguentado de Gabe e do olhar ameaçador que me lançou através do para-brisa. Tremo. — O outro irmão, quero dizer.

Ele balança a cabeça uma vez. Tudo bem, então.

Eu me arrasto de um pé de chinelo para o outro e o encaro por alguns tiques do relógio de pêndulo na parede. Deslizo sobre seu cabelo preto despenteado e colarinho aberto. Ele arrebentou os pontos que mantinham sua personalidade cavalheiresca no momento em que embarcamos no iate - o broche e as abotoaduras. Enquanto saltavam sobre a plataforma de natação, consegui pegá-los

antes que desaparecessem no Pacífico. Agora, conforme olho para a abotoadura de dados de diamante ao lado da minha mão trêmula, me pergunto como enganaram alguém.

É assim que um colapso se parece? Não saberia. Apesar do fato de que, no final, minha mãe ficava nua na frente do toca-discos no corredor, chorando junto com as baladas mais emocionantes de Whitney Houston, ou que meu pai batia a cabeça repetidamente no espelho do banheiro, sua morte foi lenta. Mais do desmoronar que esperava, ao invés de uma *rachadura repentina* que não esperava. Quando olho para cima da abotoadura e de volta para Raphael, fico surpresa ao descobrir que ele está olhando diretamente para mim. Um olhar semicerrado, enegrecido pelo tipo de imprudência que faz seu instinto de sobrevivência entrar em ação. O tipo que faria atravessar a rua se visse nos olhos de um estranho, ou pular de volta de um Uber se cumprimentasse você no espelho retrovisor.

Eu me viro para a parede de bebidas. Não porque sua expressão me assusta, mas porque sei que não deveria esquentar o espaço entre minhas coxas. Estou *doente.*

Pego o kit de primeiros socorros e uma garrafa de uísque *Smuggler's Club*.

— Vodca.

Meus ombros tensionam. — Desde quando começou a beber vodca?

— Desde que disse que não me beijaria se eu bebesse uísque.

Uma maré quente traz tontura a minha cabeça e calor para meu estômago. A sensação só se intensifica quando me viro e não encontro humor em seus olhos.

Saindo de trás do bar, atravesso o salão e entro em sua órbita, meu coração batendo um pouco mais rápido a cada passo. Seus olhos me acompanham, endurecendo quando minhas pernas aparecem.

— Coloque algumas roupas, Penelope. Meus homens estão a bordo e não quero matar mais ninguém hoje. — Recosta-se na poltrona, passando a mão machucada pelo cabelo com um movimento descuidado. — Essas malditas coxas — murmura para o pedaço suave de parede novamente.

Matar. Então Blake está morto. Cristo, pensei que talvez só tivesse causado uma pequena concussão, ou algo assim. O que ele poderia ter feito de tão ruim?

Ainda em estado de choque por acordar com o som do corpo de Blake quicando no capô do carro de Raphael, não tenho coragem de discutir sobre como se um homem sexualiza shorts de pijama e uma regata, então isso é seu problema. Entorpecida em todos os lugares, menos no centro, pego a manta pendurada no braço de um sofá e a enrolo ao meu redor. Tenho toda a intenção de colocar a bebida e o kit de primeiros socorros na mesa de centro e correr de volta para a segurança do bar, mas o braço de Raphael dispara, envolve a parte de trás das minhas pernas e me puxa para sua coxa.

Meu pulso diminui para um ritmo muito pegajoso para bater corretamente. Minha visão escurece com o calor de seu corpo infiltrando-se pelo cobertor e encharcando o meu. Ele é duro e quente e o perigo sai dele como uma onda sônica.

Aumenta seu aperto na minha cintura, e meus olhos caem em seu braço. Sua jaqueta saiu não muito depois de suas abotoaduras, e agora suas mangas estão arregaçadas para revelar antebraços tatuados e também cobertos de sangue. O Rei de Ouros me olha com expectativa.

Eu me viro e pego o kit de primeiros socorros. Despreocupação não é a expressão mais fácil de usar, não quando um batimento cardíaco bate contra meu ombro e uma respiração quente e pesada faz cócegas em minha garganta. Minha débil expressão impassível é imediatamente abalada pelo tremor em meus dedos enquanto abro a caixa branca e vermelha.

Sem expressão, encaro os objetos estranhos lá dentro. — Aguente; preciso pesquisar isso no Google.

Um aperto sangrento no meu quadril me impede de pular. — O líquido claro é solução salina. Mergulhe um algodão nele. — Espalha uma mão grande sobre a curva da minha coxa, enviando um calafrio febril por mim. — Depois limpe minhas mãos.

Mal consigo me concentrar na tarefa; estou muito ocupada queimando sob seu olhar e fingindo que sua mão na minha coxa não me afeta em nada.

Faço uma pausa com o algodão pairando sobre os nós dos dedos. — Isso pode doer.

Sua risada está enferrujada e meus ouvidos aquecem. — Acho que sobreviverei.

Seu olhar continua a pressionar minha bochecha enquanto limpo suas feridas com pinceladas desajeitadas e um nariz enrugado. Quando a tensão fica tão forte que meus movimentos ficam mais lentos, digo — Para um homem que se orgulha de não ter fissurado os nós dos dedos, com certeza sabe lidar com um kit de primeiros socorros.

Desta vez, sua risada é mais suave. — Sou de uma família de bandidos. Remendei mais do que alguns ferimentos a bala no meu tempo.

Ergue a mão direita para inspecionar meu trabalho manual e, assim que o considera satisfatório, desliza-a pela minha perna e a coloca na parte inferior do meu estômago. A sensação de seu dedo mindinho machucado descansando no meu osso púbico me faz querer esfregar minhas coxas juntas. Minha próxima respiração sai trêmula e irregular. Ele move a mão esquerda para que eu possa trabalhar nela.

— Bem, agora é um bandido também — murmuro, embebendo mais algodão em solução salina. — O que Blake fez?

— Irritou-me.

Engulo. — Então, o matou.

A palma da mão pressiona com mais força meu estômago e seu queixo descansa em meu ombro.

— Ele estava de olho em algo que não lhe pertence.

Sua voz profunda é insondável e, por um breve segundo, fecho os olhos e mergulho nela. *Está falando de mim?* Blake estava perto o suficiente do carro para quicar no capô e me acordar. Isso, mais seu comportamento assustador em relação a mim em geral, torna plausível que ele estivesse me "olhando", mas a maneira como Raphael diz isso enrijece minha coluna. Porque suas palavras vêm com uma pesada insinuação pesada no final. *Em vez disso, pertencia a mim.*

Pânico e aborrecimento me preenchem em partes iguais. Só porque tenho uma vontade selvagem constante de arrancar todas as suas roupas com os dentes, não significa que de repente joguei todas as minhas crenças sobre os homens pela janela. Nenhum homem jamais me deixou tão... *tonta* quanto Raphael Visconti, mas isso não significa que de repente eu seja *dele.*

Ele é uma anomalia, não a exceção.

Largo o algodão com um *plop* encharcado e me viro para olhar para ele. Cristo, ele está perto. Tão perto que meu nariz roça no dele. Afasto a falta de ar e endureço meu olhar.

— Eu também não pertenço a você.

Um sorriso sem humor se estende em seus lábios. — Não quero você, Penelope. — Antes que sua omissão tenha tempo

de doer, leva a mão ao meu queixo e me agarra ali. — Mas vou levá-la de qualquer maneira, e depois vou arruiná-la.

Pisco. — O quê?

— É justo — diz, tom desprovido de emoção.

Uma terrível sensação de pavor rasteja sobre meus ombros e aperta minha nuca. — Por que? — Sussurro.

Ele não perde o ritmo. — Porque é apenas uma questão de tempo antes de me arruinar.

Não tenho um retorno, mas isso não importa. Não teria conseguido tirá-lo quando mãos quentes descessem em meus quadris, me levantassem e me levassem para fora da sala.

02

Penny

Paredes de carvalho, tapetes creme, e gotas de sangue passam em um borrão. Faço contato visual com a serpente enfiando sua cabeça viciosa por baixo da gola aberta da camisa de Raphael e aperto meu pescoço com mais força.

— Onde vamos? — Embora, meu coração já saiba.

— Meu quarto.

— Por que? — Sussurro.

Ele move seus antebraços sob minha bunda. — Para que eu possa fodê-la, Penelope. Por que mais?

Eu também sabia a resposta para essa pergunta, mas isso não impediu o choque eletrizante da minha pele. É a maneira descarada com que sua voz sedosa envolve a frase. Irreverentemente, factualmente, como se fosse seu direito divino de me foder. Como se não tivesse me ouvido quando disse que não era *dele*. Faz sentido, acho. Deus lhe deu tudo o mais.

Meu pulso bate tão violentamente em meu clitóris que o resto do meu corpo parece fraco. Ainda assim, sei que devo fazer algum tipo de protesto. Bato minha testa contra seu peito e faço uma tentativa meia-boca de me livrar de seu aperto.

— Bem, não quero fodê-lo, idiota.

Seu ombro se conecta com uma porta e nós a atravessamos. Uma mão desliza entre minhas coxas e me envolve sobre meu short de pijama. É um aperto áspero e audacioso que faz meus olhos rolarem para trás da minha cabeça. Sua mão agora úmida volta para o meu quadril.

— *Uh-huh* — é tudo o que diz. Pego o sorriso da serpente antes de Raphael me jogar na cama.

Salto duas vezes, então subo até a cabeceira e pressiono minhas costas contra ela como se fosse um bote salva-vidas. Como se isso pudesse me salvar do monstro de um metro e oitenta com o olhar imprudente, pairando ao pé da cama.

Nossos olhares se encontram e seus olhos semicerrados só me puxam para águas perigosas. Os nervos rastejam em minhas veias como aranhas, porque não estou totalmente convencida de que está blefando, mas depois ele abre os três primeiros botões da camisa e, bem, de repente não dou a mínima se está blefando ou não.

Minha respiração fica superficial e o vejo me observando, seus olhos vagando pelo meu corpo como se estivesse considerando por onde começar. Perdi o cobertor em algum lugar entre a sala e a cozinha, e agora estou me xingando por usar meu short mais curto para dormir no carro do Raphael.

Meu foco cai para a protuberância esticada abaixo de sua cintura. Cruzo minhas pernas em autopreservação.

— Pensei que saísse com garotas antes de fodê-las?

Seus olhos percorrem meus seios. — Eu? — Pergunta secamente.

— Isso é o que dizem.

Um sorriso demoníaco inclina seus lábios. — E o que mais dizem?

Engulo. — Que só fode por trás.

Seu olhar levanta para o meu, piscando em preto. — Que cavalheiro da minha parte.

Em um movimento rápido, tira a camisa, enrola-a com o punho ensanguentado e a joga no chão.

Jesus, Maria e José. Todos os outros personagens da Bíblia também. Iluminado pelo sol da manhã que entra pela janela, ele é uma montanha de músculos e pecado, e nenhuma quantidade de tinta manchando seu corpo pode esconder sua força ou definição. Esfregando uma mão ensanguentada em seu abdômen, dá um passo preguiçoso em direção à cama, um movimento que me deixa com água na boca em antecipação e meus dedos dos pés se curvam de medo.

Ele olha para mim com cautela. Abre os braços como se estivéssemos em uma situação infeliz, e as consequências serão menos dolorosas se apenas aceitarmos nosso destino. — Acho que estava certa.

O raio de sol cortando as cartas de baralho e as escrituras em seu peito prende o significado de suas palavras: *não sou um cavalheiro.*

Não deveria estar tão surpresa. Sabia desde o começo. A partir do momento em que caminhei até ele no bar e seu olhar aqueceu a carne através da fenda do meu vestido roubado, mas acho que enfrentar a realidade é mais assustadora do que a fantasia.

E Raphael Visconti em toda a sua glória pecaminosa, é assustador *pra* caralho.

Clink, thawp. Seu cinto desliza de seus laços com uma flexão de um bíceps. Soa como o estalo de um chicote e me deixa sóbria imediatamente. Por instinto, meus olhos se voltam para a porta e me pergunto se conseguiria passar pelo monstro se corresse rápido o suficiente. Decidindo que não há uma chance no inferno, sufoco um gemido e olho para o lençol na minha coxa. Passo a mão trêmula no algodão egípcio creme e faço uma piada de merda, como se fosse abrir um buraco no meu mal-estar.

— Sabia que passava seus lençóis.

Um grunhido animalesco sai do fundo da cama. Olho para cima bem a tempo de pegar tinta saindo sob a cueca preta antes de uma mão forte agarrar meu tornozelo e me puxar. O teto desaparece tão rápido quanto chegou, obstruído por ombros mais largos que um campo de futebol e olhos igualmente verdes.

Doce, santo inferno. Apesar de ter apenas um metro e sessenta e dois com a coluna reta, nunca me senti pequena antes. Acho que a maioria das garotas cujas coxas irritam no verão têm o mesmo problema, mas quando o corpo quente e

pesado de Raphael desce em cima do meu, me prendendo na cama com músculos de aço e más intenções, sinto como se tivesse sido engolida por um eclipse.

Apesar do calor indutor de delírio, estremeço quando agarra meu coque, puxa minha cabeça para trás e aninha o rosto em minha garganta. — Faça-me um favor, Penelope — sibila contra meu pulso acelerado. — A menos que esteja gemendo meu nome ou chupando meu pau, mantenha a porra da boca fechada. — Outro puxão no meu coque, outro estalo no meu clitóris. — Estou tão cansado da merda que sai dela.

Sei que devo ficar furiosa, mas foda-se, é difícil ficar com raiva quando se está derretendo sob a carne e os músculos. Difícil de *pensar.* Seu torso desliza pelo meu corpo, suas mãos seguindo o exemplo, até que está aninhado entre minhas coxas. Dedos grossos e inchados se enrolam no cós do meu short, e meu coração para de bater completamente. Porra. Ele terminará o que começou em seu escritório? Não sei se conseguirei lidar com isso. Não fui capaz de lidar com a mera ideia disso. Usei o chuveiro no meu clitóris quatro vezes pensando nisso, e não consegui passar da terceira lambida imaginária antes...

Oh, Deus. Ele rasga meu short pelas minhas pernas e, com seu arremesso distraído, desaparece nas sombras atrás dele. Olha rapidamente para a faixa de renda que cobre minha boceta, então enterra o rosto nela.

Meu arfar se derrete em um estremecimento com a pressão quente e úmida. Algumas minhas, outras dele. Uma profunda onda de prazer se espalha do meu centro e através de meus membros como um incêndio, quente e incontrolável. Sei que não sobreviverei a isso.

Quando sinto sua língua empurrar o tecido da minha calcinha em minha entrada, aperto meus dentes sobre meu lábio inferior para me impedir de gemer. Posso não estar no estado de espírito certo, mas meu desejo de não dar a este homem a satisfação de me destruir é instintivo.

Aperto meus olhos fechados e tento pensar em qualquer coisa, menos no que está acontecendo entre minhas pernas, mas torna-se impossível quando também arranca minha calcinha. Minhas pálpebras se abrem bem a tempo de vê-lo agarrar minha calcinha e jogá-la na direção de sua cômoda; voando pelo quarto e caindo em uma lâmpada.

Ele me olha. — Minha agora.

— Está fodendo minha calcinha, ou algo assim?

Um golpe forte no meu clitóris faz estrelas brilharem na frente dos meus olhos.

— Ou algo assim.

Cristo. O pensamento de ele se masturbando na minha calcinha faz minha cabeça girar. É tão grosseiro, tão *pouco cavalheiresco,* e obsceno que estou lisonjeada. Com um puxão áspero, separa minhas pernas, prende meus joelhos na cama e se senta apenas o suficiente para estudar o que há entre

eles. Sangue lateja em meus ouvidos. Uma leve brisa esfria a maciez que cobre minha boceta e a parte interna das coxas, me fazendo tremer. Raphael dá um pequeno aceno de cabeça, depois escova um polegar surpreendentemente gentil sobre o tufo de cabelo lá embaixo.

— Eles a fizeram sob medida para o meu gosto, *Queenie* — murmura. Depois seu tom amargou. — Claro que sim, porra.

Quennie? Pensei tê-lo imaginado me chamando assim no carro. Por que está me chamando de *Queenie*? Então ele cai sobre os cotovelos, desliza os ombros sob meus joelhos e lambe da entrada ao clitóris. Imediatamente, arquivo o pensamento em uma caixa intitulada *Perguntas para quando Raphael Visconti não estiver com o rosto enterrado em minha boceta* e deixo cair minha cabeça no travesseiro.

O próximo golpe quente e úmido de sua língua vem mais lento, pontuado por uma sucção furiosa em meu clitóris. Eu me forço a desacelerar minha respiração e relaxar minhas coxas, porque sei que não só não sobreviverei a isso, como não passarei dos próximos cinco segundos nesse ritmo.

Meu sangue se transforma em vapor e sobe, criando uma névoa sobre a cama, ficando mais espesso a cada lambida enlouquecida, sucção forte e gemido gutural. Cada nervo do meu corpo deslizou para o sul e ganhou vida. Jesus, não posso gozar ainda. Em parte porque não quero lhe dar a satisfação de saber quão molhada ele me deixa - embora seja bastante óbvio pelos sons desleixados vindos da minha

entrada toda vez que sua língua mergulha nela - e em parte porque não quero que ele saiba o quão pateticamente inexperiente sou.

Só fiz sexo com dois homens; nem caiu em mim. Acho que não há muito espaço para isso na traseira de um Honda turbinado. Não se importaram em me tirar, de qualquer maneira.

Apesar do entusiasmo de Raphael, tenho certeza que também não se importa com o meu prazer. Suas mãos me agarram com tanta força que seus dedos machucados desaparecem em minha carne. Ele me segura onde precisa de mim, inclinando meus quadris para cima para me dar voltas mais longas e raivosas.

Agora, não poderia me importar menos com seu motivo. Cada lambida traz uma nova onda de delírio, maior e mais assustadora que a anterior.

— Oh, *porra* — gemo quando gira sua língua em volta do meu clitóris para uma mudança repentina de ritmo. Ele geme em aprovação e enterra seu rosto mais fundo em mim.

A pressão aumenta, me deixando louca, até que estou tão perto de gozar que o teto respira acima de mim. Solto os lençóis da cama e cavo meus dedos em seu cabelo grosso, puxando sua cabeça para trás. Nossos olhos se chocam; o meu cheio de desespero, o dele enegrecido de irritação.

— Acho que vou...

— Não se atreva.

Depois de um beliscão final no meu clitóris, ele me joga de quatro e fecha o espaço atrás de mim.

— Essas. Porra. De. Coxas. Penelope. — Sussurra. Suas mãos são ásperas e egoístas enquanto deslizam pela parte de trás das minhas pernas e apalpam minha bunda. — Tive que trocar o uniforme por causa dessas coxas.

Apesar da minha pele zumbir em antecipação, franzo a testa. — O que há de errado com essas coxas?

Ele dá um tapa na minha bunda, com força. Minha cabeça cai na cama, permitindo que o travesseiro absorva o peso do meu gemido.

— Irritam-me.

Não tenho a menor ideia do que ele está falando, mas não me importo. Não quando agarra minha bunda e afunda os dentes em uma bochecha. Uma dor ardente abre um caminho frenético até minha boceta, onde se transforma em uma pulsação satisfatória.

— *Ai!*

— Cale-se.

— Jesus — sibilo no travesseiro. — Pensei que fosse encantador.

Uma risada sombria esfria os lábios da minha boceta. — Não no quarto, *Queenie*.

— Sim, não diga. Por que alguém fode com você quando fala com eles como… *oh, Deus.*

Ele corta meu sarcasmo deslizando dois dedos dentro de mim. À medida que a pressão enlouquecedora cresce e floresce com cada movimento relutante dos meus quadris, um som estrangulado sobe pela minha garganta e enche a sala.

Atrás de mim, Raphael faz um barulho de satisfação. — Você é tão apertada, baby. É tão... — Sua mão livre bate na minha bunda novamente, carregada com sua frustração. — *Cazzo. Sei perfetta.*[1]

Um suspiro trêmulo me escapa, os neurônios em meu cérebro disparando com o que aprendi em *italiano para Dummies.*

— Mais — murmuro no travesseiro, não totalmente certa se quero que me ouça. Ele responde pressionando seu peito pesado nas minhas costas, apoiando-se com a mão na minha cabeça. Eu me viro para olhá-lo. Uma mão machucada e ensanguentada apoiada em algodão de luxo, acabou com uma vida há menos de uma hora. Por *mim.*

Aperto meus olhos fechados. O pensamento não deveria me trazer mais perto da borda.

Raphael empurra seus dedos mais fundo dentro de mim e os mantém lá. Seus lábios vêm para a concha do meu ouvido com uma pergunta carregada. — Quantos outros dedos estiveram nesta boceta, Penelope?

A violência em seu tom diz que qualquer número maior que zero será demais, mas quero evitar o assunto de ser inexperiente, então volto para a leviandade.

— Não sei. Isso seria um monte de dedos para somar.

Isso me dá uma forte estocada em minha boceta e uma mordida em minha bunda. Minhas pálpebras se abrem bem a tempo de ver a mão ao lado da minha cabeça se enrolar no lençol.

— Acabei de matar um homem por olhá-la. Acha que não matarei mais alguns por terem os dedos dentro de você?

A falta de ar me invade e aumenta meu prazer. — Estou apenas dizendo; é muita matemática em um momento como este.

Abruptamente afasta os dedos. Uma mistura de vazio e desespero os substitui, mas dura apenas alguns momentos, então ouço o *estalo* de um cós elástico e ele empurra seu comprimento para dentro de mim com um impulso forte.

Minhas paredes queimam com o peso e o choque, arrancando um grito da minha garganta. A cabeça de Raphael segue a minha até o travesseiro, parando ao lado da minha bochecha. — Quantos paus então, espertinha?

Deixo escapar um soluço estrangulado em resposta e viro minha cabeça para longe dele. Atrás de mim, sinto seu estômago tenso contra a minha bunda. Faz uma pausa, depois se afasta lentamente, quase todo o caminho, antes de entrar em mim novamente com mais cautela.

Quando um leve beijo toca o espaço entre minhas omoplatas, minha coluna enrijece e algo quente e desagradável preenche o espaço dentro de minha caixa

torácica. O movimento está em desacordo com as mãos ásperas e o incêndio no sul. Está tentando ser legal, para permitir que eu me ajuste a ele.

Eu não gosto disso, mas depois de mais algumas estocadas preguiçosas, minha respiração diminui, o fogo fervendo em um calor muito mais agradável. Ajusto meu peso para acomodar mais dele, e com cada deslizamento lento e respiração escura que sobe pelas minhas costas, a dor em meu núcleo se transforma em um pulso desesperado.

Mais, quero gritar. *Foda-me como entrou em mim. Foda-me como faria com todas as outras garotas.*

Não tenho contudo, a humildade de pedir. Em vez disso, pressiono minha testa no travesseiro e arqueio as costas, sutilmente tentando levá-lo mais fundo.

Uma mão corre pelo meu cabelo e puxa meu coque. Mechas vermelhas caem em volta dos meus ombros, então desaparecem de vista quando Raphael as pega em seu punho e as segura na base do meu pescoço. — Quantos paus, Penelope? — Pergunta novamente, desta vez com um tom mais suave.

Oh, então ele está falando sério sobre isso. Estou decidida a contar-lhe uma mentira. Quero irritá-lo. Quero que ele me foda com mais força. Tenciono os ombros e me preparo para o impacto.

— Demais para contar.

Um silvo selvagem passa pelas minhas costas enquanto Raphael empurra para dentro de mim com um violento golpe de início. Minha cabeça bate contra a cabeceira da cama, e quando empurra para dentro de mim novamente, sua mão desce em cima da minha cabeça. Percebo que é para amortecer o próximo golpe. O movimento é muito terno, muito *cavalheiresco,* e uma centelha de irritação pisca em meu núcleo.

Eu me contorço para fora de seu alcance e olho para ele. Encaramo-nos e minha próxima respiração falha.

Porra. Ele parece um rei. Cada músculo tatuado se contraindo enquanto me fode. Entendo agora, porque ele só fode mulheres por trás. Sabe que não sobreviveriam ao vê-lo empalá-las e, se sobrevivessem, não há dúvida de que gostariam de ser fodidas novamente.

Outras garotas. Em um momento de loucura, pensei que queria que ele me fodesse como fodeu com elas, mas agora, a ideia me enche de amargura.

À medida que nosso contato visual se aprofunda, diminui suas estocadas e seu olhar se aquece. Irritada, meu cérebro sobrecarregado decidiu se juntar à festa, descanso em meus antebraços e bato minha bunda no comprimento de seu pau.

— Quantas mulheres fodeu, *Raphael?* — Retruco.

Sua mandíbula se contrai e ele joga a cabeça para trás, sibilando algo obscuro em italiano para o teto. Solta meu cabelo e passa a mão pela garganta. Quando seus olhos caem de volta, olha para minha bunda como um maníaco.

— Faça isso de novo.

A súbita inversão de poder aperta meus mamilos. Com os olhos semicerrados, vejo-o me observando, enquanto deslizo até a ponta de seu pau e me seguro lá. Seu olhar levanta para o meu em confusão.

— Diga, por favor.

Ba-dum. Ba-dum. Dois batimentos cardíacos passam, ameaçando abrir meu peito. Pelo mais estúpido dos momentos, acho que ele pode realmente dizer isso. Leva apenas mais um momento para perceber que sou mais estúpida do que pensava.

Suas mãos agarram meus quadris com tanta força que ameaçam machucar minha pele. Ele se enterra em mim sem restrição ou piedade, enviando meus olhos para a parte de trás da minha cabeça.

— Por favor? — Ouço-o sibilar. — Quer que eu *implore?*

Calor aumenta entre minhas coxas com cada impulso de raiva. Porra, estou tão embriagada pela plenitude e *cara,* temo que possa ter uma overdose disso. Enterro minha cabeça no travesseiro e mordo o tecido por três segundos, até que outro silvo toca meus ouvidos e dedos se entrelaçam em meu cabelo.

Raphael puxa meu cabelo com tanta força que sou puxada para uma posição ereta em seu colo. Minhas costas aterrissam contra seu peito duro, minhas coxas alinhadas com as dele.

— Pareço um homem que implora, Penelope? — Brama, puxando para baixo as alças do meu colete e sutiã. Dobra os copos e então, com um grunhido frustrado, o desengancha na parte de trás e o joga fora de vista.

Resumidamente, sou levada de volta para um carro encharcado de chuva, *Driving Home for Christmas* crepitando no rádio. Em que universo paralelo Raphael Visconti me deu um Amex preto em troca de tirar meu sutiã?

Assim que o ar fresco toca meus seios nus, aquece-os em suas mãos machucadas, moldando-os ao seu gosto. Meus mamilos doem com a necessidade de atenção, e não fico desapontada quando os aperta entre o polegar e o indicador.

— Foda-se. — Gemo, jogando minha cabeça para trás contra sua clavícula. Eu me movo contra seu pau, relaxando até que esteja tão profundamente dentro de mim que minha bunda está nivelada com sua base.

Envolve um antebraço tatuado ao redor da minha cintura, prendendo meu corpo ao dele. Sua outra mão dá um aperto final no meu seio antes de deslizar para o meu clitóris. No segundo em que pressiona dois dedos contra ele, sei que é o fim do jogo. Ele acaricia para cima e para baixo, atiçando as chamas em meu núcleo inferior até que ameacem me incendiar.

Balanço contra seu pau e empurro contra seus dedos, desesperada para perseguir o alto. — Não pare — ofego, rolando minha cabeça para o lado quando os dentes de

Raphael esculpem um caminho elétrico em minha garganta. — Vou...

Meus olhos se abrem quando seus dedos deixam meu clitóris.

— O que está...?

— Diga, *por favor.* — Zomba.

Diminuo o movimento dos meus quadris, absorvendo suas palavras. *Só pode estar me sacaneando.*

Estou tão chapada, tão *febril* que, embora seja teimosa demais para dizer por favor, também estou desesperada demais para discutir. Em vez disso, trago minha própria mão entre minhas coxas.

Raphael segura meus pulsos com uma das mãos e os puxa bruscamente acima da minha cabeça. Uma risada sombria vibra em minhas costas. — Boa tentativa.

Roça os nós dos dedos contra meu clitóris latejante, construindo um tremor lento novamente. — Diga por favor, Penelope.

Luto contra seu aperto, mas é imóvel. — Foda-se.

— Não sei que idioma é esse, mas não é como se diz por favor em inglês.

Minha respiração acelera conforme a pressão aumenta novamente e, por um momento enlouquecedor, acho que ele esqueceu seu jogo estúpido, mas quando minhas unhas cravam em sua coxa e solto um grito, ele retira a pressão.

— Não — choramingo.

— Diga.

— Não...

Quando me esfrega novamente, balanço minha cabeça em pânico, sabendo que não posso lidar com o que está por vir.

— Não pare.

— Qual é a palavra, Penelope?

— Não posso...

— Apenas diga isso, porra.

— *Por favor.*

Escapa dos meus lábios em um gemido desesperado e ofegante, e mesmo quando os dedos de Raphael me esfregam mais e mais rápido, sei que o som disso me assombrará mais tarde. Agora, porém, não poderia dar a mínima. O delírio explode em minhas veias, devorando todo o oxigênio do meu sangue. O fogo aumenta e depois esfria para um calor letárgico, cheio de alívio.

Minha cabeça cai pesada contra o peito de Raphael, e seus golpes contra minha boceta ficam suaves e gentis. Sua respiração fica mais lenta.

— Boa menina. — Sussurra, plantando um beijo carinhoso no meu pescoço.

Boa menina. Não odeio que me chame assim; odeio como floresce no meu peito como uma flor. Depois suas pétalas murcham, apodrecendo minhas entranhas, e me contorço

para tirá-lo de mim. Dolorosamente ciente de seu pau duro como pedra ainda pulsando dentro de mim, sei que preciso foder esse sentimento. Preciso levar o homem a um orgasmo, apenas para nivelar o campo de jogo e fazê-lo gozar tão desfeito quanto acabei de gozar.

Ele me deixa empurrar o braço para fora da minha cintura e cair para a frente no travesseiro. Suas coxas flexionam contra as minhas, e me viro para olhá-lo.

Ele me olha com olhos escuros e desconfiados. Quando deslizo para cima em seu pau novamente, volta sua atenção para minha bunda e respira lenta e profundamente. Aprendi minha lição - não receberia um *favor* deste homem, mesmo que estivesse tentando me impedir de colocar fogo no mundo - mas a maneira como range os dentes enquanto vê seu comprimento desaparecer dentro de mim quase vale a pena.

Ele solta um ruído de satisfação. Dá um pequeno aceno de cabeça. — Você é perfeita. Sabe disso?

Meu coração se agita. Neste momento, preciso de aço, não de seda. Eu me movo para desviar o olhar, mas ele agarra minha mandíbula para me manter lá. Com a outra mão, agarra a parte de cima da minha cintura e a usa como uma alça para se empurrar mais fundo dentro de mim.

— Quer saber quantas mulheres fodi. — Resmunga.

— Não — sussurro. Sinceramente, prefiro derramar cera quente nos ouvidos do que ouvir a resposta.

Ele ri sombriamente. — Bom, porque tenho um número melhor. Quantas vezes fodi meu punho pensando em você.

Um fascínio lânguido percorre meu núcleo. Meu clitóris macio começa a bater novamente. Cristo. Um homem como Raphael não goza, nem com o punho nem com a minha calcinha. É tão primitivo. Tão *descontrolado*. Queimo com a necessidade de saber mais.

— Quantas vezes?

Ele passa os dentes pelo lábio inferior, os olhos brilhando. — Demais para contar.

Bem, acho que mereço essa resposta. Arqueio minhas costas mais profundamente, meus mamilos roçando contra a cama e acendendo um novo calor dentro de mim. — O que acha? — Sussurro.

Ele puxa minha mandíbula e passa ambas as mãos pelo lado do meu corpo, rastreando seus movimentos. — Isso não está muito longe, *Queenie*.

Eu meio que gemo, meio que rio. — Sonhos realmente se tornam realidade, hein?

Ele olha para mim, mas a diversão suaviza suas íris. — Você fala muito menos merda quando fodo-a em meus sonhos.

Antes que possa pensar em uma resposta espirituosa, ele enrola a mão no meu cabelo e empurra meu rosto no travesseiro. Claramente, acabou de me entreter. Um gemido estrangulado escapa dos meus lábios a cada impulso, e

quando ganha ferocidade e ritmo, pontuando cada golpe com um italiano insensível, o calor derretido se espalha por mim.

— Foda-se, Penny. — É último juramento murmurado que sai de seus lábios antes que a parede de seu estômago se aperte contra minha bunda e um tipo diferente de calor me preencha.

Enquanto me derreto na cama, o corpo relaxado, o peso de Raphael desce sobre mim. É pesado e consome tudo, e acho que não me importo nem um pouco.

Minhas pálpebras se fecham por um breve momento. Ouço seu batimento cardíaco bater ligeiramente fora de sincronia com o meu. Sinta sua respiração esfriar o suor em minha nuca. Quando seu toque suaviza em meu quadril e ele sai de mim, dá um beijo quente em meu pescoço.

— Foi incrível. — A cama afunda, e o *estalo* do elástico quando puxa sua cueca ecoa em meu ouvido. — Infelizmente — acrescenta amargamente.

Agarrando os lençóis no meu peito, me viro, observando suas costas tatuadas enquanto caminha em direção ao banheiro.

Ele desacelera até parar e bate com a palma da mão na nuca, antes de se virar para me fixar com uma expressão sombria. — Preservativo — é tudo o que diz.

Meu sangue corre frio; um forte contraste com o suco quente escorrendo pela parte interna da minha coxa. *Como pude ser tão estúpida?* Embaraçosamente, a ideia de usar

proteção nem passou pela minha cabeça. Não quando Raphael declarou que me foderia, nem quando seguiu com veneno.

Deixei escapar um suspiro trêmulo. — Estou tomando pílula.

Seus olhos se estreitam, aborrecimento puxando sua mandíbula tensa. A palavra *por que* dança em algum lugar entre a porta e a cama. Claro, não digo a ele que tomo desde os treze anos para regular minha menstruação.

Ele passa a mão presa pela garganta, fixando o olhar na cabeceira da cama atrás de mim. — Está limpa? — Pergunta com firmeza.

Eu o encaro incrédula. — Você está? — Retruco.

Seus olhos caem para mim com amarga diversão. — Sim, Penelope. Geralmente não sou estúpido o suficiente para foder uma garota sem camisinha.

E então a porta do banheiro se fecha atrás dele.

03

Penny

O som da água caindo sobre os ladrilhos chama minha atenção para a porta do banheiro. Quanto mais olho para ela, mais forte o desconforto pressiona meu peito.

Raphael me chamou de *vadia* e agora está me lavando de seu corpo, mas agora que o deixei entrar em mim, tenho a terrível sensação de que não poderei fazer o mesmo.

Sento-me mais ereta, tentando ignorar o gotejamento fresco de esperma entre minhas coxas. Não sabia que Raphael estava morando no iate, mas caramba, por que não? Estudo o quarto - cabine - pela primeira vez. Cortinas pretas, paredes creme. Tecidos macios em móveis duros. É definitivamente ele, e tudo o que não é me pertence. A calcinha balançando na lâmpada. O short amassado no assento da janela. Minhas coisas parecem tão deslocadas neste quarto quanto me sinto.

O ar é tão estranho que enrijece meus membros. Deito-me e sucumbo a ele, olhando para o teto. Depois do que parecem horas, mas provavelmente são apenas alguns minutos, percebo que o chuveiro ainda está ligado. Essa estranheza se transforma em constrangimento.

Está esperando que eu vá embora? Jesus. Além de não me levar para um encontro e me foder sem camisinha, me tratou

como qualquer outra mulher. Fodeu-me por trás e me fodeu com força. Talvez espere que eu vá embora antes que ele saia?

Enjoada com a ideia de ele sair do banho e ficar irritado por eu ainda estar descansando em sua cama, pulo para fora dela. Procuro o sutiã e o short, coloco-os e puxo a blusa sobre os seios.

E agora?

Gostaria de saber qual era a etiqueta regular de uma noite. Isso pode me dar algumas dicas sobre o que fazer depois de uma manhã. Provavelmente poderia ter descoberto com um pouco de bom senso, se, sabe, eu não estivesse presa em um megaiate no meio do Pacífico. Oh - um em que também trabalho.

Se minha cabeça já não estivesse girando, a jogaria contra a parede pelos meus pecados. Sou uma idiota. Assim que saio deste quarto, corro o risco de esbarrar em um colega de trabalho.

Respirando fundo, fecho os olhos e coloco mentalmente dois cenários lado a lado. A primeira é a cara chocada de Anna quando me vê de short de pijama saindo do quarto de Raphael. A segunda, é Raphael saindo do banheiro com uma toalha baixa. Está olhando para o telefone e diminui a velocidade de surpresa quando percebe que ainda estou em sua cama. *Ah,* diz, passando a mão no pescoço. *Achei que já teria ido embora.*

Absolutamente não.

Abro a porta e corro pelo corredor. Encontro um chinelo no final; o outro na bagunça da tripulação. Ignoro o oficial-chefe e o primeiro engenheiro tomando café da manhã e subo as escadas, onde o cobertor está pendurado no corrimão. Outros membros da tripulação fantasma se afastam para me deixar passar, mordendo os lábios e olhando para os relógios, mas mantenho meu queixo erguido e minha mente na plataforma de natação.

Próxima missão: pegar uma carona de volta a Coast.

Tremendo ao lado de uma porta aberta, pressiono o nariz contra a janela e olho para o Pacífico. É brilhante e azul e nem uma única embarcação balança sobre suas ondas turbulentas.

Vamos. Toco o pingente em volta do meu pescoço, como se para lembrá-lo de que garotas *sortudas* de repente encontrariam um barco partindo para o porto a qualquer segundo.

Nada.

Meu suspiro embaça o vidro. Preciso encontrar alguém e implorar para que me assumam. O contramestre e seus marinheiros geralmente estão rondando a plataforma, limpando *jet skis* na garagem ou lavando o convés.

Enrolo o cobertor mais apertado ao meu redor e preparo meus ossos para o frio, saio para ver se consigo identificar algum sinal de vida. Provavelmente morrerei de hipotermia, mas é favorável a morrer de vergonha.

— Vai nadar até em casa?

O vento forte carrega uma pergunta revestida de caxemira as minhas costas. Meus ombros se encaixam em uma linha apertada. Eu me viro para ver Raphael encostado na moldura das portas francesas, o humor dançando em seus olhos.

Cristo, ele parece bonito. Terno fresco, barbear fresco. O único sinal de que espancou alguém até a morte algumas horas atrás são os nós dos dedos machucados segurando um pano de prato.

Engulo a pedra na minha garganta. — Se eu tiver que.

— Hum. Longo caminho para nadar com o estômago vazio.

Seu telefone vibra. Ele o tira do bolso e volta sua atenção para a tela. — Entre, Penelope. — Diz, sem erguer os olhos. — Ainda não terminei com você.

Olho para o lado de seu rosto por alguns instantes, depois para o oceano.

Enquanto relutantemente volto para o calor do *sky lounge*, Raphael bate na minha bunda com a toalha como um chicote.

* * *

Começo a pensar que adormeci no meu sofá enquanto lia *Lucid Dreaming for Dummies,* ou algo assim. Talvez não tenha realmente entrado no carro de Raphael ontem à noite, ele

realmente não matou Blake, e não estou realmente sentada na bagunça da tripulação com seu esperma secando na parte interna da minha coxa.

Porque, com certeza, Raphael Visconti me preparando o café da manhã não pode ser real.

Meu olhar atravessa a sala e entra na cozinha, onde está em pé sobre o fogão, mexendo os ovos com uma espátula. Seu celular está enfiado entre a orelha e o ombro, ladrando em italiano no bocal.

Os holofotes duros destacam todos os contrastes do homem. O terno afiado que está em desacordo com os nós dos dedos arrebentados; seu insensível monólogo estrangeiro que entra em conflito com o movimento sofisticado de seu pulso enquanto gira o conteúdo de seu copo de vodca. A visão é uma fonte de tensão, e sento aqui com a coluna ereta e os punhos cerrados, me preparando para o caso de ela entrar em combustão no meu rosto.

Desliga abruptamente e joga o celular no balcão. Começa a zumbir imediatamente, mas ele o ignora para servir o café da manhã. Enquanto caminha em minha direção com um prato cheio na mão, pega o telefone de volta e continua sua porção de italiano.

O prato faz barulho entre meus punhos, e ele volta para a cozinha.

Meu olhar se volta para ele e minha garganta aperta. Ovos mexidos, salmão e torrada de fermento - meu favorito. Faz

café da manhã para todas as mulheres que transa, ou apenas para aquelas pelas quais mata homens?

Por um tempo, encontro conforto no piloto automático. Garfo nos ovos, garfo na boca. Mastigue, engula, repita, mas quando uma sombra escura se move sobre minha torrada, percebo que é impossível ser mecânica quando Raphael está tão perto.

Meu garfo para no ar e engulo, em seguida, forço meus olhos a escalar o vinco frontal de suas calças e encontrar seu olhar ardente. Não cede, mesmo quando ele apoia as mãos na mesa e mergulha para roubar o ovo do meu garfo.

Cristo. Um arrepio forte vibra através de mim, ainda chacoalhando minhas entranhas muito depois de Raphael ter voltado para a cozinha.

Deixei meu garfo bater no prato, meu estômago cheio de inquietação para mais comida. Ele fazendo meu café da manhã me deu a mesma sensação angustiante que seu beijo entre minhas omoplatas fez, ou sua mão contra minha coroa, amortecendo o golpe da cabeceira da cama.

Gentil. Atencioso. *Íntimo.* Todas as minhas reservas sobre estar aqui vêm à tona e, de repente, preciso de um ar que não tenha gosto de... namorado.

Arrasto minha cadeira para trás, ganhando um olhar de soslaio da cozinha. Ignoro, levo meu prato para a pia e começo a abrir a água quente para lavá-lo.

Raphael vem atrás de mim e me enjaula. Queimando em todos os pontos onde sua roupa toca minha pele, tento diminuir minha respiração e me concentrar na espuma borbulhando na bacia.

Seu italiano tão perto do meu ouvido me deixa febril. Quando faz uma pausa para deixar quem está na linha falar, passa os braços pelos meus e me tira o prato. Só posso segurar a borda do balcão e observar suas mãos grandes e machucadas conforme passam a esponja sobre o prato até que fique brilhante.

Então, mesmo em seus dias mais sombrios, esse homem é domesticado. Isso não está ajudando nem um pouco com o meu desconforto.

No momento em que ele me dá um milímetro de espaço para respirar, murmuro um *agradecimento,* então disparo como um cavalo de corrida em direção à porta. Sua mão me pega logo acima de seu relógio no meu pulso, e me puxa.

Com um olhar frio para o meu short, ele muda para o inglês.

— Onde pensa vai?

Para qualquer lugar que você não esteja. — Lá em cima.

Ele franze a testa e faz sinal para eu esperar, depois desaparece escada abaixo. Minutos depois, volta com um moletom de Stanford em um cabide. Segura-o ao meu lado, olha para a bainha e dá um breve aceno de aprovação, como se considerasse longo o suficiente.

— Coloque isso primeiro.

Não discuto, mas gostaria de discutir. Porque no momento em que a gola roça meu nariz e me agride com seu aroma quente de carvalho e menta, uma percepção terrível fende meu coração.

A manhã seguinte dói.

* * *

Há uma pequena sala de estar na parte de trás do iate. Fica três andares acima da plataforma de natação e sua grande janela de sacada enquadra a tempestade que rola no Pacífico.

Pego uma almofada do sofá, rastejo para o assento da janela e pressiono meu rosto em chamas contra o vidro frio.

Levei dez minutos para encontrar um quarto adequado para me esconder. Meu único requisito era uma porta que trancasse por dentro. Agora, os homens de Raphael não podem me encarar, e os empregados do iates não podem me desviar dos aspiradores. Sabia que tinha encontrado o lugar perfeito quando não encontrei nenhuma câmera pregada no teto, e uma varredura com o dedo sobre a mesa de centro revelou uma camada de poeira.

O desagradável tique-taque de um relógio antigo me diz que já faz mais de uma hora desde a última vez que me movi. Temo que, se me mover, começarei a escalar as paredes. Meu

corpo vibra com um milhão de perguntas, nenhuma das quais tenho respostas.

Por que Raphael não me empurrou para o primeiro ônibus voltando a *Coast*? Por que me preparou o café da manhã?

Entre todos os ternos, quando diabos o homem usa o moletom da faculdade?

Tiro meu rosto do vidro e aninho meu nariz no colarinho. Cristo, realmente deveria parar de fazer isso, porque seu cheiro penetra na minha pele e a aquece o tempo todo. Ele cheira tão *bem*.

Em uma onda repentina de solidariedade feminina, espero que não trate todos os seus casos de uma noite assim, não se realmente não planeja vê-los novamente. Porque ser expulsa enquanto está no chuveiro teria sido favorável a vestir suas roupas quentes e provar seus deliciosos ovos.

Suspirando, levanto minha cabeça e olho para *Coast*. A visão de um barco chegando faz minha garganta apertar.

O pessoal já está vindo para trabalhar? A ideia de Laurie me flagrando passeando pelo iate no meu dia de folga usando o moletom de Raphael como vestido me dá uma coceira no sangue. Claro, o olhar nos rostos de Anna e Claudia seria inestimável, mas ainda assim, sei como pareceria para elas: apenas outra garota que deixou cair a calcinha e deixou Raphael Visconti fodê-la por trás.

Patético, realmente. Pelo menos os outros dois caras pelos quais sucumbi me cortejaram com palavras doces, mesmo

que acabassem sendo falsas *pra* caralho. Raphael nem havia lançado seu charme em mim; acabou de matar um homem e me carregou para o seu quarto.

Apertando os olhos sob o sol, pressiono meu rosto contra o vidro e percebo que reconheço a figura solitária com o gorro *Carhartt* sentada na parte de trás do barco.

Matt. O que diabos está fazendo aqui?

Com o coração disparado, voo para fora da sala e subo as escadas dos fundos de dois em dois, até que estou tremendo na plataforma de natação para cumprimentá-lo. Quando o barco bate no para-choque, leva a mão à testa e olha para mim.

— Que porra é essa, Pen? — É tudo o que diz.

Ele olha para o logotipo da Stanford no meu peito enquanto Griffin sai da sala atrás de mim, abre as pernas e o apalpa rudemente. Dá um aceno de aprovação para o cara conduzindo o barco, então me alfineta com um olhar furioso.

— É uma garota problemática, — resmunga, antes de bater à porta da sala com tanta força que o vidro chacoalha.

Sim, tanto faz. Estou muito surpresa com a chegada repentina de Matt para me importar com minha reputação entre os homens de Raphael.

Vento gelado soprando ao nosso redor, olhamos um para o outro por alguns instantes. Abro a boca para cortar o silêncio, mas Matt olha para a câmera disfarçada de lâmpada

de aquecimento acima de nossas cabeças e me puxa em direção a ele pelos quadris.

— Pisque duas vezes se foi sequestrada.

Faço uma pausa e pisco duas vezes.

Seus olhos se arregalam, então me empurra e passa uma mão trêmula pelo cabelo. — Porra. Jura?

— Não. Só queria ver o que faria se eu dissesse sim.

Ele considera isso. — Puta merda. — Admite. — Não baterei exatamente em Raphael Visconti, não é? — Acena para o Pacífico furioso. — Estaria dormindo com os peixes na hora do almoço.

Minha risada suaviza a linha tensa de seus ombros. Ele corre um olhar de descrença pelo meu corpo e balança a cabeça. — Diga-me, por que acordei com um homem com bíceps da largura da minha cabeça batendo na porta da frente?

— O quê?

Ele dá um pequeno chute na mala a seus pés. *Minha* mala. Nem tinha notado que estava segurando-a. — Sim, arrombou a porta do seu apartamento e me disse para recolher todas as suas coisas. — Revira os olhos. — Se ele tivesse perguntado, teria dito que tinha sua chave reserva.

Meu coração afunda alguns centímetros no meu peito. Por que precisaria das minhas coisas? E embora estivesse brincando, talvez *tenha* sido sequestrada. Caso contrário, por que diabos não poderia ir buscá-la eu mesma?

— Oh, merda. — Murmuro.

— Oh, merda de fato, Pen. — Matt olha para trás, a curiosidade aquecendo-os. — Podemos entrar? Seus lábios estão ficando azuis.

Sei que ele se preocupa mais em fazer uma turnê no estilo *MTV Cribs* do que com a minha saúde, mas o guio pelo iate de qualquer maneira. Sua enxurrada de *puta merda* e *merda do inferno* ecoam nas paredes de mogno e, quando entramos no salão, está fervilhando de entusiasmo.

— Imagine ser tão rico que mora em um iate — exclama, arrancando o gorro e se jogando no sofá. — Sabe quanto custa operar um barco deste tamanho?

— Não. Você sabe?

Ele me olha sério. — A porra de uma tonelada de dinheiro.

Sorrindo, ligo a máquina do barista atrás do bar. — É apenas uma calculadora ambulante e falante, não é Matty? Café?

— No iate de Raphael Visconti? Obviamente.

Faço para ambos, brancos lisos e me junto a ele no sofá. Ele me olha por cima do vapor saindo de sua xícara. — Tudo bem, então. Qual é o problema?

Dou de ombros. *Para o inferno se eu sei.* — Acho... bem, não sei. Acho que estamos fodendo.

Uso o presente, não o pretérito, porque a mala no canto da sala sugere que ficarei por aqui um pouco.

Matt pisca. — Está fodendo Raphael Visconti.

— Pode parar de dizer o nome completo dele assim? Parece que também quer transar com ele.

Ele me ignora. — Está transando com Raphael Visconti em seu megaiate.

— Está me dizendo ou me perguntando?

Ele olha para mim como se eu fosse um idiota. — Estou reiterando o fato na esperança de que pare de parecer que está prestes a chorar e perceba o quão sortuda é. — Balança a cabeça, uma ponta amarga em sua expressão. — Aposto que o pau dele é *enorme*.

Sortuda. Meu pescoço tensiona. Não me sinto com sorte. O corpo quente de Raphael contra o meu só levantou mais perguntas do que respostas, e agora há um fluxo constante de mal-estar correndo em minhas veias.

Meus dedos se enrolam em torno de minha xícara de café com tanta força que escalda minha pele. Tenho o súbito desejo de agarrar Matt pela gola de sua jaqueta e implorar para ele me ajudar. Em vez disso, agarro algum decoro e olho para o espaço acima de sua cabeça. — Não sei o que é isso — murmuro.

— É uma amiga com benefícios.

— *Não* somos amigos.

— Inimigos com benefícios, então. Nossa, Pen. Nunca teve um amigo de foda antes?

Meu olhar desliza até seu sorriso comedor de merda. Algo sobre a minha expressão apaga isso imediatamente.

Ele concorda. Abaixa a xícara de café e muda para o modo de professor — Tudo bem, entendi. Acredite ou não, tive algumas amigas de foda no meu tempo, e aqui estão as três principais coisas que precisa saber. — Mostra um dedo. — Antes de tudo, tem que ter certeza do que quer. Quer ficar nesse megaiate e transar com o bilionário Raphael Visconti, sim ou não?

Não me incomodo em dizer a ele que sua pergunta é distorcida para uma resposta tendenciosa. Em vez disso, olho para a câmera piscando acima do bar e aceno com a cabeça.

Ele sorri. — Sim, não diga. Está bem, em segundo lugar, precisa ter certeza de que ambos entendem que não é sério.

— O que quer dizer?

— Por cerca de um ano, eu dormia com essa garota três vezes por semana. Então, uma noite, percebi que a escova de dentes dela estava no meu banheiro - e *não* a sua reserva. — Olha para mim incisivamente e revira os olhos quando se depara com a minha expressão vazia. — Acontece que eu era o seu namorado e nem sabia disso. Meu ponto é, *comunique-se.* Tem que ser clara com suas intenções desde o início. — Sorri. — Dê a ele seu monólogo amargo sobre o amor ser uma armadilha - ele entenderá a dica rapidamente.

Minha risada sai fácil. De repente, percebo que o mal-estar em meu sistema não parece tão venenoso quanto antes. — E o terceiro?

O sorriso desaparece de seu rosto. Inclina-se e agarra meu braço. — A terceira, é sempre lembrar que ser amigo com benefícios não pode durar para sempre. Tenho certeza de que o mesmo também vale para inimigos com benefícios. Não demore muito, está bem?

Minha garganta coagula. — O que acontece se eu ficar muito tempo?

Um sorriso triste inclina seus lábios. — Você ficará presa.

São essas três palavras que ainda estão assombrando o interior do meu crânio dez minutos depois, quando estamos do lado quente das portas francesas, observando os homens de Raphael carregarem a pequena embarcação.

Matt suspira. — As chances de eu ser jogado ao mar antes de voltarmos para *Devil's Dip*?

Griffin olha para cima e me encara através do vidro; também suspiro. — Muito alto, receio.

— Se eu morrer, diga a Anna que a amava.

— Você não a ama, idiota.

Ele sorri. — Eu sei, mas soa meio romântico, não é? Enfim... — vira-se e agarra meus pulsos. — Repita-me minhas três dicas de volta.

Dou-lhe de volta um sorriso. — Tenha certeza do que quero, certifique-se de que está na mesma página, e... — Meu sorriso escurece alguns *watts*. — Não se apaixone.

Ele olha para mim como um pai orgulhoso. — Não é tão estúpida quanto parece. — Antes que eu possa lutar contra

seu insulto com um insulto melhor, ele me puxa para um abraço, seu queixo caindo na minha cabeça. — E o mais importante, relaxe e divirta-se. Chupe um pouco de pau, coma sua boceta...

— Matt!

Sua risada vibra contra a minha bochecha. — Com toda a seriedade, não leve muito a sério, certo? Homens transam sem sentimentos o tempo todo. As mulheres também podem.

Eu me afasto, ruborizada com sua vulgaridade. — É um pioneiro do movimento feminista, Matty.

Ele pisca. — *Yeah, sim*. Sou um pioneiro para o que quer que me faça transar. — Griffin bate com o nó do dedo zangado na porta, fazendo-o estremecer. — Foda-me — grunhe, puxando um gorro. — Que maneira de arruinar um momento.

— Está aumentando suas chances de ser jogado ao mar a cada segundo.

— Sim, é melhor eu ir — diz, fechando o zíper de sua jaqueta. — Escute, coloquei alguns salgadinhos na sua mala. Aquelas de manteiga de amendoim que acha que não percebi que andou roubando do meu armário.

Franzo a testa. — Isso é estranhamente legal da sua parte.

Ele me dá um tapa no queixo. — Sim, bem, quando os arrumei, eram seis da manhã e pensei que tivesse sido sequestrada.

Rio. — Bem, não pode levá-los de volta agora.

— Suponho que não. Oh, mais uma coisa. Esteja em casa no Natal, certo? Aposto que também é uma perdedora sem família. Tenho um peru no congelador e já comprei aqueles gorros idiotas de Papai Noel.

A boca do meu estômago esquenta. — Não perderia por nada no mundo.

Matt me manda um beijo do barco, pouco antes de se reduzir a um pequeno ponto no horizonte.

Com as pontas dos dedos na janela, observo até que desapareça completamente, em parte porque estou preocupada que ele realmente desapareça, ser jogado ao mar, e em parte porque já sinto sua falta. Está se tornando um bom amigo, embora prefira arrancar meus olhos do que dizer isso a ele.

Uma vez que não há nada no Pacífico além de espuma do mar, me viro, pressiono meus ombros contra o vidro e respiro fundo. As três dicas de Matt acenderam um fogo dentro de mim; sequestrada ou não, caçarei Raphael e estabelecerei a lei.

04

Penny

Uma nova cabeça fria me persegue pelo iate. Empurra-me através de portas fechadas e corredores vazios, mas desaparece prontamente quando entro na biblioteca e vejo Raphael no meio dela.

Com um martelo na mão e um prego enfiado na curva da boca, não ergue os olhos da pilha de madeira a seus pés. Meu pulso diminui com meus movimentos e, de repente, não estou mais sentindo aquela coisa de mulher independente atrevida.

Deixo cair minhas mãos úmidas para os lados e as fecho em punhos, então observo enquanto puxa o prego da boca e o crava em uma tábua de madeira com o *estalo solto* do martelo.

Ele não olha para cima. — Pegou suas roupas?

— S-sim.

Seu olhar desliza do chão para minhas coxas e escurece. — Vai vesti-las?

Não respondo. Em vez disso, o observo, estupefata, enquanto martela outro prego na madeira e o quebra. — Merda IKEA — murmura baixinho, dando um chute na prancha com seus *wingtip* de couro brilhante. — Têm casas inteiras cheias dessa merda, sabia?

Não, não sei. Não sei quem são *vocês,* o que está construindo ou o que diabos está acontecendo. A tensão aumenta no meu peito e borbulha na minha garganta, antes de escapar pelos meus lábios de uma forma muito menos sofisticada do que havia planejado.

— O que é isso? — Deixo escapar.

Ele levanta uma sobrancelha. — Uma prateleira de livros.

Sua resposta me pega desprevenida. *Uma prateleira de livros? Da IKEA? Aquelas não são construídas com aquelas pequenas chaves?* Está bem, talvez ele realmente tenha perdido o enredo.

Afasto o pensamento e luto para voltar aos trilhos.

— Não, *nós.*

Seu martelo para no ar, os olhos rastreando minha mão enquanto se move para frente e para trás. *Eu e ele, ele e eu.* Sua expressão transmite que sou ridícula por nos colocar juntos dessa maneira.

O próximo *crack* tensiona minha espinha, e desliza outro prego em sua boca para esconder seu sorriso.

— Você ficará aqui por um tempo.

— Sim, mas *por quê?*

Ele pega um panfleto de sua mesa e o segura perto da janela. — Por acaso não lê sueco, lê?

Cerro os dentes. — Diga-me *por que,* Raph...

— Porque eu disse isso — sibila de volta.

O veneno repentino em seu tom varre minha próxima respiração. Respiro profundamente para me firmar, e rolo meus ombros para trás, recusando-me a desmoronar.

— Não faz sentido — digo lentamente. — Você me odeia.

Há um tom amargo em sua risada. — Isso é o que pensa, hein?

Minhas bochechas esquentam. — Acha que não tenho sorte, pelo menos. Por que gostaria de ficar preso em um barco com alguém que é ruim para você?

Ele me olha, indiferença mascarando os planos esculpidos de seu rosto novamente. — Come hambúrgueres.

Franzo a testa. — O que minha dieta tem a ver com alguma coisa?

Crack. — Come hambúrgueres, embora saiba que são ruins para você. É a mesma coisa, *Queenie*. É ruim para mim... — seu olhar abre um caminho quente na frente do meu peito vestido com moletom, repousa na bainha, então lambe os lábios — ...mas ainda quero comê-la.

Jesus Cristo. Há algo na maneira como sua voz sedosa se aguça na palavra *comer* que envia uma emoção elétrica através do meu núcleo inferior.

Eu cavo meus pés no tapete de pelúcia e tento me concentrar nas três dicas de Matt, mas estão começando a ficar nebulosas atrás das minhas pálpebras. *Em que ordem eram mesmo?*

Outro estalo do martelo volta a estilhaçar o canto da madeira. Ele franze a testa, olhando para a ferramenta em sua mão, como se houvesse algo errado com ela, em vez da quantidade ridícula de força que está colocando em cada golpe.

Abro a boca para protestar, mas nada além de ar quente sai. Isso não foi como pensei que essa conversa seria. Pensei em chegar aqui, estabelecer meus termos e condições para este acordo e, depois de uma pequena negociação, talvez, apenas talvez, seria fodida novamente sobre uma superfície macia e sob ar puro.

Agora, não tenho tanta certeza se seria ético fazer sexo com ele, porque claramente enlouqueceu. Estou prestes a dizer isso a ele quando seu celular vibra contra a mesa, me cortando.

— Sim? — Olha para o relógio. — Tudo bem. Deixe o jato pronto para partir em uma hora.

Um gosto amargo sobe à minha língua e, de repente, percebo que posso ter entendido tudo errado. *Está indo embora?*

Ele desliga e me olha, irritação salpicando seus olhos verdes. — Problema?

Encaro-o. Ele realmente planeja me deixar neste barco enquanto voa em um jato? Talvez devesse ter verificado novamente com Matt o que realmente significa inimigos com benefícios, porque minha visão de vigias embaçadas e orgasmos violentos acabou de desaparecer.

A autopreservação forma um muro em volta do meu coração. — E se eu não quiser ficar aqui e fodê-lo? — Digo. — Pensou nisso? Eu tenho uma vida, sabe, e adivinha? Não gira em torno de você e seus problemas pessoais.

Ele desvia os olhos de seu projeto da IKEA para mim. Depois de alguns segundos tensos, cospe o prego da boca e se recosta na mesa.

É a primeira vez desde que entrei nesta sala que me deu toda a sua atenção. Eu tinha esquecido como é pesado, como é desconfortável sempre me faz.

— Então me diga isso.

— O quê?

Aperta as abotoaduras. — Você é uma mulher adulta, Penelope, e eu sou um homem razoável. — *Sim, diga isso ao corpo sem vida de Blake.* — Então, largue as hipóteses e me diga o que quer.

Sob o calor de seu olhar, tento não murchar. Em vez disso, enrijeço meu maxilar e igualo sua indiferença.

— Não quero ficar neste barco e ser seu brinquedo de merda, Raphael.

Ele acena com a cabeça uma vez, mandíbula cerada. — Tudo bem, agora me diga isso de novo, mas mais perto desta vez.

Franzo a testa. — *Huh*?

Sem interromper o contato visual, desafivela o cinto. O *descolamento* do couro passando pelos laços me deixa mais

rígida do que o *estalo mais alto* de um martelo jamais poderia.

— Venha aqui e me diga que não quer me foder. — Diz calmamente.

O gelo congela minhas veias. Quando olho para a porta por cima dos ombros largos de Raphael, ele ri sombriamente.

— Garota boba — murmura, o olhar brilhando com diversão derretida. — Seus olhos sempre a entregam.

Um batimento cardíaco escalonado. Um gemido estrangulado. Então chuto a estante inacabada em seu caminho e saio correndo.

05

Rafe

Para ser honesto, sempre soube que se fodesse Penelope, quebraria minha regra e transaria com ela mais de uma vez. Sabia disso muito antes de descobrir o quão forte sua boceta aperta meu pau.

Ah, bem. Essa regra não foi a primeira coisa que quebrei hoje; também não será a última.

O humor negro me enche quando Penelope bate à porta atrás de si, fazendo as vidraças tremerem em seu rastro. Tenho certeza de que espera que eu a persiga, mas qual é a graça disso? Em vez disso, bebo o resto da minha vodca, tiro minha jaqueta e coloco-a cuidadosamente no encosto de uma poltrona, digito uma mensagem para atrasar meu voo e, em seguida, mudo para meu aplicativo de câmera de segurança.

Essa diversão se transforma em uma risada tensa. *Garota boba.* Ela voou para fora da biblioteca e virou à esquerda em meus aposentos privados. Cada quarto se conecta com o próximo, seguindo a forma de semicírculo do arco. Tudo o que tenho a fazer é sair desta sala e virar à direita, e nos encontraremos na sala ou na minha cabine.

Qualquer um servirá absolutamente bem.

Quando saio da biblioteca e entro na sala de reuniões atrás dela, uma emoção imprudente me invade tão

violentamente que posso sentir o gosto no fundo da minha garganta. Para ser honesto, devo admitir que *adoro* jogar com essa garota.

Especialmente quando a perdedora é espancada.

A sala de reuniões se funde com meu escritório e, conforme me aproximo da porta de comunicação, passos e respirações irregulares escapam da abertura embaixo dela. Para pura teatralidade, estalo o cinto na mão e, assim que o *degelo* polui o ar, um guincho abafado entra pela porta e toca minha virilha.

Penelope bate em meu peito no momento em que abro a porta.

— Indo a algum lugar?

Como sempre, seus olhos respondem por ela, correndo para o escritório atrás de mim. De repente, entendo por que ela trapaceia nos jogos de cartas. Não é porque se considera uma vigarista, mas porque nunca ganharia de forma justa com uma cara de pôquer tão ruim.

Estou meio tentado a fodê-la com uma disposição impassível antes de deixá-la sair do barco.

Quando sua postura tensa sugere que fugirá, estalo meu cinto novamente, *com força.* O ruído pisca em seus olhos como um sinal de alerta bem recebido. Ela para repentinamente, seu olhar deslizando para o sul, para o couro em minha mão.

— Para que é isso?

— Vem aqui que eu te mostro.

No entanto, é claro que a desobediência escorre dos poros de Penelope e faz exatamente o oposto. Acompanho sua retirada cambaleante para o braço do sofá, estendendo a mão e agarrando-a pela gola do meu moletom antes que possa machucar as costas caindo sobre ele.

— Que coincidência, é exatamente aqui que eu a queria.

Ela solta um ruído estrangulado que diminui quando a viro de frente, a inclino sobre o apoio de braço e empurro seu rosto contra a almofada do assento. Antecipando sua luta, prendo suas coxas ao lado do sofá com as minhas.

Suas mãos se fecham em punhos perto de sua cabeça. — Não quero alarmá-lo, mas acho que está tendo um colapso nervoso.

Engulo o humor subindo pela minha garganta. Não estou tendo um colapso; estou dando um *tempo.* Fazendo uma pausa de fingir que está tudo bem e elegantemente, porra. Quanto tempo mais poderia ter olhado pela minha janela para o fogo lá fora e me convencido de que é um lindo dia de verão? Foda-se. Abrirei a porta da frente e deixarei as chamas lamberem minha pele. Deixar a fumaça escurecer minhas entranhas.

Meu mundo está pegando fogo e quero punir a garota que acendeu o fósforo.

Meu toque é áspero e egoísta enquanto passo as palmas das mãos na parte de trás de suas coxas. Porra, amo tudo

sobre essas coxas. A maneira como meus dedos desaparecem em sua carne quando aperto-as. Como sabem quando não consigo resistir a afundar meus dentes nelas. Agarro seu short e o puxo para baixo, exalando com a vista.

O que há entre elas.

Seus lábios cor-de-rosa se espalham por entre as pernas trêmulas, emolduradas por cabelos ruivos macios. A visão puxa meus músculos, e não posso resistir à tentação de roçar meus dedos sobre. Gostaria de não ter feito isso, porque quando Penelope sobe na ponta dos pés para mais, sua bunda nua roça meu pau através da minha calça e envia um rio de *necessidade escaldante* em minhas veias.

Cerrando minha mandíbula, coloco minha palma na parte inferior de suas costas para impedi-la de se contorcer. Dou um passo para trás e olho para o teto por tempo suficiente para deixar o impulso passar.

Cinto. Certo. Segurando a fivela em meu punho, corro o comprimento sobre a parte de trás de sua coxa. Uma excitação sombria desliza para o sul e pulsa em minha virilha enquanto seus músculos tensionam sob os meus.

O couro atinge a curva de sua bunda e o seguro lá. — O que queria me dizer de novo?

Sua respiração difícil para. — Nada importante.

— Responda-me, Penelope.

Suas unhas cravam na almofada. Ela suspira. — Não quero ficar neste barco com você.

Seus ombros enrijecem em antecipação, mas quando o golpe não vem, olha para mim através de uma cortina de cabelo, seus olhos violentos tingidos de cautela.

Encontro-a com um sorriso perfeito. — Sorte.

Ela franze a testa. — O quê?

— Essa é sua palavra de segurança, Penelope. Tenho a sensação de que vai precisar.

Meu cinto desce em sua bunda, interrompendo seu protesto. Foi a palmada mais leve e contida que consegui dar, mas ainda assim, o *estalo* é satisfatório e seu grito é elétrico. Penetra na minha pele e carrega todos os átomos abaixo dela.

— Não consigo ouvi-la — resmungo. — Tente novamente.

— Eu *não* ficarei...

Bato nela novamente, desta vez um pouco mais forte. Um rubor rosa floresce contra sua bochecha pálida, e passo meu polegar sobre seu calor suave com uma fascinação mórbida. — Talvez diga mais alto?

— Talvez consiga a porra de um aparelho auditivo? — Sussurra sem fôlego na almofada.

Quando ela se prepara novamente, limpo meu sorriso com as costas da minha mão; ou essa garota tem uma condição médica que a torna fisicamente incapaz de manter a boca fechada, ou realmente gosta do peso do meu cinto.

Meu olhar percorre a curva de suas costas e a absorve.

Eu riria em descrença, se a pirralha não tivesse arruinado minha vida. Porque agora, enquanto o forte sol de inverno entra pelas vidraças, dançando sobre sua pele e realçando o vermelho de seu cabelo, é óbvio que será minha ruína. Apenas, porra, *olhe* para ela. No meu moletom, de todas as coisas. Ele inunda seu corpo e o arrancaria para ver melhor o que está por baixo, se não sentisse um prazer masoquista em ela usá-lo.

A contragosto, entendo agora: por que os homens gostam de ver as mulheres em suas merdas. Vestindo minhas roupas, meu relógio, parece que ela é *minha.* Pelo menos até terminar de destruí-la.

Estimulado por sua insolência e o estranho aperto em minha garganta, coloco minha outra mão em suas costas e bato em sua bunda novamente. O impacto é forte o suficiente para lançar seu corpo meio pé para a frente. Cada palavrão sob o sol sai de seus lábios, seguido por um gemido ofegante. O som revestido de luxúria puxa meu pau como um canto de sereia, enviando uma dor incômoda e inquieta para minhas bolas.

Porra. Está gostando disso. Massageando sua bochecha vermelha com a palma da mão, deslizo minha outra mão entre suas coxas e passo meus dedos sobre os lábios de sua boceta para confirmação. Ela está tão molhada, tão *quente, que* minha visão escurece por um momento. Tudo o que posso ouvir acima do rugido em meus ouvidos são os pequenos suspiros estrangulados de Penelope.

Então, Penelope gosta da brutalidade - como se eu precisasse de mais alguma evidência. O destino fez meu cartão de destruição sob medida para o meu gosto exato, mas como a garota tem talento para me transformar em um homem louco, um pensamento súbito e perverso aquece meu peito. *Como ela sabe que gosta de bruto?* Quem mais estalou o cinto na sua bunda e a levou a essa conclusão?

Cego por uma centelha de raiva, agarro o cinto ao meu lado e enfio dois dedos dentro dela. Ela se aperta ao meu redor com tanta força que juro que vejo estrelas atrás das minhas pálpebras. — De quem é essa boceta, Penelope?

É uma pergunta ridícula, que nunca saiu da minha boca na porra da minha vida. Não poderia me importar menos com quem uma garota fode depois que esvaziei minhas bolas dentro dela. Inferno, desde que não esteja recebendo os segundos desleixados dos meus primos, podem fazer o que quiserem, mas a ideia de outro homem reivindicando essa garota, *minha* Rainha de Copas, mesmo muito depois de eu ter terminado com ela, me transformou em um cão raivoso, latindo merdas que não quis dizer.

— Responda a porra da pergunta. — Digo, tesourando meus dedos dentro dela.

Ela fica rígida. Enrosca as mãos sob a almofada e enterra o rosto em cima dela. É apenas um sussurro, mas ouço através de um megafone. — Minha.

Um rosnado sobe pela minha garganta, e a pego confusa — Mas podemos compartilhar! — enquanto meu cinto assobia

no ar e estala em sua bunda.

Afrouxei meu cinto em descrença. Se a sua visão se contorcendo contra o descanso de braço para fricção não enviasse um fogo inebriante ao longo do comprimento do meu pau, ficaria impressionado com sua teimosia.

— Compartilhar? Acha que só quero sua boceta nas quartas e sábados, ou algo assim?

— Receberá o que lhe foi dado — murmura, mas sei que ela se arrepende de sua escolha de palavras, porque grita um pedido de desculpas quando minha mão se curva ao redor da bainha de seu moletom para mantê-la no lugar e jogar minhas costas para o próximo golpe. É alimentado por ciúme quente e obsessão e no momento em que a *crack* estala no ar, sinto o gosto do arrependimento. Foi muito forte.

Porra. Olho para cima para avaliar sua reação, mas ela não me dá nada, exceto punhos cerrados e respirações pesadas.

— Penelope.

Ela vira o rosto para o encosto e minha maldita garganta aperta.

— *Cazzo* — murmuro, deixando meu cinto deslizar da minha mão. Sigo até o chão, caindo de joelhos e plantando um beijo gentil contra o novo vergão em sua bunda. Não passou despercebido que a cigana disse que a Rainha de Copas me deixaria de joelhos. Acontece que quis dizer isso literalmente. — Fale comigo.

— Estou bem — diz em um tom que sugere que não está nada. — Não pare.

Com o calor de sua boceta aquecendo meu rosto, não resisto a me aninhar entre suas coxas e lambê-la do clitóris à bunda. Seus músculos relaxam contra meus ouvidos, deixando-me entrar.

— De quem é a boceta, Penelope? — Pergunto de novo, mais gentil desta vez. Pontuo a pergunta com um redemoinho da minha língua em torno de sua entrada. O tremor que vibra nela me faz repetir o movimento.

— Minha.

— Sua?

— Sim.

Paro. — E essa ainda será a sua resposta quando te bater com tanta força que chorará?

Suas coxas apertam em torno da minha mandíbula. Cristo, neste mundo, é uma bênção morrer de velhice e não uma bala, mas ficaria feliz em ser esmagado até a morte pelas coxas de Penelope como uma opção alternativa. Como aquela *Bond Girl* em *GoldenEye*[2].

Inspira uma respiração trêmula e se inclina para baixo na minha língua plana. — Sim.

Irritação aquece minha barriga. Deslizo meus dentes ao longo de suas dobras, antes de chupar seu clitóris. Deixa minha boca com um *estalo molhado.*

— E quando fizer você chorar, usará sua palavra segura?

Sua vez de fazer uma pausa. — Não.

Levantando-me, empurro sua bunda para longe com um empurrão raivoso, mas a seguro antes que caia da beirada do descanso de braço.

— É uma putinha teimosa, sabia disso?

Ela torce a cabeça, levantando os olhos para mim. Porra, são tão azuis quanto o oceano e parecem estar tão molhados quanto. — Sim. — Diz calmamente.

Solto uma risada seca, mas é desprovida de humor e fica presa na minha garganta. Teimosa é um eufemismo. Essa garota não me daria o que eu queria se a arrastasse para o meio de *Devil's Dip*, a deixasse nua e a açoitasse.

Passando os dedos pelo cabelo, volto minha atenção para o papel de parede acolchoado, precisando de um descanso da expressão de olhos de corça de Penelope. Esta é uma das muitas razões pelas quais só fodo garotas por trás. O fato é que aprendi esta manhã que, quando Penelope desvia o foco de mim por muito tempo, tenho o hábito doentio de forçá-la a olhar para mim de qualquer maneira.

Balançando a cabeça, deixei meus olhos caírem de volta para sua bunda. Vermelha e arruinada. A pulsação violenta no meu pau está em desacordo com o mal-estar no meu estômago. Irônico, realmente. Eu a arrastei para este iate com as mãos ensanguentadas, com toda a intenção de arruiná-la antes que ela me matasse. E, no entanto, uma lágrima perdida me deixou em um estrangulamento, imaginando se

coisas como chocolate e garrafas de água quente impediriam que outra caísse.

Deve ser isso que *o fundo do poço* significa.

Afasto todos os pensamentos simplórios sobre doces e cuidados posteriores e deslizo minhas mãos sob seu moletom, segurando Penelope na curva de seu quadril.

Foda-se; darei a ela o melhor orgasmo de sua vida.

Eu me inclino para beijar sua bunda novamente, murmurando algo embaraçoso em italiano, mas quando estou prestes a afundar entre suas bochechas, uma mão agarra meu antebraço e me impede.

Meu olhar desliza até Penelope. Endurece quanto mais tempo estou preso nele.

— Não seja legal.

Minha mandíbula cerra. — Por que?

— Não gosto disso.

Encaramo-nos por alguns segundos tensos, suas palavras e seu significado encharcando minha pele como chuva ácida. Portanto, não apenas gosta de rude, *como também só* gosta de rude. Pensamentos tempestuosos sobre outros homens e seus cintos passam por mim, dissolvendo toda a culpa.

Meus olhos nunca deixam os dela enquanto pego o cinto do chão. Envolvo-o em torno de meus punhos arrebentados e o puxo para esticá-lo. Penelope exala e deixa cair a cabeça na almofada, mas a puxo pelo capuz do meu suéter.

— O que está...?

Eu a cortei deslizando a alça do cinto em sua boca. Aperto a fivela e o laço em uma palma e a puxo para cima de suas mãos, como se estivesse nas rédeas.

Enquanto meus lábios roçam a concha de sua orelha, meu tom se abaixa para um aviso. — Se for demais e não usar sua palavra de segurança, vou amarrá-la à minha cama e torturá-la com coisas boas. Entendeu?

Seu olhar desliza para o lado, cheio de suspeita. — Como o quê? — Ofega.

Paro. Foda-se, sabe - nunca fiz esse tipo de coisa legal para uma mulher na minha vida, mas agora estou inclinado sobre ela, minha ereção está pressionando contra sua bunda nua, e o calor quente e úmido está queimando minhas calças. Não consigo me concentrar em tortura hipotética em um momento como este.

— Sabe, merda romântica — resmungo.

Pego seu olhar alarmante antes de ajustar a folga no cinto para que possa ficar atrás dela sem partir sua mandíbula.

Meu pau dói para ser liberado, saltando a atenção no segundo em que abro meu zíper. Quando afundo minha cabeça em suas dobras, um delírio branco escorre por mim como veneno, eletrizando meus nervos e envenenando meu cérebro com pensamentos febris. Tipo, como diabos durarei mais do que alguns minutos agora que tenho Penelope amordaçada no meu cinto?

Cristo, ela é apertada. Lutando contra cada sussurro sádico em meu cérebro, diminuo meu ritmo e deixo seu corpo me guiar dentro dela. Recuo quando sua coluna se endireita sob a palma da minha mão, dou mais de mim quando puxa contra meu cinto, tentando cair sobre os cotovelos e levantar a bunda para um ângulo mais profundo. O som de frustração puxa meus olhos para encontrar os dela. Está lutando contra o couro para olhar para mim, transmitindo seu aborrecimento com meu ritmo vagaroso.

Eu sorrio. Ela franze a testa. Então, dirijo nela, *com força.*

Sua cabeça cai para frente, e a sua visão apertando meu cinto para abafar seu gemido é tão sexy que mal consigo suportar. Cerro meus molares com o aperto de sua boceta, como um puxão desesperado toda vez que se inclina para frente. O *tapa* alto de suas bochechas quando bate na minha base atrai meus olhos para a visão, e foda-se, se isso não ficará gravado em minhas retinas para sempre.

Preciso mais dela, sua pele macia sob minhas palmas e sob minha língua. Levado pela loucura, puxo o cinto com mais força até que não esteja mais curvada sobre o sofá, mas encostada no meu peito. Com outro pequeno puxão, sua cabeça cai para trás contra minha clavícula, expondo sua garganta para mim. Cheira tão bem que não penso duas vezes em afundar meus dentes em seu pulso acelerado, em seguida, lamber a marca que deixei quando solta um forte silvo de respiração.

Minha mão livre desliza sob meu moletom e sobre seu estômago, apertando um de seus seios. — E quanto a isso, *Queenie*? — Sibilo contra a concha de sua orelha. — Estes também são seus?

Antes que possa sufocar uma resposta abafada, rolo seu mamilo entre o polegar e o indicador, empurrando para dentro dela para absorver o tremor que vibra em seu núcleo.

— Voltarei a falar sobre isso — suspira, sua boceta apertando ao meu redor.

Eu a seguro ali, brincando com seus seios, minha boca dando igual atenção ao seu pescoço e lóbulo da orelha, até que o rubor em sua garganta escureça alguns tons.

— Por favor — suspira sobre o couro. — *Por favor.*

Meu estômago tenso contra sua coluna. — Quer gozar?

Seus dentes cerraram meu cinto enquanto balançava a cabeça freneticamente.

Porra. Tive que quase torturá-la para tirar essa palavra de sua boca esta manhã, e o fato de ela agora estar me falando tão livremente envia um inferno em minhas veias tão quente que poderia derreter aço.

— Boa menina. — Murmuro contra seu pulso, deslizando minha mão entre suas pernas. — É uma garota tão boa quando implora.

Ela desvia o rosto das minhas palavras e se esfrega incansavelmente contra a minha mão, trabalhando freneticamente em todo o comprimento do meu pau. Esfrego

seu clitóris com força e rapidez, observando seu perfil fascinado enquanto se contorce contra minha restrição.

— *Foda-se* — é a última coisa que resmunga, antes de seu corpo estremecer violentamente contra o meu. O som de seus gemidos estrangulados, a maneira como sua boceta pulsa ao meu redor me traz tão perto da borda que não poderia voltar, mesmo que quisesse. Seus membros ficam tão flácidos que a enjaulo com meu antebraço e a seguro de pé. Puxo sua cabeça para trás com o cinto e enterro meu rosto na gola de seu moletom. *Meu* moletom. A última coisa que passa pela minha cabeça antes de um orgasmo escaldante causar estragos em mim é como o seu cheiro é bom *pra* caralho misturado com o meu.

Com os músculos enfraquecidos, deixei o cinto deslizar de minhas mãos, meu braço soltou a cintura de Penelope e deixei-a cair para a frente sobre o apoio de braço. Fodo-a com golpes longos e letárgicos enquanto recupero o fôlego, então dou uma leve palmada de aprovação em sua bunda arruinada.

— Você é problema, *Queenie.* Sabe disso?

Sem dizer nada, ela sai de cima de mim, puxa o moletom para cobrir sua bunda e olha para a porta.

Minha espinha enrijece. O fato de eu ainda estar bêbado em sua boceta, mas já está observando a saída, me irrita. A ironia não passou despercebida - fui eu quem fechou o zíper da minha calça e procurou as chaves do carro antes que a garota pudesse me oferecer um café pós-foda mais vezes do

que posso contar. Não parece tão fácil quando o sapato está no outro pé.

— Indo a algum lugar? — Pergunto firmemente.

— Hum. Provavelmente tomar um banho e pegar uma carona de volta a *Coast*. Viu meu shorts?

Ela os vê pendurados no canto de um armário e se aproxima deles. Quando passa, agarro seu pulso e a jogo de costas no sofá. Sua bunda bate nas almofadas e estremece.

— Fique aqui. — Seu foco desliza para a porta novamente, apertando minhas omoplatas. — Vou amarrá-la a esta porra de sofá se você se mexer.

Alguns momentos depois, volto para a sala com uma garrafa na mão, e estaria mentindo se dissesse que não senti alívio ao vê-la empoleirada na beirada do sofá, mesmo que pareça estar esperando para ver o dentista.

Olhares cautelosos, ela acompanha meus movimentos enquanto me sento ao seu lado. Antes que possa argumentar, a puxo para o meu colo, com a bunda para cima.

— Hum, que porra é essa?

— Cala a boca, Penelope.

Meu tom é mais áspero do que pretendo, mas o seu desejo de estar em qualquer lugar, menos aqui, despertou uma camada de mal-estar sob minha pele. Ela tensiona quando puxo a bainha do meu moletom, revelando os hematomas recentes que decoram sua bunda.

Suavizando com a visão, expiro uma respiração irregular e gentilmente passo as costas da minha mão sobre sua pele ardente. — Isso dói?

— Não era esse o objetivo?

Ela está certa, esse era o objetivo. Mais uma vez, meu plano movido pela raiva de arrastá-la para este iate e arruiná-la foi corrompido por algo indesejado se expandindo sob minhas costelas. Ridículo. Não suporto a garota. Não suporto como a sua má sorte se espalhou por todos os cantos da minha vida. E, no entanto, aqui estou eu, com uma garrafa de manteiga de cacau na mão, ansioso para aliviar a dor.

Talvez *seja* um colapso. Enquanto esguicho loção em sua bunda, ela para de respirar. Suas coxas tensionam contra as minhas.

— Relaxe, Penelope. — Murmuro, esfregando lentamente o creme sobre a curva de sua bunda. Quando não obedece, repito o comando com um tom mais áspero. Eventualmente, seus músculos se suavizam sob minhas palmas e sua respiração fica superficial. *Boa menina* dança na ponta da minha língua, mas engulo.

Lá fora, uma tempestade engole o céu. O tamborilar da chuva fraca endurece contra as janelas, até ficar tão alto que quase perco o doce suspiro que escapa dos lábios de Penelope. Ela torce a cabeça e olha para mim com os cílios semicerrados.

— Por que está fazendo isso?

Irritação aperta minha mandíbula. Como essa garota pode gostar de foder com força se não sabe o que acontece depois do fato? Engulo a vontade de exigir saber quem a espancou e adiciono a sua morte à minha lista de tarefas. Em vez disso, volto minha atenção para minhas mãos deslizando sem atrito sobre suas coxas.

— Se eu não colocá-la de volta depois de destruí-la, não haverá nada para destruir da próxima vez. — Meu olhar desliza até o dela, bem a tempo de ver o calor queimando através da névoa.

— Uma massagem vem com cada surra?

Meus lábios se inclinam. — Tenho certeza de que podemos chegar a algum tipo de acordo.

— E eu simplesmente ignoro seu pau cavando no meu estômago?

Agora, soltei uma risada seca. *Esta garota.* Acabei de esvaziar minhas bolas há menos de cinco minutos, e já estou duro sob ela novamente.

Olho para o meu relógio. — Sim. Por mais que queira que cuide disso com a boca, tenho que pegar um avião.

Seu estômago tensiona. — Onde vai?

— Por que, sentirá minha falta?

Ela franze a testa. — Como um buraco na cabeça.

Estou prestes a dar um tapa na sua bunda quando a incerteza muda através de sua expressão e me faz parar. Suspiro. Apesar de não saber se quero acorrentá-la à minha

cama e usá-la como minha escrava sexual pessoal ou jogá-la ao mar, sei que é injusto esperar que ela fique aqui sem ter ideia do que está acontecendo.

Despejo um pouco mais de creme em sua bunda. Massageio perigosamente perto de sua fenda lisa. Inspirando profundamente, ela empurra contra a minha mão, mas pressiono suas costas para baixo com a palma da mão, desejando que meu pau não seja desviado.

— Desde que apareceu em *Coast*, coisas ruins aconteceram, Penelope.

Ela geme. — Pensei que estava brincando. Sério, não pode me culpar por suas más decisões de negócios. Sou literalmente a garota mais sortuda...

Dou-lhe uma leve palmada para interrompê-la. — Não dou a mínima para o quão sortuda pensa que é; não tem sorte comigo.

— Não faz sentido. Se você acha que apenas estar perto de mim o torna azarado, o que diabos acha que acontecerá agora que esteve dentro de mim?

O riso sobe pela minha garganta, varrido por aquele sentimento recém-familiar de imprudência. Meu olhar segue meus dedos enquanto desaparecem na curva de sua coxa, roçando seus lábios carnudos.

— Já passei do ponto de me importar, Penelope. Além do ponto de tentar resistir a você. — Foda-se, meu jato pode esperar um pouco mais na pista. Empurro um dedo dentro

dela, curvando-me para escovar meus lábios contra sua nádega. — Deixe tudo queimar.

Ela se contorce para escapar de mim como uma enguia escorregadia, e a seguro pela cintura antes que acabe no tapete.

— Não faço isso — deixa escapar, ficando de pé.

— Fazer o que?

— Homens.

— Também não gosto de homens.

— Não, quero dizer... — deixa escapar um ruído de frustração, balançando a cabeça. — Quero dizer, não estou procurando nada sério. Não tenho relacionamentos, ou coisas fofas como... beijos na bunda e *café da manhã.*

— Não gostou dos meus ovos?

Ela se move em direção à porta. — Tudo bem, sabe o que...

Agarro seu pulso e a puxo para cima de mim. Ela luta contra o meu aperto por três segundos, antes de encontrar meu olhar e desacelerar para obedecer.

Engole. Abaixa a voz de modo que mal consigo ouvi-la por causa da chuva. — Quero dizer, se há alguma chance de se apaixonar por mim, provavelmente deveria apenas me colocar em um barco e me mandar de volta para a praia agora mesmo.

Olhamos um para o outro. Então, comecei a rir.

Penelope franze a testa, batendo a palma da mão no meu peito. — O que, se apaixonar por mim é tão difícil de acreditar?

Prendo uma mecha ruiva atrás de sua orelha, ignorando a pressão que se expande em meu peito. — Impossível.

Ela já sabe do meu maior segredo, que sou supersticioso. Não precisa saber também que escolhi o Rei de Ouros em vez do Rei de Copas. O amor não é uma opção. Muito menos com a garota que arruinou minha vida.

Meu celular vibra na mesa de centro, lembrando-me que tenho coisas para fazer. — Você ficará aqui ou não?

— E se eu quisesse ir embora?

Mordo minha língua. A verdade a assustaria: eu a arrastaria de volta a bordo, chutando e gritando.

Em vez disso, corro minhas mãos pela parte de trás de suas coxas, puxando-a para minha ereção. — Não gosta de ser fodida por mim, Penelope?

O músculo em sua mandíbula pulsa. Suas pálpebras se fecham. — Está bem. Podemos ser inimigos com benefícios.

Arqueio uma sobrancelha. — Inimigos?

— Bem, não somos exatamente amigos, somos?

Seguro um sorriso. — Suponho que não. — Caindo contra o sofá, estendo minha mão para ela apertar. — Inimigos com benefícios então.

Olha para ela, como se quisesse morder meus dedos. — Claro, tenho alguns termos e condições.

— Claro — digo em diversão.

— Primeiro de tudo, preciso do meu telefone. Acho que deixei no seu carro quando se transformou no Hulk esta manhã.

Claro que ela precisa do telefone. De que outra forma ouvirei obsessivamente todos os pensamentos insípidos que tem se não pode ligar para a minha linha direta? — Feito.

— E não quero que Laurie ou os outros saibam que ficarei aqui. É... — cerrou o lábio entre os dentes, procurando a palavra. — Esquisito.

Rio. — Tudo bem.

— E eu quero estar em casa no Natal.

Considero isso. Falta menos de uma semana. — Tudo bem. — *Não significa que não a quero de volta depois.*

— E...

— Jesus, Penelope. Preciso de um advogado?

Puxa o alfinete do meu colarinho para me calar. — *E,* não sou uma Rapunzel flutuante. Se acha que ficarei enfurnada aqui como uma mulher esperando o marido voltar da guerra, então tem outro pensamento vindo. Preciso ser levada de volta à praia sempre que quiser.

— Sim, não acontecerá.

Um olhar de desgosto marca suas feições. — O quê, preocupado que eu não volte?

Ela estaria me fazendo um favor se não voltasse, mas não é por isso que não a quero voando por *Coast* agora. Raspando meus dentes sobre meu lábio inferior, sorvo em sua expressão sombria com diversão. — Você ficará aqui até eu voltar, e então discutiremos isso de novo.

Para minha surpresa, ela o deixa cair, mas quando seus olhos brilham com malícia, percebo que há um motivo por trás de sua obediência. Ela passa o dedo para cima e para baixo no meu colarinho, mordendo o lábio. — Sabe, se quisermos ser inimigos com benefícios, terá que me beijar.

Rio. — Beijarei agora?

Dá de ombros. — Sim, seria estranho se não o fizesse.

— Você tem razão.

Seus olhos deslizam até os meus, grandes e azuis. — Tenho?

Meus dedos deslizam em seu cabelo e seguram a base de sua cabeça. Puxo seu rosto para o meu; minha boca está perto da dela, posso sentir o calor de seus lábios. Ouvir o *som* em sua garganta.

— Boa tentativa — sussurro.

Ela amaldiçoa quando a deslizo do meu colo e me levanto.

— O Chef Marco prepara as minhas refeições e as deixa no congelador. Sirva-se delas e de qualquer outra coisa no iate. — Pego minha carteira e jogo meu Amex na mesa de

centro. — Já tem meu cartão sobressalente, mas acho que está no meu carro junto com o seu telefone. Use isto. — Meu olhar sobe para o dela. — Tenho certeza que se lembra da senha — digo secamente.

— Obviamente. — Ela o levanta e o segura contra a luz. — Hum. Acho que não entregam pizza no meio do Pacífico.

— Entregarão, se der gorjeta suficiente.

Enquanto caminho em direção à porta, sua presença me puxa pelas costas. Eu tenho esse desejo ridículo de atrasar meu voo por mais uma hora. Nem mesmo para transar com ela de novo, mas para apenas... fazer *isso.* Falar merda e irritá-la.

Em vez disso, seguro a maçaneta da porta e digo a ela — Tente não incendiar o lugar, Penelope.

— Rafe? — A maneira como diz meu nome salta como um eco em meu peito. Faço uma pausa, olhando para o grão de madeira na porta. — Todos os meus outros amigos de foda me chamam de Penny.

A violência me atinge como um raio.

— E todos os seus outros amigos de foda estarão a dois metros de profundidade se mencioná-los novamente.

06

Penny

Pela terceira vez em uma hora, flutuo para a sala de estar esquecida na parte de trás do iate. Em vez de suspirar no silêncio como da última vez, afundo no assento da janela e pressiono minha bochecha contra o vidro frio, como se fosse extinguir o calor inquieto sob ela.

Depois de um banho ridiculamente longo, estou vagando pelo iate como um espírito condenado. Um moletom universitário em vez de um vestido vitoriano; acorrentada por restrições de couro e orgasmos violentos, ao invés dos grilhões da desgraça.

Durei menos de duas horas antes que o som do gemido do convés e o tique-taque interminável dos relógios de pêndulo começassem a me irritar, irritando minha pele. Agora, enquanto pressiono mais do meu corpo contra o vidro, olhando para a chuva rompendo as luzes brilhantes de *Devil's Cove* no horizonte, meu cérebro sacoleja em busca de algo para fazer.

A resposta vem como uma daquelas lâmpadas de desenhos animados: vou trabalhar.

Não estou escalada para um turno, mas o que mais farei esta noite? Esconder-me no quarto de Rafe enquanto o cassino vibra acima de mim? Com uma rápida olhada no

Breitling, percebo que Laurie e as outras estarão navegando sobre o Pacífico em breve.

Estimulada pelo novo vigor, corro para a lavanderia e pego um uniforme extra do meu tamanho. Escovo a evidência emaranhada de sexo violento do meu cabelo, pinto um rosto que parece inocente demais para gostar de ser amordaçada por um cinto. Em trinta minutos, estou atrás do bar, abastecendo o frigobar e carregando a máquina de lavar louça, mas o início do turno vem e vai. A hora se funde com a próxima, a solidão apertando como um laço em volta da minha garganta. Sem Laurie, sem convidados. Quando os três bipes solitários da máquina de lavar louça enchem a sala, sinalizando que já se passaram duas horas e meia desde que a coloquei, largo o pano que estou segurando e vou até o escritório de Rafe.

Encontro o número de Laurie em um daqueles *Rolodexes* que os velhos têm e uso o telefone em sua mesa para ligar para ela. Ela atende no primeiro toque.

— Sim, chefe?

— Laurie, é Penny. Onde está?

— Penny? — Faz uma pausa, a linha se enchendo com os sons abafados de um bar. — Rafe fechou o iate até a véspera de Ano Novo, querida. Não te ligou? Ele disse que sim.

Fechando os olhos, afundo na cadeira de couro e apoio a cabeça no encosto. — Não, não ligou — digo com firmeza. Embora ache que isso resolva o dilema de tentar esconder dos meus colegas o fato de que estou morando a bordo.

— Pagamento integral, é claro. E a festa de natal dos funcionários ainda acontecerá. Espere. — O barulho atrás dela desaparece, e soa como uma porta batendo atrás dela. — Como está no barco? O barco da equipe não estaria funcionando...

É estúpido e infantil, mas entro em pânico e desligo na sua cara. Quando o telefone toca com um retorno de chamada, mergulho sob a mesa e desligo o plugue.

Ótimo. E agora?

O silêncio aumenta contra as paredes do escritório, entorpecido apenas pelos passos da equipe fantasma cumprindo seus deveres. Está ficando mais escuro agora, e a única luz do lado de fora é a varredura ocasional das tochas dos homens de Rafe enquanto patrulham o convés.

A pior parte dessa reclusão é que fico presa a ela a noite toda. Não dormirei antes do sol nascer.

Consigo passar mais dez minutos vasculhando as gavetas perfeitamente organizadas de Rafe e olhando os porta-retratos nas prateleiras. Uma dele passando para alguém um cheque enorme chama minha atenção, e a pego para analisá-la.

Sua forma característica vaza por trás do vidro. Terno elegante, sorriso *megawatt*. Preto, dourado, verde, todas as cores tão polidas, tão *refinadas,* que nenhuma outra palavra vem à mente. Perfeito. Soube no momento em que o conheci que era o mentiroso perfeito.

Um pensamento inebriante carrega meus nervos. Agora que vi o que está por baixo do exterior cavalheiresco - senti dentro de mim; ouvi no meu ouvido - estou ansiosa por saber que tive um vislumbre de algo que ninguém mais teve.

Agora, ele é o mentiroso perfeito, para todos menos para mim.

Um zumbido lento me afasta de seu olhar magnético. Franzindo a testa, olho por cima do ombro em direção às portas francesas, apertando os olhos quando noto uma luz nebulosa cortando a chuva.

Já voltou?

Uma resposta pavloviana pisca em meu clitóris, e desço os degraus para o salão dois de cada vez. Percebendo que pareço um cachorrinho pulando de alegria com a volta de seu dono para casa, sento na beirada do sofá de costas para a porta e ligo a televisão, olhando para um jogo de basquete com interesse plástico.

Minha indiferença dura cerca de noventa segundos antes que as portas francesas se abram e um calafrio traga um feixe de energia caótica com uma voz feminina familiar no centro.

— A festa chegou! — Um borrão de cabelos loiros e bolsas circunda o sofá. Meu olhar desliza pelas pernas do pijama e pousa no sorriso brilhante de Rory. — Trouxe doces e jogos de cartas, Tayce tem pizza e vinho e Wren trouxe um filme.

— Não é *qualquer* filme – *Mamma Mia!*, a versão estendida do karaokê. — Wren aparece e enfia um DVD bem gasto

debaixo do meu nariz. Olho-a com surpresa. Ela é um turbilhão de rosa, desde o elástico brilhante em seu cabelo até as botas de borracha em que seu pijama está enfiado.

Enquanto Tayce se joga no sofá e me dá um sorriso maroto, a atenção de Rory se volta para a porta, depois de volta para mim. — E *você* — sussurra — trará a *fofoca*.

— Eu...

Rory me interrompe com um gesto de mão. — Não agora, no entanto. Meu marido está em pé de guerra.

Como se a palavra *marido* convocasse um demônio, uma presença sombria aquece minha nuca. — Penelope Price.

Engulo em seco, rastreando a sombra negra enquanto se move sobre o carpete creme. Sapatos brilhantes aparecem e, com a coluna firme, me forço a olhar para o dono.

— Onde está meu irmão?

— Qual deles?

A mandíbula de Angelo cerra, e lança um olhar de desagrado sobre meu pulso. — Aquele que gosta de jogar. — Dá um passo à frente, fazendo meu coração disparar. — Diferente de mim.

Eu o encaro. A expressão em seu rosto é uma das minhas memórias. Ele olhou para meu pai da mesma forma anos atrás, quando invadimos o funeral de seus pais. Agora que sou o assunto, não gritarei como meu pai bêbado fez. Além disso, tenho um estranho sentimento de lealdade em meu

peito - não contaria a Angelo para onde seu irmão foi, mesmo que soubesse.

— Rafe? Não sei.

Seus olhos se estreitam. — Então o que está fazendo aqui?

Minha mente se espalha em quatro direções em busca de uma resposta. — Sentada no iate — anuncio.

Tayce bufa ao meu lado, escondendo seu sorriso na gola de sua jaqueta de couro quando Angelo lança um olhar ameaçador para ela. O calor disso faz minha determinação se estilhaçar e me pego murmurando — Desculpe, sei tanto quanto você.

— E tudo que sei é que Rafe ligou para minha esposa e a convidou para uma festa do pijama improvisada no meio da porra do Pacífico em uma noite de segunda-feira.

— E está arruinando a vibração, baby. — Rory geme, deslizando entre mim e seu marido sempre avançado. Murmura palavras doces enquanto brinca com os botões da sua camisa, mas não consigo ouvi-las por causa do sangue latejando em meus ouvidos.

Rafe organizou uma festa do pijama para mim? A ideia é doce, doentia até, e revira meu estômago como se tivesse comido muito chocolate de uma só vez. Tento lavar isso com um raciocínio: provavelmente não confia em mim para estar sozinha em seu megaiate de zilhões de dólares, o que é justo, considerando que o último cara rico que foi mau comigo teve

seu cassino totalmente queimado. Além disso, não é como se soubesse o quanto queria ter uma festa do pijama quando era criança.

Olho por cima do coque bagunçado de Rory e encontro o olhar desconfiado de Angelo. Gentilmente empurra sua esposa para o lado para que não haja barreira entre mim e sua última tentativa de interrogatório.

— Sabe onde está meu irmão, Penelope?

— Já tentou o *Find My iPhone,* Angelo?

Tayce bufa. Wren respira fundo e Rory murmura algo sobre flamingos baixinho. O ar esquenta por um momento, depois esfria quando o humor seco suaviza a expressão de Angelo.

— Agora, entendi.

Franzo a testa. — Entendeu o quê?

No entanto, ele não responde. Em vez disso, dá um beijo no queixo de sua esposa, diz para ligar para ele antes de dormir e desaparece na plataforma de natação.

Eu me viro para a sala para uma resposta. — Entendeu o quê?

Rory sorri. Wren fica vermelho e desvia o olhar. Quando olho para Tayce, coloca a mão na minha coxa e a aperta.

— Ele quer dizer, entende porque Rafe está obcecado por você agora. Fala quase tanta merda quanto ele.

* * *

O interrogatório era inevitável. Respondi às perguntas sobre nossa situação com leviandade - *estamos apenas fodendo, relaxe* - e perguntas sobre quanto tempo estarei aqui com imprecisão - *até me cansar dele.*

A verdade é que também não sei a verdadeira resposta.

Pelo menos o terceiro grau durou pouco. Quando Tayce perguntou o tamanho do pau de Rafe, Rory ficou tão enojada que derrubou uma taça de vinho tinto no tapete creme. Voltamos nossa atenção para mover o sofá um metro para a esquerda para escondê-lo e, felizmente, a conversa nunca voltou ao assunto da masculinidade de seu cunhado.

A noite se transformou em noite com a chuva implacável e a trilha sonora de *Mamma Mia!* fornecendo o pano de fundo para uma festa do pijama com a qual só poderia ter sonhado quando criança.

Agora, estou encolhida no sofá de pijama, bêbada de açúcar e vinho, e tentando me manter calma. Tentando não sorrir como uma maníaca enquanto vejo Wren ensinar a Rory a dança oficial do *Super Trouper do ABBA,* e tentando não perguntar quando podemos fazer isso de novo.

O sofá afunda ao meu lado. — Já decidiu o que quer?

Olho para a caixa preta que Tayce colocou na mesa de centro. Ela a abre e passa o dedo sobre uma pistola de tatuagem prateada.

Engulo. — Depende. Isso dói?

— Muito menos do que ser empalada pelo enorme pau de Rafe, tenho certeza. — Com as bochechas esquentando, tento afastá-la com um tapa, mas foge do alcance do braço, rindo. — Não. É mais um arranhão do que uma punhalada. E depois de alguns minutos, a área fica dormente e não consegue sentir de qualquer maneira.

Meus olhos viajam por seus braços enquanto coloca um par de luvas pretas. — Não tem nenhuma tatuagem?

— Não, é por isso que me chamam de tatuadora sem tatuagem. — Olha para Rory e Wren fazendo a confusão do Brooklyn, então abaixa a voz. — Tatuagens a tornam identificável.

O som da sua cerveja batendo contra a minha em *The Rusty Anchor* ecoa na minha cabeça. — Ouvi dizer que é a melhor.

Ela ri. — Isso é o que dizem.

— Sempre soube que queria ser tatuadora?

Ela inclina a cabeça e, por um momento, observo-a desparafusar a arma e esterilizar cada parte. — Não — finalmente diz. — Estava estudando História da Arte na faculdade. Queria ser curadora de museu.

— Então, por que tatuagens?

Um sorriso sombrio toca seus lábios. Joga seu longo cabelo preto sobre o ombro e me olha com um olhar astuto. —

Gosto de infligir dor aos homens, mesmo que só por pouco tempo.

Sabia que gostava dessa garota. Minha atenção cai para a arma. — É tinta temporária, certo?

— *Uh-huh*. Desaparecerá em algumas semanas.

— Tudo bem, então estou feliz por ser malandra.

Ela ergue uma sobrancelha. — Tem certeza? — Inclinando-se, acrescentando — Porque quando fico malandra, fico… *rebelde.*

A travessura dançando em seus olhos me faz parar. — Muito bem, talvez coloque em algum lugar que não possa ver, só por precaução.

Ela ri. — Boa ideia, Red.

Concordamos na parte inferior das minhas costas. Finjo como Tayce me dizendo que é uma área com pele mais grossa e menos nervos é o que me convence, mas na verdade, é porque sei que Rafe verá na próxima vez que me foder por trás. O pensamento de seu estômago tenso contra a minha bunda e sua mão quente passando sobre ela envia uma excitação letárgica através do meu núcleo. Tayce estava certa; o arranhão se transforma em uma leve sensação de queimação. Trabalha meticulosamente, silenciosamente, as pontas de seu cabelo roçando minha espinha.

Quando o zumbido da arma para, abro meus olhos. Ela limpa algo frio e úmido sobre a área, então se levanta. Para

minha surpresa, quando me viro para olhar, está se afastando lentamente.

Franzo a testa. — Está feito? Onde vai?

Ela aponta para o espelho de mão sobre a mesa. — Dê uma olhada.

Rory para de dançar e olha para a parte inferior das minhas costas. Enquanto seus olhos se arregalam e seu queixo cai, a suspeita corre em minhas veias.

— Tayce… — sussurra, segurando uma risada.

— O quê? — Pergunto. Pego o espelho e me viro desajeitadamente para ver sua obra de arte. Quando um nome familiar em um coração me encara de volta, meu sangue gela.

Cinco pesados segundos se passam. Levanto meus olhos para Tayce, que está me olhando como um cervo pego pelos faróis. — Você me disse para ser rebelde — sussurra.

Eu largo o espelho no sofá. Puxe minha blusa para baixo. — Sim. E agora estou dizendo para correr.

Ela está porta afora antes que possa terminar minha frase. Corro atrás dela, Rory e Wren logo atrás de mim.

A risada de Tayce sobe a escada em espiral. — Sinto muito, está bem! Pode tatuar o que quiser em mim como vingança!

— Desenharei um pau enorme!

— Tudo bem, só não no meu rosto, certo?

Está ao alcance da mão quando passamos pelo escritório de Rafe. Olhando por cima do ombro, abre a porta da biblioteca. Eu a sigo e faço uma parada brusca. Minha respiração fica mais lenta, mas meu coração acelera.

— Caramba, que estante feia — Tayce murmura, seguindo meu olhar.

Rory vem ao meu lado. — São os livros *Para Dummies?* Parece a coleção inteira? Não consigo imaginar Rafe lendo isso.

— Ele não lê — sussurro, minha garganta engrossando.

— Bem, quem lê então?

Engulo. — Eu.

No silêncio, o vento ruge. O relógio antigo bate na lareira. Meus olhos percorrem a madeira lascada, o martelo na mesa e as instruções suecas divididas em duas e jogadas ao lado da lata de lixo.

Wren suspira e aperta o peito.

— Veja, eu disse a você que ele era um cavalheiro.

07

Penny

Nós dos dedos com toque leve como uma pena. Italiano sedoso envolto em palavras insensíveis. Lambidas lentas, corações acelerados. Doce e azedo, quente e frio; as contradições me dão nos nervos em um jogo de cabo e guerra.

Odeio que amo cada segundo disso.

Um *baque surdo* me acorda. Abro os olhos e percebo que o som é *Anatomia para Dummies* escorregando da minha mão e caindo no carpete creme. Em minha névoa pós-cochilo, leva alguns segundos para meu cérebro se aguçar o suficiente para perceber que não estou sozinha na biblioteca.

Rafe está reclinado em uma poltrona em frente ao sofá, o tornozelo apoiado na coxa enquanto gira uma ficha de pôquer de ouro entre o polegar e o indicador. Cada giro brilha ao sol do meio-dia, tão ofuscante quanto sua presença.

Não esperava que ele voltasse tão cedo.

Seu olhar prende o meu. — Parece um anjo quando dorme. — Antes que o cabo de guerra possa começar em meu peito novamente, pega o copo de vodca da mesa e acrescenta — Mas o ronco? Não tão angelical.

Sento-me, puxando meus joelhos para o meu peito em autopreservação. Há quanto tempo está sentado lá?

Observando-me? Vulnerabilidade e desconforto me dominam, me fazendo querer murchar e diminuir sob o calor de um raio de sol.

Em vez disso, opto por pegar o livro e levá-lo até a estante construída ao acaso. É difícil ignorar como meu coração bate sob o peso dos olhos de Rafe me rastreando.

Passo meus dedos sobre os espinhos amarelos. — Você me comprou todos os livros *Para Dummies.*

— *Uhum*. Já encontrou uma carreira?

— Está tentando se livrar de mim, ou algo assim?

Sua risada sombria me acaricia como seda. — Ou algo assim.

A sala esquenta com uma palavra não dita: *obrigada.*

A cadeira geme. Não preciso me virar para saber que está se aproximando. Cada passo sobe pela minha espinha, até que sua presença roça minhas costas. Um arrepio percorre meu corpo quando sua mão desce pela extensão da minha trança.

— Uma das garotas trançou seu cabelo, *Queenie*?

— Por que me chama de *Queenie*?

Seu sorriso é seco. — Sua mãe nunca lhe ensinou a não responder a uma pergunta com outra pergunta?

— Não, minha mãe não me ensinou nada memorável, exceto que misturar vinho tinto com um pacote inteiro de remédio para alergia fará você engasgar com o próprio vômito.

— Quando a mão de Rafe roça meu pescoço, afasto a memória. — De qualquer forma, foi Rory. — Paro. — Como sabe que não fiz isso sozinha?

O tecido caro de sua calça toca a parte de trás das minhas coxas. — Não pode trançar, *Queenie*.

Franzo a testa. — Como sabe disso?

Ele para, então roça o nariz na curva da minha garganta, trazendo seus lábios ao meu ouvido. — Desculpa. Estou pensando em uma das minhas outras inimigas com benefícios.

O ciúme pisca por trás das minhas pálpebras. Eu me viro para empurrá-lo, mas aperta minha trança, puxando minha cabeça para trás até que fique abaixo de seu colarinho. — Terei que agradecer a minha cunhada por me dar uma coleira.

Doce, santo inferno. Toda a irritação se evapora, seu vapor caindo no reforço da minha calcinha. Engulo, tentando diminuir minha respiração conforme sua outra mão arrasta a corrente do meu colar. Seus dedos deslizam sobre o trevo de quatro folhas, então traçam um caminho em meus seios.

Algo se mexe em suas calças. — Meu quarto, dez minutos.

E então ele me solta. Apoio minhas mãos na estante lascada até que o *clique violento* da porta soa atrás de mim.

Cristo. Expiro trêmula, tentando reunir meu decoro de todos os quatro cantos da sala. Ontem à noite, a emoção de cantar ABBA e jogar *UNO!* afrouxou o estrangulamento que

este homem tem sobre mim, mas assim que Rory, Wren e Tayce partiram esta manhã, tudo que é infinitamente *ele* encharcou o silêncio repentino, sangrou pelo papel de parede e esfregou minha pele em carne viva.

Somos amigos de merda, por enquanto, mas sei que quando tudo estiver dito e feito, seu toque áspero e voz suave serão impossíveis de esquecer.

Conto dez lotes de sessenta Mississippi e sigo seus passos. Os canos nas paredes rangem e tilintam, e quando abro a porta da cabine, percebo que Rafe está no chuveiro.

A indecisão retarda meus membros. Olho para o vapor que sobe por baixo da porta e penso no que aconteceria se eu a abrisse. Deslizasse meu short para baixo, entrasse pela porta do chuveiro e me pressionasse em seu corpo nu e molhado. Se, debaixo de uma chuva quente, caísse de joelhos e o tomasse na boca. Assumisse o controle.

Mesmo que nunca tenha feito isso antes, a ideia me dá água na boca, mas dei apenas um passo em direção ao banheiro quando algo estranho chamou minha atenção. Minha mala. Está onde deixei, encostada na parede no canto da sala, mas foi aberta. Algumas das minhas coisas estão faltando, e tenho uma péssima ideia de onde estarão.

Abro a porta do armário e fraquejo de pavor. Vestidos de seda contra camisas brancas. Calças pretas nítidas flanqueiam o jeans. Minha atenção recai sobre a sapateira, onde seus sapatos sociais de couro ficam lado a lado com meus Doc Martens e saltos altos.

Puxada por aquele maldito cabo de guerra, luto com minhas coisas, coloco-as de volta na mala e sento-me na sala de estar. Ligo a televisão, zapeando incansavelmente pelos canais até que uma jornalista fala comigo com tanta intensidade que sei que se aumentar o volume o suficiente, abafará a sensação de mal-estar. Pelo menos até Rafe me levar para a cama e me encher com outra coisa, mas quando sintonizo o que ela está dizendo, meu sangue gela.

— Para aqueles de vocês que acabaram de entrar, temos notícias de última hora esta tarde — diz, embaralhando seus papéis. — O corpo encontrado na margem do *Clam Lake* em *Atlantic City* esta manhã, foi confirmado como sendo de Martin O'Hare. O'Hare ganhou as manchetes nas últimas semanas depois que seu cassino e bar pegaram fogo em circunstâncias desconhecidas. — A repórter faz uma pausa, sua expressão grave. — Não se sabe neste momento se os dois incidentes estão relacionados.

Minha cabeça nada na direção oposta do meu estômago. Uma dormência quente e pegajosa prende meu corpo ao sofá, e minha mão não seria capaz de pegar o controle remoto para desligar a televisão, mesmo que quisesse.

Martin O'Hare. Morto. A boca da repórter se move, mas não consigo mais ouvir o que está dizendo por causa do rugido de meus ouvidos. O barulho diminui quando o chuveiro é desligado. Agora, estou hiperconsciente do que está acontecendo no banheiro atrás de mim. O *degelo* de uma toalha. A volta de uma torneira. Quando a porta se abre e um

calor úmido roça a parte de trás da minha cabeça, engulo em seco.

— Martin O'Hare foi encontrado morto em *Clam Lake*. — Não parece a minha voz. É muito calma, muito em desacordo com o pulso violento na minha garganta.

Enquanto meus olhos estão grudados na tela, minha atenção está voltada para Rafe conforme se move de trás do sofá para o carrinho do bar. Em silêncio, serve uma vodca.

— Sério? — O *tilintar* dos cubos de gelo sacode meus ossos. — Não foi onde o deixei.

O calor espeta minha pele de uma forma que me faz querer arrancar minhas roupas. Alimentada pelo pânico, me levanto, mas quando bato minhas canelas contra a mesa de centro, percebo que não irei muito longe. Afundo de volta no sofá, deixando as almofadas macias me arrastarem para o inferno.

— Fez isso?

Agora, o silêncio dói. A disposição calma de Rafe belisca minhas bordas. Faz-me balançar na direção das saídas. Em vez de correr para uma delas, arrasto meu olhar para ele. Está iluminado por uma janela, vestindo nada além de tinta e uma toalha baixa em volta da cintura. Seus olhos encontram os meus por cima da borda de seu copo de vodca, brilhando como o mar atrás dele. Uma gota de água escorre por seu peito e a enxuga antes que chegue ao umbigo. Encaro a mão que usou. Está ainda mais machucada do que ontem.

— Isso me lembra, trouxe uma lembrança para você.

Meus ombros tensionam. Rafe desaparece de vista, e quando se aproxima da parte de trás do sofá e deixa cair uma pequena caixa no meu colo, olho para ela.

E então grito.

Pulo, rolo sobre a mesa de centro e cambaleio em direção à porta. — É doente — arfo, tropeçando para trás. Já vi esse tipo de merda em filmes. Uma cabeça de cavalo em uma cama. Uma caveira em uma estante. A porra de um *dedo em uma caixa de anel.*

Além da sobrancelha erguida, Rafe é a definição de indiferença do dicionário. Olha para mim, então se abaixa para pegar a caixa ainda fechada de onde rolou para baixo do sofá. Quando a abre, aperto meus olhos fechados.

— Penelope.

Quando sou corajosa o suficiente para abrir uma pálpebra, encontro uma diversão sombria e um chaveiro balançando em seu dedo. Ele a joga para mim, e cai aos meus pés. Olho para o logotipo *I Heart Atlantic City* por cinco batimentos cardíacos escalonados.

E então minha inquietação sobe pela minha garganta e se espalha entre nós. — Eu disse para não ser legal comigo — deixo escapar.

— Foram quatro dólares.

— Sabe que não estou falando sobre a porra do chaveiro.

Outra batida do coração, e então a risada áspera de Rafe me toca. Ele passa a mão pelo cabelo molhado, amargura nublando seus olhos.

— Cristo, Penny. Um *obrigado* teria bastado. — Engole o resto de sua vodca, então deixa o copo bater no carrinho do bar. — Devo estar louco *pra* caralho. — Murmura, limpando a boca.

Eu me sinto enjoada *pra* caralho, náusea empurra contra minhas costuras, não deixando espaço para outros sentimentos, como alívio.

— Você o matou por mim?

Ele olha para mim rapidamente. — Não.

Deixei escapar um suspiro tenso.

— Matei o irmão dele por você. E então matei Martin porque teria vindo a *Coast* para me matar. — Enche o copo com mais vodca, parando pensativo antes de tomar um gole. — Na verdade, sim. Eu também o matei por você

— Por que?

— Não gostei da ideia de outro homem colocar as mãos em volta da sua garganta — diz secamente.

Cerro os dentes, cravando as unhas nas palmas das mãos. — Coloquei fogo no cassino dele.

— Semântica.

Eu me viro, porque não suporto a maneira como está me olhando.

— Acha que eu dou azar. — Arrasto a mão pelo meu rosto. — Você nem me *conhece.*

Sua risada é mais alta desta vez, tingida com algo irônico. — Não tem ideia do que eu sei.

Ficamos ali por alguns minutos. Ele no carrinho do bar, eu olhando para o relógio sobre a lareira. Cada *tique* bate dentro da minha caixa torácica, como se estivesse em contagem regressiva para o momento em que meu coração se parte ao meio.

Nunca deixarei isso acontecer. Nunca deixarei este homem ao alcance dos braços do meu coração. Porque é isso que os homens fazem, não é? São legais com você, até que deixem de ser. Até parar de dar a eles o que querem, e então se tornam desagradáveis. E depois a arrastam para um beco e pegam o que querem de qualquer maneira.

Meu colar chia contra minha pele úmida. De todas as vezes para pensar em Matt, não é agora, mas aparece na minha cabeça de qualquer maneira. *Tem que ser clara com suas intenções desde o início.*

Jogando meus ombros para trás e galvanizando minha coluna, caminho até Rafe. Ele observa minha aproximação com uma mistura de cautela e aborrecimento, ficando tenso quando entro em sua órbita quente e úmida. Estou tão perto que seu hálito tingido de bebida roça meu nariz. Meus mamilos deslizam sobre seu peito através da minha camiseta, endurecendo com a ideia de fricção.

Seu olhar cai para o meu, derretendo como o gelo em sua bebida. — Penny…

Lá se vão aquelas juntas machucadas com um toque leve como pluma, roçando minha bochecha. Viro um pouco a cabeça, porque sei o que vem a seguir: o italiano sedoso envolvendo palavras insensíveis. Não quero as contradições.

Só quero tudo de ruim e nada de bom.

Engolindo em seco na tentativa de diminuir meu pulso, volto minha atenção para seu peito. Nós dois observamos meus dedos trêmulos enquanto os deslizo sobre a cabeça da serpente, ao longo de cartas de baralho, dados, fichas de pôquer. As paredes de seu estômago apertam quando roço para o sul de seu umbigo e para a dobra de sua toalha. Ergo meus olhos para os dele. Examina-os, e então sua expressão esfria com a realização.

Ele solta uma risada sem graça. — Isso é tudo que quer, hein?

— É tudo o que combinamos.

Seus olhos queimam como brasas acesas quando puxo a toalha. O tecido batendo no carpete soa tão alto, tão *definitivo.* Como um sinal me avisando que, agora, não há como voltar atrás.

Antes que tenha tempo de pensar, ele agarra meu pescoço, deslizando os dedos ao redor da base da minha trança. Puxa meu rosto para o dele; estou tão perto de seus

lábios que, pelo pequeno preço de um milhão de dólares, poderia provar seu último gole de vodca.

Ele me segura lá pelo que parecem minutos, mas podem ser apenas segundos. Sua mandíbula bate como o relógio na lareira; seu coração bate mais devagar que o meu. Quando olho para a cama, é apenas porque preciso respirar de seu olhar sufocante, mas pelo jeito que ri de novo, percebo que interpreta isso como uma dica.

Ele acha que eu quero que ele se apresse e me foda.

Com um breve aceno de cabeça, ele me solta e dá um passo para o lado. Cada centímetro do meu corpo treme enquanto ando em direção à cama e subo de joelhos.

Atrás de mim, a cama afunda com meu coração. Caio em meus antebraços e enterro minha cabeça no travesseiro, como se a tensão não pudesse me tocar aqui. Quando as coxas de Rafe pressionam contra as minhas e seu pau roça minha bunda, fecho meus olhos, esperando que o calor de suas mãos queime minha pele.

Não vem. Em vez disso, o colchão range e a gaveta ao meu lado se abre. Viro minha cabeça bem a tempo de vê-lo pegar uma camisinha.

A visão fica presa na minha garganta. Claro, sexo seguro é importante e tudo, mas ele não pensou duas vezes antes de me foder sem proteção antes. Agora, me sinto como outro número, outra garota em sua cama. O pensamento me faz querer incendiar toda a porra do seu iate. Posso sentir uma resposta amarga subindo pela minha garganta, mas mordo o

travesseiro para detê-la. *Era isso que queria, lembra?* Por mais fodido que pareça, deslizar para dentro de mim sem borracha se enquadra na categoria de *legal.*

Meu estômago aperta conforme puxa para baixo meus shorts. O tecido desliza sobre minha bunda rapidamente, então o movimento desacelera minhas coxas e com uma onda de vergonha, percebo o porquê. A *maldita tatuagem.* Na tempestade de homens mortos e chaveiros, tinha esquecido tudo sobre isso. Como poderia? É um grande coração vermelho com o nome *Raphael* rodado no meio.

Uma exalação irregular escapa de seus lábios e dança pela minha espinha. — Isso é uma piada?

— Tayce… — engulo. — É temporário.

Alumínio rasga.

— Que apropriado — diz em voz baixa, antes de mergulhar em mim sem aviso prévio.

A dor queima através de mim, mas nada é tão doloroso quanto o peso de sua palma na parte inferior das minhas costas. Está me segurando desajeitadamente, cobrindo a tatuagem. Respiro fundo, tentando me ajustar. Apesar da dor fervendo em um calor delicioso, percebo que não preenche o vazio em meu núcleo como fez ontem, mas apenas move-a para o norte, de modo que se sente em algum lugar atrás do meu esterno. Rafe me fode como faria com uma prostituta que pagou adiantado, antes de aparecer e perceber que não se parece em nada com a foto. Então fode com ela de qualquer maneira porque não aceita reembolsos. Cada golpe parece

clínico, como um passo em direção a um objetivo final. Desprovido de emoção, e não vem com mãos errantes ou italiano estrangulado.

Ele me fode até que não possa suportar a animosidade. Até que estou à beira das lágrimas. Assim que me viro para agarrar seu pulso, as palavras *me desculpe* fermentando em minha língua, suas coxas tensionam contra minha bunda e um gemido animalesco escapa dele.

Meus olhos varrem para os dele, e prende seu olhar violento quando goza. Ele não me solta, nem quando sua respiração fica superficial, nem quando me empurra para fora de seu pau.

Sou eu quem se vira primeiro. Quando minha cabeça cai para trás no travesseiro, a cama afunda novamente e ele sai com o clique de uma porta.

Fico com o silêncio e outro conjunto de contradições muito pior do que o anterior.

* * *

O céu azul-gelo escureceu horas atrás, e agora minha inquietação é iluminada pelo luar e pela luminária de chão no canto da biblioteca. O sono não viria a mim agora, mesmo que fosse narcoléptico.

Passei as últimas horas abrindo caminho no carpete do sofá até a estante mal construída. A rotina é bem ensaiada:

pego um livro, quebro sua lombada, passo nas introduções e olho os diagramas. Depois jogo na pilha *que não dou a mínima* aos meus pés.

No silêncio, a verdade é muito alta. Há apenas uma coisa que me importa agora e está três quartos acima.

Ele voou até *Atlantic City* para tirar a carga mais pesada das minhas costas, e tudo o que queria era um *obrigado.* A palavra empolou minha pele a noite toda. Não queria dizer isso porque o homem já me persuadiu por *favor,* duas vezes, mas também porque... por quê?

Todo homem tem um motivo, e o de Rafe não faz sentido. Se sou tão azarada para ele, por que simplesmente não me mata, em vez de alguém em meu nome?

Deixando escapar um gemido frustrado, fecho o *Tennis para Dummies* e deixo minha cabeça cair no encosto do sofá. Dói-me em todos os lugares que não me tocou antes. Há uma pulsação persistente na base do meu crânio, que aumenta cada vez que fecho os olhos e vejo o olhar violento de Rafe quando gozou dentro de uma camisinha.

Estou com calor. *Febril.* Esperando que uma explosão de dezembro coloque meu mundo em ordem, me levanto e abro a porta que leva ao convés. Enquanto estou sob sua moldura, o vento gelado passa por mim, ondulando todos os tecidos macios da sala e farfalhando as páginas do livro. Dormência agarra minhas coxas nuas e um tremor percorre minha espinha. De repente, meu foco no abismo negro suaviza. Aquele tremor... não veio de dentro de mim.

— Oh, não, não, não — sussurro, mas antes que possa recuar, o céu da noite se ilumina em roxo, um lampejo branco de relâmpago riscando o meio dele.

A única coisa pior do que uma tempestade é ficar presa em um *barco* no meio de uma tempestade. Meu coração tropeça a cada batida, e um suor pegajoso se agarra à minha pele. Atrapalhada com a fechadura da porta, pressiono minhas costas contra ela e aperto meus olhos fechados.

A sorte praticamente o abandonou, tento me tranquilizar. *Não teve sorte em semanas.*

O próximo estrondo contudo, de relâmpago inunda a sala, trazendo todos os meus demônios à luz.

Sabe o quão sortuda é, garota? É uma em um milhão.

Uma em um milhão.

O trovão ressoa sob o tapete quando saio correndo da biblioteca. Segue-me pelo escritório, até uma sala de estar. Quando caio no corredor, paro.

No final, o grande corpo de Rafe consome as sombras, a porta se fechando atrás dele. Seu olhar encontra o meu, algo muito suave para quebrar meu coração dançando no meio dele.

De alguma forma, faz de qualquer maneira.

Ele entra no caminho da luz que flui através de uma vigia, e percebo que está nu. Segura algo entre o polegar e o indicador. Um único dado.

— Escolha um número. — Um ruído estrangulado me escapa. Dá mais um passo à frente, a voz mais firme agora. — Um número, *Queenie*.

— Cinco — deixo escapar.

Ele joga o dado e o pega. Quando abre a palma da mão, concorda com a cabeça. — Cinco.

— Jura?

Seus olhos se movem de volta para os meus, brilhando sem humor. — Não.

Um raio rompe o espaço entre nós. Antes que o trovão chegue, corro em sua direção. Não é até que meu rosto esteja enterrado em seu pescoço que percebo que ele me pegou, seus antebraços fortes me prendendo a ele enquanto me leva para seus aposentos.

Uma mão gentil desce pela minha trança. Palavras suaves tocam a concha do meu ouvido, abafando o próximo estrondo do trovão. Ele me deita em sua cama, me puxa para seu peito e nos prende sob as cobertas. Pressiono meu rosto contra seu peito e seus dedos encontram a base do meu cabelo. Sua outra mão desliza pela minha espinha, traça o estúpido coração na parte inferior das minhas costas, e um ruído áspero de aprovação vibra por trás de seu plexo solar.

Quando o próximo raio vem, atravessa os lençóis. Rafe leva as palmas das mãos aos meus ouvidos, abafando o trovão iminente.

— Obrigada. — Sussurro.

Não especifico para quê. Por me proteger da tempestade, por matar Martin O'Hare. Por me dar os dois orgasmos mais ridículos da minha vida. Pela porra do *chaveiro*.

No entanto, o trovão é alto; meu reconhecimento é silencioso.

A única razão pela qual sei que Rafe ouviu é que seus lábios pressionam minha testa, dando-me o mais gentil dos beijos.

08

Rafe

Desligo o carro e viro para Penny no banco do passageiro. A diversão aquece meu peito; ela adormeceu uma hora atrás e agora seu hambúrguer meio comido está congelando na caixa em seu colo. Quando estendo a mão para removê-lo, sua mão dispara e agarra meu pulso. — Esqueça Dante. Não preciso de você para isso, mas preciso de *você.* — A mão de Angelo aperta minha nuca. — Faça um plano, irmão. E depois volte para mim.

— Estou guardando isso para mais tarde.

Meu olhar desliza até o único olho que abriu. — Desviei de um cervo na estrada mais cedo, e não parou de roncar, nem por um segundo, mas no momento em que venho buscar sua comida, de repente fica em alerta máximo?

— Não foda com a minha comida — diz séria. Ela se levanta e pisca para a igreja além do para-brisa. — O que é isso? Uma visita rápida para se arrepender de seus pecados?

Corro meus dedos por seu cabelo, antes de colocar todas as mechas soltas atrás de sua orelha. — Não, estou conduzindo um experimento. — Levanta uma sobrancelha suspeita. — Jogarei você lá dentro e verei se pega fogo.

Sua risada é rouca. — Se eu queimar nas chamas do inferno, você queimará comigo.

Não sei disso.

— Não demorarei. — Minhas mãos não sabem deixar a garota em paz; percorrem seu corpo como se cada curva ainda fosse uma novidade. Acho que sim, já faz quase uma semana desde que enfiei meu pau nela pela primeira vez, e ainda não encontrei um centímetro dela que me deixa entediado. Deslizo uma mão sob seu cobertor e passo por sua coxa; a outra segura seu queixo e a obriga a olhar para mim. Minha voz cai para um falso aviso. — Não beba meu refrigerante. Serei capaz de dizer.

Ela vira a cabeça para morder minha mão, então se vira para ficar de frente para a janela quando a solto. — Pensarei sobre isso — murmura, bocejando.

— Bons sonhos, *Queenie*.

A noite é um contraste gritante com o calor do meu carro, fazendo-me invejar ainda mais Angelo por convocar uma reunião de emergência no meio da noite. Sou o Visconti com reputação de teatral, mas Angelo tem uma veia dramática quando está chateado. Não tenho dúvidas de que o que quer que ele queira ladrar para mim poderia ter sido dito pelo telefone.

Quando fecho a porta, os faróis lançando um brilho em meus *wingtips* me fazem parar. Corro sobre cascalho e gelo até o carro estacionado atrás de mim. Depois do meu rápido *rap-tap-tap* no vidro, Griffin relutantemente abre a janela e olha para mim.

— O contrato com os albaneses não deu certo. Precisarei de mais atenção nos meus cassinos de Las Vegas. Roen e seus homens são pequenos bastardos vingativos.

O olhar de Griffin se fixa no meu. — Então, irritou os irlandeses *e* os albaneses. Entendi.

Olho para ele com cautela. — Os irlandeses foram tratados. — A questão irlandesa terminou quando o legista fechou o saco do corpo de Martin O'Hare. Ninguém mais naquela família seria estúpido o suficiente para vir atrás de um Visconti sem Martin ou Kelly no comando. Não sobreviveriam. — Mas sim, irritei os albaneses.

— E tudo em menos de uma semana — diz secamente. Sua atenção recai sobre meus dedos curvados sobre a moldura da janela. — Além disso, tenho certeza de que a família de Blake vai querer respostas.

Aborrecimento puxa minha mandíbula tensa. Griff me disse cerca de dez palavras desde que deixei Blake para morrer na beira da estrada. Metade delas era *sim, chefe* no mais sarcástico dos tons, a outra metade grunhidos ininteligíveis. Deixei para lá por alguns dias, porque sabia que ele provavelmente estava chateado por eu ter deixado um homem a menos para ele, mas acho que fui mais do que gentil.

— Tem algo a dizer sobre eu ter matado Blake? — Pergunto calmamente. Quando apenas olha em resposta, mergulho minha cabeça no carro e fico na sua cara. — Não te pago para ter uma opinião.

Sem esperar por uma resposta, caminho em direção à igreja. Em algum lugar entre a lápide de nossos pais e as portas de ferro forjado, os passos pesados de Gabe entram no ritmo dos meus.

— Angelo está chateado com você.

Minha risada se condensa contra o céu noturno. — O que ele fará? Demitir-me?

Sua atenção cai para os nós dos meus dedos, depois sorri. — Estou começando a achar que gosta do lado sombrio.

— *Uhum*. É meio divertido aqui.

As portas da igreja se abrem e, para minha surpresa, algo pequeno e de quatro patas salta para fora. Angelo surge logo depois, descendo para pegar o cachorro. — Venha aqui, seu merdinha — resmunga. Balança a cabeça e responde à minha pergunta silenciosa com uma expressão sombria. — Não pergunte, porra.

— Mas você sabe que vou.

Ele suspira. — É um resgate do abrigo. Rory não parou de falar sobre ela desde que a visitamos, então voltei e a comprei de presente de Natal.

— E está carregando-a por aí porquê...

— Porque toda vez que saio de casa, minha esposa sai em uma caça ao tesouro para seus presentes de Natal. A cachorra está com a governanta, mas ela não sobreviverá ao interrogatório de Rory.

Reprimindo um sorriso, considero o cão ofegante aninhado na dobra do braço do meu irmão. Com seus cachos dourados e grandes olhos castanhos, realmente se parece com minha cunhada, mas estou tão encrencado com Angelo que acho melhor não dizer a ele que sua esposa parece um cachorro.

— Você nos trouxe até aqui para acariciá-la?

Angelo cerra os dentes. — Não, precisamos conversar.

— Podemos conversar dentro da igreja? Acho que minhas bolas estão congelando.

Ele lança um olhar irritado em direção ao meu carro. — Acho que suas bolas estão ficando muito quentes, irmão. Aqui. — Volta sua ira para Gabe e empurra o cachorro em seus braços. — Leve-a para passear.

Levanto uma sobrancelha. — Nunca leu *Ratos e Homens*[3]*?* Gabe é Lennie, só que mais forte.

Ele me ignora, olhando para Gabe enquanto se afasta, com um cachorro comicamente pequeno a reboque.

Quando somos apenas nós, solta uma respiração calma e tensa. — Perdeu o enredo, Rafe.

— Isso é um diagnóstico oficial ou...?

Ele me interrompe. — Pela primeira vez na porra da sua vida, pare de falar merda e seja direto comigo. O que está acontecendo? Sua cabeça não está nesta guerra. Porra, não tenho mais certeza se sua cabeça está aparafusada em seu pescoço.

A chama do meu Zippo atravessa a escuridão. Acendo um cigarro e encosto a cabeça na porta da igreja. Ele tem razão. Estaria mentindo se dissesse que essa guerra passou pela minha cabeça pelo menos uma vez na última semana. — Estive ocupado.

Angelo solta uma risada sardônica. — Matou o outro O'Hare?

— Sim.

— Como?

Enquanto levo o cigarro aos lábios, olho por cima dos nós dos dedos machucados. — Dolorosamente.

— Cristo, Rafe. O que aconteceu com você?

Algo além da cereja brilhante chama minha atenção. Inclino meu queixo para olhar para o meu carro. Penny está acordada agora, o rosto iluminado pela luz da tela do celular. A pirralha está tomando um refrigerante. *Meu* refrigerante. Um sorriso surge em meus lábios, mas o reprimo. *Ela* aconteceu comigo.

Sopro a fumaça contra o céu noturno e dou ao meu irmão uma resposta menos complicada. — Coisas ruins aconteceram, irmão.

— Então, faça um plano e conserte-as.

Meu olhar desliza para ele. — O quê?

— É isso que faz nesta família, faz planos para consertar as coisas. Quando a última namorada de Tor teve uma overdose no banheiro do *Visconti Grand*, você a levou de volta

ao seu apartamento e escreveu seu bilhete de suicídio. Quando Benny foi feito refém pelos turcos por causa daquelas espingardas duvidosas que vendeu, você voou para Istambul e negociou sua libertação.

— O bastardo ainda não disse obrigado. — Resmungo.

— Inferno, mesmo quando coloquei fogo no Rolls Royce do tio Al, você de alguma forma também me livrou dessa confusão.

Seus passos pesados ecoam enquanto sobe os degraus e se junta a mim encostado nas portas. Passo o cigarro para ele, que dá uma longa tragada. Ele tem razão; eu conserto as coisas, mas aquele fogo habitual que queima em minhas veias quando as coisas dão errado foi substituído por um rio de aceitação, frio e letárgico. O destino venceu e o fundo do poço parece sólido sob meus *wingtips*. Assim como o destino prometeu me dar todo o sucesso do mundo, também me deu minha carta da perdição. A Rainha de Copas me deixou de joelhos, e não consigo me importar.

Talvez seja porque quando estou de joelhos, ela senta na minha língua.

— Nem me lembro de você ser supersticioso quando criança.

A observação de Angelo aperta minha garganta, varrendo todos os pensamentos sobre a boceta de Penny. — E não sou supersticioso agora.

Ele ri. — Acha que não vejo isso? Como evita escadas toda vez que verificamos os esforços de reconstrução no porto? Como joga sal por cima do ombro toda vez que o convido para minha mesa de jantar? — Ele me passa o cigarro. — Posso ter o temperamento do nosso pai, mas você tem as crenças da Mama.

Aperto meus molares, depois escureço meus pulmões com fumaça. — Só vê metade da merda — murmuro. — Se estivesse acontecendo com você, também acreditaria em má sorte.

Com o canto do olho, vejo-o acenar com a cabeça. — Acredito em má sorte, irmão, mas também acredito no que a Mama costumava dizer.

Eu me viro para ele. — O bem sempre anula o mal?

Ele sorri tristemente. — Nah, o outro. Coisas ruins não duram para sempre.

Esmagando o cigarro sob o sapato, ele segue meu olhar até meu carro. Para Penny, que chama minha atenção pelo para-brisa. Ela para, como um veado pego em faróis, então com um sorriso de comedor de merda toma um gole extra longo do meu refrigerante.

Algo doce e doentio floresce em meu peito. Ela pode tomar minha bebida. Foda-se, pode ter tudo. Não há nada que eu não daria a ela, e esse é o problema.

A realização me apunhala no estômago e gira no sentido horário. Angelo esteve certo muitas vezes esta noite para o

meu gosto, mas também está certo sobre isso.

Coisas ruins não duram para sempre. Não podem. Não é o meu jogo com a Rainha de Copas. Não é uma relação de inimigos com benefícios - especialmente não entre uma garota que acredita que o amor é uma armadilha e um homem que escolheu o Rei de Ouros.

Isso não durará para sempre. E depois?

Terei que me levantar das cinzas e começar de novo.

09

Penny

A inquietação me assombra como um comichão que não consigo coçar. Uma doença que não posso curar.

Suspirando, deixo cair minha testa contra uma vigia e observo as gotas de chuva enquanto correm para o fundo do vidro. É esta a sensação de ser uma tola em luxúria? É *enlouquecedor.*

Meu corpo vibra com uma eletricidade excitada, como se estivesse sempre conectada à tomada. Minha mente continua encontrando novas coisas relacionadas a Rafe para ficar obcecada. Enquanto espero essa estúpida lasanha assar, é seu aperto possessivo em meus quadris quando entrou em mim uma hora atrás. Antes disso, era como me lambia do clitóris ao mamilo em um movimento desesperado de sua língua.

Estremecendo, vou até o forno e abro a porta para verificar minha criação novamente. Cozinhar não é o que planejei fazer na minha tarde, e não porque seja uma merda nisso. Não, deveria ir comprar roupas com Rory para a festa de Natal dos funcionários, mas o tempo está muito ruim para dirigir a lancha.

Vergonha. Precisava daquela ida às compras como preciso de ar. Como se encher meus pulmões com algo diferente

desse homem fizesse o mundo parar de girar. Jogando a luva de forno no balcão, outro pensamento mais racional vem à mente. Talvez esteja tão tonta porque o peso de Martin O'Hare era maior do que imaginava. É claro, olharei para o homem que tirou esse fardo de mim através de lentes cor-de-rosa.

Dentro de nossa bolha revestida de mogno, caímos em uma espécie de rotina. Fodemos a manhã toda, depois Rafe cozinha ovos e torradas enquanto faz ligações italianas furiosas. As tardes são preguiçosas e cheias de luxúria, um borrão de leitura de livros *Para Dummies* e jogos intermináveis, onde o perdedor sucumbe à misericórdia do outro. As noites são passadas no continente, no calor do carro de Rafe. Fazendo negócios enquanto eu adormeço com o zumbido baixo do aquecedor, cheio de hambúrgueres e deliciosamente dolorida.

Levanto-me na ponta dos pés para pegar dois pratos do armário, e quando o interior do moletom de Rafe roça meus mamilos nus, formigam com a fricção. Sem fôlego, caio sobre os pés e me inclino contra o balcão, tentando deixar o calor passar sem que eu faça algo estúpido, como pisar em seu escritório e exigir que coloque a boca em mim novamente.

Foda-se, não sei sobre o amor, mas a luxúria *queima.* Toda essa porra é uma droga de entrada e agora preciso de algo mais, algo mais potente.

Um beijo. Não o suficiente para pagá-lo um milhão de dólares que não tenho, é claro, mas mesmo assim. Seria bom.

Enquanto sirvo a comida, meu celular vibra no balcão com uma mensagem de texto.

Rafe: Banheira de hidromassagem.

Jesus, para um falador tão bom pessoalmente, com certeza é atrofiado com o texto, mas decido não enviar uma mensagem atrevida de volta, porque ele se trancou em seu escritório na última hora, e estou feliz por ter terminado de trabalhar. Pego os pratos e cambaleio pelo iate, tentando me manter de pé conforme a tempestade balança os corredores.

Quando chuto a porta aberta para o convés do céu, meu coração dá uma guinada com a visão. Atrás de um fino véu de vapor e na frente da tempestade furiosa, Rafe se esparrama na banheira de hidromassagem, uma visão de tinta e músculos. A sua envergadura é ridícula. Seus braços se estendem ao longo do encosto e, fora do alcance de sua mão machucada, está um copo de vodca. Olho para ele, então para o charuto preso entre os dentes.

— O que estamos comemorando?

— Eu perdendo quatro milhões de dólares em um investimento em cavalos de corrida.

— Isso é minha culpa?

— Claro. — Olha para a bainha do moletom. Não estou vestindo nada por baixo, só uma tanga e suas marcas de cinto na minha bunda. — Entre.

A chuva bate no toldo acima de nossas cabeças. O vento assobia pelos ombros largos de Rafe e chicoteia minha pele. — Está congelando!

Sorrindo, dá uma baforada lenta em seu charuto, a cereja brilhando em vermelho como um sinal de alerta. — Vou aquecê-la.

Com um arrepio totalmente não relacionado a estar quase nua em uma tempestade de dezembro, deixo nosso jantar no bar lateral e deslizo o moletom sobre minha cabeça e minha calcinha pelas minhas coxas. O assobio de lobo de Rafe é alegre, mas as más intenções giram em suas íris como lava que se agita lentamente. Sob o peso de sua atenção derretida, entro na banheira de hidromassagem. O calor é como um abraço, aliviando a dor entre minhas coxas e os hematomas na minha pele.

Em uma tentativa de jogar com calma, me acomodo no banco a sua frente, deslizando para baixo para que tudo abaixo dos meus ombros fique submerso na água. — Se serve de consolo, não está perdendo *tudo.* Ganhou todos os jogos de Mario Kart que jogamos.

Ele solta uma risada suave. — Sim, mas você é tão ruim que estou surpreso que tenha permissão para ter uma carteira de motorista na vida real.

Franzo a testa. — Conversa fiada para um homem que é dono de cassinos, mas não consegue entender as regras básicas do *UNO!*

Reprimindo um sorriso, baixa o olhar para minha clavícula. — Não estou me concentrando nas regras, *Queenie*. Venha aqui.

Soltando uma respiração nervosa, nado em sua órbita, parando quando meus joelhos roçam nos dele. Vapor sobe de seu corpo, como se eu tivesse aberto a porta de uma sauna. Resisto ao impulso de passar minhas mãos por seu peito molhado e mergulhá-las na água para ver se meus dedos encontram calção de banho ou não. Em vez disso, deslizo para frente em seu colo e encontro a resposta entre minhas coxas.

Enquanto solto um suspiro estrangulado, ele me estuda com diversão por cima do charuto. Dá uma baforada lenta, então inclina a cabeça para cima para soprar a fumaça sobre a minha cabeça.

— Deixe-me tentar.

Antes que possa protestar, pego dele e coloco na minha boca. Dou uma tragada, como se fosse um cigarro, e imediatamente começo a cuspir com a fumaça seca que enche minha garganta.

Mãos grandes apalpam minhas costas e seu peito vibra contra o meu. — Não engasgue — diz.

Abrindo os olhos, deparo-me com a mesma consideração cheia de humor da primeira vez que me disse isso - no bar, depois que bebi uma dose de uísque de cem dólares. Isso parece uma eternidade agora, e se tivesse me dito então que estaria sentada no megaiate do meu alvo, em sua banheira de

hidromassagem, com seu pau semiduro aninhado entre minhas coxas e seu relógio ainda em meu pulso, teria pensado que estava louco.

— Aqui — diz suavemente, girando-me de lado para que eu fique dobrada na curva de seu braço. Uma mão descansa pesadamente em minha coxa, enquanto a outra desliza o charuto de volta entre meus lábios. Porra, ele me faz sentir tão *pequena.* — Tente de novo, mas desta vez, feche o fundo da garganta. Quer sugar, mas não inalar.

Minha tosse é menos violenta desta vez, mas sua risada ainda ressoa contra meu ombro. Pego sua vodca e lavo o gosto de tabaco. — Ainda sombrio.

— *Mm* — diz, passando a mão na minha coxa e sobre o meu estômago. — Fica melhor com uísque.

Encaro o copo na minha mão, tremendo com um súbito ataque de energia nervosa. — Droga, ainda bebendo vodca? — Meus olhos rastejam até os dele. — Você deve realmente querer me beijar.

Passam-se segundos quentes e pesados. Meu coração para quando olha para os meus lábios, mas o olhar acaba tão rápido quanto chegou. Põe o charuto no cinzeiro e volta a atenção para os pratos ao lado e muda de assunto.

— E o que é isso?

Dou ao nosso jantar um olhar descuidado. — Gororoba.

Ele sorri. — Por favor, me diga que não tentou cozinhar uma lasanha para um italiano de sangue quente?

No entanto, mal estou ouvindo. Minha mente ainda presa na ideia de beijá-lo e, de repente, não consigo me concentrar em mais nada. Foda-se isso. A arte da persuasão me rendeu relógios de seis dígitos e carteiras abarrotadas, e não consigo persuadir este homem a cometer o modesto ato de colocar seus lábios nos meus?

Hora de aumentar a pressão. Envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço, me viro para ficar sobre ele. Seus olhos se estreitam em suspeita, mas quando me inclino para trás apenas o suficiente para que meus seios saiam da água, sua expressão se transforma em algo mais flexível.

— Beijo melhor do que cozinho. — Sussurro, rolando meus quadris para que minha boceta deslize sobre o comprimento de seu pau.

Minha pele dança enquanto apalpa minhas coxas e agarra minhas nádegas. — Sim?

Eu me inclino, trazendo meu rosto tão perto do dele que nossos lábios estão separados por um fio de cabelo. — Sim.

Quando ele diminui ainda mais a distância, minha respiração fica superficial. Meus ouvidos rugem com uma mistura de chuva pesada e meu batimento cardíaco acelerado. *Ele realmente fará isso.*

Seus lábios roçam os meus. — Prove.

Respiramos o ar um do outro por um momento, as faíscas de “*e se”* e “*talvez sim”* dançando entre nós. Estou zumbindo

de antecipação, mas finjo indiferença o suficiente para dizer — Tudo bem.

Ele se inclina para o lado, abrindo os braços como a porra de um rei. Lá está aquele sorriso satisfeito de novo, aquele com o qual me acostumei na última semana. Vejo isso toda vez que meu avatar da *Princesa Peach*[4] sai da corrida. — Está bem.

Deixando escapar um suspiro trêmulo, sigo sua retirada, empurrando entre suas coxas. Deslizo meus dedos em sua nuca. A última coisa que vejo antes de minha boca se mover para a dele é o escurecimento de seu olhar. Antes de nossos lábios se tocarem, desvio do curso e dou um beijo suave em sua covinha. Por causa de suas próprias táticas desprezíveis, conheço muito bem um beijo em qualquer lugar, mas os lábios não contam.

Seu estômago tensiona contra o meu, então libera com uma risada sardônica. — Você é a porra de uma provocadora, sabia disso?

Em vez de responder, volto minha atenção para sua garganta. Puxando seu cabelo curto apenas o suficiente para puxar sua cabeça para trás, beijo seu pulso como quero beijar seus lábios. Lentamente, *descuidadamente.* Uma lambida suave com a minha língua e uma forte sucção com a minha boca. Enquanto seu silvo quente passa pela concha da minha orelha, faço um barulho de pornografia, um que não tenho certeza se é apenas para teatro.

Seu pênis se agita entre minhas coxas, e o pensamento de ele ficando duro com um truque de colegial me deixa bêbada com um coquetel de luxúria e poder. Eu me afasto para provocá-lo sobre isso, mas sua mão dispara e agarra meu pescoço. Ele me observa em silêncio, uma tensão em sua mandíbula e um fogo em seus olhos. Quando fala, seu tom é calmo. — Está fodida, *Queenie*.

Merda.

Persegue-me até o outro lado da banheira, agarrando meu tornozelo e me puxando de volta para a água quando tento escapar pela lateral. Ele me prende contra o banco com seu corpo duro. Quando faço uma tentativa patética de empurrá-lo, agarra ambos os meus pulsos, segura-os acima da minha cabeça e pressiona o nariz contra o meu.

Apesar do frio que desce pelos meus braços e seios, estou toda quente. Lançando-me um olhar de puro veneno, a cabeça de Rafe mergulha entre seus ombros e sua boca se fecha em meu seio, chupando-o com raiva antes de raspar os dentes sobre meu mamilo. Todas as terminações nervosas da minha boceta se inflamam, desesperadas por *mais.*

Empurro meus seios contra seu rosto em um apelo silencioso, recebendo seu gemido de aprovação. Seu aperto aumenta em meus pulsos, e quando jogo minha cabeça para trás, a visão de seus músculos e tendões flexionando em seus antebraços enquanto me restringe me deixa *louca.* Antes que possa pensar sobre isso, envolvo minhas pernas em volta de

sua cintura, lambo todo o comprimento de seu bíceps e afundo meus dentes em seu músculo.

— Foda-se — sussurra, deixando meus braços caírem. — Acabou de me *morder?*

Olho para ele séria. — Sabe o que dizem. Coma o rico.

Ele me encara incrédulo por um instante, então seus olhos brilham violentamente. Suas mãos agarram meus quadris. — É isso, Queenie. Vire-se.

Meu corpo reage antes que meu cérebro consiga. Antes que meu cérebro saiba o que diabos estou fazendo, quanto mais *por quê.* Aperto minhas coxas ao redor de sua cintura, mas quando ele me torce com mais força, escorrego dele. A única maneira de me impedir de virar é levantar meu pé e bater em seu peito. Minha bunda desliza para fora do assento e minha cabeça afunda na água.

As mãos de Rafe deslizam sob minhas axilas e me colocam de volta no lugar. Sua expressão divertida se transforma em compreensão quando encontra meus olhos. — Vire-se, Penny — diz em voz baixa.

Quando não respondo, ele tenta me torcer novamente. Coloquei meu pé de volta em seu peito. Seu olhar desliza para baixo, depois volta para mim. — Não — sussurro.

Minha voz é calma, mas a insinuação grita. Não quero que me foda como as outras. Na verdade, o próprio pensamento me faz querer incendiar o mundo. No mínimo, caçar aquelas

outras garotas e fazer coisas com elas que me coloquem na prisão.

A cada segundo silencioso que passa, a vulnerabilidade sai de mim em ondas. O fogo entre minhas coxas ferve até um calor morno. Estou prestes a chutá-lo e fazer um comentário desagradável para proteger meu ego quando empurra meu pé e fecha a distância entre nós. Com um aperto áspero em meu pulso, ele me puxa para fora do assento e toma meu lugar, depois me puxa para seu colo, por isso estou montando-o.

Minha alta é instável e impossível de esconder. Deixo escapar um suspiro irregular e engulo a secura na minha garganta. Enquanto a mão de Rafe mergulha na água e gentilmente abre minhas coxas, olha para mim com um ar preguiçoso.

— É isso que quer, *Queenie*? — Pergunta, tão baixinho que mal posso ouvi-lo por causa da tempestade. Segura meu queixo, passando o polegar sobre minha bochecha conforme estuda minha reação. — Para eu fodê-la assim?

Meu estômago revira. Sinto como se estivesse na beira de um penhasco, convidando esse homem a me empurrar. Eu me protejo recuando da borda. Deixando cair minha mão entre suas coxas e envolvendo-a em seu comprimento, digo — Ser fodida por trás está ficando um pouco velho, não acha?

A parte inferior de seu estômago tensiona contra meus dedos. Por um breve momento, seus olhos escurecem de irritação, mas esfriam até a indiferença quando solta meu queixo. Inclina os cotovelos para o lado, como se estivesse se

preparando para uma *lap dance*. — Mostre-me o que tem então — diz em um tom entediado.

Sua apatia repentina dói, mas, a longo prazo, sei que é melhor do que qualquer coisa mais calorosa. Qualquer coisa que seja mais difícil de esquecer quando tudo isso acabar.

Com uma vibração no estômago, percebo que não tenho ideia do que estou fazendo. Nunca estive por cima e, à luz fria do dia, não posso enterrar minha inexperiência em um travesseiro. Engulo meus nervos e levanto minha bunda apenas o suficiente para esmagar sua ereção. Porra. É tão duro, tão *suave, que* a sensação se espalha do meu clitóris pelas minhas veias. Ele joga a cabeça para trás contra o lado, me observando através de um olhar letárgico e semicerrado conforme rolo meus quadris contra ele. Fico mais ligada, mais sensível, mais desesperada por fricção.

Ele sibila quando mergulho minha mão na água e o agarro pela base. Sussurra um — *foda-se* — *apertado* quando sua ponta empurra dentro de mim, mas cada centímetro que tomo arde um pouco mais, a dor se expandindo em meu estômago e abalando minha confiança.

Porra. Está muito mais profundo nesta posição, e não acho que aguento. Meus olhos estão lacrimejando quando estou na metade do caminho. Ele considera minhas unhas cravadas em seu ombro e seu olhar se suaviza. — Nunca fez isso antes.

É uma afirmação, não uma pergunta, mas ainda tensiono com o desejo de desviá-la. Antes que possa, coloca as mãos

nos meus quadris e lentamente me puxa para baixo sobre ele. — Relaxe — murmura, acariciando meu pescoço. — Deixe-me entrar em você, *Queenie*.

Eu riria se pensasse que não sairia amargo. A verdade é que esse homem já está tão dentro de mim que não sei como vou tirá-lo de lá. Envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, inclinando minha cabeça para o horizonte devastado pela tempestade, conforme gira meus quadris em movimentos lentos e cautelosos. A dor se transforma em um calor delicioso, a fricção molhada contra minha boceta deixando meus músculos fracos.

Agora ajustada, começo a mover meus quadris sozinha, perseguindo meu próprio prazer. O gemido de Rafe ressoa contra minha garganta. Suas mãos se movem para as minhas costas e passa seus dedos grossos pela minha espinha, parando para passar o polegar sobre o coração na parte inferior das minhas costas.

— Essa porra de tatuagem — sussurra, roçando seus dentes contra minha clavícula e beijando um caminho para baixo em meus seios. — O que eu pagaria a Tayce para tatuá-la permanentemente.

Há uma resposta sarcástica sobre meu próximo inimigo com benefícios provavelmente não estar feliz com isso em algum lugar no fundo da minha mente, mas não se concretiza. Em vez disso, enfio meus dedos na parte de trás de seu cabelo e puxo seu rosto para o meu peito. A minha

tatuagem. *Nós.* Não quero pensar em coisas temporárias agora.

Acelero o passo, tentando foder a realidade. Rafe se adapta ao meu ritmo, assumindo o controle agarrando meu pescoço e me fodendo com *força.* O raspar de seus dentes contra meus mamilos. Seu peito deslizando contra o meu. É tão gostoso, grande e *intenso.* Cada estocada parece uma fogueira; quero continuar cutucando até explodir em chamas.

Seus lábios pressionam contra o espaço atrás do meu cabelo. — Quer saber um segredo? — Só posso acenar com a cabeça em resposta. — Também nunca fiz isso.

Sua confissão desliza pela minha espinha e me sufoca. Puxo sua cabeça para trás e coloco minha testa na dele. Nossas bocas estão tão próximas que posso provar sua última tragada em seu charuto. — Sério?

Encontrando meu olhar, ele diminui seus impulsos. O menor resquício de mal-estar estraga suas feições. — Sim — murmura de volta. — Acho que não consigo parar de quebrar as regras por você.

Minha pele dança em êxtase. A ideia de que isso é novo para ele também envia uma satisfação presunçosa através de meus ossos. Sentindo uma estranha necessidade de recompensá-lo por sua honestidade, me empurro para baixo sobre ele e me seguro lá. Seus olhos se fecham e quando os abre novamente, estão cheios de uma nova violência. Com um grunhido, ele me carrega para o outro lado da banheira, batendo minhas costas contra o lado.

Suas estocadas são afiadas e implacáveis. Seu aperto na minha garganta é inevitável. Ele se apoia com a mão na minha cabeça e cerra os dentes. — Não a suporto, baby. Olha o que faz comigo. — Seu próximo impulso parece um castigo. — Você me transforma em um maldito animal.

Quando seus olhos caem para os meus lábios, sorrio. — Lá vai você, parecendo querer me beijar de novo.

Ele solta uma risada. — Não. Só imaginando como ficariam ao redor do meu pau.

Atordoada, tento torcer meu rosto de seu aperto, mas só aperta minha mandíbula. Nunca fiz *isso* antes, e o pensamento de ser uma merda para ele me faz estremecer. Está claramente escrito em todo o meu rosto, porque seus olhos se estreitam e seus quadris diminuem. — Você também não fez isso?

— Estou guardando boquetes para o casamento. — Deixo escapar.

Seus olhos brilham em preto, e bate em mim um pouco mais forte. — Mentirosa. Você não acredita em casamento.

— Verdade — expiro, levantando meus joelhos para que possa ir ainda mais fundo. Faíscas brancas voam atrás dos meus olhos. Estou *tão perto.* — O casamento é um jogo perdido, baby.

Sua risada sombria desliza sobre meus lábios. — Sim? O que perderia?

— Minha liberdade. Minha dignidade. Meu *orgulho.*

Ele balança a cabeça novamente, sorrindo em descrença. Olhando para minhas unhas cravadas em seu bíceps, deixa cair a mão no meu clitóris, esfregando em pequenos círculos provocantes. Meus dedos dos pés se enrolam, e se não fosse por seu aperto de ferro em meu rosto, inclinaria minha cabeça para trás e choraria aos céus.

Em vez disso, só posso olhar nos seus olhos enquanto me separa pelas costuras. Seu olhar é diferente agora, algo pensativo amortecendo a luxúria. — E o que eu perderia?

Engulo. — Se… nos casássemos?

Cristo, mesmo em uma situação hipotética, essas palavras têm um gosto estranho na minha boca. Ele desliza para dentro de mim, mas para e se mantém lá. Para de provocar meu clitóris. Ainda e em silêncio, acena com a cabeça.

Expiro trêmula. — Perderia metade de sua merda quando tirá-la de você no divórcio.

Ele me encara por um momento, antes de soltar uma risada de descrença. — De repente me lembrei por que prefiro sua cabeça enterrada em um travesseiro quando transamos — sibila — fala demais.

Sua mão se move do meu queixo para a minha boca, abafando meus gemidos com a palma da mão. Luto contra sua contenção, apenas porque ele me observa com fascínio quando o faço. A luxúria não adulterada em sua expressão e o peso quente e pesado dele contra mim me levam ao limite. Meu orgasmo é agressivo e trêmulo, passando por mim como

um furacão que não se importa com a destruição que deixa em seu rastro.

Quando flutuo para baixo, meus sentidos se aguçam o suficiente para perceber que ele está completamente imóvel. Minha próxima respiração molha a palma da mão. Ele a remove e passa um dedo pelo meu lábio inferior, seus olhos acompanhando o movimento. Quando me olha de volta, sua expressão é sombria. Algo sobre isso aperta meu peito. Não ouso respirar, muito menos contar uma piada.

Assim que a tensão começa a queimar, empurra para dentro de mim novamente, lento e abrasador. Cai em um ritmo, mas não acelera. Nem quando inclino meus quadris, nem quando aperto minhas coxas em volta de sua cintura. Ele me fode lentamente. Constantemente. E enquanto seus dedos deslizam suavemente pelo meu lado, uma percepção terrível se instala em meu peito: não estamos fodendo. Há outro nome para o que isso é, e não nos pertence. É permanente para o nosso temporário; sério para o nosso casual.

No momento em que seu estômago tensiona contra o meu e me enche com seu calor, estou mordendo a emoção em minha garganta. E quando sua respiração volta ao normal, a percepção também parece atingi-lo. Ele olha para a tempestade. Passa a mão pela nuca. Afasta-se e, apesar de me sentir mal, estendo a mão e agarro seu pulso antes que desapareça completamente, porque de alguma forma isso parece pior.

Seu olhar hesita no relógio em meu pulso, depois sobe pelo meu braço e pousa no meu rosto.

Engulo. — Aposto cem dólares que ganho de você no Mario Kart.

Escutamos o martelar da chuva. Finalmente, acena com a cabeça. — Faça duzentos e tem um acordo.

Observo suas costas tatuadas flexionarem quando pula para fora da banheira de hidromassagem e me pega uma toalha do lado.

Ambos sabemos que não ganharei, mas prefiro perder aquele jogo do que este.

10

Rafe

Luzes cintilantes pulsam na árvore de Natal; meias balançam acima da lareira crepitante. O perfume de todas as velas de canela e cravo paira sobre a mesa em uma névoa festiva.

A sala de jantar do meu irmão foi transformada em um maldito cartão de felicitações.

— Tudo bem, tenho uma aposta para você — Nico murmura, puxando a cadeira ao meu lado.

— Sou todo ouvidos.

— Dez mil que Angelo se veste de Papai Noel no dia de Natal.

Sorrindo para a palma da minha mão, olho para a cabeceira da mesa e considero isso. Angelo se apoia nos nós dos dedos, resmungando em italiano furioso para Gabe, que parece preferir estar em qualquer lugar que não seja uma reunião da família Visconti.

É mais provável que meu irmão queime uma roupa de Papai Noel do que a use, e estou prestes a dizer isso a Nico quando Rory entra pela porta com uma bandeja de biscoitos. Os olhos de Angelo a seguem, seu rosto se suavizando.

Quando deixa a bandeja na mesa, ele se inclina e a beija na testa.

— Estão lindos, *Magpie* — diz. — Está ficando boa nisso.

Dou uma olhada nos biscoitos. Estão tão queimados que parecem ter sido resgatados de um incêndio em uma casa, mas é então que percebo; ele faria qualquer coisa por ela. Se Rory lhe pedisse para usar uma fantasia de Papai Noel, ele usaria. Eu costumava pensar que ele tinha se tornado um simplório, mas porra, estou começando a entender esse sentimento agora.

Engolindo o mal-estar na minha garganta, volto-me para Nico com um plano. — Vinte diz que ele usará uma roupa de elfo.

Ele bufa em seu uísque. — Todo mundo está dizendo que perdeu o rumo, e estou começando a achar que estão certos. É verdade que é um homem de vodca ultimamente?

Ignoro sua pergunta e concordamos. Então Angelo bate na mesa e chama a atenção de todos.

— No espírito do Natal, darei a todos um passe livre — diz em voz baixa. — Faça suas piadas de merda sobre a decoração de Natal agora, ou cale-se para sempre.

O silêncio cobre a sala, então Benny pigarreia. — Parece que o Papai Noel desceu pela chaminé e passou mal.

Todos riem.

— Posso ver sua casa de *Hollow*. Aposto que também pode vê-lo do espaço. — Nico sorri.

Cas se inclina para trás, girando seu uísque. — Estão sendo muito duros. Gosto disso. Isso me lembra a Oficina do Papai Noel. — Faz uma pausa. — No shopping outlet *Devil's Dip*.

Até Angelo ri disso, balançando a cabeça.

— Tudo bem, tudo bem, tenho mais uma. — Benny pega um floco de neve de plástico do caminho de mesa. — É corajoso tendo toda essa merda inflamável espalhada quando sua esposa começa um incêndio toda vez que liga o forno.

O sorriso desaparece do rosto do meu irmão. Cas se mexe em seu assento. Gabe me lança um olhar de diversão preguiçosa.

— Ah foda-se — Benny sussurra, sentindo a mudança de humor. — Não tenho mais dedos para quebrar.

Com um movimento do pulso, Angelo desliza a bandeja de biscoitos pela mesa. — Quer fazer piadas sobre a comida da minha esposa, vai comer cada uma.

Benny os encara incrédulo. — Tudo bem, prefiro quebrar meus dedos do que meus dentes.

Angelo o ignora e afunda em sua cadeira. — Certo, chega de merda. Precisamos falar sobre *Cove.* Já que Tor desapareceu da face da porra do planeta, *Cove* ficará totalmente aberta quando tirarmos Dante de cena. — Passa a mão na frente de sua gola *rulê* e volta sua atenção para mim. — Meus irmãos e eu decidimos que lhe daremos até o Ano

Novo para fazer uma aparição antes de implementarmos um plano e assumirmos o controle de *Cove*.

Humor amargo me preenche. *Decidimos* faz parecer que tivemos uma discussão civilizada, quando, na verdade, gritamos em italiano furioso um para o outro em seu escritório por vinte minutos. Ele queria assumir imediatamente, enquanto eu queria dar ao meu melhor amigo o benefício da dúvida e esperar algumas semanas.

Ele jogou um globo de neve na minha cabeça, eu o arremessei de volta com uma pontaria melhor e combinamos em 1º de janeiro.

Meu celular vibra na mesa e, quando olho para a tela e vejo que é uma mensagem de Penny, a conversa ao redor da mesa se transforma em um ruído de fundo. Pego-o, abro a mensagem e imediatamente desejo não ter feito isso. Ela enviou uma foto sua na frente de um espelho, completamente nua. Deixando escapar um assobio lento, me inclino para trás na cadeira e dou zoom em cada parte perfeita dela.

Cristo, não pode ser real. Quase desejo que ela não fosse, agora que quebrei mais uma regra e a fodi cara a cara. Normalmente, só faço cachorrinho porque odeio olhar nos olhos de uma mulher e ver meu sobrenome brilhar em luzes atrás deles quando gozam. É decepcionante, mas com Penny, isso nunca seria o caso. Não, sabia que se olhasse em seus olhos enquanto se desfaz, não seria capaz de desviar o olhar, também não seria capaz de esquecê-los. Sei que quando ela terminar comigo e eu for deixado nas cinzas de seu fogo,

estarei olhando para a cabeceira de outra mulher e vendo aqueles malditos olhos nela.

Outro texto chega.

Penny: Ops, enviei para o número errado. Desculpe.

Embora saiba que ela está brincando, o pensamento de outro homem vendo aquele corpo faz uma onda de violência passar por mim. Eu o mataria sem pensar duas vezes, e definitivamente não com minha arma.

Meu humor escurece quanto mais pondero sobre isso. Em seguida, pisca como meia-noite quando me lembro de suas palavras na banheira de hidromassagem na noite passada. *Estou guardando boquetes para o casamento.* Se ela tentava me irritar enquanto eu estava profundamente dentro dela, funcionou.

Estou perturbado. Apesar de saber que isso é temporário, *tem* que ser temporário, sei que daria a essa garota o mundo em uma bandeja de prata, se apenas dissesse *por favor* como faz agora quando quer gozar.

O irônico é que ela não quer o mundo. Nem quer que eu seja mole com ela. Matei por ela, quebrei minhas regras por ela. Porra, arruinei minhas mãos por ela. No entanto, conforme estou enlouquecendo pensando em maneiras de marcá-la por mais tempo do que aquela tatuagem temporária dura, ela está falando sobre o futuro com o mesmo tipo de indiferença de quem fala sobre o tempo. Além disso, está

folheando os livros *Para Dummies* que lhe comprei, procurando algo, *qualquer coisa,* para fazer além de ficar no meu iate e me foder.

Passando minha língua sobre meus dentes, dou zoom em sua boceta novamente, e toda a minha raiva se transforma em um calor líquido e desliza para o sul. Ajusto minhas calças e digito uma resposta.

Eu: Realmente quer que eu a foda com força esta noite, hein?

A sua resposta é rápida e irritante: a porra de um *emoji* de *bocejo.*

Eu: Esses lábios são meus, Penny.

Jogo meu celular na mesa em definitivo. Decidi parar de perguntar a quem pertence sua boceta e apenas lhe dizer até que acredite.

Meu celular vibra e imediatamente o pego de volta.

Penny: Qual deles?

Paro.

Eu: Não os do seu rosto.

Eu: São muito caros.

Penny: Pode me pagar em prestações em um período de seis meses com uma TAEG[5] de 5,8%. Que tal isso sugar daddy?

Rio alto. Quando a deixei algumas horas atrás, estava na biblioteca lendo *Investimentos para Dummies* e, claramente, absorveu alguma coisa. Minha pele se arrepia com a percepção repentina: a sala ficou em silêncio e todos os olhos estão em mim. Limpando meu sorriso, olho para Angelo fervendo na cabeceira da mesa.

— Griffin e suas piadas toc-toc — digo secamente, colocando meu celular no bolso da jaqueta. — Pegam-me toda vez.

A mandíbula de Angelo aperta. — Estava ouvindo alguma coisa que acabei de dizer?

Não. — Claro.

— E o que acha que devemos fazer sobre isso?

Paro. — Ogiva de foguete.

Cas ri em seu uísque, e até os lábios de Gabe se inclinam.

— *Cazzo,* se não estivesse fazendo sexo, saberia que estamos falando sobre o Visconti Grand — diz Angelo, tenso. — Pensei que você, de todas as pessoas, estaria interessado

no que acontece com isso, considerando que o cassino sozinho gasta mais de oitocentos milhões de dólares por ano.

— *Uhum*. Não se eu colocasse minhas mãos nele.

Com a minha sorte atual, haveria cobradores de dívidas batendo na porta depois de um mês. Sorrio com a ironia disso. Sou o grande Raphael Visconti, o rei dos cassinos. Tudo que toco costumava virar ouro. Agora, apenas enferruja sob meus dedos.

Entediado com o olhar de meu irmão e ansioso para voltar a alcançar a distância da bunda de Penny, me levanto e bato meu anel contra a mesa.

— Esta reunião poderia ter sido um e-mail. Alguém me envie os *CliffsNotes.*

Quando passo por Angelo, seu olhar cai para minha mão. — Faça esse plano, irmão — murmura, apenas alto o suficiente para eu ouvir.

Suas palavras apertam minha garganta, mas entro no corredor como se não tivessem. Sou imprudente, não estúpido. A razão pela qual não estou levando o destino de Cove a sério é porque ainda estou agarrado à esperança de que Tor volte. Que simplesmente passou três semanas maluco após o casamento e perdeu a noção do tempo, ou algo assim. Porra. Parece ridículo, mesmo quando só digo isso na minha cabeça.

— Rafe!

Balançando as chaves do carro na minha mão, me viro para Rory descendo as escadas, segurando sacolas de compras. — Aqui, dê isso a Penny.

Considero-as com cautela. — Espero que sejam roupas e não suas sobras de decoração de Natal.

— É muito? — Suspira. — É demais, não é?

Por cima do ombro, um Papai Noel mecânico me acena do pé da escada. É o dobro do seu tamanho e três vezes mais assustador. — Acho muito... divertido.

Seu rosto se ilumina. — Eu também acho! O dia de Natal será uma explosão.

Balanço minha cabeça, sorrindo. Ela nunca esteve em um Natal Visconti antes e mostra. Eu me pergunto se ainda pensará que é uma explosão quando Cas apontar a arma para a cabeça de Benny porque trapaceou no Banco Imobiliário, ou quando Nico estiver passando mal no jardim porque bebeu gemada demais.

— Sabe o que deixará o dia de Natal ainda melhor? Seu marido se vestir de elfo.

Ela zomba. — O quê? Ele nunca... — Seu protesto desaparece quando tiro minha carteira e lhe entrego todo o dinheiro que está dentro. Ela enfia no bolso de trás, sorrindo. — Sabe o quê? Talvez sim. Enfim, aqui. — Enfia as sacolas no meu peito. — Diga a Penny que escolhi algumas peças para ela para a festa dos funcionários amanhã, porque não pôde fazer compras comigo. Diga a ela que o Chanel vermelho fica

fofo com os saltos YSL, mas os saltos também combinam maravilhosamente com Bulgari de duas peças.

Diversão puxa meus lábios. — Pode muito bem estar falando em chinês, irmã, mas passarei a mensagem adiante.

É apenas o início da noite, mas a escuridão já obscurece o céu. Uma névoa baixa paira entre as árvores de Natal na estrada circular, iluminada em vermelho e verde pelo brilho de todas as luzes. Quase escorrego no caminho para o meu carro, graças à porra da neve falsa que cobre os degraus da varanda.

Amaldiçoando Rory e seu entusiasmo festivo, deslizo para o banco do passageiro. Imediatamente, algo que não consigo identificar me faz parar. Aperta minha nuca e aguça meus sentidos. Esse instinto de sobrevivência é o motivo pelo qual os Visconti vivem mais do que a maioria dos homens, e sei que devo confiar nisso. Chave pairando perto da ignição, olho através do para-brisa e nos olhos de Griffin do outro lado dele. Ele e três de meus homens estão em um sedã blindado do lado oposto, prontos para me seguir de volta às docas.

Coloco a chave, mas não a giro. Engulo. Varro a ideia da minha cabeça. Não, se alguém tivesse fodido com meu carro já estaria morto. Griff e meus homens estiveram aqui o tempo todo.

Ainda assim, quando giro a chave, meus ombros tensionam em antecipação. Quando meu carro não explode, solto uma risada seca e saio do terreno, me perguntando quando diabos fiquei tão paranoico. Os O'Hare estão a dois

metros de profundidade, e Dante não conseguiria organizar um carro-bomba, mesmo que houvesse um dos livros *Para Dummies* de Penny sobre ele.

As estradas estão escorregadias, silenciosas e familiares. Poderia fazer essas curvas com os olhos fechados. Concentrando-me no brilho amarelo dos meus faróis na pista, fico mais consciente do interior do carro, onde a imagem de Penny perdura como uma memória de longo prazo. Sua presença preenche o espaço como preenche minha cabeça. Seu perfume cítrico permeou meus assentos de couro Nappa; três de seus livros *Para Dummies* estão empilhados em cima de seu cobertor e travesseiro no meu banco traseiro. Foda-se, seus chinelos fofos estão na área dos pés do passageiro, e suas faixas de cabelo estão sujando meu porta-copos.

Quando pego uma de suas faixas de cabelo e a levo aos meus lábios, meu sorriso cai quando uma percepção abrasadora atravessa meu peito. A garota está fundida a mim – cada maldita parte de mim. Não sei como cortá-la quando chegar a hora. Como posso fazer um plano para o futuro quando não consigo ver além do comprimento do meu pau, especialmente quando Penny está no fim dele?

Com os músculos tensos, alcanço meu celular para me liberar. Tenho o hábito de tocar as suas divagações através dos alto-falantes quando estou sozinho no carro. Nunca deixaria o pensamento deslizar em minha cabeça totalmente formado, mas tenho uma sensação triste de que é porque sua voz enchendo o carro faz parecer que ela está no banco do passageiro, falando merda para mim até que adormeça.

Eu me conecto ao Bluetooth e clico no registro mais recente. Suas ligações diminuíram significativamente na última semana, de meia dúzia por dia para uma ou menos. Não sei se é porque o sinal do celular do barco não é muito bom, ou porque estou por perto a maior parte do tempo. Olhando para o sinal de data/hora na tela do meu celular, percebo que a ligação é de menos de uma hora atrás. Aperto o play e me acomodo.

É patético. No momento em que a sua voz sai dos alto-falantes e toca meus ouvidos, estou sorrindo até os nós dos dedos. Começa resumindo sua manhã - *comi ovos, perdi algumas partidas de Mario Kart e depois fui para a biblioteca ler.* Então passa a reclamar sobre *o treinamento com pesos para Dummies. Não sei por que me incomodei em pegar este,* diz secamente, o *baque* de um livro atingindo uma superfície dura ecoando pela linha. *Meus braços ficam trêmulos escovando meu cabelo. Como pegarei um haltere?*

A diversão me preenche, então murcha nas bordas. Talvez seja o narcisista em mim, mas detesto que ela nunca tenha me mencionado na linha direta. Comeu os ovos que fiz para ela, perdeu alguns jogos para *mim.* Entenderia se não falasse sobre mais ninguém também, mas ela fala. Matt, Rory, Wren, Tayce - todos têm papéis principais em suas ligações.

A irritação está fazendo com que me sinta irracional e quente, então aperto o botão de pausa e apodreço no silêncio. Abro a janela, esperando que o vento gelado traga meus sentidos de volta. Porque mesmo quando ela me irrita, ainda quero agradá-la, aciono minha seta, entro na *Main Street* e

paro do lado de fora da lanchonete. Uma olhada no espelho retrovisor confirma que Griffin também. Coloquei o carro no estacionamento. Desligo o motor. E então há aquela mão na minha nuca de novo, só que desta vez aperta com mais força.

Todo *made man* espera a morte, então por que em cada funeral os vivos resmungam que nunca a previram? Acho que ninguém gosta de acreditar que virá para um deles nos momentos mais mundanos, como em uma tarde de dia de semana do lado de fora de uma lanchonete que vende hambúrgueres dois por um.

Eu também não veria isso acontecer, se o instinto não tivesse virado minha cabeça para a direita, para o carro com a janela fumê aberta apenas o suficiente para eu ver a arma apontada para minha têmpora. Não tenho tempo para fazer nada além de rir e me perguntar como está o tempo no inferno hoje. O rugido é ensurdecedor; o *pop* é familiar, mas então não é minha janela que quebra, não é minha cabeça que explode.

O vidro fumê se estilhaça, revelando o corpo sem vida no banco do motorista. Além dele, um capacete de motociclista com visor refletivo é emoldurado pela janela do lado do passageiro. Desaparece de vista e, em seguida, quatro *estalos* ressoam atrás de mim.

A confusão diminui a adrenalina em minhas veias. O *rap-tap-tap* abafado de uma mão enluvada batendo na janela do passageiro chama minha atenção. Desço o vidro e a cabeça com capacete mergulha no meu carro.

A viseira levanta, revelando olhos verdes e uma cicatriz feia.

— Agora que salvei sua vida, ainda preciso comprar um presente de Natal?

11

Rafe

A sala de charuto está escura, e a morte paira no ar como um mau cheiro. Se fosse meu outro irmão sentado à minha frente, exigiria que eu acendesse a luz e abrisse uma janela, mas Gabe está contente nas sombras, relaxado em uma poltrona e fumando um charuto.

— Como sabia que Blake era sobrinho de Griffin?

A ponta de seu charuto brilha em vermelho. — Como não sabia disso?

Soltando uma risada seca, passo a mão pela garganta, sentindo-a tremer em meu pulso. A pergunta do meu irmão atormenta a única coisa que trouxe para esta família: bom senso.

Os gritos de Griffin quando machuquei meus dedos na mandíbula de Blake. Sua frieza nos dias que se seguiram. Deveria ter visto os sinais e cavado mais fundo. Em vez disso, abafei-os com o peso das coxas de Penny. Afoguei-os com sua risada alta demais. Não conseguia vê-los além da tatuagem em forma de coração nas costas da garota, mesmo que tentasse.

Sob o olhar crítico de Gabe, coloco vodca em um copo e bebo em um gole.

— Sabia que algo não estava certo depois que você matou Blake e fiquei para trás para limpar a bagunça. Griffin estava em todo lugar, tentando me parar enquanto eu arrastava o corpo de Blake para a beira do penhasco. Depois, houve os telefonemas sussurrados em seu carro. — Os olhos de Gabe se voltam para os meus, fumaça de charuto girando a sua frente. — Um dos meus homens fez algumas pesquisas e tropeçou em sua árvore genealógica.

Outra risada me escapa, esta ácida. Acho que o nepotismo é abundante em todas as indústrias, porra. Talvez Blake sendo o sobrinho de Griffin fosse muito parecido com uma novela para eu ligar os pontos, mas com a retrospectiva sendo um pequeno idiota presunçoso, agora posso ver que algo estava errado. Todos os meus homens são ex-militares e, no entanto, esse garoto sempre agiu como se tivesse acabado de ganhar sua primeira arma no Natal e mal pudesse esperar para atirar no quintal.

Ainda assim, confiei em Griff para fazer todas as verificações de antecedentes e treiná-los de acordo com nosso padrão. Porra, confiei naquele homem com a minha vida.

— Tenho seguido você.

Paro. — Tem?

Nossos olhos se chocam e, pela primeira vez, consigo ler a expressão de meu irmão como um livro. Se ele estava me seguindo sem que eu percebesse, qualquer um poderia ter feito isso. Antes que meu copo chegue aos meus lábios novamente, aqueles terríveis traços de Visconti, violência e

impulsão, me agarram e ataco, jogando o copo na parede. Vidro estilhaça. Salpicos líquidos. Gabe olha com indiferença para a bagunça e diz — Pelo menos vodca não mancha.

Ignorando o fato de que meu irmão escolheu hoje de todos os dias para desenvolver um senso de humor, me levanto e ando pela sala, entrelaçando minhas mãos atrás da minha cabeça.

Estou cheio de má sorte há três semanas, mas nada dói tanto quanto ser confrontado com a própria mortalidade. Acho que no grande esquema das coisas, tudo o mais que perdi não importa. Dinheiro, apostas, negócios. É tudo uma merda trivial que pode ser substituída, mas meu batimento cardíaco não.

A voz rouca de Gabe passa sobre meus ombros. — Por mais que odeie admitir, Vicious está certo. Precisa de um plano.

Paro na frente das portas francesas e olho para o oceano. É preto como tinta e brilhante. Meus olhos encontram a lancha da equipe balançando no caminho do luar. Dois dos homens de Gabe jogam um saco para cadáveres no mar; mergulha sob a superfície com um respingo violento. Os próximos dois pedaços são igualmente pesados. Quando um quarto não surge, franzo a testa.

— Onde está o quarto corpo?

— Griffin não está morto, apenas mutilado. — Seus dedos estalam. — Estou guardando-o para mais tarde.

Visões da caverna de Gabe piscam contra a janela. Ranjo os dentes; nem a sádica caixa de ferramentas do meu irmão é castigo suficiente para vagabundo que me traiu.

— Planeje — Gabe pressiona.

Empurro uma mão áspera pelo meu cabelo. Um plano? Não tenho um plano e não sei por que o fiz. Está claro que no segundo em que toquei o Rei de Ouros, o Destino assumiu o planejamento da minha vida para mim. Tudo o que tinha que fazer era seguir os movimentos e evitar a Rainha de Copas. Em vez disso, deixei-a entrar, mesmo que apenas temporariamente, e não posso dizer que me arrependo. A pior parte é que realmente *gostei* da emoção imprudente do fundo, mas agora percebo que não era o fundo. Apenas uma parada para descanso na descida.

Talvez seja a experiência de quase morte que me solte a língua, ou talvez seja porque bebi meia garrafa de vodca, mas descubro que tenho que confiar em meu irmão ou então alguma outra coisa está prestes a ser destruída.

— É a garota — resmungo, olhando para o meu reflexo no vidro. — Ela dá azar. Desde que entrou na minha vida, tudo está em chamas.

O silêncio ecoa. É tão alto que meus ombros se contraem quando o gemido de uma poltrona o interrompe. Há um barulho de metal na madeira, então passos pesados se afastam de mim.

— Então tire-a disso — Gabe diz calmamente.

A porta se fecha atrás dele.

Não quero me virar porque sei o que encontrarei, mas esta noite fui confrontado com todas as verdades. Então, foda-se; o que é mais uma?

O charuto meio fumado de Gabe descansa facilmente em um cinzeiro. Ao seu lado está uma arma, com um silenciador aparafusado na ponta.

* * *

A calma antes da tempestade sempre tem um certo encanto. Lá fora, as águas estão tranquilas, balançando suavemente o barco para dormir. A luz da lua entra por todas as vidraças e reflete nas superfícies cromadas da cozinha.

O relógio digital no forno brilha. Deveria estar apenas de passagem, mas de alguma forma, as horas se passaram e ainda estou aqui, com as palmas das mãos apoiadas no balcão.

Já fumei sete cigarros e não consigo fumar outro.

Pego o copo de uísque e o levo aos lábios. O cheiro amargo sob meu nariz me dá uma pausa, mas depois bebo de uma só vez. O calor esmorece em meu peito até que um vazio se forma ali. Tenho uma sensação terrível de que será permanente.

Nem queria a porra do uísque. Só bebi porque sabia que, uma vez que o fizesse, não poderia voltar atrás.

A faca faz um barulho ameaçador *quando* a arrasto para fora do balcão. É apenas uma faca, qualquer coisa maior seria perceptível, e não posso suportar a ideia de ela estar com medo em seus segundos finais. A arma de Gabe, mesmo com o silenciador, estava fora de questão pelo mesmo motivo.

Bebida demais faz tremer meus joelhos enquanto saio da cozinha e entro em meus aposentos particulares. O aperto em meu peito não tem nada a ver com minha mistura de vodca e uísque e tudo a ver com ela.

O destino me fodeu. Designou a Rainha de Copas como meu cartão de destruição, depois me enviou uma garota que nunca seria capaz de resistir. Não só a deixei entrar na minha vida, como a deixei sob minha pele. Ela rasteja dentro de mim agora, faz merdas estúpidas no meu coração, as merdas sobre as quais as pessoas fazem músicas e filmes, mas não há luz do sol e arco-íris nesta história, apenas perdas e experiências de quase morte.

Não posso ficar com ela e não posso deixá-la ir.

Virando-me para o corredor, vejo o brilho alaranjado vazando por baixo da porta da minha cabine e a inquietação enche meu estômago como cimento. Porra, embora soubesse que estaria acordada, ela ainda só dorme no meu carro, a realidade disso me deixa enjoado.

Só posso esperar que isso seja indolor.

Estou escondendo a faca na parte inferior das costas, mas, ao entrar na sala, é como se eu tivesse me esfaqueado com ela.

Penny está dormindo. Enrolada no meu lado da cama, seu cabelo espalhado sobre meu travesseiro. Sua pele irradia ouro onde a luz da lâmpada a toca. Seu livro *Para Dummies* está aberto na ponta da cama; uma xícara de chá está meio bebida na mesa de cabeceira.

A emoção fecha minha garganta. Porra, não esperava isso. Está na minha cama, minha casa, dormindo. Ela nem consegue dormir na sua cama, mas agora está dormindo na minha. A visão deveria tornar isso mais fácil, mas só me faz querer arrancar a porra do meu coração do meu peito.

Tenho certeza que doeria menos.

Rangendo meus molares, dou um passo à frente. O chão range sob meu pé e Penny acorda de repente. Seu olhar está desfocado, seu cabelo despenteado enquanto se apoia no travesseiro. Quando seus olhos deslizam para os meus, se aguçam.

Ela se levanta. — Fiz algo terrível, por favor, não me odeie.

Meu aperto aumenta no cabo da faca. — O quê? — Sibilo.

As cobertas amassam a seus pés enquanto corre até a cabeceira da cama. — Diga que não me odiará primeiro.

Olho para ela. — Penny — aviso.

Ela suspira, volta sua atenção para meus sapatos e passa os dedos em seu colar da sorte. — Encontrei um código de trapaça em algum site duvidoso de Mario Kart, mas, em vez de ajustar minha pontuação, apenas apagou a sua; todos os seus troféus também. Olha para a minha expressão de pedra.

— Sinto muito, está bem! Sei que disse que não trapacearia mais, mas simplesmente não resisti. Você é sempre tão presunçoso sobre ser melhor nisso do que eu. Só... — faz uma careta. — Isso me dá vontade de mordê-lo.

Encaro-a. Então todas as minhas entranhas se desmoronam como um castelo de cartas.

Porra. Quem estou enganando? Não posso matar a garota, mesmo quando a única outra opção é me matar. Agora, estou olhando em seus grandes olhos azuis e realmente sinto vontade de fazer isso. A culpa me atormenta, me deixando doente e com calor.

Seus olhos procuram os meus, o pânico piscando neles. — Diga algo.

Minha risada sai amarga e tingida com descrença. Maldito Mário Kart. Aniquilei todos os seus grandes problemas, e agora tudo o que lh resta são preocupações suaves e inocentes. De repente, precisando estar perto dela, *dentro dela,* dou um passo até a lâmpada e mergulho o quarto na escuridão. Então deslizo a faca para a gaveta de cima e rastejo para a cama com ela.

— Venha aqui.

Ela tensiona sob meu toque, mas deslizo minhas mãos sob o moletom - mal foi tirado desde que exigi que ela o vestisse - e a puxo para mim, até que cada centímetro de sua pele quente chia através do meu terno. Corro meus dedos por seu cabelo. Cheira a nostalgia e tentação. Está tão imóvel que nem acho que está respirando.

Seus lábios fazem cócegas na minha garganta. — Não me odeia?

Sorrio tristemente em sua coroa. — Claro que odeio; somos inimigos com benefícios, lembra?

Ela faz uma pausa. — Mas não mais do que o normal, certo?

— Não mais do que o normal, *Queenie*.

Seu pequeno suspiro de alívio faz seu corpo derreter no meu. Agora, posso sentir seu batimento cardíaco contra o meu, sentir seus pulmões subindo e descendo sob a palma da minha mão em suas costas. Foda-se, pensar que estava prestes a acabar com essa sua vida.

Antes que a culpa latejando atrás do meu esterno se torne insuportável, ela se contorce e se apoia no cotovelo. Iluminada pelo luar, me olhando.

— Diga-me por que me chama de *Queenie*. — As pontas de seu cabelo roçam meu antebraço. Giro-os em torno do meu punho, puxando sua cabeça para baixo na minha. Minha testa pressiona contra a dela. Estamos tão perto que seus cílios fazem cócegas em minhas bochechas. — Sei que não é porque acha que sou real. — Diz ela.

— Se lhe contar...

— Terá que me matar, sim, sim — resmunga, mostrando a língua e lambendo meu nariz.

Escolho limpar meu nariz molhado sobre o dela em vez de responder. Não diria que teria que matá-la; isso seria um

pouco irônico, considerando todas as coisas. Não. Sei que se eu dissesse que é minha Rainha de Copas, ela iria querer ir embora.

Empurro seu cotovelo para que caia sob ela e cai no meu peito com um grito. Envolvo meus braços e pernas ao seu redor para que ela não possa escapar.

Mesmo que ela tenha me deixado de joelhos e incendiado meu mundo ao meu redor, não vou deixá-la ir a lugar nenhum.

12

Rafe

Véspera de Natal no iate.

A festa dos funcionários é alimentada por coquetéis festivos e o tipo de glitter que ainda tirarei do meu terno na Páscoa. Encostado ao bar, observo divertido enquanto Nico atravessa as mesas em minha direção.

Sei o que ele dirá, porque sempre diz isso.

— De quem foi a ideia do karaokê? — Pega uma gemada do bar e observa a montagem por cima da borda do copo.

Laurie fez um trabalho sólido. O palco é iluminado com luzes de Natal e ladeado por duas altas árvores de Natal. Uma grande tela de projetor cobre a parede atrás dela, exibindo a letra de qualquer música que esteja sendo massacrada por quem bebeu vinho quente o suficiente para acreditar que é Mariah Carey.

— Por que, não gosta?

Encara Benny, que está no palco cantando junto com *Mercedes Benz de Janis Joplin.* Seu vinho quente deve ser muito enriquecido, porque seu impulso de quadril rivaliza com Elvis. — Está brincando? Cite uma combinação melhor do que pessoas bêbadas e um microfone. — Balança a cabeça. — Não pode, porque não há uma.

Rindo, bebo minha vodca e jogo o copo no balcão para completar.

— E suponho que devemos agradecê-la por este espetáculo glorioso, Laurie?

— Sim, Nico, deve. — Eu me viro no momento em que Laurie desliza entre nós. Brilha em um vestido prateado, e suas orelhas de rena balançam quando vira a cabeça para me encarar. — Chefe, tenho uma questão a resolver com você. — Faz uma pausa, inclinando a cabeça. — Apenas uma pequena, obviamente, não quero ser demitida.

Rio e pressiono uma gemada em sua mão. — Acerte-me com isso.

— Você me disse para organizar uma festa de Natal para os *funcionários.* Por que toda a sua família está aqui? — Zomba em direção ao palco. Por alguma razão, Benny agora está deslizando de joelhos. Não são nem nove da noite. — E por que aquele idiota está pedindo ao Senhor Jesus um Mercedes Benz? Ele já tem três deles.

— *Uh-huh*, e como saberia? — Nico pergunta, o humor tranquilo puxando seus lábios.

Laurie não hesita. — Fodi com ele em dois, e marquei o terceiro. — Diz simplesmente.

Balanço minha cabeça. — Eu realmente não precisava saber disso. Aqui. — Puxo uma pequena caixa de veludo do meu bolso. — Daria isso a você mais tarde, mas já que está chateada, pode adoçar um pouco.

Ela a olha com falsa suspeita, mas não consegue esconder a excitação dançando por trás de seu olhar. — Se for um anel de noivado, não assinarei um acordo pré-nupcial.

— Ainda bem que não é um anel de noivado então.

Seu aborrecimento evapora quando abre e puxa uma chave de carro Audi. — Oh meu Deus, está brincando comigo.

Levanto meu copo para ela. — Assentos aquecidos, acabamento branco. Já estacionado fora do seu apartamento. Agora pode foder meu primo em seu carro, onde há mais espaço.

Ela joga os braços ao meu redor, grita sua gratidão e insiste que os dedos pegajosos de Benny não serão permitidos em qualquer lugar perto seus assentos brancos, então pula para as outras garotas para bater a chave na cara delas.

Enquanto meu olhar a segue, desliza para a esquerda e se fixa no de Penny. Cara, ela tem esse jeito de fazer meu coração estremecer toda vez que faz isso – chamar minha atenção do outro lado da sala. Está ao lado do palco com Rory, que estuda o livro de karaokê. Penny sorri para mim e finge enfiar o dedo no nariz. Só quando percebo que é o seu dedo do meio enfiado na narina esquerda é que percebo que está me mostrando o dedo do meio.

Solto uma risada na minha vodca e a viro de costas. O calor do olhar de Nico queima minha bochecha.

— Seja bom para ela, Rafe.

A voz de Nico é baixa, mas ainda aperta minha espinha. *Bom para ela?* Porra, se ele soubesse como *sou* bom para ela. Esta manhã, olhei-a por uma hora enquanto roncava ao meu lado. Talvez fosse a culpa de quase cortar sua garganta ou o fascínio por ela estar dormindo na minha cama, mas lhe trouxe o café da manhã em uma maldita bandeja. Até coloquei uma flor que peguei de um vaso na sala de jantar. Quando me diz para não ser legal com ela, não diz mais com uma careta, mas com um sorriso, e esse revirar de olhos que me faz querer ser legal com ela o tempo todo.

Arrasto minha mão sobre minha garganta. Uma hora observando-a, mas ainda não tenho um plano para sair. — Como ela era? — Pergunto de repente. — Quando criança?

A propósito, Nico franze os lábios, acho que não responderá. Ele olha para Penny, que agora está batendo impacientemente um salto estilete e olhando para Benny enquanto faz um bis não solicitado.

— Era uma merdinha — ri. Com um tom mais sério, acrescenta — Ela teve sorte. Ainda tem. — Esfrego minha boca, a ironia formigando na minha pele. — Todos os clientes do *Grand* pensavam assim. No começo, era apenas por causa do seu nome. Sabe - encontre uma moeda de um centavo, pegue-a, durante todo o dia terá boa sorte? Bem, quando realmente começaram a pegá-la e deixá-la jogar seus dados, descobriu-se que o velho ditado era verdadeiro.

Franzo a testa. — Ela realmente lhes dava sorte?

— Sempre. Naquela época, só a conhecia por vê-la por perto, mas um dia ela começou a cobrar um dólar dos homens para apostar em seus dados, e eu queria saber por quê.

Engulo uma risada. — Enganava desde tenra idade, então. — Nico olha para seus sapatos, mas continuo. — Conheceu os pais dela?

Ele me lança um olhar sombrio. — Alcoólatras. Ela passou mais tempo comigo no vestiário do que com eles. Algumas noites, esqueciam que ela existia e um dos homens do meu pai tinha que levá-la para casa.

Isso me irrita além da crença. O pensamento desta pequena ruiva sentada nos degraus do *Visconti Grand*, esperando em vão por seus pais, faz meu estômago revirar e meus dedos se contorcerem para quebrar alguma coisa.

— Quem os matou?

Dá de ombros. — Ninguém importante. Dois homens com quem estavam em dívida. Não um Visconti.

Como fotos de um filme em preto e branco, minha mente corta da garotinha na escada para a adolescente encolhida entre a geladeira e a máquina de lavar, uma arma que nunca dispararia pressionada contra sua cabeça.

— E onde posso encontrar esses homens? — Pergunto, tão calmamente quanto posso reunir.

Ele engole. Balança sua cabeça. — Ambos foram encontrados com balas na cabeça alguns dias depois. —

Toma sua gemada e pega outra. — Eram agiotas não oficiais no território Visconti, pode ligar os pontos.

A risada alta de Penny toca meus ouvidos e me atrai de volta para ela. Está folheando o livro de karaokê agora, meu relógio deslizando em seu pulso a cada virada de página.

— Nico?

— *Uh-huh*?

Eu me viro para ele. — Você a ensinou a trapacear, não foi?

Ele faz uma pausa longa, gemada a meio caminho dos lábios. — Depende.

— Sobre?

Sua expressão se torna pensativa. — O quanto doerá quando acertar meu queixo. Nunca o vi bater em ninguém, então não posso avaliar. — Faz uma pausa. — Mas o ouvi fazer isso agora.

Rindo, dou um tapinha nas suas costas e empurro o balcão. — É um bom garoto, Nico. Vou deixá-lo fora desta vez.

Ele está certo em se preocupar, no entanto. Acredito muito em trapaças sendo punidas, mas lhe darei um passe, porque o pensamento de ele ser a única presença estável na infância de Penny instantaneamente o eleva na hierarquia para o primo favorito. Deixando Nico com sua terceira gemada e um lembrete do que acontece quando passa das cinco, me sento ao lado de Angelo. Sobre a borda de seu uísque, me lança um olhar, depois para a vodca que coloquei na mesa.

Volta sua atenção para sua esposa subindo no palco e não diz nada.

— Onde está Gabe?

— Não sei. Onde está Griffin?

Pelo tique de sua têmpora, tenho certeza de que sabe onde estão ambos os homens. Meu ex-chefe de segurança, junto com todos os homens abaixo dele, estão nas profundezas da caverna de nosso irmão. Alguns para serem torturados, outros para serem interrogados. Não tenho certeza em quem dos meus homens posso confiar agora, mas uma coisa é certa; Gabe me enviará apenas os leais de volta.

Enquanto isso, seus homens estão cercando meu barco como se as joias da coroa estivessem a bordo. Sem dúvida, receberam um aviso severo do meu irmão, porque um deles até me seguiu até a porra do banheiro mais cedo.

— Já fez um plano?

Essa maldita pergunta. Isso acende algo quente e irritável no meu estômago. — Fez um plano, irmão, quando atirou na cabeça de nosso pai? Ou quando explodiu o Rolls do Tio Al em um ataque de raiva? Ou quando atirou em seu lacaio entre os aperitivos e as entradas no almoço de domingo? Eu me inclino sobre a mesa para que só ele possa ouvir meu veneno. — Pensou por um segundo nas consequências, ou estava apenas vivendo o momento?

Seu olhar desliza para o meu, o calor nele amortecido com leve curiosidade. — É isso que está fazendo? Vivendo o

momento?

Passo o dedo no alfinete do colarinho. Olho de volta para Penny. No momento, não sei como viver em outro lugar.

A escuridão obscurece o olhar de Angelo; alguém diminuiu as luzes. Ele se volta para o palco, endireitando-se ao perceber que sua esposa está no centro do palco.

O microfone faz barulho quando o toca. — Olá, pessoas adoráveis. Como pareço ser a única pessoa a agraciar este palco esta noite que se lembra que é véspera de Natal, estarei cantando um clássico festivo. — O seu sorriso torto me diz que bebeu alguns *spritzers* de vinho branco. — Estarei cantando, *Baby, It's Cold Outside.* Entrecerrando os olhos para os holofotes, vê Angelo e lhe sorri. — Obviamente, é um dueto, por isso…

A sala começa a aplaudir meu irmão. — Sem chance — murmura, carrancudo por trás de seu uísque.

— Por favor? — Rory diz docemente, juntando as mãos.

Ele a encara por alguns segundos. No momento em que seus ombros caem em derrota, pressiono o salto do meu sapato contra a ponta do seu sob a mesa para impedi-lo de se levantar.

— É um capo, irmão. Impõe respeito a todos os homens nesta sala. Acha que será o caso quando cantar a parte de Tom Jones em uma canção de Natal? Sente-se, porra.

— Foda-se — grunhe, acariciando sua mandíbula. — Você tem razão. Acho que preciso mudar para água por uma hora.

Quando balança a cabeça para Rory, ela grita *chato!* desliga o microfone e Tayce substitui meu irmão.

Não estou assistindo as falas de Rory açougueira Cerys Matthews; Estou de olho no Angelo. Como está olhando para ela como se não houvesse mais ninguém na sala. Como avança e bate na cabeça de um dos meus marinheiros quando se atreve a falar durante o refrão. Como se levanta e assobia enquanto ela e Tayce fazem uma reverência.

Quando ele se senta, ainda está sorrindo. — Como soube?

Desliza da minha língua, afrouxado pela bebida e por essa sensação estranha e esquisita que está sob minhas costelas nos últimos dias. Ele se vira para mim. A confusão marca seu rosto, mas apenas por uma fração de segundo, então uma leve diversão a substitui. Ele sabe o que quero dizer.

— Quando se começa a fazer coisas estúpidas, como comer espaguete com almôndegas cruas e voltar por segundos, porque ela cozinhou. Contrabandear um *labradoodle*[6] de sua casa em uma mochila às três da manhã para que ainda seja uma surpresa no dia de Natal. — Sua atenção cai para os nós dos meus dedos e sua mandíbula aperta. — Quando começa a usar os punhos porque precisa sentir os ossos do homem que a machucou quebrando sob eles. — Olha para minha vodca e balança a cabeça. — Quando começa a beber como um russo, mesmo tendo uma participação de dezessete por cento em uma das empresas de uísque que mais cresce no mundo. — Encontrando meus olhos novamente, acrescenta — É assim que se sabe.

Há uma nova onda de aplausos, mas os ouço como se estivesse debaixo d'água. Um *riff*[7] de guitarra nada festivo sai pelos alto-falantes e vira minha cabeça para o palco. Penny está sob as luzes, microfone na mão. Foda-se, parece bem. Bonita, mesmo. Usando um vestidinho vermelho e saltos que brilham quando faz um movimento desajeitado no ritmo.

— Não ouço essa música desde que estávamos na escola — diz Angelo.

— Que música?

Quando ela começa a cantar, a compreensão se espalha por mim. Paro, olhando para o sorriso comedor de merda de Penny enquanto canta no microfone. *Fucking Kiss Me,* de *Sixpence None the Richer*. Passando a mão pelo meu queixo, rio em descrença. Tenho certeza de que não há nada de coincidência na escolha dessa música. *É uma pirralha,* murmuro para ela. Ela pisca em resposta.

O olhar de Angelo esquenta minha bochecha. Sua cadeira range, depois está de pé, com a mão no meu ombro.

— Quando tem piadas particulares — murmura.

Ele caminha para se juntar a sua esposa, enquanto meu sorriso diminui nas bordas.

13

Penny

A noite é um borrão alegre de cantoria ruim, vinho quente e apostas arriscadas feitas em roletas com a atitude de *foda-se, é Natal*. A condensação embaça as vidraças, e até mesmo a brisa gelada que entra pelas portas francesas não faz nada para atenuar o calor abrasador que queima em minhas veias.

Estou fazendo uma pausa no banheiro, correndo meus pulsos debaixo da torneira. Quando olho para cima para verificar minha maquiagem, paro.

Estou *sorrindo.*

Acho que entendi agora, por que as pessoas adoram o Natal. Mal bebi, mas a excitação festiva penetrou em meus poros e me embriagou.

Crescendo, as férias eram nada mais do que uma semana para se atrapalhar. Em alguns Natais, recebia os presentes mais ridiculamente caros de meus pais, que eram lentamente penhorados ao longo do ano para financiar suas farras. Em outros anos, embrulhava nosso aparelho de DVD nas páginas do *Devil's Coast Herald*.

Quando se está cercada por pessoas de quem realmente gosta, a sensação é diferente. Mágico, até.

Estou fechando a torneira quando ouço uma voz anasalada se infiltrar por baixo da porta.

— Ah, chefe! Estou feliz por ter pego você. Espero que não se importe, mas tive que usar seu banheiro privativo. Todos os banheiros do iate estavam sendo usados e, depois de quatro taças de champanhe, não tive paciência para esperar na fila das menininhas.

Uma amargura enche minha boca. É a Anna. Olho para a fileira vazia de cubículos no espelho e apoio minhas mãos em cada lado da pia.

— *Uhum*. Todos os doze estavam ocupados — reflete Rafe. Seu tom é de caxemira, mas percebo a tendência de irritação. — Que coincidência.

— De fato. Enfim, não pude deixar de reparar em todos os produtos femininos. Então... quem é a sortuda?

Meu cérebro não tem tempo para desacelerar meu impulso; abro a porta do banheiro e caminho pelo corredor. Rafe está no final, e Anna de costas para mim. Seu olhar desliza para o meu sobre a cabeça dela, divertido e todo meu. No fundo, sei por que não esperei por sua resposta: se ele contasse uma mentira, algo em mim se despedaçaria um pouco.

Meu ombro se conecta com o de Anna de forma mais agressiva do que o necessário enquanto deslizo ao lado de Rafe. Coloco uma mão possessiva em seu peito, e quando sua mão desliza em volta do meu quadril e me traz para mais perto dele, uma satisfação calorosa corre para o sul.

Volto minha atenção para Anna. — Eu — digo docemente. — Agora, foda-se.

Sua expressão chocada tem um gosto delicioso, mas o silêncio vibra em meus ouvidos. Sei que estou mergulhando meu dedo do pé em território de coelho, mas não dou a mínima. Acho que aprendi duas coisas esta noite: por que as pessoas adoram o Natal e por que as mulheres fazem coisas malucas como destruir carros com tacos de beisebol sobre os homens.

Anna olha para Rafe como se fosse um sinal de SOS. Ele apenas roça o polegar no meu quadril e diz — Feliz Natal, querida.

Ela bufa e clica de volta para a festa. Quando a porta se fecha, deixando-nos sozinhos no corredor, me desvencilho do aperto de Rafe para encará-lo.

Uma sugestão de um sorriso puxa em seus lábios. Ele o limpa com o polegar e enfia as mãos nos bolsos. — Miau.

Talvez seja apenas porque os saltos que estou usando são alguns centímetros mais altos do que o normal e toda essa altura está me dando uma nova confiança, mas enrolo meu dedo em torno de seu colarinho e o puxo para mim.

— Chame outra mulher de querida de novo, e ela morrerá atravessando a rua.

Isso ecoa o que ele me disse depois que lhe dei uma *lap dance* em seu carro. Acho que é por isso que levanta uma sobrancelha e procura humor em meus olhos. Quando não

encontra, balança a cabeça, uma pequena quantidade de satisfação vazando.

— Se é isso que quer, *Queenie* — diz baixinho.

Sua obediência é tão suave, tão intensa, que instantaneamente fico sem fôlego. De repente, precisando de um ar que não seja denso com o charme de Raphael Visconti, irrompi pela porta lateral e saí para o convés.

Passos lentos e pesados me seguem até a proa. Agarrada ao corrimão, inclino a cabeça para o horizonte negro como tinta, sem me importar que o vento esteja desfazendo todas as horas de trabalho que passei colocando bobes no cabelo. Minha pele se arrepia quando um corpo interrompe o brilho da lâmpada de segurança acima de mim e a jaqueta de Rafe desliza sobre meus ombros. Suas mãos vêm de ambos os meus lados, seus lábios deslizando atrás da minha orelha.

— Boa música — murmura, levantando mil arrepios ao longo dos meus braços. — Estava tentando me hipnotizar?

Eu sorrio para a escuridão. — Não sei do que está falando; é a única música que conheço todas as letras. — Minha atenção cai para sua mão ao lado da minha. Grande e presa a minha pequena e suave. Uma emoção doentia me percorre quando lembro que suas mãos não costumavam ser assim; cada cicatriz é fresca e pertence a mim. Deslizando meu mindinho sobre sua junta machucada, acrescento — A menos que tenha funcionado?

Ele se livra do meu leve toque e me gira para que minhas costas fiquem pressionadas contra o corrimão. É um

contraste gritante: o calor irradiando de seu corpo e o vento gelado açoitando minhas costas. Cada um parece tão perigoso quanto o outro. Deslizando as mãos sobre as lapelas de sua jaqueta, ele me puxa ainda mais fundo em sua órbita. Rouba minha próxima respiração com um roçar de seu nariz contra o meu.

— Realmente seria a noite perfeita para beijá-la — sussurra.

Porra.

Todos os meus sentidos se aguçam, exceto o bom senso. De repente, estou ciente do som rítmico que o oceano faz quando bate contra o casco. Como Rafe fica bonito sob o brilho romântico da luz de segurança. A doce versão de Wren de *Lay All Your Love on Me do ABBA* atravessa o vidro e roça meus ouvidos.

É assim que aconteceria em um filme. Então, quando tudo isso acabasse, teria que me torturar com o replay para sempre.

Solto um suspiro tenso e fecho meu coração. — Não. Já te disse; a quero chuva. Como em *The Notebook.*

Uma risada suave escapa dele. — Terei isso em mente quando me preencher um cheque.

Ele olha rapidamente para o convés e, mordendo o lábio inferior, desliza a mão grande pela costura interna da minha coxa. Cristo, sua palma chia como chuva em um telhado quente no auge do verão, abrindo um buraco na parte inferior

do meu estômago. Quando empurra minha calcinha para o lado e mergulha dois dedos grossos em mim, meu gemido é de alívio. A tensão sexual me prendeu a ele a noite toda. Toda vez que sua risada aveludada irrita minha nuca, toda vez que fico presa por sua piscadela na borda de um copo de cristal, meu sangue esquenta mais um grau. Não sei como passei quatro horas sem foder esse homem.

Seu olhar escurece com a minha reação. — Mas suponho que, por enquanto, *esses* lábios terão que servir.

Apesar de ficar na ponta dos pés para perseguir seu toque, meu tom é desafiador. — Não é seu — sussurro.

Aborrecimento atravessa suas feições, assim como acontece toda vez que fodemos e misturo aparência suficiente para dizer isso a ele.

Estreitando os olhos, desliza o dedo médio sobre a minha entrada, então mais ao sul. — Então e quanto a isso?

Grito quando empurra na entrada da minha bunda, caindo nele. Ele me pega, sua risada contra meu peito apertando meus mamilos. Estamos tão perto agora que seu cheiro me consome como uma droga. Esfrego meu rosto em seu pescoço, desesperada por mais. Tudo isso.

— Custará caro — murmuro sem entusiasmo contra seu pulso.

— Eu pagarei — murmura de volta, descansando o queixo no topo da minha cabeça. Seu tom é tão simples que sei que ele não está mais brincando.

Ficamos assim por um tempo, sua jaqueta aquecendo meus ombros e a subida e descida de seu peito me levando à letargia.

Suspiro contra seu botão superior. Sou cautelosa, mas não sou ingênua. Sei que estou obcecada por este homem. Ele me faz querer fazer coisas estúpidas, como dizer a ele, ou até mesmo diga a todos gritando do arco como Jack grita *eu sou o rei do mundo!* no Titanic.

Isso seria muito embaraçoso, então me contentaria em ficar aqui para sempre em seus braços fortes, o zumbido de um bom tempo mal nos tocando. Embora, quando o pensamento de *para sempre* vem à mente, desce pela minha garganta e aperta lá como um laço.

Não existe tal coisa. Mesmo que houvesse, não foi feito para nós, mas é difícil lembrar disso quando seus olhos encontram os meus em uma sala lotada. Quando coloca as mãos sobre meus ouvidos durante uma tempestade. Quando passa uma hora me massageando depois de me arruinar.

— Diga-me por que acha que não tenho sorte — deixo escapar. *Convença-me de que isso não pode ser para sempre.*

Seu estômago tensiona contra o meu. — Você já sabe por quê.

— Não, mas por que acha que sou *eu?* — Empurro-o, inclino meu queixo e encontro seu olhar de pedra. — Pode ser supersticioso, mas eu também sou. E até sei que podem existir coincidências, então por que tem tanta certeza de que sou eu que estou causando todo esse azar?

Sua mandíbula cerra. Quando seus olhos passam por cima da minha cabeça para o horizonte negro, acho que me calará, mas então uma lufada de ar relutante deixa seus lábios, e seu olhar cai de volta para o meu.

— Mama era tão estúpida quanto você. — Lança um olhar irritado para o meu colar. — Deus, destino, carma – acreditava em todas as coisas que não podia ver. Quando ainda lutava com meu primeiro cassino, ela veio me visitar em Las Vegas. Arrastou-me até uma cartomante na *Fremont Street*. — Passa a mão pelo queixo, balançando a cabeça com a memória. — Ela era uma cartomante, lia a sorte com cartas de baralho. Na época, pensei que era besteira total, mas minha mãe foi vendida. De qualquer forma, observei enquanto a cigana sacava para ela o Valete de Ouros, seguido pelo Ás de Espadas. — Faz uma pausa, procurando em meus olhos qualquer sinal de reconhecimento, mas apenas dou de ombros. — Juntos, são conhecidos como a dupla da morte, aparentemente. Qualquer um que compre as duas cartas consecutivamente está destinado a morrer.

Fios de gelo em minhas veias. — Ela morreu…

Sua mandíbula aperta. — Três semanas depois. Envenenada em uma feira.

Minha visão escurece. Minha mão procura a de Rafe e a levo à boca. — Sinto muito — sussurro contra os nós dos dedos. Meus olhos se erguem para os dele. — É por isso que é supersticioso?

Um sorriso sem humor toca seus lábios. Estende a palma da mão e segura meu rosto. — Não exatamente. Depois que ela tirou as cartas para minha mãe, a cartomante me disse que também tinha uma leitura para mim, mas estava muito chateado para ouvir. Pensei que era tudo besteira, de qualquer maneira, mas então, com ambos os pais mortos com uma semana de diferença? Precisava de respostas. Por isso, depois do funeral, pulei o velório e voei de volta para Las Vegas para buscá-las. — Engole, rastreando seu polegar com uma expressão de dor à medida que corre sobre minha bochecha. — Não sei o que estava esperando, mas não cabia a ela colocar duas cartas a minha frente e dizer que eu poderia escolher meu destino se assim o desejasse.

— Quais eram as cartas?

— Rei de Ouros ou Rei de Copas. Ela me disse que nesta vida eu só teria um ou outro — sucesso nos negócios ou sucesso no amor. A ressalva era que nunca poderia ser os dois.

Algo doentio revira meu estômago. — E o que escolheu? — Resmungo, minha boca mais seca do que deveria.

Ele sorri tristemente e estica as mãos para varrer a forma ameaçadora do iate atrás dele. *Seu* iate. — Sabe a resposta, Penelope.

Meu coração bate acelerado, uma pergunta mais pesada do que uma arma disparando na minha garganta. — Escolheu *isso* ao invés de estar apaixonado? — Aponto um

polegar para o navio, aceno o relógio em meu pulso em seu rosto. — Merda materialista sobre sentimentos verdadeiros?

As palavras são desesperadas e venenosas, flutuando entre nós como bolhas de sabão. Gostaria de poder estourá-las tão facilmente. Ele me olha com desconfiança. — Você também não acredita no amor, lembra?

Sim. Cerrando os dentes para que nada mais estúpido possa escapar dos meus lábios, espero que continue.

— Voltei à cartomante quando estava cansado e confuso. Meus pais tinham acabado de morrer; o amor deles não significava nada agora. — Faz uma pausa. — Bem, não era realmente amor, mas só aprendi isso mais tarde. E Angelo tinha acabado de me dizer que não voltaria a *Devil's Dip* para assumir o papel de meu pai como capo, o que significava que eu não seria seu subchefe. Tudo o que eu tinha era um quarto de hotel em Las Vegas e um cassino de merda que mal dava para manter as luzes acesas. — Encolhe os ombros descuidadamente. — Não tinha nada a perder e muito a ganhar, então escolhi o Rei de Ouros.

Alguns segundos pesados se passam. O vento os enche com o leve zumbido das risadas e *All I Want for Christmas is You,* de Mariah Carey.

— Então, explicou por que é mais rico que o próprio Deus e por que normalmente não fode com a mesma garota duas vezes — digo bruscamente — mas não entendo o que essa história tem a ver comigo?

Rafe passa a língua sobre os dentes, seu foco mudando atrás de mim. Juro, não se moveu um centímetro, mas de repente parece mais distante. — Quando estava saindo, ela me disse que, assim como toda ação tem uma reação, toda carta de destino tem uma carta de perdição. Uma carta que, se deixar entrar na sua vida, vai arruiná-lo. Trazê-lo de joelhos. — Ele ri, como se tivesse acabado de se lembrar de uma piada particular. Tenho a sensação de que não acharia graça.

— Qual era a carta? — Pergunto.

Ele olha para mim rapidamente. — A Rainha de Copas.

O baralho gira em uma névoa de preto, dourado e verde. — *Queenie.*

Sou trazida de volta ao normal por um puxão suave no meu cabelo. — A senhora ruiva — diz Rafe pensativo, olhando para minhas mechas em torno de seus dedos. — Claro, pensei que ela estava falando merda e a morte da minha mãe foi uma coincidência, mas quase da noite para o dia meu cassino teve todo esse interesse dos investidores. Meu saldo bancário cresceu tão rápido quanto minha reputação e, em três anos, possuía a maior parte de Las Vegas. Se a cigana estava certa sobre minha mãe e sobre o Rei de Ouros, então por que não estaria certa sobre a carta da perdição? Durante anos, evitei mulheres ruivas como uma praga, só para garantir. — Puxa fortemente meus fios, seu olhar endurecendo quando encontra o meu. — Então, você desceu as escadas do *Blues Den*. Cabelo ruivo, vestido roubado, uma atitude que queria

tirar de você. — Balança a cabeça. — Era magnético, e não pude resistir a dar-lhe a hora do dia. Aparecer no casamento do meu irmão pode ter sido uma coincidência. Afinal, é uma cidade pequena. E a explosão do porto; merecíamos, mas quando a vi no hospital e percebi que você esteve lá, meu ceticismo começou a diminuir. — Olha ao longo do convés, sua mandíbula estalando. — Não lhe dei um emprego como um favor a Nico, mas para me convencer de que estava apenas sendo paranoico.

Deixei escapar um suspiro trêmulo. Porra, não sei o que estava esperando, mas não era isso. — Bem, sabia que não me contratou por causa do meu currículo de merda — digo fracamente.

Seu sorriso não toca seus olhos. — Na noite em que começou, perdi quarenta mil nas mesas e tive que cortar os laços com um dos meus investimentos mais lucrativos. E então nunca mais parou, Penny. Cada ligação e e-mail que recebi eram más notícias. Ações baixando, ações caindo. Meu primeiro cassino foi atingido. Cristo. — Passa a mão descuidadamente pelo cabelo. — Griffin tentou me matar ontem.

Pisco. — O quê?

Sua mão desliza até a minha nuca, seu aperto me cortando. — Uma história para outra hora. — Respiramos o ar um do outro por alguns segundos, meu pulso batendo fora de ordem em meus ouvidos. Com uma respiração pesada, Rafe deixa sua testa cair na minha, seu corpo imponente

obscurecendo o mundo exterior. — Não me importa a sorte que pensa que tem — murmura. — Para mim, é a garota mais azarada do mundo. — O instinto me puxa para longe dele, mas ele apenas aperta meu pescoço com mais força. — Mas também é a mais bonita. A mais engraçada. A *mais rude.* Você arruinou minha vida, mas não sou forte o suficiente para detê-la.

Quando sua confissão faz cócegas em meu lábio superior, o pânico sobe pela minha garganta. Não consigo identificar sua origem; tudo o que sei é que está profundamente enraizado e desesperado. — Volte para ela — sussurro. — Volte para a cigana e peça a ela para reverter isso ou algo assim.

Mantendo seu aperto no meu pescoço, desliza a outra mão em volta da minha cintura e esfrega o polegar nas minhas costas, onde seu nome está desaparecendo. — Não posso. Não é a única que gosta de começar incêndios, *Queenie*.

Talvez seja apenas o vento, mas agora meus olhos estão ardendo. Suas próximas palavras parecem um soco na garganta. — Sempre soubemos que isso era apenas temporário, certo? — Seu olhar brilha com diversão amarga. — Não queremos que caia nessa armadilha agora, não é?

Minha visão embaça nas bordas. Tudo o que posso focar são seus olhos procurando os meus. Espero que não consiga ver a realização por trás deles. Respiro fundo, sufoco minha emoção e aceno com a cabeça.

— Temporário — murmuro.

Ele tem razão. Apesar da dor que lateja em meu peito, o bom senso por trás disso sabe que isso nunca poderá ser permanente.

Vou arruinar a sua vida.

Ele partirá meu coração.

No final, nenhum de nós ganhará este jogo.

14

Rafe

— Meus olhos doem. — Penny sussurra, tirando o glitter do colo. Pega um presente falso do caminho da mesa e o sacode. — E por que as decorações têm decorações?

A diversão puxa meu sorriso tenso. De alguma forma, Rory entrou em sua sala de jantar, viu a explosão festiva e decidiu que ainda não era grande o suficiente para o dia de Natal.

Agora, um galho de abeto faz cócegas no meu pescoço quando me inclino muito para trás na cadeira. O punho da minha camisa quase pega fogo em uma das mil velas toda vez que pego minha bebida.

À minha frente, Benny solta um suspiro alto. Olha o *labradoodle* lambendo o rosto de Tayce. — Se eu não me alimentar logo, comerei aquela porra de cachorro.

Tayce envolve um braço protetor em torno do presente de Natal de Rory e olha para ele. — Comerei *você* antes que coma a Maggie.

— Sim? — Benny lambe os lábios. — Parece-me um bom presente de Natal.

Uma risada letárgica ondula ao redor da mesa. O jantar era para ser servido há duas horas. O bom humor azedou

quando o sol se pôs do outro lado das falsas janelas cobertas de neve e os pratos ainda estavam vazios. Agora, todos estão com fome, inquietos e mais bêbados do que deveriam, inclusive eu.

Sobre a borda da minha quarta vodca, faço uma varredura da mesa. Normalmente, o Natal é um grande evento na mansão Cove, mas por razões óbvias, quebramos a tradição este ano. Surpreendentemente, dois membros do clã Cove realmente apareceram: os gêmeos Leonardo e Vittoria. Bateram na porta da frente uma hora atrás, Vivi em lágrimas e Leo segurando suas malas. Queriam entrar e, considerando que tinham todos os seus pertences, não acho que fossem apenas para o Natal.

Preencher as cadeiras vazias são alguns complementos. Tayce se senta ao lado de Nico, e o vizinho de Penny, Matt, se senta do seu outro lado. Penny só concordou em passar o Natal comigo se pudesse acompanhá-lo. Toda vez que olho para ele, congela como se eu tivesse atirado nele com uma arma de choque.

De repente, as portas de vaivém se abriram. Todos se sentam um pouco mais eretos. Os ombros caem e os suspiros enchem os copos quando percebem que é apenas Angelo, e está de mãos vazias.

Ele se inclina contra a cabeceira da mesa e olha para a peça central giratória do Papai Noel. — Ninguém come o peru — murmura, lançando um olhar para trás. — Está tão rosa

quanto a casinha da Barbie. Há oito banheiros nesta casa, e doze de nós; faz as contas.

O gemido coletivo é alto. Do outro lado da mesa, Max chama a atenção de Penny. Ele mostra oito dedos e bocas, *foda-se,* o inferno.

Meu irmão interrompe todos os protestos com um baque na mesa. — Darei um soco em qualquer um que mencione isso para minha esposa. Coma as guarnições, coloque o peru em guardanapos, *sutilmente,* e peço pizza para nós...

— E o jantar está servido! — Um trinado excitado interrompe Angelo. Rory empurra as portas, lutando com um grande peru.

Há uma onda de aplausos sem entusiasmo, que fica mais alto quando Angelo pigarreia. Pega a ave de sua esposa e a coloca sobre a mesa. Ao meu lado, Penny estremece.

Coloquei a mão em sua coxa. — Não se preocupe, Queenie, compraremos hambúrgueres a caminho de casa.

Ela me mostra seu sorriso característico. — Não há necessidade.

Antes que possa perguntar por que, Rory coloca um assado de nozes na sua frente. — Aqui está Pen — cantarola, antes de sair passeando.

Penny pisca para mim. — Eu disse a ela que era vegetariana.

* * *

O terreno nos fundos da casa está coberto de gelo. Na escuridão, não sei dizer se é real ou comprado na Party City.

Angelo me passa o charuto e deixa cair a cabeça contra a alvenaria. A lâmpada de calor acima de sua cabeça dá ao seu desespero um brilho vermelho.

— WebMD diz que tenho cerca de três horas até que a intoxicação alimentar comece. — Olha para o relógio. Passa os dedos pelos cabelos. — Estou em um tempo emprestado.

Minha risada sai em um sopro de condensação. — Comeu metade da porra da ave.

Ele me dá um olhar de soslaio. — Ela estava sentada ao meu lado. Está tudo bem para você; Eu o vi colocar tudo na bolsa de Penny.

— Sim, agora estraguei tudo. Aparentemente, apenas uma *Birkin*[8] como substituta servirá.

Meu irmão franze a testa. — Não sei o que é isso.

— *Uhum*. É melhor torcer para que sua esposa também não.

Silêncio fácil nos envolve, um pano de fundo de risadas e clássicos do Natal vibrando em nossas costas.

— Qual é o problema com Leo e Vivi? — Pergunto, devolvendo-lhe o charuto. — Estou surpreso que tenham aparecido. Sabe, considerando que você atirou na cabeça do pai deles e tudo.

Ele sorri com a memória, então limpa com as costas da mão. — Acho que odiavam Big Al mais do que nós. Dante também.

— Deixará eles se mudarem?

Ele dá de ombros. — São da família. Vou interrogá-los amanhã, mas eles parecem bastante genuínos.

— Aposto que o Dante nem montou uma árvore, o maldito *Scrooge*.

Nós dois rimos. — Leo disse que a mansão Cove parecia a Coreia do Norte, mas aos poucos se tornou uma cidade fantasma. — Angelo se vira para mim, a expressão ficando séria. — Dante é o último homem de pé.

Absorvo essa informação com uma baforada de tabaco. A queimação no fundo da minha garganta é tão satisfatória quanto a notícia. — Sim?

— Gabe ficará satisfeito. Está escalando a porra das paredes.

Eu mantenho minha boca fechada, minha mente vagando para sua caverna sádica. Acho que Gabe tem estado bem. O vento assobia nas conchas das minhas orelhas. Atrás de nós, Tayce chama alguém de idiota – provavelmente Benny – e uma risada alta permeia a alvenaria e aperta meus ombros. Aquece a porra do meu peito.

Reconheceria aquela risada em qualquer lugar. Deslizo o charuto dentro do meu sorriso agridoce. É uma sensação de vazio, amar o som de algo e saber que um dia, em breve,

nunca mais o ouvirei. Olho para a expressão divertida do meu irmão e aceno para o charuto.

— Só não tem o mesmo gosto com vodca. É verdade o que dizem sobre os russos não terem bom gosto.

Ele me ignora, pega o charuto da minha mão e dá os dois passos para dentro da claridade amarela que vaza da janela da sala. Bufa, observando a cena além dela.

— Vocês são bons juntos.

— O quê?

Ele me lança um olhar seco que sugere que sei o quê. Relutantemente, minhas pernas me carregam, então estamos ombro a ombro, olhando pela janela.

Benny está segurando o cachorro de Rory como *Rafiki* faz com Simba em *O Rei Leão,* e Tayce está pulando para resgatá-la.

Franzo a testa. — O que é isso no braço de Tayce? Pensei que ela não tivesse nenhuma tatuagem.

Angelo solta uma risada. — É um pau.

Eu me viro. — O quê?

— Um enorme pau cheio de veias. Sua garota desenhou. Para a sorte de Tayce, é temporário. Acho. É horrível *pra* caralho.

Sua garota. As palavras saem da boca do meu irmão como manteiga derretida. Deslizam pela minha espinha com a mesma facilidade, também. Soa tão natural, mas tão estranho

ao mesmo tempo. Nenhuma garota foi minha por mais de uma noite.

Finalmente, deixei meu olhar vagar até ela e, como sempre, uma mão aperta meu coração. Está sentada perto do fogo com Nico, mergulhada em um jogo de cartas com ele. Tem aquela expressão severa de quando jogamos Mario Kart e está prestes a perder. Ela é a única usando o feio suéter de Natal que nos foi dado quando cruzamos a porta. É quase tão grande quanto ela e tão alto.

Balanço minha cabeça, humor melancólico me enchendo. Ontem à noite, na proa, coloquei tudo no espaço frio entre nós. Eu realmente não sei por quê. Parte de mim queria que ela tornasse as coisas mais fáceis para mim fugindo; a outra parte queria que ela *consertasse.* Não fez nenhum dos dois, então ainda estamos aqui, nos equilibrando na corda bamba entre as chamas.

Quase desejo não ter exigido que viesse hoje, porque cada momento com ela foi perfeito. Depois do jantar, fomos para a sala de estar para jogar. Nós nos unimos, e foda-se, nunca pensei que gostaria de jogar com ela tanto quanto gosto contra ela. Talvez seja porque obliteramos todos. Depois de duas rodadas de *Charades* e muito *Pictionary*, todo mundo ficou levemente ressentido com nosso triunfo e entediado de jogar.

Se ao menos a sua sorte cancelasse também minha má sorte fora dos jogos.

A porta dos fundos se abre, tensionando meus músculos tensos. Tanto eu quanto Angelo pegamos nossas armas, nossos dedos escorregando dos cabos quando vemos que é apenas Cas quem escurece a porta.

— Parece que houve um milagre de Natal — diz secamente. — Adivinha que idiota acabou de aparecer?

* * *

Olho para Tor Visconti através de uma névoa de fumaça de charuto.

Ele olha de volta.

— Pode pegar intoxicação alimentar com purê de batata? — Pergunto a Angelo inexpressivamente. — Porque devo estar tendo alucinações.

Tor considera a vodca em meu punho. Confusão varre seu olhar. — Pode ser o decapante que está bebendo. E o que aconteceu com seus dedos? Caiu ou algo assim?

— Rafe...

Ignorando o aviso de Angelo, coloco a bebida na mesa com uma mão e bato em seu queixo com a outra. Sua cabeça se joga para trás quando um pequeno *oof* escapa de seus lábios. Esfrega a bochecha e me olha, uma mistura de humor e admiração dançando em seus olhos. — Rafe dando um soco? Foda-se, talvez seja eu quem esteja tendo alucinações.

Atrás dele, Benny me dá um sinal de aprovação com o polegar.

— Antes Rafe do que Gabe, suponho. — Tor olha para a porta da sala de charutos, como se meu irmão fosse entrar a qualquer momento. — Vai colocá-lo em cima de mim mais tarde?

— Diga a eles o que acabou de me dizer — diz Cas calmamente. Afunda em uma poltrona e apoia os antebraços nos joelhos.

Tor leva seu tempo doce. Reclina-se em sua cadeira, pega um charuto do umidificador e o segura contra a luz fraca. Com um aceno de aprovação, o coloca no bolso de cima e me encara com um olhar semicerrado.

— Estive de férias.

Ao meu lado, a veia da têmpora de Angelo lateja tão alto que quase consigo ouvi-la. Limpa a garganta. — Tem o quê? — Pergunta baixinho. Calma antes da tempestade em silêncio.

— *Uhum*, mas não queria perder o dia de Natal. Ei, olhe, trouxe presentes. — Pega uma sacola debaixo da cadeira e a coloca sobre a mesa. Tira três estatuetas *bobblehead*[9] em camisas florais, usando guirlandas em volta do pescoço. — Este é Rafe, este é Angelo e este é Nico. — Move o meu para que comece a balançar de um lado para o outro, então me dá um sorriso torto. — Eles dançam, viu? Não se preocupe; Eu os tenho para todos vocês.

Nunca estive em uma sala Visconti tão silenciosa. A descrença me consome. Parece que a porra do chão está respirando. Meu olhar passa por ele, tentando dar sentido a tudo isso. Está com um bronzeado de um mês nas Maldivas e está usando uma camiseta branca brilhante para realçá-lo. Sua tinta escorre do colarinho e dos punhos, e percebo que nem está usando a porra de um relógio.

Nico interrompe o silêncio. — Então, só para esclarecer: quando o porto explodiu, saiu do casamento, pegou um jato...

— Acredite ou não, fiz um voo comercial — Tor interrompe. — Isso foi a porra de uma aventura em si.

— ...para um continente diferente e passou o último mês bebendo margaritas debaixo de uma palmeira e molhando o pau?

Tor esfrega seu sorriso. — Sou mais do tipo mojito. E não diria que *molhei meu pau*, mas havia uma garota... — balança a cabeça, mordendo o lábio inferior. — Foda-se, ela era outra coisa.

Mais silêncio. Desta vez, é o clique de uma trava de segurança se soltando que a interrompe. Com o canto do olho, a Glock de Angelo pisca na luz. — É isso — rosna. — Levante-se.

Minha mão voa e empurra o cano para baixo, então está mirando nas estatuetas dançantes em vez da têmpora de nosso primo. Tor não hesita; apenas desliza seu olhar para o meu com expectativa. Sim, parece que ele perdeu o

memorando sobre eu não ser mais aquele que conserta as coisas.

— É melhor começar a falar, *cugino* — digo, com toda a calma que consigo — porque não intervirei na próxima vez que ele levantar a arma.

Algumas batidas pesadas passam, carregadas de tabaco e expectativa. Lentamente, o sorriso cai de seus lábios e sua mandíbula avermelhada endurece.

— Não tinha ideia de que o bastardo faria isso — brama. — Sabe o que ele disse quando saí pela porta para o seu casamento? — Olha para Angelo. — Diga ao Clã *Dip* que quero paz. Foda-se, ele realmente me enganou. Passei o mês depois que colocou um boné em nosso pai tentando argumentar com ele, e pensei que finalmente havia aceitado. — Seu olhar escurece em meu irmão. — Eu te disse desde o início, *cugino,* que não escolheria entre vocês dois, mas no momento em que o porto *explodiu, s*abia que não tinha mais escolha. — Caindo para trás contra o assento, esfrega distraidamente a mandíbula. — E eu sabia que minha vida mudaria para sempre.

— Por isso, se sentou em uma espreguiçadeira por quatro semanas — Angelo resmunga.

A indiferença de Tor não cede. — Sim, sentei. Sabia que tinha que escolher um lado, mas não ficaria por aí vendo-o matar meu irmão. Então, saí do seu caminho por um tempo. — Passa a língua pelos dentes. Fecha os punhos nos apoios de braço. — Estou supondo que... cuidou disso?

Angelo me lança um olhar; dou a ele um pequeno aceno de cabeça, sinalizando para não lhe contar que Dante ainda está vivo. Foda-se, Tor é - *era* - meu melhor amigo. Meu melhor parceiro de negócios e confidente. Talvez seja porque me sinto traído por sua ausência repentina, mas tenho medo de contar a ele.

Erguendo o queixo para mostrar que entende, meu irmão muda de assunto. — Como sabemos que podemos confiar em você?

Tor encolhe os ombros descuidadamente. — Não pode, e isso não importa, porra. — Ele se levanta e olha nos olhos de Angelo. — Mas está olhando para o novo capo de *Devil's Cove*. Pode trabalhar comigo ou contra mim, mas garanto, não só sou mais bonito do que meu irmão mais velho, como também sou mais inteligente, mais rico e mais bem relacionado. Quer uma guerra, traga-a, baby. — Pega uma garrafa de *Smuggler's Club* do carrinho de bebidas e joga dois copos na mesa. O licor espirra sobre as bordas enquanto os enche com vigor. Desliza um na direção de Angelo. — Quer fazer uma trégua e me ajudar a reconstruir Cove? Então isso também é bom para mim.

Ele levanta o copo e espera.

Angelo olha para ele por um longo tempo, depois pega o copo e o vira silenciosamente de uma vez.

15

Penny

A mansão Visconti está silenciosa, exceto pelo zumbido das decorações mecânicas de Natal e pela tempestade que bate nas janelas do chão ao teto na entrada.

— Entre! — Rory chama quando bato.

Enfio a cabeça pela porta do quarto e sou saudada por seu sorriso embriagado e seu cachorro fofo. — Por favor, me diga que veio para se juntar à festa do pijama?

Olho para a cama, onde longos cabelos negros serpenteiam sobre um travesseiro creme. Em algum lugar sob as cobertas, um pequeno caroço está roncando. — Trocou seu marido por Tayce?

Ela me lança um sorriso culpado. — Ele não está se sentindo muito bem, então foi banido para um quarto de hóspedes. Pensei que poderia ser o peru, mas todo mundo, exceto você e eu, comemos, certo? E estão todos bem.

Estudo seus olhos grandes e inocentes, ou é a melhor mentirosa que já conheci, ou simplesmente escolheu o dia perfeito para também se tornar vegetariana.

— *Uh-huh* — digo secamente. — Talvez tenha sido a humilhação de se vestir de elfo. A propósito, como o convenceu a fazer isso?

Ela sorri conscientemente. — Estava motivada financeiramente.

Rio. — De qualquer forma, trouxe um presente para você.

Seus olhos brilham ao ver o Rolex pendurado pela alça entre meu polegar e o indicador. — Esse é o relógio do Cas?

— Sim. Achei que poderia gostar depois que ele disse que um saco de legumes congelados e um bar self-service não substituem um serviço de bufê completo no dia de Natal.

— Ele é tão esnobe. Como se eu fosse fazer meu pessoal trabalhar no dia de Natal - eles também têm família, sabe? — Rouba o relógio de mim e o segura contra a luz. — Amo isso.

Em seguida, ela o joga no *spritzer* de vinho branco pela metade em sua cômoda.

— Tem tudo o que precisa?

Fico olhando para as bolhas envolvendo o relógio de seis dígitos, distraída. — Uh, sim. Quero dizer não. Tem algum pijama? — Deslizo um olho para baixo em seu corpo ágil. — Um que possa me servir?

A tempestade veio do nada, lavando com força toda a neve falsa das janelas. Rafe soube que as águas estão muito agitadas para voltar para o iate no barco, por isso ficaremos aqui esta noite.

Não podemos ir para casa, Queenie, disse Rafe. Seu uso de *casa* fracassou em meu peito e queimou um buraco lá.

Rory me joga uma camiseta enorme. — Seja gentil com isso; é a minha favorita.

Desdobro o tecido e leio o logotipo: *The Washington State Birdwatchers Association.*

Pego o olhar de Rory e ela sorri. — Membro orgulhoso desde os cinco anos.

Nós nos despedimos e caminho pelo corredor com minha nova roupa de dormir pendurada no braço. No final, uma luz suave vaza por baixo da porta do nosso quarto durante a noite. A cada passo que dou em direção a ele, meu coração bate um pouco mais rápido, sabendo que a visão por trás dela me deixará sem fôlego.

Rafe está deitado na cama com nada além de tinta e boxers pretos. Tem um braço atrás da cabeça, e a forma como seu bíceps flexiona me faz querer afundar meus dentes nele novamente.

Ele me olha com diversão preguiçosa. — Olá, gracinha.

Apesar do rubor esquentar minhas bochechas, reviro os olhos. — Tentando novos apelidos? — Range os dentes sobre seu sorriso e acena com a cabeça. — Que tal o *Doom Card*? Ou, O amuleto do azar?

Seu olhar brilha. — Não muito cativante. Ficarei com *Queenie*, acho.

Viro e desapareço dentro do banheiro. Embora tenha tido um dia perfeito, o medo toma conta de mim. Tem vindo em ondas inesperadas desde que Rafe explicou por que me chama de *Queenie*.

A Rainha de Copas. A senhora ruiva que o deixará de joelhos. É uma estranha mistura de culpa e frustração que me persegue, e a ironia também não passou despercebida.

Meus dedos encontram meu colar. Corro o pingente para cima e para baixo na corrente, observando-o piscar para mim no espelho. Talvez tenha sorte porque não tenho sorte para os outros. Quanto mais pondero, mais faz sentido. Começo incêndios. Roubo carteiras, relógios ou qualquer coisa em que possa colocar meus dedos pegajosos. Se eu o escolho como alvo, terá um golpe de azar, simplesmente por causa do que pretendo fazer com você.

Sentindo-me febril, jogo água gelada no rosto e tento afastar o pensamento. Foda-se outros homens; Não me importo com eles, mas estaria mentindo se dissesse que não me importo com Rafe. Tomo banho, escovo os dentes e visto a camisa de Rory. Quando volto para o quarto, Rafe rola para o lado para me encarar, os olhos se estreitando no logotipo.

— É melhor que não pertença a outro homem — diz calmamente.

— Na verdade, pertence à sua cunhada.

Ele torce o nariz. — Pior ainda. É melhor tirar isso antes que eu a foda.

Jogo uma almofada descartada em sua cabeça. Ele a pega com uma das mãos. — Quem disse que transaremos hoje à noite? — Porém, observando seu abdômen tenso enquanto desliza a almofada atrás de sua cabeça, sei que é inevitável.

Ele me trata com um sorriso torto, tom todo seda e melaço. — Qual é a alternativa? Falar sobre nossos sentimentos?

Aproveitando o calor de seu olhar enquanto ando pelo quarto, jogo minha indiferença. — Não, mas podemos conversar sobre outra coisa. Tipo, por que Tor Visconti apareceu mais cedo e por que deu um soco nele.

Ele mal está ouvindo, pois está muito ocupado me observando curvar-me enquanto coloco minhas roupas dobradas na poltrona no canto. — Drama familiar. Tedioso. — Salta para fora da cama, agarrando minhas pernas. — Venha aqui.

Talvez seja a vodca o atrasando, mas, pela primeira vez, consigo sair de seu alcance a tempo. — Nico disse que o pegou bem.

— Peguei — diz descuidadamente. — Agora *venha aqui.*

Parando ao pé da cama, levanto meu olhar para ele. É escuro e irritado, o olhar de um rei não acostumado a ter negado o que quer.

Sorrindo, me inclino para pegar todos os meus presentes e os jogo na cama. — Vamos ver o que todo mundo me deu no Natal, certo? — Digo docemente.

Seu olhar arde. — Não. Além disso, todo mundo ficava me agradecendo por presentes dos quais nunca tinha ouvido falar. Laurie fez tudo certo este ano ou você colocou nossos nomes em todas as suas etiquetas de presente?

— Ambos os nossos nomes. — Abro-lhe meu sorriso mais angelical. — Parecia justo, considerando que paguei por eles no seu Amex, *sugar daddy*.

Ele ri e balança a cabeça. — Comprei para o seu vizinho, que me disse três palavras em toda a sua vida, uma viagem de ida e volta para Toronto para assistir ao jogo do *Maple Leaves*[10]. Que charme da minha parte.

— Falando em Matt, vê o tapete de boas-vindas que me deu? — Deslizo para fora e seguro. — É um trocadilho, assim como o dele.

Rafe lê o slogan. — Olá, sou Penny. Só ganho centavos. — Faz uma careta. — Isso é horrível *pra* caralho. Não voltará para casa conosco.

Vacilo. Aí está de novo. *Casa.* A palavra que soa muito permanente para o meu coração lidar.

Nossos olhos se chocam, ele procurando os meus com leve confusão. — Voltará para casa *comigo.* — Digo baixinho.

Por um segundo, ele não entende. Então vejo a percepção endurecer sua mandíbula e se resumir à indiferença com a mesma rapidez. — Ah, sim. Esqueci que normalmente mora em um antro de crack com uma porta de prédio quebrada — diz secamente.

Não digo nada.

Com uma expiração lenta, cai de volta nos travesseiros, fechando as mãos atrás da cabeça. — Vá em frente, mostre-me o resto.

Mosto. Mostro a ele o colar *Van Cleef* que Rory e Angelo me deram. O conjunto personalizado de *Blackjack* de Nico e o cesto de maquiagem *Charlotte Tilbury* da Tayce.

Ele mal olha para os presentes, optando por olhar para mim com uma expressão suave durante todo o show. — Adorável — diz quando termino. — Agora venha aqui, ou acordarei a casa inteira arrastando-a até aqui.

No entanto, não estou ouvindo. Há outro presente no fundo da minha sacola, um que tinha esquecido completamente. Não um que recebi, mas que estava em dúvida sobre dar.

Desconforto belisca em minhas bordas. Faço um trabalho de merda em esconder isso, porque a testa de Rafe se aprofunda. — O que está errado?

— Nada...

Seus olhos porém, já estão na sacola. Desta vez, ele é mais rápido e o agarra antes que possa detê-lo. Pega o presente. Vira a etiqueta e olha para mim. — Isto é para mim?

— Sim, mas...

— De *você?*

Minhas bochechas esquentam. — Não, do próprio menino Jesus. — Retruco. — Mas não é nada, apenas um pequeno estúpido...

— Por que está tentando escondê-lo? Explodirá quando eu abrir?

Olho para ele. — Não, mas gostaria de ter pensado nisso.

Ele arranca o papel e ergue meu presente contra a luz. Um par de meias verde-vômito cobertas de trevos de quatro folhas. Quando seu olhar encontra o meu, não consigo ler a expressão por trás dele, e isso me deixa ainda mais desconfortável.

— São apenas meias — murmuro, mudando meu peso de um pé para o outro. — Meias da sorte, talvez. Sei que provavelmente fica com coceira só de *olhar* para o poliéster, e sei que provavelmente o fiz odiar trevos de quatro folhas, mas…

Minha explicação derrete. O gesto é doce e paira no ar igualmente doentio. A verdade é que as comprei em uma loja de um dólar na rua principal quando remava em uma daquelas ondas de pavor. Achei que talvez se ele tivesse meias da sorte, como eu tenho um colar da sorte, isso poderia me impedir de arruinar a sua vida.

Percebo que acabei de dizer isso em voz alta.

Ele me encara. Está tão *alto* lá fora, com a chuva batendo nas janelas como se tivéssemos feito algo para irritá-la, mas neste quarto, pode-se ouvir um alfinete cair.

Rafe coloca as meias na mesa de cabeceira. — Venha aqui.

Desta vez, o comando não está iluminado com luxúria, e sou compelida a obedecê-lo. Entorpecida, rastejo para a cama e deito na curva de seu braço. Ele se apoia no cotovelo e olha para mim, bloqueando toda a luz acima dele.

— Acha que essas meias da sorte funcionarão? — Murmura, passando um dedo sobre o pingente do meu colar.

— Talvez — sussurro, sufocada. *Esperançosamente.*

Ele lança um olhar para os meus olhos. Pesquisa-os. — Quando comprou seu colar?

— Não comprei, foi-me dado.

— Pela sua mãe?

Rio. *Okay, certo.* — A mãe de alguém, provavelmente, mas não a minha.

— Por que ela deu a você?

Nossos olhos se encontram e ele me encara pacientemente. Eu me contorço sob o calor de seu corpo, não querendo trazer essa memória à tona, não no dia de Natal. Agora não, mas quando vou me sentar, Rafe me empurra de volta para baixo, segurando-me na cama com a mão no meu quadril.

— Diga-me.

Concentro-me no teto estampado e suspiro. — Sem ofensa, mas homens em cassinos são idiotas. — Ele não ri, mas espera que eu continue. — Crescendo no *Visconti Grand*, todos os clientes achavam que eu tinha sorte.

Agora, ele sorri. — Nico me disse que costumava cobrar um dólar para eles apostarem em seus dados. — Sua junta roça minha bochecha. — Por que não me lembro de você?

Em vez de fazer uma piada sobre a porra da sua idade, engulo e continuo. Sei que se eu parar, nunca conseguirei. — Não cobrava no começo. Eu costumava ser um amuleto da sorte de graça, até que uma noite, um dos frequentadores me colocou em seu colo na roleta. Estava bêbado; podia sentir o cheiro de uísque em seu hálito. — Olho para ele. — Outra razão pela qual odeio uísque. De qualquer forma, estava sendo imprudente. Apostou tudo o que tinha no preto e, como sempre teve muita sorte por ele antes, pensou que não poderia perder. — Engulo. — Minha mãe era a crupiê daquela mesa naquela noite. Ele a convenceu a me deixar soprar na bola e até jogá-la na roda, embora fosse completamente contra as regras do *Grand*. Ele girou e girou e, à medida que desacelerou, lembro-me de seu aperto no meu quadril ficando mais pesado.

Meu olhar desliza até Rafe. Sua mandíbula estala, e nas sombras parece demoníaco. — O que aconteceu? — Pergunta calmamente, embora não esteja nem um pouco calmo.

— Nada — sussurro. Olhamos um para o outro, e solto um suspiro trêmulo. Porra, odeio essa memória. Nunca contei a ninguém, nem mesmo à linha direta. Se Rafe não fosse tão caloroso, se seu braço sob minha cabeça não fosse tão sólido, também não diria a ele. — Sabia que estava com problemas; podia sentir isso. Pulei do seu colo e corri para o beco. Segundos depois, ele me seguiu. — Minha risada é amarga e tem gosto de autodepreciação. — Ele foi o primeiro homem a me prender em um beco; Martin O'Hare foi o segundo.

— E ele será o último, caralho. — Rafe rosna, passando a mão pelo cabelo, olhando para a tempestade.

Trazendo sua atenção de volta para mim, acariciando a cabeça de serpente de sua tatuagem. — Foi então que aprendi que quando não se pode mais servir a um homem, eles lhe dão as costas, ou pior, se voltam *contra* você. Ele estava com raiva e queria me ensinar uma lição. Suas mãos tentavam ir a lugares que nunca deveriam ir no corpo de um garoto de dez anos. Sabe, sobe meu vestido...

A emoção coagulando em minha garganta interrompe minha história. Rafe solta o ar, deixando sua testa encostar na minha. — Foda-se, Pen.

No entanto, continuo. Agora parece que preciso. — Ele não foi muito longe, felizmente, porque uma mulher apareceu do nada. Acho que estava saindo para fumar um cigarro, mas sua presença foi suficiente para assustá-lo. Usava o vestido mais bonito e o beco estava imundo, mas não se importava. Ela se sentou ao meu lado e me puxou para seus braços. Deixou-me chorar lá pelo tempo que precisei. — Porra, até hoje, ainda me lembro do seu cheiro. Era caloroso e acolhedor. Cheirava a cercas brancas, flores recém-colhidas e jantares de domingo em volta da mesa da cozinha. Tudo que nunca tive. — Quando minhas lágrimas secaram, ela tirou este colar de seu próprio pescoço e o prendeu em volta do meu. — Meus dedos voam até ele, trazendo a memória à vida. — Ela me disse que isso a mantinha com sorte e agora também me manteria com sorte. A princípio, recusei - porque e se ela não tivesse mais sorte sem o colar? E se de repente

começasse a perder no cassino? Mas o que ela disse a seguir ficou comigo para sempre. “Sorte é acreditar que se tem sorte. Isso apenas lhe dará um pequeno impulso quando esquecer”.

Rafe está em silêncio, a mente fervilhando e oscilando entre a tristeza e a violência. Agora que minha pior lembrança de infância saiu da minha boca, parece que cresceram garras e estão arranhando minha pele em carne viva.

— Diga alguma coisa — sussurro.

Eventualmente, sua grande palma engole minha mandíbula. — Vou matá-lo — diz sem emoção, e então a cama afunda e sinto frio. Ele fica no final dela, pegando suas calças. Respira fundo, olhando para a parede. — Vou encontrá-lo e matá-lo. — Faz uma pausa. — Devagar.

— Rafe...

— Nico saberá quem ele é. Talvez aquele bastardo do Tor também. O Grand tem segurança em todos os lugares. Sei que foi há uma década, mas...

— Ele está morto — deixo escapar, sentando-me em meus cotovelos.

Ele faz uma pausa, erguendo os olhos para os meus. — O quê?

Enrolo minha mão em volta do meu colar. — Menos de uma semana depois, ele estava me olhando da página do obituário no *The Devil's Coast Herald.* Essa foi a primeira vez que percebi que, sim, sou realmente sortuda. — Dou de ombros. — Acredito nisso desde então.

Parece que ele fica lá para sempre, calça em uma mão, telefone na outra. Quando a tela de seu celular escurece, joga-o na mesa lateral e se agacha ao meu lado.

— Foda-se — é tudo o que diz.

— Foda-se — repito em concordância.

Ele balança a cabeça, uma careta nos lábios. — Tenho que dar um passeio ou algo assim. Estou muito chateado para dormir agora.

Rolo de joelhos, olhando para ele. — Então não dormiremos.

Seu olhar cai para o meu, suavizando. — Eu sinto muito, querida.

— Sinto muito também.

Sua mandíbula aperta. — Não se atreva a pedir desculpas. — Ele se move para mim, agarrando meu cabelo e aninhando seu rosto no meu pescoço. — Não é uma garota que pede desculpas.

— Nem por ter comprado meias feias para você?

A sua risada faz cócegas na minha pele e, de alguma forma, ilumina um pouco o clima. — São feias *pra* caralho.

— Vai usá-las?

— Se quiser que eu use. — Ele se afasta, a expressão escurecendo novamente. — Não sabia que estávamos trocando presentes.

Eu rio do ridículo de sua declaração. — Uh, tudo bem. Acho que seu Amex preto, seu *Breitling* de seis dígitos e a tonelada de dinheiro que me pagou para balançar minha bunda na sua cara terão que servir.

Ele observa minha mão deslizar por seu peito, tensionando quando passo um dedo pelo cós de sua cueca. — Ou... ficarei com isso.

Examina minha expressão. — Tem certeza?

Considero isso por meio segundo. A verdade é que sinto que um peso foi tirado dos meus ombros, agora que compartilhei meu segredo. Quero perseguir essa alta com algo que me faça sentir ainda melhor.

— Qual é a alternativa? — Abro seu cós e bate de volta em seu estômago com um *baque alto.* — Falar sobre nossos sentimentos?

Seus olhos se estreitam, caindo para os meus lábios. — Você se acha engraçada, hein? — Brama, me prendendo na cama. — Meu presente de Natal para você é que vou fodê-la tão forte que...

Finjo um bocejo e coloco minha mão em seu rosto. — Tedioso. Tenho dez deles. Guardou o recibo?

Ele sussurra algo sobre eu ser uma cadela atrevida, então suas mãos pegam as minhas e segura meus pulsos acima da minha cabeça. Enquanto estuda meu rosto, algo escuro brilha em seus olhos. A autopreservação me faz tentar me livrar de suas garras.

Seu olhar esquenta enquanto percorre um caminho lânguido pelo meu peito, parando na bainha da camisa de Rory. Arfa. — Vou fodê-la suave, então.

— O quê?

Quando me sento em protesto, aproveita a chance para deslizar a camisa sobre minha cabeça, joga-a no canto do quarto e cai de lado. — *Shh* — murmura, traçando a depressão onde minha cintura encontra meu quadril. — Deite-se e relaxe.

Não estou quieta porque sou complacente, mas porque, de repente, estou atordoada demais para falar. Lentamente, libera seu aperto em meus pulsos e desliza seu ombro sob minha cabeça, então estou deitada na curva de seu braço. Meu corpo está envolto em sua sombra quente; banhado na intensidade de seu olhar. Ele observa meus seios subirem e descerem por alguns momentos antes de roçar uma junta entre eles.

Um tremor balança meu núcleo, meus mamilos apertando em antecipação. — Olhe para você — murmura. — É tão perfeita, *Queenie*. — Nós dois observamos sua mão deslizar sobre a curva do meu estômago. — Cada centímetro de você. Perfeição.

— Eu...

Minha objeção se transforma em um gemido quando sua boca quente se fecha em meu peito. Suga devagar, delicadamente, dando-me tão pouco de sua língua que todos os meus músculos retesam por mais. Levantando os olhos

para os meus, ele roça seu lábio inferior em meus seios até minha clavícula, onde dá um pequeno beijo no pingente do meu colar. — Sem falar. Apenas relaxe e deixe-me adorá-la. — Seus olhos se movem para os meus novamente, um desespero aquecido por trás deles. — *Por favor.*

Estou rígida, confusão e conflito congelando meus ossos. Isso é *bom demais.* Não combina com palavras como *temporário* e *por enquanto,* mas depois tira minha calcinha pelas minhas coxas, e vejo sua mão desaparecer entre elas. E com cada roçar de asas de borboleta contra meu clitóris, começo a descongelar.

Rafe me estuda com uma intensidade que me faz sentir mais do que nua. Observa sua mão brincar com minha boceta; observa minha expressão quando desliza o dedo indicador dentro de mim e pressiona contra o meu ponto doce.

— Boa menina — sussurra contra a minha boca quando gemo. — Deixe-me ouvir de novo.

Meu sangue ferve como água fria em uma frigideira quente. Meus nervos vibram em lugares que não sabia que existiam. Sou consumida por tinta e caxemira e, a cada palavra de cetim dita contra minha pele úmida, fica cada vez mais difícil respirar.

— Goze para mim, linda garota — murmura, trabalhando meu clitóris em um ritmo baixo e lento.

Quando sua cabeça se inclina para beijar meu pingente novamente, uma explosão irrompe em meu núcleo,

espalhando-se para fora, até os dedos dos pés e até a ponta dos dedos.

Meu orgasmo é violento contra sua calma. Desesperado para sua composição. Ele segura minha cabeça em seu peito enquanto o monto. Seu batimento cardíaco contra a minha bochecha é a primeira coisa que ouço quando meus sentidos voltam para mim. É forte e estável, confiável como o tique-taque sempre presente de um relógio.

Ele me abaixa suavemente para o travesseiro. Segue seu polegar enquanto desliza sobre meu lábio inferior molhado.

— Minha Rainha de Copas — murmura fascinado, mais para si mesmo do que para mim. — Minha linda morte.

O tempo parece desacelerar, como se também não quisesse correr para o fim. Eu me sinto destruída. Acho que todo aquele gelo estava me segurando. Ficamos deitados assim pelo que parecem horas, minha respiração irregular se misturando ao rugido da tempestade.

E então outro som, este imaginado, arranha minha espinha. O arranhão de metal; o barulho de uma fechadura. O *estalo* de uma armadilha em volta do meu tornozelo.

O pânico toma conta de mim instantaneamente. Minha mão dispara para agarrar o bíceps de Rafe.

— Que jogo estamos jogando agora? — Ofego.

Seu olhar é tudo que não quero que seja.

— O jogo de faz de conta, *Queenie*.

16

Rafe

O céu é o mesmo nevoeiro cinza que a neve no chão. Encontram-se em algum lugar no meio e cria a ilusão de que o horizonte continua para sempre. O extenso hotel em frente a ele é apenas alguns tons mais claro.

Angelo acende um cigarro. — Assistiu *O Iluminado,* certo?

— Infelizmente.

Maldito Gabe. Estava me sentindo igualmente generoso, preocupado e sem sorte quando lhe dei o direito de escolher o cenário para o jogo dos *Sinners Anonymous* deste mês. Isso foi há muito tempo, quando estava tão alheio quanto Angelo, acreditando que nosso irmão rastejava pelas paredes com a tarefa mundana de eliminar os homens de Dante com pneus cortados e cigarros amarrados, não torturando-os com armas improvisadas em uma caverna.

Dirigimos por horas, passando por *Devil's Cove*, até onde o terreno e o clima frio do Canadá escapam de sua fronteira.

— Ele só matou um gato. — Resmunga Angelo.

A contragosto, estou pensando a mesma coisa. Por que diabos estou a oitocentos metros da Colômbia Britânica, em frente a um hotel abandonado, atrás de um assassino de gatos?

— Sabe que não sou do tipo que esmorece o espírito do jogo, e estou sempre insistindo para que seja um pouco mais criativo, mas, neste caso, um tiroteio teria bastado. — Minha mente se volta para Penny, de volta ao iate, aquecendo minha cama. — Tenho coisas melhores para fazer — murmuro.

Atrás de nós, três tiros soam em rápida sucessão. Angelo e eu giramos em uníssono, com as armas engatilhadas. Nós os deixamos ir quando nosso irmão idiota emerge do nevoeiro, disparando uma AK-47 para o céu.

— Boa tarde. — Semicerra os olhos para a neve que cai. — Tempo adorável, não é?

Encaro-o. — É um milagre que nunca tenha ido para a prisão.

— Mm — Angelo concorda. — Nem mesmo um curto período.

Gabe nos ignora e acena atrás dele. Dois de seus homens aparecem, arrastando um grande baú de metal pela neve. Abrem para revelar uma série de implementos de metal modificados. A maioria das peças reconheço ao vasculhar o baú de ferro em sua caverna; outras não.

Pela forte inspiração, Angelo não tinha visto nenhum deles antes.

— Que porra é essa? — Tritura a neve e espia dentro da caixa. — Isso é... Porra, isso tem um *motor* conectado?

Gabe se endireita e olha para ambos com sua indiferença característica. — Ouça com atenção, porque não posso ser

fodido para me repetir. — Angelo se abaixa quando Gabe balança a AK-47 para cima, apontando-o para o hotel atrás de nós.

— *Black Springs Resort e Spa*. Está à venda há vinte e cinco anos e agora é a mais recente adição ao império imobiliário Visconti.

— Comprou essa coisa? — Angelo pergunta baixinho, o tique na têmpora. — Com dinheiro?

— Não, com feijões mágicos — Gabe fala inexpressivo. — Eu tranquei todas as portas e janelas. — Ele se abaixa em seu porta-malas e puxa uma furadeira elétrica. — Há apenas uma maneira de entrar e, infelizmente, para o nosso pecador, não há saída.

Giro cento e oitenta graus, olhando para o hotel com novos olhos. Pelas camadas de neve, nem havia notado as grades de ferro cobrindo as janelas e portas. — Já está lá dentro?

— Esteve lá por três dias, irmão. Sem luz, sem água, sem estimulação. — Gabe esfrega as mãos. — Ele ficará desesperado para sair.

— Cristo — murmura Angelo, estalando os nós dos dedos.

— Escolha um número.

Minha cabeça se volta para Gabe. — O quê?

— Um número. Entre um e vinte.

— Um — Angelo fala lentamente. Olha para mim. — Nunca pode dar errado com um.

O lacaio de Gabe mergulha no porta-malas, verificando a pequena etiqueta no fundo de cada arma. Entrega a Angelo uma lança de pesca.

— Não — diz Angelo bruscamente.

— Não perguntou — Gabe resmunga de volta. Seus olhos encontram os meus. — Número.

Raspo meus dentes sobre meu lábio, pensando. Claramente, o número que eu escolher ditará a arma com a qual estou armado. É tudo uma questão de sorte. Um vento imprudente serpenteia pelo meu colarinho, e as feias meias verdes apertam meus tornozelos.

Foda-se; vejamos se funcionam. — Treze.

Angelo murmura algo sobre eu ser um idiota. Gabe me lança um olhar compreensivo. — Pensei que poderia dizer isso — murmura, entregando-me a minha arma favorita de todas.

— Fácil — ronrono, batendo o martelo contra a palma da minha mão, a adrenalina beliscando minhas bordas. — Dê-nos as regras.

Pressionando a AK-47 no peito de seu lacaio, ele aperta a furadeira com mais força e se coloca entre nós.

— Não precisa de regras, irmão, é só esconde-esconde. — Acena para o prédio decadente. — Há duzentos e cinquenta e um quartos lá. Está escondido em um, e quem o encontrar primeiro, vence.

— O que ganhamos?

Gabe olha para mim. — Uma cerveja do *Rusty Anchor*.

Deixei escapar um suspiro seco. — Que motivador.

Angelo olha para sua lança de pesca com desgosto. — Vai nos fazer deixar nossas armas aqui, não é?

— Sim. Entregue-as.

Desconforto desliza em minhas veias enquanto pressiono minha Glock na palma da mão de seu lacaio. Caçar no escuro com nada além de um martelo parece muito primitivo. Muito *Gabe.* Normalmente, ficaria encantado por ele estar levando o jogo tão a sério. Isso, mais o cenário que criou no campo de cerejeira para o jogo do mês passado, é uma excelente mudança em relação às masmorras de concreto que escolhe, mas com meus problemas atuais, parece que muita coisa pode dar errado.

Gabe olha para nós e acena com a cabeça em aprovação. — Vamos começar.

Fechamos o hotel em silêncio. A neve arenosa se compacta sob os pés enquanto o vento assobia uma melodia assombrosa em meus ouvidos.

Quanto mais nos aproximamos, mais misterioso o hotel se torna. Porra, é mesmo algo saído de um filme de terror. A névoa devora o topo das torres falsas, e a tinta acinzentada rachou em mil veias de aranha. A ideia de escalar seus quartos escuros como breu em um jogo fodido de gato e rato cutuca o sádico em mim.

Gabe para em frente à porta de ferro. — Quer ver algo legal? — Antes que possamos responder, tira o *walkie-talkie*

de sua cintura e pigarreia. Leva-o à boca e provoca — Pronto ou não, aqui vamos nós.

Ouço sua voz em todos os lugares, menos ao meu lado. Sai da mansão, alto, mas abafado, e é levado pelo vento.

Angelo passa a palma da mão sobre seu sorriso, balançando a cabeça. — Montou alto-falantes? Isso é assustador *pra* caralho.

Gabe me lança um olhar compreensivo, tocado com humor seco. — Gosto da acústica.

O chiar de um cigarro; os gritos de um primo há muito perdido. Estremeço com a lembrança e volto para o hotel.

A furadeira de Gabe passa pela fechadura. Angelo murmura algo sobre usar a porra de uma chave, mas não consigo rir. De repente, algo muito sem graça está apertando minha nuca e, da última vez que tive essa sensação, me vi olhando para o cano de uma arma alguns momentos depois.

Meu aperto aumenta no martelo. — Ele está desarmado?

Do jeito que Angelo me zomba, seria de se pensar que acabei de confessar que mijei na cama. — Está? — Retruca, os olhos disparando para o martelo.

Com um gemido, a porta se abre, revelando o vazio atrás dela. Gabe a fecha atrás de nós, e então os jogos começam.

A escuridão é ofuscante.

— Vamos, matador de gatos — Angelo murmura à minha esquerda. O som de sua arrogância fácil diminui em uma sala conectada.

Uma mão agarra meu ombro. — Faça-me um favor, irmão. Se você encontrá-lo, mutile, não mate. Griffin precisa de companhia.

Olho para o abismo, me livrando das garras de Gabe. *Griffin ainda está vivo?* Foda-se, deve estar em ruínas.

Ele se esconde fora de alcance, e agora estou sozinho. Desprovido de visão, meus ouvidos formigam com consciência. As tábuas do assoalho gemem. Eco de passos. A provocação de uma furadeira zumbe acima da minha cabeça. A cada cômodo em que entro, cada um mais escuro que o anterior, o mal-estar aperta mais um nó em volta do meu pescoço.

À minha direita, algo farfalha. Uma sombra se move dentro de uma sombra e, sem pensar duas vezes, me viro para ela. O metal brilha e a garra afunda na placa de gesso apodrecida. Depois de arrancá-lo, meu aperto no cabo do martelo se afrouxa e deixo minha cabeça cair na parede.

Porra. Estou perdendo a cabeça.

Não percebo que disse isso em voz alta até que uma resposta vem das sombras.

Gruff. Familiar. *Tão perto.*

— Não posso dizer que já pensei em você como são, em primeiro lugar, *cugino.*

Dante sempre usou a loção pós-barba mais horrível. É a última coisa que ataca meus sentidos antes que a nitidez queime minha pele.

17

Penny

A luz do luar permeia uma vidraça, projetando as sombras da tempestade na parede do fundo. Estou olhando-a há horas. Acordada. Alerta. Querendo saber se Rafe está voltando, ou se passarei uma segunda noite abraçando seu travesseiro frio.

Ele disse que era uma reunião. O período entre o Natal e o Réveillon é sempre uma mancha no calendário, eu sei, mas *dois dias.* Que reuniões duram dois dias?

Meu celular não vibrou nenhuma vez com uma piada de merda, ou mesmo um curto comando de uma palavra. Em vez disso, queimou um buraco silencioso no meu bolso enquanto vagava sem rumo de sala em sala, provocando-me com a ideia de enviar uma mensagem de texto para ele.

Meu orgulho não permite.

Meu suspiro derretendo no barulho da chuva, chuto as cobertas do meu corpo úmido e me apoio nos cotovelos. Estou quente e inquieta e, por mais patético que seja, sei que apenas a suave calmaria da voz de Rafe em meu ouvido e o duro conforto de seu corpo contra o meu me acalmarão.

Caio de volta no travesseiro. Armadilhas são a pior coisa.

Fico assim por um tempo, pensando no que fazer. Estou com meu último livro *Para Dummies,* e liguei para a linha direta dos *Sinners Anonymous* tantas vezes que minha cabeça está vazia de tópicos mundanos. No momento em que estou pensando em dar outra volta no iate para queimar um pouco dessa energia nervosa, um zumbido baixo à distância faz todos os pelos dos meus braços se arrepiarem. Meus olhos deslizam até a fileira de janelas que revestem a parede e o brilho amarelo das luzes do barco que lentamente as ilumina.

O alívio alivia a pressão no meu peito. Deslizando sob as cobertas, fecho meus olhos e apuro meus ouvidos, ouvindo o movimento mudar ao redor do iate.

O motor desliga. O deque de natação geme. Somente quando as portas francesas se abrem e se fecham com tanta violência que a cabeceira da cama balança contra minha cabeça, uma onda de desconforto desliza sobre mim. Fica mais pesado a cada passo irregular que rasteja pelo teto. Quase me sufoca quando o som desce as escadas e se fecha na porta da cabine. Quando a porta se abre e o cheiro de chuva e animosidade se espalha pela sala, fecho meus olhos e paro de respirar.

Alguma coisa não está certa; posso sentir isso. Há um veneno no ar e a respiração de Rafe está muito alta. Meus braços formigam com a consciência enquanto se dirige a cama e se senta na poltrona perto da minha cabeça.

O perigo grita, mas o silêncio é mais alto. Deixando escapar a respiração mais lenta e silenciosa que posso, me

atrevo a abrir uma pálpebra - não o suficiente para ele perceber que estou acordada, mas o suficiente para avaliá-lo.

Seus olhos estão em mim, os cotovelos apoiados nos braços da cadeira. Gira uma ficha de pôquer entre o polegar e o indicador, cada volta brilhando em ouro ao luar. É uma versão amarrotada de si mesmo: seu cabelo está despenteado, sua camisa encharcada e as sombras até o fazem parecer com a barba por fazer.

Mesmo que eu estivesse bem acordada e estivéssemos na luz fria do dia, não seria capaz de ler sua expressão. Sua atenção está desfocada, em outro lugar. Em algum lugar, a má sorte prospera e decisões pesadas precisam ser tomadas.

Aperto meus olhos fechados novamente.

Alguns segundos depois, a cadeira range e passos deliberados levam ao banheiro. Os canos gorgolejam e estalam nas paredes quando ele liga o chuveiro. A água bate nos ladrilhos e o vapor se infiltra por baixo da porta. O ato muito normal de ele entrar e tomar um banho quase me embala em uma falsa sensação de segurança, até que um *estalo alto* penetra pelo quarto e me coloca de pé.

Que porra?

Com o coração batendo forte, olho para a porta do banheiro. —Rafe?

Nenhuma resposta.

Com as pernas trêmulas, saio da cama, atravesso o quarto e bato. Quando ainda não há resposta, seguro meus

braços e cuidadosamente empurro a porta aberta.

O medo me sufoca, mas nem de longe tanto quanto não saber o que está do outro lado.

Atrás do vidro embaçado, Rafe está de costas para mim. Uma das mãos está apoiada na parede, a cabeça mergulhada entre as omoplatas, enquanto as gotas de água capturam o luar, brilhando como metal enquanto deslizam sobre suas tatuagens e rodopiam pelo ralo.

— Rafe? — Seus ombros tatuados tensionam, mas não se vira para me olhar. — Você está bem?

Silêncio e névoa me cobrem; inalo-o pelas narinas e quase engasgo.

Incapaz de suportar a tensão, abro a porta do chuveiro. Abaixo-me por baixo do braço e deslizo entre ele e a parede. Seus olhos estão tão gelados quanto a água que encharca minha camiseta conforme os levanta do ralo para mim.

— Suas meias não funcionaram.

O quê? Estupidamente, olho para os seus pés, como se fosse encontrar aquelas meias verdes horríveis ficando úmidas, mas o que vejo deixa minha garganta seca. Sangue, e muito, girando com a água e desaparecendo pelo ralo. Sigo a trilha até sua coxa, sobre seu umbigo e à direita de seu estômago.

— Está sangrando — sussurro, estendendo a mão para tocar a bandagem ensanguentada. Percebendo que doerá, enrolo minha mão em uma bola e pressiono minhas costas

contra os ladrilhos. Um raspão aproximadamente entre minhas omoplatas. Um olhar para os nós dos dedos, também ensanguentados, e ligo os pontos; a *rachadura* foi ele socando a parede do chuveiro.

— O que aconteceu?

Seu olhar é preguiçoso e irritado. Mais negro que o lado escuro da lua. — Você aconteceu, Penelope.

Pisco a água dos meus olhos e olho para ele através do aguaceiro. Pela primeira vez, estou sem palavras.

Seu olhar se fixa no meu, queimando mais quente enquanto rola sobre meu rabo de cavalo encharcado e desce pelo comprimento da minha camiseta embebida. Ele faz uma pausa em meus seios, correndo um olhar faminto sobre meus mamilos.

— Fique de joelhos.

Minha garganta aperta. — O quê?

Ele envolve seu punho sangrento em torno da base de seu pênis. Fica mais duro quanto mais olho para ele. — Você me deixou de joelhos; agora é sua vez.

Estou congelada, e não apenas porque estou me afogando em um fluxo constante de água gelada. Não conheço este homem. Ele não é aquele que se aproxima para roubar um pedaço do meu hambúrguer, ou aquele que beija cada marca que deixa em meu corpo.

Não o conheço e não gosto de ficar presa entre ele e a parede fria do chuveiro pressionando minha coluna.

Ele dá um passo à frente e a violência corre em minhas veias. Por uma fração de segundo, os ladrilhos são de alvenaria, o chuveiro é um beco e ele é um homem decidido a se vingar. Minha mão dispara e dá um tapa no seu rosto, com *força.*

Rafe não hesita. — Isso é tudo que tem? — Diz preguiçosamente.

Por isso, bato nele de novo. E novamente quando sua indiferença não cede. Com a raiva rugindo em meus ouvidos, cerro o punho, mas quando a retiro, ele se abaixa e, em um movimento rápido, me tira do chão e me levanta por cima do ombro. Ladrilhos encharcados de sangue, tapetes manchados pela lua. Passam em um borrão ofegante, até que uma explosão repentina de água gelada congela minha pele.

Está um milhão de graus mais frio que o jato do chuveiro. Engasgo com o choque e instantaneamente luto para escapar do aperto de Rafe, mas é implacável, e tudo que posso fazer é gritar quando o carpete desliza no convés. Ele me abaixa até que o metal molhado toque a parte de trás das minhas coxas e o vento fustigue meu cabelo.

Não há tempo para me orientar porque estou caindo para trás. A sensação diminui minha percepção do tempo, arrastando meu coração para o estômago, mas acabou tão rápido quanto começou, porque a mão de Rafe dispara e me agarra pela garganta.

Ofegante, dou uma olhada em pânico ao meu redor. Estou me equilibrando no parapeito que separa a proa do oceano

furioso abaixo. A única coisa que me impede de cair no abismo é a mão espancada me sufocando até a morte.

Sempre disse a mim mesma que encararei a morte quando chegar a hora, não me enrolarei como meu pai. Uma opção que nunca considerei foi o que estou fazendo agora; agitando meus braços e pernas, arranhando seu antebraço tatuado e gritando por misericórdia.

— Por favor! — Por sua expressão vazia, acho que não pode me ouvir por causa do vento, então grito mais alto.

Meu estômago pula na minha garganta quando dá um passo à frente, pressionando sua testa encharcada contra a minha. Ele cheira a uísque e parece um homem que tem toda a minha vida em suas mãos. Porra, ele tinha de qualquer maneira, muito antes de decidir me segurar na beirada de uma grade.

— Se eu jogá-la ao mar, talvez tudo isso desapareça — sibila. — Talvez eu tenha minha sorte de volta.

Estou com tanto frio que me sinto mal. Tão assustada que meu batimento cardíaco ameaça quebrar minhas costelas.

— *Não vai!* — Choramingo.

Sua mão desliza para a minha nuca. Arqueio minhas costas e pressiono meu corpo contra o dele, sentindo sua risada quente e amarga descer pela minha garganta. — Sei que não. Parece que não consigo machucar a porra de um fio de cabelo em sua cabeça, muito menos acabar com sua vida. — Seus lábios apertos, subindo até o oco atrás da minha

orelha. — Acha que ainda não tentei, *Queenie*? Quero tanto extinguir a vida em você, mas se fizer isso, ela também se extinguirá de dentro de mim.

Dormência se infiltra em minha pele e então congela tudo debaixo dela. Percebo que ele pensa que eu quis dizer que não me matará, não que não terá sua sorte de volta. É uma rachadura em sua fachada demoníaca, e enfio minhas garras nela.

— Por favor — sussurro contra sua testa. — Estou com frio. Podemos conversar sobre isso lá dentro. Podemos...

Ele se afasta tão de repente que minha vida passa diante dos meus olhos. Agarro seu bíceps escorregadio, meus músculos do estômago doem de onde estou tentando me manter em pé.

— *Eu não escolhi o amor!* — Grita contra o vento, olhos negros e agitados. — Escolhi o Rei de Ouros! Não escolhi você!

A sua raiva desperta a minha própria vida e, de repente, esqueço que esse homem poderia acabar com minha vida com um deslize de um dedo. — E eu também não, mas aqui estou, presa na porra da sua armadilha! Presa tão fundo que temo nunca mais sair!

Sua respiração fica mais lenta, seus olhos se aguçam com clareza. Aproveito isso, também colocando minha mão em volta de sua garganta. Olhamos um para o outro. Ele nu e ensanguentado, eu encharcada e tremendo.

Não nos parecemos em nada com o Rei de Ouros e a Rainha de Copas.

Apenas dois malditos idiotas apaixonados.

Engulo a espessura na minha garganta e sussurro minha verdade.

— Se eu me afogar, está se afogando comigo. Se você queima, também queimarei. Escolha sua rota para o inferno, Rafe. O destino e a companhia são os mesmos.

Ele faz um barulho de raiva. Pega um punhado do meu rabo de cavalo encharcado. E então me torna uma milionária.

Sua boca pressiona contra a minha, quente e desesperada. Meus lábios apenas se abrem para deixar escapar um suspiro de choque, mas ele imediatamente desliza sua língua para dentro. Enquanto me prova, seu gemido enche minha boca, desencadeando violentas faíscas de fogo entre minhas coxas. Foda-se a tempestade; não consigo mais sentir o frio. Com cada deslizamento animalesco de sua língua contra a minha, com cada mordida em meu lábio inferior, meu corpo fica tão quente que poderia derreter o Ártico.

Seus dedos deslizam pela minha nuca e me agarram lá. Não só estou em sua armadilha, como as correntes estão esticadas; ele não me deixa mover um centímetro. Inclina-se para a minha mão em volta de sua garganta quando me afasto para respirar. Passos entre minhas coxas quando tento torcer minha cabeça de seu aperto. O calor quente de sua virilha irradia através do tecido fino da minha calcinha,

derretendo por baixo em algo flexível. Algo que cabe em suas mãos tão perfeitamente quanto o resto de mim.

Enquanto raspa os dentes no meu lábio inferior, seu olhar se choca com o meu através da chuva. Uma poça de lava verde, tão raivosa e imprudente quanto seu beijo. — Claro que vi a porra do *Notebook* — murmura, antes de fundir sua boca na minha novamente.

Ele se recusa a interromper o beijo, mesmo enquanto dá um tapa em minhas coxas, por isso as envolvo em sua cintura.

Mesmo quando me levanta do corrimão e me carrega para dentro. Quando me joga na cama, tira minhas roupas e me cobre com seu corpo quente e ensanguentado.

E à medida que desliza para dentro de mim, espero que nunca o faça.

* * *

Acordo entre lençóis úmidos, inchada de inquietação. O tipo que preenche todas as partes ocas de mim e empurra contra meus órgãos.

Estou de lado, de frente para a parede. Minha camisa amassada, manchada de sangue de segunda mão, está secando no chão. Uma brisa fresca provoca minhas costas nuas e eu sei, mas fico aqui mais um pouco, jogando meu novo jogo favorito: faz de conta.

As regras são simples. Se eu fechar os olhos com força e tapar os ouvidos com as mãos, posso tocá-lo pelo tempo que quiser. Posso sentir o peso reconfortante de seu braço sobre meu quadril. Sentir sua respiração preguiçosa fazendo cócegas na minha nuca, mas o problema do faz de conta é que não pode jogar para sempre. Eu sabia no dia de Natal e sei agora.

Movimentos retardados pelo pavor, rolo de costas e passo minha mão sobre seu lado da cama. Está tão vazio e frio como meu coração. Meus dedos deslizam sob seu travesseiro e roçam algo embaixo dele.

Eu me apoio no cotovelo e o inspeciono. É um cartão embrulhado em um pedaço de papel. Desdobro o papel e percebo que é um cheque de um milhão de dólares. Então meus olhos caem para o cartão de visita. Ao número que sei de cor, depois às palavras escritas que não sei.

Sou dono do Sinners Anonymous.

Desculpe.

Rafe.

Encaro-o por um longo tempo. Nem um pingo de emoção fluindo pelo meu sangue. Nem um único pensamento preenchendo minha cabeça.

E então envolvo minha mão em torno da lâmpada na mesa de cabeceira e a jogo na parede.

18

Penny

Luxúria queima.

Amor corta.

A traição, porém? *Incinera pra* caralho.

Fico tremendo no chuveiro, incapaz de dizer se é o jato da torneira ou minhas lágrimas que estão embaçando minha visão. Não são lágrimas de tristeza, mas de raiva, e os cortes em minhas mãos são produto disso.

Vidros quebrados, lâmpadas quebradas. Roupas cortadas em mil tiras. Destruí tudo em meu rastro, porque não podia deixá-lo ir silenciosamente como fez comigo. Porra, teria colocado fogo no iate em um piscar de olhos se não estivesse nele.

Rafe é dono dos Sinners Anonymous. Meu amigo mais antigo, meu confidente de merda. Poderia muito bem ter pegado meu diário, aumentado as páginas e colado por toda a cidade. A humilhação é a mesma.

O tempo todo, pensei que conhecia todos os jogos que jogávamos, mas mal sabia eu que ele jogava o maior jogo de todos. Talvez seja o carma - o vigarista finalmente sendo enganado. Deus, como gostaria que ele tivesse tirado apenas

dinheiro do meu bolso, e não arrancado todo o meu centro do meu peito.

Outra onda de náusea toma conta de mim, e coloco minha luva esfoliante para me distrair novamente. Embora esteja esfregando por meia hora, os resquícios de seu nome ainda mancham minha pele.

Quero que ele *vá embora.* Fora do meu corpo, fora do meu coração. Quero que meus ouvidos esqueçam sua risada sedosa, meu nariz esqueça seu cheiro. E também quero que ele pegue fogo.

No momento em que desligo o chuveiro com um golpe de raiva do meu punho, a batida começa novamente.

— Penny! — A chamada abafada de Matt flutua pela porta da frente e pelo corredor. — Sei que está aí, então abra!

Ele me ouviu arrastar minha mala escada acima esta manhã e enfiou a cabeça no corredor, bem a tempo de ver meu rosto coberto de lágrimas desaparecer atrás da porta da frente. Mal saiu do meu novo tapete de boas-vindas desde então, mesmo quando enviei uma mensagem rápida para dizer que tive uma intoxicação alimentar. Não sei se respondeu, porque rapidamente desliguei meu celular e o joguei na parede.

Enrolo uma toalha ao meu redor, entro no meu quarto e me sento na beirada da cama. O espelho de maquiagem na cômoda reflete meu rosto inchado e manchado. Estou com muita vergonha de deixar Matt ou qualquer outra pessoa me

ver assim, porque agora pareço a garota que sempre jurei que nunca seria.

Vulnerável. Usada. Estúpida o suficiente para ser tocada por um *homem de merda.* Sou uma vencedora sem graça, claro, mas sou uma perdedora ainda pior.

E o amor é realmente um jogo perdido.

— Penny, passarei um tempo com uma família nas montanhas. Não terei serviço de celular, então, mesmo quando parar de ter um ataque, não poderá me encontrar. — Faz uma pausa. — Muito bem, tem cinco segundos para abrir esta porta ou vou arrombá-la.

Porra. Achei que ele já teria ido embora. Olho para onde o relógio de Rafe costumava estar e minha garganta aperta. Era a única coisa no iate que não conseguia quebrar; acabei por deixá-lo em sua cama revirada. Agora meu pulso parece tão nu quanto o resto de mim.

— Tudo bem, é isso, Pen. Se você está atrás da porta, sugiro que se afaste, porque estou prestes a atravessá-la.

Os passos de Matt recuam pelo corredor. Aceleram e um *baque alto sacode* minhas vidraças. Grita uma maldição dolorosa, e não posso evitar o sorriso sem humor inclinando meus lábios.

Sentirei a sua falta.

O pensamento desliza em minha cabeça sem contexto. Então percebo que meu instinto de sobrevivência está dois passos à minha frente.

Minha atenção se desvia do espelho para a pilha de dinheiro em minha cômoda e o cheque de um milhão de dólares.

Sou teimosa, mas não burra. Ele me disse que é dono da minha linha direta e me deu o dinheiro porque sabia que eu iria embora. E por mais que meu lado amargo queira ficar em *Devil's Dip* e arruinar sua vida, sei que isso me machucaria mais do que a ele.

Passando pela lanchonete todos os dias e lembrando-me de seu pedido de comida. Olhando para o horizonte e vendo todas as luzes brilhando em seu iate. Porra, não posso nem ver minhas amigas sem ser lembrada dele. Rory é casada com seu irmão e mora na casa em que cresceu; Tayce tatuou a porra do seu nome acima da minha bunda. E Wren. Foi ela quem tentou me convencer de que ele era um cavalheiro.

Acho que farei o que sempre faço quando as coisas dão errado.

Fugir.

* * *

As luzes brilhantes de *Cove* piscam e cintilam atrás das folhas de chuva que caem de um céu sem estrelas. As calçadas lisas são tão silenciosas quanto escorregadias. Em poucos dias, estarão fervendo com as comemorações do Réveillon.

E eu?

Foda-se onde estarei.

Meu colar chia contra minha clavícula. Mais uma vez, estou parada em uma rodoviária, com todos os meus pertences ao meu lado, esperando que a sorte me deixe cair de pé novamente. Desta vez, saio de Coast com mais do que cheguei. Bolsos pesados e uma terrível sensação de vulnerabilidade corroendo meu peito. É como uma ferida aberta, e não tenho certeza de como conseguirei suturá-la.

A chuva escorre como gelo derretido pelo meu colarinho, enviando um arrepio violento através de mim. Eu me aproximo do quadro de horários, esfregando a manga da minha jaqueta de pele falsa na tela para limpar as gotas. O próximo ônibus para fora da cidade é daqui a uma hora.

Suspirando, sento no banco molhado e espero.

O que eu farei agora? Não quero dizer como preencherei a próxima hora, mas o resto da minha vida. Vim para Coast com a intenção de seguir em frente, mas fiquei tão confusa que temo ficar permanentemente fora de forma. Nenhum livro *Para Dummies* acendeu um fogo em mim, e agora estou tão amarga e traída, tudo o que quero fazer é sacudir todos os homens com quem entro em contato, em uma tentativa de colocar o mundo em ordem novamente.

Um carro preto entra na faixa de *Devil's Cove*, seus faróis cortando a chuva e lavando meus Doc Martens. Sua velocidade é lenta e intencional, como se o motorista estivesse procurando algo na calçada.

Acho que meu coração não pode ser endurecido em um dia, porque sobe em minha garganta com a esperança de que seja Rafe. Visões de um rastejar digno de filme *Hallmark* passa por trás de minhas pálpebras e, em um momento de fraqueza, me pergunto quantos pedaços da lua teria que buscar para que eu o perdoasse.

O carro desacelera até parar a minha frente, e me levanto. A janela escurecida abre e me deparo com os olhos de outro Visconti.

— Entre, *Little P*.

Nós nos encaramos por alguns segundos, depois muda sua atenção para o para-brisa manchado de chuva, como se minha obediência fosse inegociável.

Com dormência cortando minhas veias, entro e fecho a porta. O carro se enche de calor e nostalgia, e lá vou eu de novo, me debatendo silenciosamente contra a vontade de chorar.

Dirigimos em silêncio. Versão de Amy Winehouse de *Will You Still Love Me Tomorrow?* toca baixo no rádio. A mandíbula de Nico está frouxa com indiferença enquanto sai da pista principal.

Não posso lutar contra isso. Um pequeno soluço desajeitado escapa da minha garganta e seu olhar aquece minha bochecha.

— Quer falar sobre isso ou quer se distrair?

Minha visão fica turva e não há como voltar atrás. A represa se abre, as lágrimas escorrem e meus soluços enchem o carro, feios e altos.

Nico solta um suspiro tenso e vira o carro.

— Distrair, é isso.

19

Rafe

Dizem que se ama algo, deixe-o ir.

Se algo quase te mata duas vezes em uma semana, provavelmente também deveria deixá-lo.

Enquanto a observava dormir pacificamente em meus braços, meu sangue espalhado sobre seu estômago e meu gozo brilhando na parte interna de sua coxa, duas verdades se solidificaram como metal em meu peito.

A primeira, era que agora que eu sabia como era beijá-la, nunca beijaria outra.

A segunda, era que nunca a deixaria ir.

Ela era toda minha, e nenhuma alma nesta porra de terra poderia arrancá-la de minhas mãos frias e mortas. Não, tinha de ser ela a *me* deixar ir, e eu precisava lhe dar uma boa razão para nunca mais me querer de volta.

O jogo de futebol ruge na televisão; a chuva martela nas janelas salientes. Estou reclinado no sofá do meu irmão, levando outra batata frita à boca, quando Rory aparece na porta da sala.

Na noite em que preenchi o cheque e rabisquei uma nota, apareci em casa porque não sabia mais para onde ir. Angelo abriu a porta com uma arma, abaixando-a quando viu a

expressão em meu rosto. Estendeu a mão em silêncio, mas apenas balancei a cabeça. Não conseguia nem manter minha respiração estável, muito menos a porra da minha mão.

Na manhã seguinte, acordei com sua esposa de pé ao lado da minha cama, seu cachorro em uma das mãos e uma faca de cozinha na outra.

— Lamento saber que foi esfaqueado — Rory disse calmamente. — Mas o que diabos fez com Penny e por que o celular dela está desligado?

Desde então, está discutindo com Angelo a portas fechadas e me lançando olhares mortais dos quatro cantos da casa. Ainda não comi nem bebi nada que não viesse de um recipiente lacrado, mas agora, conforme ela passa o olhar pelas minhas pernas, é o mais suave que já esteve durante toda a semana.

— Essas são minhas calças de moletom?

— Do seu marido.

Ela franze a testa. — Mesma coisa. — Olha para o saco de batatas fritas aninhado no meu braço. — São meus lanches?

— Provavelmente.

Acariciando a bola de penugem em seus braços, ela me encara por um longo tempo. Suspira. — É apenas um tolo de coração partido, não é?

— O que denunciou? — Pergunto secamente.

Seus olhos caem para os meus pés em triste perplexidade. — As novas meias da sorte. Ah, e o fato de quase não ter

saído dessa posição durante toda a semana.

A véspera de Ano Novo veio e se foi, e mal olhei para os fogos de artifício do outro lado da janela da sala, muito menos dei uma festa assinada por Raphael Visconti.

O que eu teria feito, colocado a porra de um terno e um sorriso e fingido que tudo por baixo não estava pegando fogo? A única trégua que tive da dor foi quando o capitão do *La Signora Fortuna* me enviou uma mensagem para me avisar que Penny tinha enlouquecido.

Bom. Espero que esteja com raiva. Espero que tenha arruinado tudo o que possuo. E espero que ela se sinta melhor por isso.

Rory desaparece escada acima e volta de moletom, os cachos presos no alto da cabeça e uma sacola de papel debaixo do braço. — Cão terapêutico — diz, deixando Maggie cair no meu colo. Ela se senta ao meu lado, joga as batatas fritas na mesa de centro e, com um olhar furtivo por cima do ombro, revira o conteúdo da sacola entre nós.

— Não conte a ninguém, mas mantenho todas as coisas boas lá em cima — sussurra, deixando o doce cair por entre os dedos como se fosse uma pilha de moedas de ouro.

Então, ela me lembra que já assisti a este jogo de futebol duas vezes esta semana e muda o canal para algum reality show lixo.

* * *

Pego uma coisa gomosa embrulhada em um plástico barulhento e a seguro contra a luz. — É sabor morango ou framboesa? — Suspira. — *Swan*, essa separação realmente arruinou você.

Rory tira os olhos do programa que assistimos sobre donas de casa ricas em *Beverly Hills*. Estamos mergulhados na segunda temporada e, porra, acho que é mais fácil investir em quem está dormindo com o marido de quem, em vez de pensar no buraco em forma de Penny queimando no meu peito.

— É sabor vermelho.

— Sim mas...

— *Shh.* Kim está prestes a confrontar Kyle na limusine sobre o roubo de sua maldita casa.

Do lado de fora, o ronronar de um supercarro vem da entrada da garagem, então a porta de um carro bate. Rory suspira, pausando o show. — Deixa para lá; conheço essa batida. Está em problemas.

Eu me viro para ela. — Como sabe *que sou eu que estou* com problemas?

Ela tira o cachorro adormecido do meu colo e me lança um olhar de descrença. — Não serei eu ou Maggie, não é?

A porta da frente se fecha e sacode todas as janelas. A voz de Angelo ressoa pelo foyer. — Tudo bem, chega. — Aparece

na porta da sala, trazendo consigo o ar frio e a animosidade. — Aguentei uma semana dessa merda; agora levante-se.

Olho para ele. Coloco o chiclete na minha boca. — *Nah*, estou bem. — Eu me viro para Rory. — Reviravolta na história: acho que é melancia.

— *Ooh* — grita, cavando na pilha de doces por um.

O olhar carbonizado de Angelo pisca entre mim e sua esposa. Apoia as palmas das mãos no braço do sofá e cerra os dentes. — Levante-se. Banho. Barbeie-se. Vista algo que não tenha cós elástico e me encontre no meu carro em vinte minutos.

— Não posso.

— Por que não?

— Kim está prestes a confrontar Kyle sobre o roubo da sua maldita casa.

Ao meu lado, Rory balança a cabeça em aprovação. — Esperamos a temporada toda por isso.

Seu olhar ardente queima minha pele, mas sofro demais em todos os outros lugares para notar. — Eu lhe disse para fazer um plano.

— E meu plano é fazer uma pausa — sibilo de volta.

— Uma pausa de *quê?*

Meus molares traseiros rangem. Uma pausa de *tudo.* De ser Raphael Visconti; de ser um subchefe; um CEO. Um irmão, um amigo, um maldito *cavalheiro.* Qualquer coisa que

exija que eu saia desta casa e entre no mundo onde ela não está. Através dos olhos semicerrados, olho de volta para ele. Agora, sua irritação é suavizada por algo nas bordas.

— Não faça isso comigo — diz calmamente. — Gabe desapareceu da face do planeta novamente.

— Bom. O filha da puta quase me matou.

Seus olhos brilham. — Sabe que ele não quis fazer isso.

Gabe fez muita merda imprudente em seu tempo, mas trocar o assassino de gatos por Dante supera tudo. Não sei se Gabe lhe deu a haste de vidro ou se ele quebrou alguma coisa para pegá-la; Só sei que acabou sete centímetros no fundo do meu estômago, perdendo por pouco uma artéria principal.

Perdi muito sangue, mas no final foi uma ferida bem superficial. Consegui dar um bom golpe em sua cabeça com o lado da garra do martelo antes de bater no convés. A última coisa que me lembro foi de ouvir a voz rouca de Gabe resmungando algo sobre como não aguentava mais. Como estava enlouquecendo.

Olho para os meus pés. As meias da sorte não funcionaram, o que confirma o que já sabia: enquanto a Rainha de Copas estiver na minha cama e debaixo da minha pele, queimarei até não sobrar nada de mim, mas isso não me impede de usar essas malditas meias feias.

— Apenas lhe dê mais alguns dias, baby — Rory fala, mostrando ao marido seu sorriso mais doce. — Ele está *deprimido.*

— Rafe não se deprime. — Resmunga Angelo.

— Ele sabe agora que é um tolo de coração partido.

Os olhos de Angelo deslizam para os meus, estreitando-se em desgosto. Não me importo se ele pensa que sou patético. Só sei que se tentar me puxar desse sofá darei uma chave de braço nele, com ou sem ferimento no estômago.

— Tudo bem — diz, levantando-se em toda a sua altura. — Encontrarei Tor em *Cove sozinho.* Com certeza trarei uma caixa de absorventes e um pouco de sorvete.

Ele corre para o foyer. — Traga com gotas de chocolate — Rory grita atrás dele.

— *Nah*, baunilha — murmuro, colocando um *Jolly Rancher* na boca.

* * *

— Rafe? — Minha atenção vai do cardápio retroiluminado do restaurante para os olhos preocupados de Rory. — Libby perguntou o que quer pedir? — Sussurra. Olha para o garçom, mas me diz — Você está bem?

Não, não estou bem. As luzes são brilhantes *pra* caralho e meu peito está muito vazio. Parece que não há o suficiente dentro de mim para sustentar meus ossos, e implodirei a qualquer segundo. E de quem foi a porra da brilhante ideia de comprar hambúrgueres?

Sua risada alta. Seu casaco molhado pingando nos ladrilhos xadrez. *Tosse, sugar daddy.*

A violência toma conta de mim e varro tudo do balcão. Rory arfa e dá um passo para trás. Olhos vêm até mim por trás das cabines e o silêncio crepita como uma corrente elétrica.

Corro minha mão sobre minha garganta e olho para as luzes das faixas. — Vou esperar lá fora — digo calmamente, passando por cima da caixa registradora e saindo para a rua fria. Nossos seguranças me encaram como se eu tivesse enlouquecido. Não sei porque, porque não é exatamente uma revelação.

A névoa que cai do céu negro não faz nada para esfriar meu sangue. Deixo minha cabeça cair contra a janela de vidro e acendo um cigarro. À medida que a fumaça se dissipa, meu foco se concentra na cabine telefônica do outro lado da rua e solto uma risada amarga.

É isso, não é? Como será para sempre? Não passará um dia sem que eu me lembre da pirralha ruiva que arruinou minha vida. Quando não me pergunto o que ela está fazendo. Quando não preciso parar o *que estou* fazendo, porque de repente me lembro de como existem outros homens neste mundo, e um dia, um deles vai tratá-la muito melhor do que eu.

A porta bate e Rory me acompanha, segurando o saco manchado de gordura contra o peito. Está silenciosa e cautelosa enquanto desliza para o assento de Penny. Seu

celular ilumina seu rosto. Sem dúvida está enviando uma mensagem para meu irmão sobre minha explosão.

— Cobrirei os danos — murmuro, engatando a marcha do carro.

Ela olha para a frente. — *Uh-huh*.

Desço a janela. — E não coma aquele hambúrguer no meu carro. Fede *pra* caralho. — *E me lembra de danças extorsivas e compartilhar milkshakes com minha garota.*

Ela balança a cabeça firmemente.

Uma tensão estranha pressiona as paredes do carro, aumentando quando desacelero na *Main Street*. Não consigo evitar: tiro o pé do acelerador e olho de relance para a janela da sala de Penny. Rory também, depois solta um pequeno suspiro.

— Eu e as meninas tentamos entrar em contato com ela todos os dias — diz com tristeza. — Só preciso saber se ela está bem.

Meus pulmões se apertam. Galvanizando meu olhar no para-brisa, piso no acelerador, errando por pouco um Ford Fiesta vindo na direção oposta.

— Eu também — murmuro baixinho. — Então, tente mais.

* * *

Tor está encostado no pilar que sustenta a varanda da frente quando chegamos à casa. Está do lado de fora do brilho da lâmpada de segurança, e a única razão pela qual sei que é ele é porque inclina o queixo quando ouve meu motor, e seu maldito piercing no nariz brilha.

— O que esse idiota está fazendo aqui?

Rory o localiza alguns segundos depois de mim e aperta o cachorro com mais força. — Nenhuma ideia. Nós o odiamos, certo?

Passo a língua pelos dentes. O sangue ruim diminui rapidamente nesta família, exceto quando certos membros fazem merdas extraestúpidas, como explodir o porto.

— Por agora.

Meus olhos se chocam com os dele quando fecho a porta do motorista. Não rompo o contato visual, mesmo quando dou a volta no carro e abro a porta de Rory. Ela entra em casa, sussurrando — ataque, Maggie, ataque — no ouvido de seu cachorro enquanto passa por ele.

O rosto de Tor está iluminado com um humor preguiçoso enquanto me absorve. Enfia as mãos nos bolsos e entra na casa atrás de mim.

— Calça de moletom, *cugino?* Estou vendo coisas?

— Verá estrelas se não der o fora dessa casa — respondo calmamente.

Sua risada fácil segue Rory e eu até a cozinha. Ela leva seu tempo, espiando por cima do balcão do café da manhã

enquanto pega os pratos e talheres para nós. Tor se inclina contra o balcão como se não tivesse me ouvido.

— Já atendeu o telefone hoje em dia?

— Sim, porque realmente fez isso quando fodeu nas férias por três semanas.

Ele solta um suspiro tenso. — Vamos, *cugino.* Eu me expliquei. Que porra tenho que fazer para superar isso? — Corre um olhar crítico para as meias verdes aparecendo entre minha calça de moletom e meu tênis. — Para superar *isto?*

Eu o ignoro em favor de jogar meu hambúrguer em um prato e alimentar Maggie com uma batata frita. — As donas de casa vão para Amsterdã neste episódio, certo? — Pergunto a Rory.

— *Uh-huh*. Aparentemente, têm a briga mais louca durante o jantar.

— *Gesù Cristo* — Tor murmura. Avança, pega meu hambúrguer e joga na pia. — Vamos apenas colocar um alfinete em seu colapso por um minuto. Tenho Cove inteira a meus pés. Cada bar, clube e cassino. Possuo cem por cento de tudo, nenhum Dante à vista. O que quer?

Espalmo o balcão e olho para ele. — Eu queria aquele maldito hambúrguer.

Ele me ignora. — Assinarei qualquer contrato complicado que você quiser, e nem lerei.

Eu tinha esquecido o quão persistente esse filha da puta pode ser. Olho para Rory, e ela me dá um sorriso torto. —

Está com o coração partido, não estúpido. Coloque-o nos bolsos, Rafe.

Engulo de volta um sorriso. — O que acha que eu deveria fazer?

Um brilho faísca em seus olhos, como se a escuridão dentro dela estivesse batendo para sair. Pega Maggie e a acaricia, como o Doutor Evil acaricia o Sr. Bigglesworth em *Austin Powers*. — Acho que deveria bater nele.

— E eu acho que é uma excelente ideia.

Tor geme. — Pelo amor de Deus. Tudo bem. — Ele se endireita, esfregando as mãos e estalando o pescoço. Contorna o balcão e se posiciona do outro lado. — Só não quebre nenhum dente; meu sorriso é minha melhor característica.

* * *

Lavo os nós dos dedos na pia. Sangue, tanto meu quanto de Tor, serpenteia entre as folhas de alface e um único picles, depois escorre pelo ralo. Atrás de mim, posso ouvir o zumbido baixo do nosso reality show flutuando da sala de estar. À minha frente, a chuva recomeçou, martelando a janela da cozinha.

Suspirando, levanto minhas mãos para as luzes embutidas. Dividir a pele não parece tão satisfatório quando não é para ela.

Atrás de mim, Rory pigarreia. Olho para cima, encontrando seu reflexo no vidro manchado pela chuva.

— Ela se foi.

Engulo. — Foi?

— Falei com Matt. Ela deslizou um bilhete por baixo da sua porta. — Sussurra.

Meu coração sobe pela minha garganta e fica lá, me sufocando.

Engulo em *seco* e tento respirar como uma pessoa que não acabou de perder a vida.

Apoio meus dedos ensanguentados em ambos os lados da pia. Encontro seu reflexo novamente.

— Diga a Tor que quero quarenta e nove por cento. E diga ao seu marido que estou de volta.

20

Rafe

Penny estava certa.

O amor é uma maldita armadilha.

Não porque é atraído por mentiras e algemado pelo engano, mas porque uma vez que está nessas malditas restrições e seu captor sai com a chave, está preso aqui para sempre.

Não sou idiota; sei que não ficará mais fácil. Só espero melhorar em esconder as correntes.

As chamas rugem da lareira, seu calor alcançando e roçando a frente da minha calça. Olho para as toras queimando e tomo um gole de café. A melhor mistura colombiana, mas tem um gosto tão amargo quanto eu.

Passos pesados ecoam pelas paredes, depois Angelo escurece a porta da sala, o casaco pendurado no antebraço.

A diversão seca ilumina seu olhar. — E lá estava eu, pensando que nunca mais o veria na alfaiataria. — Encaro-o, enquanto procura minha expressão em branco, seu humor escurece como uma vela lentamente sem oxigênio. — Está pronto?

Cerrando os dentes, volto para o fogo e tiro o baralho do bolso. Dou-lhe um abano preguiçoso.

Nós dois sabemos que ele não está perguntando se estou pronto para dirigir até Cove, mas se estou pronto para *voltar.*

Claro que não, mas não posso apodrecer no sofá com uma tigela de balas balançando no meu estômago para sempre. Ela se *foi.* Assim como eu precisava que fosse. Só não pensei que levaria todo o meu centro com ela.

— Nascido pronto. — Digo secamente, passando meu polegar sobre o baralho para criar um *degelo satisfatório.*

O olhar de Angelo perfura minha bochecha por alguns momentos antes de ele sair da sala.

Mudo meu foco para as janelas de sacada. Há três sedãs blindados e um grupo de homens bem vestidos vagando ao redor deles. Gabe me apunhalou pelo nosso primo menos favorito e depois fodeu com a face do planeta. Claramente, seus lacaios não sabem o que fazer com eles mesmos em sua ausência, por isso se juntaram à equipe de segurança que ele me designou.

Agora que ela se foi, não deveria precisar de toda a proteção extra.

Com uma respiração firme, embaralho as cartas novamente e as abano em minha mão, viradas para baixo. Escolho uma aleatoriamente. Se for o Ás de Espadas, a carta mais sortuda do baralho, talvez forçá-la a sair da minha vida pareça menos uma grande merda.

Com um movimento do meu pulso, estou olhando para uma carta diferente.

Deixando escapar um silvo, jogo-a no fogo e saio da sala, deixando a Rainha de Copas derreter nas chamas.

— Aí está você!

Paro no foyer e olho para as escadas. Rory está no topo delas, cachorro em uma mão, um pacote de tecido fofo na outra. — Adivinha? Comprei cobertores usáveis! Olhe! — Abaixa Maggie no chão e estende o que parece ser um moletom enorme. — Têm bolsos! Posso colocar Maggie no meu e você pode colocar os lanches no seu. — Faz uma pausa, observando seu cachorro descer as escadas e bater nos meus pés. — Ou pode carregar Maggie. Ela gosta daqueles tapinhas na orelha que dá a ela.

— Desculpe, irmã, nossos dias de petiscos e assistir compulsivamente acabaram. — Abaixando-me para bagunçar os pelos do cachorro, lanço a Rory um sorriso de desculpas. — Estou de volta ao trabalho e ao brócolis e frango cozidos no vapor.

Ela franze a testa. Corre o olhar pelo vinco acentuado da minha calça, como se tivesse acabado de perceber que não estou de calça de moletom e meias feias. Sua confusão se transforma em prazer. — Penny voltou?

Minha garganta aperta ao som de seu nome. — Não.

— Então por que o *flamingo* está de terno?

— O quê?

Ela me encara como se esperasse que eu pegasse fogo no meio da entrada. — Assisti três temporadas de *Real*

Housewives of Beverly Hills com você. Deixei-o comer meus bons lanches, acariciar Maggie. Acha que eu estava fazendo isso para ajudá-lo a superar Penny?

Balanço minha cabeça em descrença. — Não faço ideia do que está falando.

— Isso é porque é um idiota. Quando apareceu pela primeira vez em nossa porta, disse a Angelo que o queria *fora,* mas então o encontrei assistindo o mesmo jogo de futebol repetidamente, e percebi que estava apenas naquele estágio intermediário. Sabe, a parte que vem depois de decidir que não pode ficar com ela, mas antes da parte em que percebe que não pode viver sem ela?

Cruza os braços, zombando do meu terno. — A única razão pela qual deveria estar bem vestido e sair desta casa é porque teve essa percepção. E, tipo, agora está correndo para o aeroporto para impedi-la de embarcar em um voo, ou, não sei, correndo para a igreja para impedi-la de se casar com outro homem.

Meus olhos se estreitam. — Penny vai se casar?

Rory bate a palma da mão na testa. — Cristo, Rafe. Está realmente testando minha paciência esta manhã. Nunca assistiu a um filme de romance? *Voltar ao trabalho* não é o seu *Felizes Para Sempre*. Está perdendo alguns passos. Tipo, percebendo que contra todas as probabilidades, ainda fará funcionar, depois fazendo uma grande declaração dramática de amor. Só então terá o seu *Felizes Para Sempre*. — Faz uma pausa antes de acrescentar — Com Penny.

Soltei uma risada amarga. — Desculpe lhe dizer isso, mas a vida não é como nos filmes.

Seu olhar se move por cima do meu ombro, e de repente estou ciente da presença do meu irmão na porta atrás de mim. — Sim, é — diz calmamente.

Corro minha mão na minha garganta. Passo um dedo sobre o alfinete do meu colarinho. Ela está certa sobre uma coisa: voltar ao trabalho não é o meu *Felizes Para Sempre*, mas nunca deveria ter um desses, de qualquer maneira. E ninguém faz filmes de romance sobre homens que se apaixonam por garotas que arruínam suas vidas sem ao menos tentar.

Inclino meu queixo, encontrando seu olhar com um sorriso tenso e sem humor. — Acho que você teve sorte, então.

Antes de colocar meu punho na parede, me viro e caminho para a entrada da garagem. O céu está tão sombrio quanto meu humor e o vento está tão frio quanto meu coração.

Os passos preguiçosos de Angelo trituram o cascalho atrás de mim.

— Tenho que deixar alguns papéis no porto primeiro, então vamos em carros separados. — Seu foco cai para o meu punho fechado. — Não se jogue do penhasco agora, sim?

— É melhor esperar que não, irmão. Nunca navegará pelos contratos desprezíveis de Tor sem mim.

Apesar da geada de janeiro se espalhando pelo para-brisa, saio do terreno com as quatro janelas abertas, em parte porque o cheiro de Penny ainda se infiltra pelas paredes do meu carro e em parte porque estou esperando que o vento forte coloque algum juízo em mim.

Não há mais merda de lamentação. Disse a Angelo que estava de volta e agora só preciso me convencer de que estou falando sério. Segurando o volante, me forço a me concentrar no que nos espera em Cove. Não estava brincando sobre os contratos desprezíveis de Tor. Meus documentos legais podem ser confusos, mas os dele são apenas uma grande e gorda brecha, projetada para enganar qualquer um que seja estúpido o suficiente para assinar na linha pontilhada.

Ontem à noite, ele concordou em entregar quarenta e nove por cento de *Cove* para nós, mas sei que à luz do dia, ele culpará a concussão e depois imporá alguns termos e condições, carregados com um milhão de cláusulas de saída, debaixo de nossos narizes.

Um fraco *zap* de energia crepita na minha espinha. Isso é exatamente o que preciso - me enterrar nos negócios. Reuniões acaloradas, planilhas, planos para eventos maiores e melhores. Qualquer coisa que faça a memória de cabelos ruivos e olhos azuis profundos desaparecer.

A viagem é tranquila, exceto quando vejo uma garota de cabelos cor de cobre descendo a *Main Street* e piso no freio, ou quando meus dedos se contorcem para conectar meu celular ao Bluetooth do meu carro porque ouvir as ligações de Penny

enquanto conduzo sozinho se tornou uma segunda natureza. Mesmo que eu cedesse e abrisse a caixa de entrada dos *Sinners Anonymous*, sei que não haveria nada de novo para mim lá. Tenho checado obsessivamente e, sem surpresa, ela não ligou desde que lhe disse que era o dono.

Enquanto meu carro sobe a colina para a igreja, uma Harley familiar pisca para mim debaixo do salgueiro. Franzindo a testa, olho para os sedãs no meu espelho retrovisor e desacelero até parar.

Que porra Gabe está fazendo aqui?

Sinto-me mal ao caminhar até o velho prédio, como se fosse encontrar algo escuro e depravado por trás de suas pesadas portas. Acho que é por isso que tiro minha arma da cintura quando entro.

A poeira foi remexida, dançando nas pequenas lascas de luz que irromperam pelas janelas fechadas com tábuas. Leva alguns momentos para meus olhos se ajustarem às sombras e focarem na imponente forma sentada no banco da frente.

Meus passos ecoam no teto abobadado enquanto desço a nave, mas Gabe não se vira. Sento-me na extremidade oposta do banco. Olhe para a Virgem Maria nos julgando de cima do altar.

— Você é um idiota enorme. Sabe disso?

Nenhuma resposta.

Deixei escapar um suspiro tenso, passando a palma da mão sobre a ferida no meu estômago. Quase não dói mais, e a

cicatriz física não será maior do que o comprimento da minha unha do polegar, mas a cicatriz mental de ser esfaqueado por *Dante,* de todos os malditos idiotas, é grande e retorcida.

Não é como se eu não fosse superar isso, no entanto. Além disso, apenas uma semana antes, Gabe salvou minha vida.

— Bem, aceito desculpas apenas em forma de cheque.

Enquanto minha piada pica o silêncio, minhas palavras parecem quentes contra meus próprios ouvidos por dois motivos. Primeiro, parece algo que Penny diria, e segundo, meu irmão *ainda* não se mexeu.

Ele está sentado com as mãos apoiadas nas coxas, a coluna rígida, o rosto totalmente oculto pelas sombras.

E de repente, ao vê-lo assim, percebo quanto progresso fez no último mês. Desde que o porto *explodiu,* tenho visto vislumbres de seu antigo eu, o irmão que costumava ser antes daquele Natal. Fala frases completas, até aprendeu a usar o telefone. E juro, até o vi sorrir do outro lado da mesa de jantar quando contei uma piada de merda.

Tenho estado tão envolvido com tudo, Penny, que não percebi quão importante é.

Limpo minha garganta. — De qualquer forma, é notícia velha. Quer vir a *Cove* com Angelo e eu? Está preocupado com você, cara. Além disso, chegaremos a um acordo com Tor muito mais rápido se estiver jogando pit bull. — Faço uma pausa enquanto o silêncio se torna uma bola de neve no

banco. — Eu até deixarei você dar um soco nele. Não com força total, no entanto. O bastardo não se levantará.

Finalmente, sua voz áspera vem das sombras. — Era para ser divertido.

Cerro os dentes. — E teria sido, se eu tivesse minha Glock e você tivesse acendido a porra de uma luz. — Quando não responde, passo a mão pelo cabelo, balançando a cabeça. — Deveria tê-lo deixado lidar com Dante e seus homens do seu jeito. — Olho para os nós dos meus dedos. — Combate é coisa sua, não minha. Além disso, deveria saber que você era mais propenso a torturar as peças de xadrez do que jogá-las.

As tábuas das janelas estremecem. Jesus e sua cruz balançam em um prego enferrujado atrás do altar.

— Eu ainda o tenho. Griffin também.

Cristo. Deixei escapar um silvo lento, meus pensamentos se enchendo com aquela porra de caverna. As sombras do fogo dançando nas paredes escarpadas. Os gritos que ecoam no teto encharcado de suor. Dante está lá há *duas semanas,* Griffin ainda mais. É como algo saído de um filme de terror.

Sei porque meu irmão está me dizendo isso. — Agradeço a oferta, mas está de volta à programação normal para mim — digo secamente. — Dê a ambos um bom chute nas bolas em meu nome, no entanto.

Eu me levanto, e forma se movendo na escuridão me diz que Gabe também. Enquanto caminha em minha direção,

algo sobre o padrão irregular de seus passos instantaneamente arrepia os cabelos da minha nuca.

Quando entra na penumbra, meu peito aperta. — Que porra é essa, Gabe? — Murmuro, instintivamente alcançando o cabo da minha arma. — Quem lhe fez isto?

Ele apenas me encara através das fendas inchadas de seus olhos. Ele está uma bagunça sangrenta e machucada. Lábio rebentado, maçãs do rosto enegrecidas. Porra, olhando assim, não reconheceria meu próprio irmão em uma formação policial.

Enquanto procuro nos bancos vazios por uma resposta, a percepção bate; ele é Gabriel Visconti. Ninguém poderia chegar perto o suficiente dele para causar tanto dano. A menos que ele permitisse.

— Por que? — Gritei.

O grosso tronco de sua garganta balança. Evita meu olhar e minha pergunta. — Vou embora por um tempo. Preciso... — balança a cabeça, como se estivesse livrando seu cérebro de pensamentos nocivos. — Dante será tratado, e meus homens são todos seus.

Ele passa por mim e manca pela nave. Eu me acostumei com meu irmão indo embora sem avisar ao longo dos anos, mas depois de tudo o que aconteceu no último mês, não parece tão fácil vê-lo partir.

De repente, ele para. — Você não lidou com a garota.

Meus ombros tensionam. Porra, não sei o que é pior, ouvir o nome de Penny ou ouvi-la reduzida a *uma garota.*

— Lidei.

— Não lidou.

— Lidei. Só não da maneira que sugeriu. — Engulo. — Ela saiu da cidade.

— Não, ela não saiu.

Porra? — Cristo, Gabe…

— Ela está no seu apartamento assistindo aquele filme que faz todo mundo chorar. — Olha de volta para mim. — Em repetição. A toda hora. Com aquele garoto desalinhado do outro lado do corredor.

Confusão e algo mais quente morde minhas bordas. — O quê? — Balanço minha cabeça. — E como diabos saberia?

— Nossos apartamentos compartilham uma parede.

Eu o encaro. Há muito para descompactar em um despejo de cérebro. Adoraria saber por que diabos meu irmão milionário mora em uma merda de um prédio sem elevador na *Main Street*, mas gostaria de saber como e por que Penny ainda está mais na cidade.

Rory não disse que deixou um bilhete de despedida para o vizinho?

Antes que possa responder, Gabe estala os nós dos dedos ao lado do corpo e continua andando. — Deve ter gostado

muito dela para lhe dar o relógio que mamãe lhe deu quando abriu *Lucky Cat*.

Estou muito distraído. Mal consigo ouvi-lo por causa do latejar em meus ouvidos. — Eu não lhe dei; ela ganhou.

— Ela também ganhou o colar da mamãe?

Meu olhar desliza da viga podre para o dele. — O quê?

— O colar de trevo de quatro folhas. Ela também ganhou isso de você?

Pelo humor seco dançando por trás de suas pálpebras inchadas porém, sei que ele já sabe a resposta.

21

Penny

Matt olha por cima de seu celular para a televisão bem a tempo de ver Ryan Gosling caminhando pelo lago. — Merda — murmura, tirando o controle remoto da mesa de centro e apertando o botão de avanço rápido. — Feche os olhos por cinco segundos.

Faço o que diz. É inútil, porém, porque estamos assistindo *The Notebook* em um loop por horas, então o beijo está marcado na parte de trás das minhas pálpebras de qualquer maneira.

Quando apareceu na tela, quatro exibições atrás, soltei um gemido tão alto que acordei Matt de seu cochilo ao meu lado. Não deixou a cena acontecer desde então.

Mantendo os olhos fechados, sufoco o inchaço na garganta e puxo o edredom que tirei da cama sobre o rosto. — É um bom amigo, Matty.

Ele suspira. — Ah, estamos de volta ao estágio de sentir pena de si mesma. É muito mais divertida quando está com raiva. Deixando comentários contundentes no *Yelp* para todos os cassinos de Raphael? Ligando para uma linha direta de sexo premium por três horas usando seu cartão de crédito? Ótimos tempos.

As últimas duas semanas foram um turbilhão de emoções. Nas altas, quero queimar o planeta simplesmente porque Raphael está nele, e nas baixas, quero me enrolar sob este edredom e chorar.

Meu plano de deixar *Coast* não durou muito. Não fui além da estação de ônibus *Devil's Cove* antes de Nico me pegar. Meus soluços guturais enchendo seu Tesla responderam a sua pergunta. Queria – *precisava* - me distrair.

Ele me levou para *Hollow* e me colocou para trabalhar no *The Grotto*, um cassino de elite enterrado nas profundezas da rede de cavernas. Faz o *Visconti Grand* parecer uma sala de bingo e, como a maioria das pessoas acima do solo, nunca soube que existia. Ele me sentou em seu escritório, em frente a um banco de imagens de câmeras de segurança, e me deu um tapinha no ombro.

— Conhece todos os truques do livro, *Little P*. Se vir algum de nossos clientes jogando sujo, me avise.

Durante a primeira hora, olhei além dos monitores, desinteressada e taciturna. Acreditava que Nico tinha feito o que pais desesperados fazem com seus filhos irritantes - jogá-los na frente de uma tela na esperança de que parassem de chorar, mas então vi. Um giro de pulso, uma carta de baralho saindo do punho da camisa e entrando na mão de pôquer do jogador. Minha coluna se endireitou e Nico apareceu por cima do meu ombro. Rebobinou a filmagem e soltou uma risada seca.

— Bom lugar, *Little P*.

Depois calçou um par de luvas de couro e saiu do escritório. Apenas alguns momentos depois apareceu na tela, arrastando o homem para fora de sua cadeira e fora de vista. Uma emoção surda vibrou através de mim, então a noite toda fiquei grudada nas câmeras, observando e esperando para pegar outra fraude em tempo real.

Foi a melhor distração que eu poderia ter.

Uma semana se passou, minhas noites no *The Grotto* cheias de câmeras de segurança e gritos abafados vindos do quarto ao lado, meus dias passados em um sono inquieto na mansão de Nico à beira do penhasco. Quando alcancei os pontos baixos, não consegui impedir que as lágrimas caíssem, mas nos altos... Porra, estava *com raiva.*

Estava feliz por Nico ter me impedido de sair da cidade, porque foda-se. Era exatamente o que Rafe queria, e eu preferia arrancar meus rins com uma colher enferrujada a dar a esse homem o que ele queria. A *Devil's Coast* era tanto a minha casa quanto a dele. Nasci e me criei aqui também. Além disso, tinha amigos que se importavam comigo agora.

E quando comecei a pensar em meus amigos, comecei a me sentir mal de culpa. Depois de tudo que fez por mim, Matty merecia mais do que voltar de sua viagem e ver uma carta de despedida em seu insignificante tapete de boas-vindas.

Ele estava confuso e um pouco enojado quando cheguei em casa e dei-lhe um rastejo choroso, e foi quando descobri que não era o único amigo preocupado comigo. Rory, Wren e

Tayce aparentemente explodiram meu telefone, aquele que estava quebrado no tapete do meu quarto. Aparentemente, também estavam batendo na minha porta da frente e passando pela lanchonete tarde da noite para ver se eu estava lá, mas elas estão um grau a menos de separação de Raphael e, embora me sinta péssima, ainda não consigo me aproximar.

A escuridão se infiltra pelas frestas das minhas cortinas, tingindo de roxo as paredes totalmente brancas. Quando os créditos do filme rolam, Matt pega o controle remoto antes que eu possa pegá-lo.

— Não. Não mais. — Passa os canais e escolhe um documentário sobre a Segunda Guerra Mundial. — O abdômen de Ryan Gosling me traumatizou. Juro; nunca mais comerei *junk food*.

— Justo. — Minha atenção vaga pela sala de estar em busca de algo para fazer. É tarde demais para tirar uma soneca; Nico me pegará para um turno no *The Grotto* em uma hora. — Quer pedir pizza?

Matt se senta. — Isso aí.

Pego seu celular na mesinha de centro e giro o Amex preto de Rafe entre os dedos. Peço duas pizzas grandes com todos os acompanhamentos, além de todos os acompanhamentos do cardápio.

— Algo mais, senhora? — O adolescente do outro lado da linha pergunta.

Meus olhos deslizam para encontrar os de Matt, e as brasas de fúria brilham vermelhas em meu estômago novamente. — Sim, não tenho nenhum dinheiro. Posso colocar uma gorjeta no meu cartão?

Os olhos de Matt se iluminam.

— Isso é muito gentil, senhora. Quanto?

Paro. — Mil dólares.

— O quê?

Essas brasas explodiram em chamas. — Faça dois.

Quando desligo, Matt me dá um "toque aqui". Esses pequenos atos de vingança são o que estão me mantendo sã, mas ele se delicia com eles ainda mais do que eu. Acontece que tem seu próprio rancor contra Rafe.

No dia de Natal, Matt ficou bêbado e confessou a ele que tem uma queda por Anna. Rafe lhe disse para apenas enviar uma mensagem para ela. *O pior que pode acontecer é ela dizer "não".*

Ele estava errado. Acontece que ela respondeu ao parágrafo sincero do meu amigo com sete *emojis* sorridentes e nada mais foi o pior que poderia acontecer.

— Foda-se Raphael Visconti — Matt murmura, deixando-se cair no sofá e colocando os pés em cima da mesa de centro. — Foda-se ele, e foda-se sua merda de conselho sobre namoro. O que ele sabe, afinal? Não conseguiu nem mantê-la por perto, e você provavelmente deixou cair sua calcinha para pegar a barra de chocolate certa.

Eu só dei a Matt a verdade pela metade quando apareci em sua porta. Não lhe contei sobre a linha direta ou o cheque de um milhão de dólares, ou o fato de que meu coração era mole demais para toda aquela besteira de inimigos com benefícios.

Estou prestes a responder com uma resposta de merda, quando dois flashes de luz iluminam minhas cortinas. Meu coração pula para a minha garganta, mas afunda de volta para o meu peito com a mesma rapidez.

Será apenas Nico; é cronicamente adiantado para tudo.

Eu me levanto do sofá e vou até a janela com a intenção de convidá-lo para comer uma pizza, mas quando abro a cortina, minha garganta fica seca.

Não é o Tesla de Nico, mas um familiar G-Wagon. Um em que dormi, comi e fodi. E atrás do para-brisa está a forma do homem com quem fiz todas aquelas coisas.

Dormência torna meus membros pesados. *Que porra ele está fazendo aqui?* Olho fixamente para os faróis enquanto piscam novamente.

— O que está acontecendo? — Matt pergunta.

— É o Rafe.

O sofá geme sob ele. — Merda. Acha que ouviu o que eu disse sobre ele?

— O quê? Não...

Os faróis piscam novamente e, desta vez, não param. Minhas retinas queimam e manchas laranja dançam na

vidraça. Uma fúria repentina toma conta de mim, carregando meu sangue. Não me importo com o que ele quer - depois de tudo que esse idiota fez, realmente acha que pode subir no meu apartamento, acender as luzes e trotarei para cumprimentá-lo como um cachorrinho agradecido?

Foda-se.

Quero perguntar a Matt se ele tem algum tipo de objeto pesado e pontiagudo em seu apartamento que eu possa jogar no para-brisa de Rafe, mas, em vez disso, me contento em mostrar o dedo do meio para ele - com *ambas as* mãos - e fechar as cortinas dramaticamente.

Matt me observa enquanto volto para o sofá e olho para a televisão. Pego o controle remoto e aumento o volume.

— Cubra seus ouvidos.

— *Huh*? Por que... oh, porra!

Nem sequer estremeço ao som da buzina de Rafe tocando na rua abaixo; mal posso ouvi-lo sobre o rugido em meus ouvidos. Pode ficar deitado a noite toda, pelo que me importa. De todos os jogos que jogamos, este é um que tenho certeza que ganharei.

— Pelo amor de Deus, faça isso parar — Matt geme depois de alguns minutos, imprensando sua cabeça com duas almofadas.

Talvez Rafe *possa* ouvir o que Matt diz sobre ele, porque mergulhamos em um silêncio repentino. Solta um suspiro de alívio e também suspiro, mas por um motivo diferente.

— Não acabou — digo.

A porta do nosso prédio se abre com tanta violência que a janela estremece. O som de passos pesados ecoa na direção do corredor, e ambos nos viramos para olhar para a porta da frente.

Tempos Matt. — Ele está subindo?

Estou muito ocupada examinando a sala em busca de algo pontudo para responder.

— Eh — continua trêmulo. — Não é como se fosse capaz de arrombar sua porta. Tentei na outra semana, lembra? Quase quebrei meu pé. Deve ser feita de aço ou...

Bang.

A porta se abre e a luz fluorescente do corredor se espalha pelo carpete. A raiva não adulterada me faz levantar, mas Matt tem um instinto de sobrevivência diferente: faz um barulho estranho de menina e puxa meu edredom sobre a cabeça.

E então ele está *bem aqui.* Escurecendo minha porta. Seus olhos selvagens vasculham a sala até que se chocam com os meus.

Gah. A visão dele aperta meus pulmões e faz minha garganta queimar. Já se passaram duas semanas desde que acordei em sua cama ensanguentada ao lado de um cheque de um milhão de dólares e uma confissão covarde escrita em um cartão dos *Sinners Anonymous*. E por duas semanas, tenho estado uma bagunça perturbada. Alternando entre

soluços, planejando sua morte e esfregando seu nome na parte inferior das minhas costas, mas aqui está ele, em seu terno mais preto com os vincos mais nítidos. Passei *duas semanas me contorcendo em sua maldita armadilha, e o tempo todo está andando por aí como se não se importasse com o fato de ter perdido a chave.*

Foda-se ele. Ele que se foda vinte vezes. — *Saia. Agora.*

Sua atenção se volta para o caroço no sofá e faíscas pretas. Uma mão alcança a arma, a outra arranca o edredom.

Aponta a arma para o rosto de Matt. — Está transando com a minha garota?

Matt grita e levanta as palmas das mãos em sinal de rendição. Assim que Rafe percebe que é apenas meu vizinho *Golden Retriever*, revira os olhos.

Aponta a ponta do cano da arma na direção do corredor. — Tudo bem. Saia antes que se mije.

Matt nem sequer olha para mim antes de sair do meu apartamento.

Maldito traidor.

A batida da porta reverbera pela sala, depois se reduz a um silêncio pesado.

Olhamos um para o outro por três batimentos cardíacos gaguejantes antes de eu encontrar minha voz. — Está com os nervos à flor da pele aqui. E eu *não sou* sua garota...

Ele dá um passo repentino em minha direção e perco o fôlego necessário para terminar minha frase. Não sou rápida o

suficiente para desviar da mão que voa para minha nuca, mas gostaria de ser, porque sua proximidade faz minha cabeça girar. Trouxe o frio do inverno com ele, mas sua mão é quente e o seu peso é amargamente familiar.

— Penny. — Seus olhos suavizam enquanto procuram meu rosto. Depois deslizam para o sul e endurecem na minha clavícula. — Quem te deu esse colar?

Ah, por uma fração de segundo, quase pensei... Cristo. Tenho vergonha de admitir o que pensei. Já deveria saber que o amor não é como nos filmes. Raphael Visconti não tirou minha porta da frente das dobradiças porquê de repente percebeu que não poderia viver sem mim.

Minha mandíbula cerra e me concentro na parede atrás de sua cabeça. — Deixe-me adivinhar; ainda não tem sorte, embora tenha me tirado da sua vida, e agora espera que se comprar um colar seu, isso ajuda? Sabe, estou começando a pensar que sua sorte não tem nada a ver comigo, e tudo com você sendo um grande idiota...

— A mulher, Penelope. Descreva-a para mim.

Eu tento me livrar de seu aperto, mas ele apenas aumenta seu aperto. Há um tom desesperado em seu tom e isso atiça minha curiosidade. Olho para ele, e percebo que também está refletido em seus olhos agora. — Não sei.

— Pense nisso — sibila.

— Cabelo escuro, na casa dos cinquenta, talvez.

— Dê-me *mais*.

— Eu disse que não sei, Rafe. Ela parecia rica. Vestido lindo, salto alto. Tinha uma grande pedra no dedo. Como se chama aquela gema roxa?

Suas pálpebras se fecham. Ele me solta e caminha até a janela. Enlaça os dedos atrás da cabeça e olha para a rua. — Ametista. Uma aliança de casamento de ametista.

A sala se enche com o som de sua respiração pesada.

— Quem era ela? — Sussurro.

Seus ombros tensionam. — Minha mãe.

O chão sob meus pés fica macio. Meus dedos voam para o meu colar, como se tivessem certeza de que ainda está lá.

— Como... — vacilo, balançando a cabeça. — Como sabe? Como pode ter certeza?

Ele solta um bufo. — Tenho certeza, Penny. Posso ver isso agora, tão claro quanto qualquer coisa. Porra, não sei como nunca liguei os pontos antes. Não há nada único ou especial sobre o design, acho. E sério, quais são as chances? Mas ela nunca o tirava, nem mesmo para jantares e bailes chiques. Apenas colocaria seus diamantes ou pérolas por cima. Eu me lembro... — limpa a garganta e passa a mão pelo cabelo. — Sempre os desemaranhava para ela na volta de carro para casa.

Meu coração se parte em dois, bem no meio. Quando dou um passo à frente, seu olhar encontra meu reflexo manchado na janela. Olhamos um para o outro, uma quietude cobrindo a sala. Ele tem razão. Quais são as chances? Toda a raiva do

meu corpo se evaporou, e fico com essa dor terrível atrás do meu plexo solar.

— Isso soa como o destino — arfo.

Sua risada é sem humor. — Sim, parece.

Ele se vira e olha para mim. *Realmente* me olha, como se estivesse guardando cada ângulo do meu rosto na memória. Expira, esfregando a mandíbula e balançando a cabeça. — Foda-se, Penny. Olhe para você.

Atordoada, estupidamente olho para o meu moletom e combinação de meias fofas e franzo a testa. — O que tem eu?

Quando olho para cima para uma resposta, meu pulso vibra na minha garganta. Ele diminuiu a distância entre nós, encontrando meus quadris e me puxando para tão perto que meu corpo se funde com o dele. O calor de seu estômago queimando meu moletom descongela o gelo em meu peito. E quando encosta a testa na minha, bloqueando a luz do quarto, revela memórias de sexo violento e massagens suaves, e foda-se, o maldito frio na barriga que sempre vem com eles.

— O que eu estava pensando? — Murmura, roçando o nariz no meu. — Como pensei que poderia deixá-la ir, *Queenie*?

Antes que meus pensamentos possam se solidificar, ele agarra um punhado do meu cabelo e traz sua boca para a minha. O aperto áspero está em desacordo com seu beijo suave, girando meu bom senso fora de seu eixo. Captura meu lábio inferior entre os dele, puxando-o lentamente, como se

estivesse saboreando o gosto. O movimento acende uma nova chama em meu âmago e, pela primeira vez em duas semanas, não é raiva ou fúria, mas *necessidade*. Tudo o que posso pensar conforme enfia a língua na minha boca e geme com aprovação quando deixo, é que ele está *me beijando.*

Não há chuva gelada entorpecendo minha pele e não estou escorregadia com o seu sangue, mas parece tão dramático quanto. Meu coração bate tão alto que abafa todos os meus pensamentos, e agora não sou nada além de meus sentidos. Estou vendo estrelas atrás de minhas pálpebras, lampejos de verde quando ouso abri-los. Provando seu sabor de menta, cheirando seu perfume masculino. Nem percebo que nos movemos até que sinto a parte de trás das minhas pernas encontrando o lado do sofá.

Rafe puxa minha cabeça para trás e raspa os dentes ao longo da curva da minha garganta, antes de sugar onde meu pulso bate. — Venha para casa, *Queenie*. Venha para casa e deixe-me adorá-la todos os dias pelo resto de sua vida.

Gemo, apalpando seu peito. Talvez por seus lábios não estarem agredindo os meus, consigo responder com uma resposta um tanto coerente. — *Estou* em casa.

Sua palma desliza pela minha espinha e bate na minha bunda. — Nossa casa — sibila em minha clavícula, plantando beijos violentos ao longo dela. — O iate, baby. Pendure suas roupas roubadas no meu armário, faça suas lasanhas horríveis no meu forno. Acenda suas velas femininas em

todos os cômodos. Quero tudo isso, tudo de você. Apenas volte *para casa.*

Ele me joga no sofá e fica em cima de mim. A estrutura frágil da minha compra no *Craigslist* racha sob o nosso peso. Rafe olha para mim, os olhos escurecendo. — Nossa casa tem sofás resistentes e não parece um antro de droga.

Levo meu joelho até sua virilha, mas ele o pega e o empurra para o lado, abaixando-se entre minhas coxas.

— Está realmente contando piadas quando tudo que quero fazer é dar um soco na sua cara?

Minhas palavras se transformam em um gemido quando ele puxa minha blusa e lambe o cós do meu moletom. — E tudo *que* quero fazer é descobrir se ainda tem um gosto tão bom quanto me lembro. — Olha para mim com um calor perigoso, puxando minha cintura entre os dentes como um animal. — Pode colocar seu punho na minha cara mais tarde.

Quase pergunto “Promessa de mindinho?”, mas então sua língua quente chia contra meu clitóris e, bem, acho que terei que acreditar na sua palavra.

22

Penny

O enorme corpo de Raphael Visconti se espalha pelos quatro cantos da cama de solteiro. A visão seria cômica se a cama não fosse minha e se ele não estivesse *nu.*

Não consigo parar de olhar para ele. Não parei desde que o sol branco perfurou minhas persianas e me acordou. Suas cores se aqueceram nas horas desde então, e agora banham sua pele bronzeada com um brilho dourado, dando um brilho vibrante às suas tatuagens. Está deitado de lado, um braço grosso desaparecendo sob meu travesseiro. A flacidez de sua mandíbula aprofunda o contorno de suas maçãs do rosto; a suave subida e descida de seu peito faz a serpente em seu colarinho deslizar.

Ele parece tão tranquilo. Parece tão dolorosamente bonito, parece um idiota.

Recuo meu pé e o chuto na canela. Seu corpo se move antes de seus olhos se abrirem, virando-me de costas e caindo em cima de mim com um silvo quente.

— Acabou de me *chutar?*

— Você teve sorte, estava mirando no seu pau.

Ele finalmente abre um olho, fixando-me com um olhar turvo, mas cheio de bolhas. — Porra, fez isso?

— Eu daria três palpites, mas provavelmente todos estarão certos.

Sua carranca suaviza quando seu olhar cai para os meus lábios. Muda seu peso para segurar minha bochecha com uma mão e abaixa sua boca na minha. — Bom dia para você também — murmura, beijando-me suavemente. — Deixe-me dar um beijo antes de arrancar minha cabeça.

Derreter no colchão é um reflexo involuntário. Assim como o suspiro patético que sobe em minha garganta. Rafe toma isso como permissão para me beijar novamente. — Tudo bem, talvez dois — diz, raspando os dentes sobre meu lábio inferior.

Posso senti-lo endurecendo contra a parte interna da minha coxa e meus mamilos endurecem em antecipação. Fodemos ontem à noite - a noite toda. Bastante. No meu sofá agora quebrado, no meu chuveiro pequeno demais. Com seus lábios contra os meus uma novidade, e seus doces e sedosos nadas em meu ouvido, estava obstinada e flexível - a garota no iate que jogou tudo que não estava pregado no Pacífico furioso não estava em lugar nenhum. Desisti do trabalho. Mandei a pizza embora, pelo amor de Deus.

O beijo de Rafe viaja para o sul, assim como sua mão, agarrando a base de sua ereção e esfregando-a ao longo da minha fenda. Meus olhos rolam quase para a parte de trás da minha cabeça.

Não. Fecho minhas coxas. — Pare com isso — sibilo, torcendo para olhar pela janela. — Estou com raiva de você.

Ele segura minha mandíbula no meu lugar e mergulha para chupar um mamilo. *Porra.* — Eu sei, baby — diz, depois de um *estalo desleixado* quando sua boca libera meu seio. — Deixe-me compensá-la.

Meus dedos dos pés se enrolam e minhas costas arqueiam. Cerro os dentes para me impedir de gemer. — Outro orgasmo não resolverá.

Ele se move até minha garganta novamente, sorrindo contra ela. — Não? Então o que quer? Diamantes? Um carro? Dois carros? Uma ilha, *Queenie*? Uma *Birkin* de todas as cores? Porra — lambe o ponto sensível atrás da minha orelha. — Eu lhe darei o mundo em todas as cores, se quiser.

Não posso deixar de grunhir um ruído de aprovação. É a trapaceira em mim, acho. — Sim.

— Sim, para quê?

— Tudo isso.

Sua risada vibra contra o meu pulso. — Combinado.

— E mais uma coisa.

— Qualquer coisa, é seu.

Agarro um punhado de seu cabelo e puxo sua cabeça para trás. — Quero que saia.

Seu olhar está semicerrado e confuso. — Saia de onde?

— Minha cama. Meu apartamento. — Engulo. — Você tem que ir.

Rafe leva três pesados segundos para registrar o que estou dizendo. Quando o faz, apoia o peso nas palmas das mãos e me encara. — O quê?

Aproveito a distância que ele colocou entre nós e escapo, pulando debaixo dele e enrolando o lençol ao meu redor. Corro para a janela, onde estou longe o suficiente dele para que aquelas mãos grandes e aquela língua experiente não possam influenciar minha decisão.

— O que achou que aconteceria, Rafe? Pensou que poderia abrir minha porta da frente de suas dobradiças, lamber minha boceta, me mostrar esses abdominais, e tudo seria perdoado? Por causa de uma pequena reviravolta do destino? Que tipo de idiota com cérebro de esponja acha que sou?

Sentado no canto da cama agora, olha para mim sem expressão. — Por que me fodeu ontem à noite, então?

— Eu estava com tesão — retruco. Quando franze a testa em confusão, solto um ruído de frustração. — Nem sei por onde começar, honestamente. Começaremos com o fato de possuir *Sinners Anonymous.* Confio nessa linha direta todos os dias desde que tinha treze anos. Era a porra do meu diário, Rafe! Quando percebeu que eu estava ligando?

Eu bato meu pé, esperando por uma resposta. Eventualmente, espalmou sua mandíbula e resmungou uma resposta. — Depois da tempestade na cabine telefônica. Liguei de volta para o número.

Sinto-me doente. Ainda não aceitei o fato de que ele está por trás da suave voz robótica que me ouviu por todos esses anos. Toda vez que deixo meu cérebro ir para lá, me contorço de vergonha, pensando em todas as coisas horríveis que ele deve ter ouvido. Eu também me sinto estúpida como o inferno; olhando para trás, ele deixou cair tantas dicas. Conhecia meu café da manhã favorito, o coquetel que gosto. Que não posso trançar meu próprio cabelo.

— Um jogo só é divertido quando ambas as pessoas sabem que estão jogando. Qualquer outra coisa faz de você um idiota. — Resmungo. — Você teve um milhão de oportunidades para me dizer que era o dono, mas não disse. E quando falou, foi apenas por motivos egoístas. — Uma nova onda de raiva queima o revestimento do meu estômago. — E do *jeito* que me contou? Jesus Cristo, nem me fale. — Vou até a cômoda, pego o cheque de um milhão de dólares e aceno com ele. — Que porra é essa? Eu lhe direi o que é; é uma saída covarde. Pensou que eu pegaria o dinheiro e fugiria, e então não teria que terminar comigo. Novidade... — Jogo o cheque aos pés dele. — Ainda estou aqui!

Nós dois olhamos para o pedaço de papel amassado no meu tapete. Eu o pego e coloco de volta na minha cômoda. Estou louca de raiva, mas não sou estúpida. Inalando profundamente, aperto o lençol ao meu redor e tento firmar minha voz. — É uma loucura, na verdade. Estou reclamando com você há cinco minutos, mas ainda nem toquei no fato de que me pendurou na lateral do seu iate como a porra de um peixe no anzol.

Olhamos um para o outro, meu olhar mais quente que o inferno, o dele indecifrável. Eventualmente, acena com a cabeça, deixando cair os cotovelos sobre os joelhos e esfregando as mãos. — Sinto muito — diz em voz baixa.

— Sinto muito não é bom o suficiente. — Sussurro de volta.

Seus olhos brilham. — Então o que será, Penny? Porque uma coisa é certa; não andarei nesta terra sem você. — Ele ri amargamente, passando a mão sobre o peito. — Eu tentei. Não gostei.

O silêncio escorre pelas paredes como melaço. De repente, percebo uma coisa: não sei o que quero dele. Ele não sabe o que me dar. Somos apenas dois idiotas que não sabem como funciona o amor. Minha garganta parece uma lixa. — Bem então. Descubra.

Ele geme, revirando o pescoço. — Rory não me contou sobre essa parte.

— O quê?

Ele se levanta, balançando a cabeça. — Nada, baby.

Desvio meus olhos enquanto se veste, sabendo que se eu observar aqueles bíceps flexionarem conforme aperta o cinto, estarei de costas na cama, balançando minha bunda no ar, e meu monólogo terá sido inútil.

Eu o sigo até a porta da frente, que está batendo contra o batente, graças ao seu chute de burro. A única razão pela qual não fui roubada é porque dois homens corpulentos estão

do lado de fora. Minhas bochechas esquentam quando percebo que definitivamente ouviram toda a minha explosão - e pior, eu gritando o nome de Rafe de uma maneira diferente a noite toda, mas à medida que caminhamos para a entrada, eles se afastam educadamente e olham para as paredes.

Rafe se vira, agarrando o lençol e me puxando para ele antes que eu possa desviar de seu alcance. Quando tento virar minha cabeça, prende minha mandíbula com a mão e pressiona sua boca na minha. — Eu realmente sinto muito, *Queenie*. — Murmura de uma forma que faz meus joelhos tremerem. — Eu descobrirei, prometo.

Não ouso respirar; estou com muito medo de sair algo fofo. Em vez disso, agarro o tecido ao meu lado e o observo cruzar a soleira.

— Espere — deixo escapar.

Ele se vira no topo da escada, olhos esperançosos se chocando com os meus.

— Preto.

Estreitam. — O quê?

— Essa é a cor que quero para minha *Birkin*. — Paro. — A primeira.

Então, bato minha porta quebrada.

23

Rafe

— Rasteje.

Paro de girar minha ficha de pôquer e franzo a testa. — O que?

Rory olha para mim do outro lado da mesa do café da manhã, como se tivesse acabado de descobrir que só tenho uma célula cerebral, e está se perguntando como sobrevivo no dia-a-dia. — Ela quer que você rasteje, Rafe. — Seu lábio se curva em um sorriso de escárnio. — E com razão. *Goose*, não é de admirar que tenha desaparecido da face do planeta, seu esquisito absoluto.

Cortei o nó do dedo no maxilar e encarei a bancada de mármore. Eu me pergunto se bato minha cabeça contra ela, se isso colocará algum bom senso em mim. A pior parte da reação de Rory é que só contei a ela a versão superlimpa da história. Perder a aposta do beijo, o cheque e o colar. Pulei toda a linha direta, o sexo selvagem de inimigos com benefícios e, claro, o fato de que arrastei Penny para a proa do iate na chuva torrencial. E ela está reagindo assim?

Sim, sou um idiota classe A.

Fiquei tão aturdido com o azar que Penny me trouxe que não parei para pensar em como a machuquei. Pensei que o cheque de um milhão de dólares seria suficiente para

suavizar o golpe, mas foda-se, vê-lo ainda amassado em sua cômoda esta manhã era uma facada no peito. Ela me odiava tanto que nem descontou?

A chaleira chia e Rory pula para pegar três canecas do armário. Enquanto a observo, uma rara onda de pânico ataca meus nervos. — Bem, o que diabos eu faço?

— Peça desculpas, para começar.

— Tentei isso, não funcionou.

Ao meu lado, Angelo ri em seus ovos. Eu me viro para encará-lo. — Como rastejou?

Ele olha para mim preguiçosamente. — Matei seu noivo de setenta anos com uma bala na cabeça. Por que precisava rastejar?

Rory cantarola sua aprovação. Reviro os olhos, um coquetel de amargura e ciúme me enchendo. Meu irmão e sua esposa são uma imagem doentia de felicidade conjugal. Ainda estão vestindo seus macacões combinando depois de um voo matinal. Angelo preparou o café da manhã; Rory está fazendo o chá. Cristo, costumava ter pena de homens que andaram pelo corredor, e agora estou possuído com o pensamento de ficar no topo de um, esperando por Penny. Aposto que ela fica gostosa de branco. Fica gostosa em tudo, mas primeiro, rastejar. Certo.

— Seu primeiro problema é que parece que só voltou para buscá-la porque descobriu que o colar pertencia à sua mãe. — Rory coloca um monte de açúcar em uma caneca e mexe

pensativamente. — Ela provavelmente está pensando que, se não fosse esse o caso, nunca teria arrombado a sua porta. — Ela olha para mim. — Muito Gabe de sua parte, a propósito.

Angelo ri novamente. Está irritantemente de bom humor hoje. — Está brincando? Qualquer pessoa com olhos podia ver que Rafe sempre voltaria rastejando. Tinha tanta certeza que fiz três apostas diferentes sobre quanto tempo levaria.

Franzo a testa. — Você não aposta.

— E você não usa moletom e assiste TV de lixo com minha esposa. Abri uma exceção.

Gemendo, passo a mão no rosto. O punho da minha camisa cheira ao perfume de Penny, e isso me dá vontade de arrancar meus olhos. A verdade é que Gabe me dizendo que o colar da sorte de Penny era da nossa mãe foi a desculpa, não o motivo. Claro, é a reviravolta mais perfeita do destino, uma que me faz não dar a mínima para ela ser a coisa mais azarada que já aconteceu comigo, mas estava no ponto em que qualquer desculpa seria suficiente. Inferno, uma vez que descobri que ela não tinha realmente deixado a cidade, teria chutado a sua porta por ter deixado um clipe de papel em seu apartamento.

Rory coloca uma caneca fumegante na minha frente. — Aqui está o seu chá, Rafey — diz docemente. Muito docemente. Quando olho para o líquido fumegante, Angelo o empurra para longe. — Não beba isso — murmura, mastigando uma fatia de torrada. — Preciso de você afiado hoje.

— *Gesù Cristo.* — Olho para as costas de Rory enquanto faz chá para ela e Angelo. Usando uma colher diferente, obviamente. — *Sua garota é uma psicopata* — digo em italiano rápido.

— *Assim como a sua* — resmunga de volta. — *Ouvi os homens de Gabe falando sobre o estado do seu iate.*

Faço uma careta. Não voltei lá desde que deixei Penny na minha cama. Não porque soubesse que seria habitável, mas porque o pensamento de estar em quartos que ela já preencheu me faz sentir violento.

— Foda-se, vou forçá-la a ficar comigo. Isso é o que todo mundo faz...

O punho de Angelo se estende e se fecha sobre o meu. Nem tinha percebido que estava girando minha ficha de pôquer novamente, desta vez a um milhão de rotações por minuto. — Todas aquelas planilhas e contratos, e ainda é estúpido. É fácil. Tudo o que ela quer é que você lhe prove que não é o idiota enorme que fez parecer. — Solta minha mão e esfaqueia seu bacon. — Você consertará isso, porque é isso que faz: conserta as coisas. Mesmo que tenha que arrastar suas bolas sobre uma cama de brasas conforme faz uma serenata para ela, vai fazê-lo. — Ele faz uma pausa, um sorriso malicioso inclinando seus lábios. — Arrancarei a merda de você pelos próximos dez anos, mas fará isso.

Minha mandíbula funciona. Infelizmente, sei que ele está certo. Interpreta meu silêncio como um acordo. — Bom.

Acabou der ser uma vadia chorona? Porque precisamos conversar sobre questões mais prementes.

Ainda estou distraído com cabelos ruivos e portas batendo. — Como o quê?

— Como Gabe. Sumiu de novo. — Ele me olha. — Só tinha que ir e ser esfaqueado, não é?

Meu olhar endurece no dele. Não disse a ele que vi Gabe na igreja ontem, muito menos o seu estado. — Você sabe como ele é - vai voltar.

— Sim, mas para onde ele foi e por quanto tempo? Não é apenas nosso irmão agora; é nosso *consigliere.* Ele tem um trabalho a fazer. Só porque Dante foi tratado, não significa que pode tirar férias sempre que quiser. — Olha por cima do ombro para o corredor e abaixa a voz. — Além disso, não gosto de lidar com seus homens. Leu *Lord of the Flies*[11], certo?

— Não se preocupe com Gabe — Rory entra na conversa, deslizando uma caneca na frente de Angelo e sentando-se no bar do café da manhã. — Ele está bem.

Tiro uma fatia de torrada do prato do meu irmão antes que possa pegá-la. — Sim? E como saberia, *Psychic Sally*[12]?

— Falei com ele ontem à noite.

Nós dois olhamos para ela. Angelo pigarreia. — Você o quê?

Seu revirar de olhos desaparece atrás de um véu de vapor enquanto leva a caneca aos lábios. — Caramba, vocês dois

são esses *homens.* Se estão preocupados com ele, basta ligar.

O silêncio é tingido com descrença. Rory toma um gole preguiçoso, os olhos correndo entre mim e meu irmão.

— Sabe onde Gabe está? — Angelo pergunta a ela calmamente.

— Sim, mas não sou uma delatora. — Seu celular vibra no balcão e seus olhos se iluminam. — Oh meu *goose*, é Matt, o que significa que pode ser Penny!

Meu coração bate forte ao ouvir o seu nome. Sento-me mais ereto, de repente não dando a mínima para o paradeiro de Gabe. — Atenda.

Rory olha para mim como se eu tivesse enlouquecido. — Na sua frente? Até parece!

Ela sai da sala e sobe as escadas, o celular agarrado ao ouvido.

Angelo deixa o garfo bater no prato. — Sabia que não deveria deixá-la tanto com Gabe na garagem. Ele é uma má influência.

Jogo a torrada meio comida para ele. — Sua esposa acabou de tentar me envenenar; Acho que pode cuidar de si mesma. — Levantando-me, aperto minhas abotoaduras e caminho em direção à porta. — Estou de partida. Tenho merda para fazer.

— Como o quê?

— Como pesquisar no Google o que diabos significa rastejar.

Angelo chama meu nome quando atravesso a porta. Eu me viro e encontro seu meio sorriso.

— Ela estava ligando para a linha direta, não estava?

Mandíbula apertada, aceno.

— E você estava ouvindo as suas ligações, não estava?

Concordo com a cabeça novamente, e meu irmão explode na gargalhada mais alta. — Porra, mal posso esperar para ver como isso acabará. Quando descobri que Rory estava ligando para a linha direta, simplesmente não dei ouvidos. Se você tivesse feito o mesmo, estaria molhando seu pau agora.

Olho para ele. — Não ouviu nenhuma das ligações de Rory?

— Não. Não sou intrometido como você.

— Não se preocupe; não estava perdendo muito, irmão. Suas confissões foram uma merda.

Antes que ele possa pular e balançar para mim, caminho até a entrada, jogando-o por cima do ombro.

24

Penny

O restaurante está iluminado de amarelo, a tagarelice compactada zumbindo entre suas paredes me embalando em letargia. Está escuro lá fora - tempo perfeito para uma soneca. Mal consigo ver o céu do outro lado da janela manchada de condensação, mas quando pressiono minha bochecha contra o vidro molhado, posso ouvir o vento assobiando na *Main Street*.

Minhas pálpebras se fecham. Cara, estou cansada. Agora que sei como é dormir a noite toda, não sei como costumava ficar acordada.

O sino acima da porta toca e uma enxurrada de atividade segue. Sorrio antes mesmo de abrir os olhos, porque isso é uma coisa que notei sobre Rory, Wren e Tayce. Toda vez que elas entram em uma sala, uma energia caótica as perseguem. Do tipo bom e contagiante.

— Oh, meu Deus, Penny! Você está bem?

Estico meu pescoço para ver Wren estalando entre as cabines, uma enxurrada de cabelo rosa bebê e loiro. Ela desliza ao meu lado e passa os braços em volta do meu pescoço. Seu cheiro de chiclete deixa minha garganta apertada. — Estou bem, Wren. Como tem estado?

Ela arranca uma luva brilhante e me golpeia comigo. — Preocupada, é assim que tenho estado. — Seus olhos percorrem meu rosto, como se estivesse procurando por algo. — Por que não me ligou?

— Porque sempre que alguém liga para você com um problema, seu conselho é ouvir os maiores sucessos do ABBA repetidamente. — Eu me viro para ver Tayce se acomodando no assento oposto. Ela avança e planta um beijo na minha bochecha. Sempre parece tão legal, e com seu blazer namorado e óculos de sol enormes puxando para trás seu cabelo preto, hoje não é exceção.

— Entendo porque não ligou para Wren, mas por que não *me ligou?* — Diz, arrastando meu milk-shake em sua direção. — Teria levado você para uma noite maluca em *Cove*. Teríamos dançado nas mesas, bebido muitas doses. Inferno, teria deixado-a tão bêbada que não se lembraria do seu próprio nome, muito menos do de Rafe.

Eu rio, mas Wren não acha isso tão engraçado. — Ah, lindo. E então, no final da noite, eu seria aquela que lhe entregaria chinelos e prenderia seu cabelo para trás enquanto vomitasse em uma lata de lixo.

— Provavelmente não deveria se voluntariar para cuidar de pessoas bêbadas em Cove então — Tayce reflete, sorvendo meu shake.

— A gentileza dos voluntários mantém o mundo girando, querida, — Wren bufa. Olha para o caixa. — O que Rory está fazendo?

Eu sigo seu olhar e vejo Rory entregando um envelope superlotado para a garota atrás da mesa, com um sorriso de desculpas no rosto.

— Rafe perdeu a cabeça aqui alguns dias atrás e destruiu algumas coisas. Imagino que Rory esteja controlando os danos em nome dos Visconti.

Volto minha atenção para Tayce. — O quê?

Ela ri. — O amor nos deixa louco, certo?

Minhas bochechas esquentam pensando em Rafe vindo aqui e destruindo as coisas. Tão pouco cavalheiresco, tão *grosseiro.* Uma emoção doentia passa por mim, mas jogo o tremor como sendo frio. Ele não é o tipo de homem que sai porque erraram o pedido. Talvez não tenha achado tão fácil me abandonar como eu pensei.

Rory se aproxima, abotoando a bolsa. Para na cabeceira da mesa e faz beicinho para mim. Pela piedade em seus olhos, sei que estou prestes a ouvir a mesma pergunta pela terceira vez.

— Ah, Penny. Por que não me ligou?

Desta vez, a culpa infla meu peito. Deixei escapar um suspiro lento, esperando aliviar um pouco da pressão. Tecnicamente, liguei para ela, apenas duas semanas depois do que ela pretendia. Depois que toda a minha raiva se espalhou pelo chão bagunçado do meu quarto esta manhã e chutei Rafe para fora, me senti destemida. Como se pudesse

enfrentar qualquer coisa, até mesmo pegar o telefone e ligar para as meninas.

Fui até a casa de Matt e usei seu celular antes de mudar de ideia. Rory atendeu no primeiro toque. Não fez perguntas, apenas me disse para nomear uma hora e um lugar e ela, Wren e Tayce estariam lá.

Vi no meu lábio inferior com os dentes e contei a verdade. — Porque é cunhada de Rafe — digo a Rory, antes de me virar para Wren. — E toda vez que alguém menciona o nome Raphael Visconti, você aperta o peito e o chama de cavalheiro. — Olho para Tayce, que está quase terminando meu milk-shake. — E com todas aquelas tatuagens que ele tem, você o viu nu mais vezes do que eu.

— Onde quer chegar? — Tayce pergunta.

— Meu ponto é que pensei que todas estariam no Team Rafe porque o conhecem melhor. E também... — Engulo em seco. — Acho que fiquei envergonhada com o que aconteceu.

O silêncio varre a mesa. Eu me sinto como um idiota com toda a minha vulnerabilidade exposta assim. Limpo minha garganta, me preparando para contar uma piada estranha, mas Wren agarra minha mão.

— Vou torcer o nariz e chamá-lo de babaca de agora em diante, ou idiota, ou estúpido. O que escolher.

— E então tatuarei isso nele na próxima vez que vier à minha loja — Tayce fala.

Rory desliza para a cabine ao seu lado. — Esta manhã, ele me contou como a deixou no iate daquele jeito, então coloquei um laxante no seu chá. Ele não bebeu, mas tentarei de novo amanhã. Pode ser meu cunhado, e sim, claro que o amo, mas você é nossa amiga.

— Amigas ligam para amigas quando estão tristes — diz Wren, apertando minha mão. — Você fala conosco, chora conosco.

— Planeja a vingança conosco — Tayce diz com uma piscadela.

Aceno com força. É tudo o que posso fazer, porque sei que se eu falar, sairá um barulho horrível parecido com um soluço. Já posso sentir isso fermentando na minha garganta.

O rosto de Tayce se suaviza com a compreensão. — Oh não. Quando Wren disse que pode chorar para nós, não quis dizer agora.

É, contudo, muito tarde. Uma lágrima escorre pelo meu rosto, chiando contra minha bochecha quente. Passo o dedo no porta-guardanapos e me escondo atrás de um lenço áspero. — Ah, me ignore. Só estou cansada; isso é tudo.

Deus, isso é mortificante.

É a primeira vez em duas semanas que choro por um motivo que não seja porque estou ferida. Não, estou chorando porquê de repente estou sobrecarregada. Em toda a minha vida, só tive um amigo em quem podia confiar, e era uma voz de linha direta que não conseguia responder. Não estou

acostumada a estar cercada por garotas que se importam comigo.

Wren choraminga em solidariedade, porque aparentemente ver alguém chorar também a deixa irritada. Rory pula para passar por ela e me abraçar, enquanto Tayce vai direto para o balcão, com a promessa de trazer algo extrachocolate.

Enquanto fungo no ombro do moletom de Rory, algo me ocorre que me faz chorar ainda mais.

Essas garotas compartilhariam seus jeans comigo em um piscar de olhos.

25

Penny

O céu enegrecido finalmente vaza, assim como fiz na lanchonete algumas horas atrás. A chuva cai livremente dos céus e martela na janela da minha sala. Olho para o aguaceiro repentino, então volto para a televisão.

Troquei *The Notebook* por uma reprise de *Friends.* O riso enlatado ecoa em minhas paredes nuas, mas nunca achei Joey andando por aí com um peru enfiado na cabeça muito engraçado. Não estou realmente assistindo, de qualquer maneira; só estou perdendo tempo até Matt terminar o treino de hóquei. Em parte para que possa comer toda a pizza que sobrou em seu apartamento, e em parte porque estou morrendo de vontade de arrancar a sua merda por gritar como uma cadela quando Rafe apontou uma arma em seu rosto.

Rafe.

Sinto uma pontada no peito toda vez que penso nele hoje. Acho que é assim que a incerteza se sente. Quando gritei para ele sair do meu apartamento esta manhã, chutei a bola em sua quadra. Cabe a ele decidir o que fazer com isso agora, se é que faz alguma coisa.

Distraidamente escovo meus dedos sobre meu colar. Não acredito que a mulher que me deu era a sua mãe. Agora,

minha memória dela naquele beco escuro está tingida de rosa. Ela não é um anjo da guarda sem nome, mas Maria Visconti: a mulher que deu à luz o homem por quem estou ridiculamente apaixonada, mas ainda assim, não é o suficiente.

Claro, meu coração quer dançar ao som do alinhamento das estrelas, mas minha cabeça está amarga com a traição. Um homem me fodendo é uma música muito familiar, e não sou capaz de deixá-la ir tão facilmente.

Sei que só se passaram algumas horas, mas ainda não ouvi um pio de Rafe. O mais próximo que tive de entrar em contato foi voltar para casa e descobrir que tenho uma nova porta da frente. Gostaria que ele tivesse substituído meu sofá enquanto estava nisso; No momento, estou sentada em uma almofada no chão porque minha compra no *Craigslist* está em frangalhos atrás de mim.

O fim da tarde se transforma em noite, o tempo passando ao som de uma trilha sonora de chuva implacável e intermináveis comerciais de planos de saúde. Minha bunda começa a ficar dormente, e quando me levanto para esticar meus membros rígidos, há uma batida forte na porta da frente.

Já era hora. Sigo pelo corredor, o estômago roncando só de pensar em pizza fria, mas quando abro a porta, meu coração salta alguns centímetros, depois bate um pouco mais rápido.

Não é Matt, mas Rafe.

Ele é todo terno elegante e silhueta suave, olhando divertido para o meu tapete de boas-vindas.

— Não é nem um trocadilho engraçado.

Só posso olhar para ele. — O que está fazendo aqui?

Seu olhar sobe em meu moletom e me prende. — Estou rastejando.

Pisco. — Rastejando?

— *Uhum*. — Ele tira um buquê pelas costas. — Rastejar começa com flores. — Franzo a testa para as rosas em suas mãos. São vermelho sangue e confuso. Rafe se aproveita da minha descrença me deslizando para o lado e entrando no meu apartamento. — De acordo com o Google, pelo menos — continua, antes de desaparecer na minha cozinha. — Mas o Google também acha que tenho trinta e oito anos e um Rottweiler chamado Cookie, então quem realmente sabe?

Eu o sigo e pairo desajeitadamente na porta da cozinha. Ele coloca as rosas no chão e abre armários e gavetas como se fosse o dono do lugar. — Tem um vaso?

— O quê?

Ele olha para mim, divertido. — Para flores.

— Hum, não?

— Imaginei. Um jarro? — Examina meus balcões esbranquiçados, apertando os olhos em desagrado. — Um *bong*[13]?

Sua escavação passivo-agressiva em meu apartamento me traz de volta aos meus sentidos. — Tenho uma lata de lixo que pode usar. Pode se jogar nela também, se quiser.

Com um sorriso malicioso, ele torce meu *Nutribullet* do suporte e o leva para a pia. Espalma o balcão enquanto espera que a torneira esfrie, então coloca o copo de smoothie embaixo dela. — Vá se vestir.

— Estou vestida.

Ele olha de volta para mim. — Não para o jantar, não está.

— Eu jantei — minto.

No reflexo da janela, vejo sua mandíbula apertar. — Tenho certeza que se encaixará em outro.

— Está me chamando de gorda?

Ele praticamente fecha a torneira. — Baby, estou chamando uma garota que janta duas vezes todas as noites. Isso é apenas um fato. Vi com meus próprios olhos. — Ele se vira, se inclina contra a pia e me estuda. — Não tornará isso fácil para mim, não é?

Minha garganta seca e balanço a cabeça lentamente. — Não merece fácil.

Olhamos um para o outro, a chuva martelando o vidro é o único som que enche minha cozinha. Então seu peito afunda quando solta uma respiração tensa. — Venha aqui.

Eu não me mexo. Primeiro de tudo, por que diabos deveria? Ele também tem pernas. Em segundo lugar, "venha

aqui" significa que tenho que ir "ali" e "lá" é onde as más decisões são tomadas. Fatores externos, como suas mãos quentes que sabem exatamente onde me tocar, fazem todo o raciocínio sangrar para fora do meu cérebro.

Estou mais segura aqui. Tenho uma chance maior de manter minha calcinha aqui.

Com um silvo agudo, ele se empurra para fora do balcão e vem em minha direção. Recuo dois passos, mas não sou rápida o suficiente para desviar de seu alcance. Ele me puxa para sua órbita e me carrega até um balcão, deslizando minha bunda de volta à superfície. Luto para pular, mas ele se mete entre as minhas pernas e me enjaula.

Ele olha para onde suas mãos seguram minhas coxas. — Estou tentando compensá-la. Tentando mostrar o quanto me importo com você. — Seus olhos se erguem para os meus, suaves e tingidos com algo que não combina com ele. Desespero. — Estou *rastejando,* Queenie, mas você precisa me deixar.

Meu batimento cardíaco diminui, como se estivesse mergulhado em mel. O frio na barriga levanta voo, mas parece que saiu da hibernação muito cedo. Ainda estou muito amarga e magoada para aceitar sua promessa pelo valor facial, e acho que é por isso que minhas próximas palavras escapam da minha boca.

— Diga, por favor.

Seu olhar escurece. — Por favor, o quê?

— Convide-me para jantar, mas diga *por favor.*

Suas narinas dilatam, e pelo jeito que olha para o teto, sei que está se perguntando se eu mereço a humilhação, mas então seu olhar cai de volta para o meu, sua mandíbula cerrada. — Penny, me daria a honra de me deixar levá-la para jantar? — Range os dentes. — *Por favor?*

Apesar de não ser capaz de decidir se quero arrancar seus globos oculares ou não, o prazer patina na minha espinha. Acho que gosto quando essa palavra sai dos lábios de Rafe. — *Hmm* — penso, inclinando-me para trás em minhas mãos e fingindo pesar minhas opções. — Está pagando?

Ele ri. — Que tipo de pergunta é essa?

— Haverá sobremesa?

— Claro.

— Posso ter duas?

— Pode ter o que quiser.

Raspo meus dentes sobre meu lábio inferior. — Não sei. Tenho outras opções...

— Sua única outra opção é se curvar sobre o meu joelho e me espancar — estala, arrastando a mão da minha coxa e alcançando a fivela do cinto. — Pode também ter dois desses.

— Tudo bem, tudo bem — grito, contorcendo-me para fora de seu aperto. — Acho que tenho tempo para jantar, mas não trocarei de roupa.

Ele lança um olhar de descrença sobre minha calça de moletom cinza, moletom com capuz e coque bagunçado. — É um bom restaurante.

— Está dizendo que eu não pareço legal?

Ele faz uma pausa, então me dá um sorriso de plástico. — Você ficaria linda em um saco de batata — diz insinceramente. Ele me levanta do balcão e me coloca de pé. — Vamos.

Menos de cinco minutos depois, atravessamos a rua sob a proteção do guarda-chuva de Rafe, seus homens seguindo nossas sombras. A excitação zumbe sob minha pele, e há um gosto imprudente em minha língua. Talvez eu seja uma sádica, mas adoro a ideia de Rafe rastejando. Parece o jogo definitivo, e é para ele que defino as regras. Inferno, não sei se ele ganhará ou não, mas tenho certeza que vou colocá-lo à prova para descobrir.

Ele segura a porta do lado do passageiro aberta para mim. Olho para seus homens entrando no comboio de sedãs atrás. Há mais deles do que o normal, e não há um único rosto que eu reconheça. Então me lembro de Rafe dizendo algo sobre Griffin tentando matá-lo e estremeço.

Isso explicaria a mudança repentina de lacaios.

No momento em que deslizo para o assento, minha excitação azeda. O cheiro de couro quente misturado com a colônia de Rafe. A maneira como o encosto abraça perfeitamente meus quadris. Meus chinelos ainda estão bem

no pé. A familiaridade que vive entre essas quatro paredes de veículos me dá um soco no estômago.

Rafe deve sentir a mudança no meu humor quando desliza para o banco do motorista, porque tensiona. Ouço um *clique* conforme tranca minha porta. — Não está mudando de ideia. Eu já disse por favor.

Encaro seu perfil, a emoção crescendo em minha garganta. — Por que está se incomodando?

Seu olhar é preguiçoso, fixo no para-brisa enquanto sai para a estrada. — Porque eu te amo — diz simplesmente.

Outro golpe no meu estômago, mas este parece mais um canivete. *Porque eu te amo.* Embora tenham sido ditas de maneira tão leviana, tão *indiferente,* suas palavras ricocheteiam pelo carro e me ensurdecem. Apesar de lutar repentinamente para respirar, consigo balançar a cabeça.

Entendo como e por que o amo, apesar de odiá-lo com paixão, mas isso é porque não me afastei dele. Ele *escolheu* nos separar com um cheque de um milhão de dólares e uma confissão.

E apesar de sua traição, posso entender seu raciocínio.

— Mas eu não tenho sorte — deixo escapar, pensando em seu sangue escorrendo sobre seu abdômen e girando pelo ralo do chuveiro. Ainda nem sei o que aconteceu com ele, só que foi mais um entalhe em seu cinturão de má sorte. — Você terá azar pelo resto da vida.

Ele muda de faixa, então olha de relance para a corrente de prata desaparecendo sob a gola do meu moletom. — Estou tentando seguir o conselho da minha mãe.

— Que foi?

— Sorte é acreditar que se tem sorte — diz. — Isso é o que ela disse para você, certo?

Meu coração aperta com a memória, e só posso acenar com a cabeça.

— Então, de agora em diante, estou acreditando que tenho sorte. — Sua mão desliza sobre minha coxa e inunda o calor através do meu núcleo. — Tenho sorte de você me deixar levá-la para um encontro, não é?

Ele ri quando golpeio sua mão. Tocar leva a foder, e foder me leva a dizer bobagens que não deveria, tipo, *eu também te amo.*

Quando saímos da *Main Street* e subimos a colina até a igreja, ouvimos um *estalo repentino e agudo.*

Eu grito. Rafe desvia o volante com uma mão, enquanto a outra voa sobre meu estômago e me prende no assento. Abro os olhos enquanto rolamos para parar entre as árvores.

Rafe acende a luz interna e segura meu queixo, os olhos me examinando. — Está bem?

— S-sim. — Expiro trêmula, então aceno para o para-brisa. Há uma cratera do tamanho de uma pedrinha no lado direito, e uma teia de aranha de rachaduras saindo dela.

Ele olha para ela. — Deve ter sido um pedaço de cascalho solto ou algo assim — murmura insinuadamente.

— Não acredita o suficiente.

Ele passa o polegar sobre meu lábio inferior e me dá um sorriso sem humor.

— É um trabalho em andamento, Queenie.

* * *

Depois de trocar o G-Wagon de Rafe por um dos sedãs passando por nós, acabamos em *Hollow*. Um elevador nos leva para mais perto do nível do mar e, quando saímos dele, tenho vontade de me virar e bater com a cabeça nas portas que se fecham.

Droga. Este restaurante é chique. O tipo que tem muitos garfos em ambos os lados do prato e pouca comida em cima dele. O tipo que não se usa calça de moletom e um moletom manchado de milk-shake.

Gostaria de não ser tão teimosa.

Rafe espalma minhas costas e me empurra para dentro da caverna principal, onde um garçom corre para nos receber. — Sr. Visconti, Sra. Visconti — diz, acenando-nos educadamente. Diz mais gentilezas, mas elas nadam em volta dos meus ouvidos, vacilantes e incoerentes. *Sra. Visconti?*

Quando a mão de Rafe encontra minhas costas novamente e me guia para uma mesa, olho para seu perfil. —

Por que ela acha que somos casados?

Sua covinha se aprofunda. — Porque eu disse a ela que éramos.

— O quê? *Por quê?*

Ele não responde até deslizar uma cadeira para debaixo de mim. Depois abaixa os lábios até a parte macia atrás da minha orelha e sussurra sua resposta contra ela. — Porque eu queria jogar nosso jogo favorito. — Planta um beijo no meu pescoço. É tão gentil, mas revira minhas entranhas como um terremoto. — Faz de conta.

Estupefata, meus olhos o acompanham enquanto contorna a mesa e se senta à minha frente. Há uma enxurrada de garçons com sorrisos, guardanapos e cardápios encadernados em couro, mas como posso me concentrar em coisas triviais como os pratos do dia em um momento como este?

Uma vez que ficamos sozinhos, o olhar de Rafe se aquece no meu. Eu me afasto dele por motivos de segurança e faço um levantamento do espaço.

A caverna é assombrosamente bela. Uma pequena sala oval com toque humano mínimo. Há apenas seis mesas, todas vazias, exceto a nossa, e todas foram cortadas na rocha. O bar também é nada mais do que uma saliência escarpada que se projeta da parede oposta, com espaço suficiente para exibir garrafas de edição especial do *Smuggler's Club* em uma vitrine retroiluminada.

Meu olhar sobe para o teto. Parece que está pingando. Cada rocha em forma de gelo é envolta com finas luzes de fada, mergulhando a caverna em um brilho romântico.

— Estalagmites — Rafe diz, me observando. — Produzido pela precipitação de minerais da água que escorre pelo teto da caverna.

— Estalactites.

— Desculpe?

— Estalagmites se erguem do chão, estalactites pendem do teto. — Esfregando as palmas das mãos suadas na calça de corrida, acrescento — Você me comprou *Petrologia para Dummies.*

Sua risada é linda e penetra em meu peito como uma chave, destrancando memórias de outras vezes em que o fiz rir assim. Enrijeço minha mandíbula e as enxoto.

— Claro. — Ele acena uma mão descuidada ao seu redor. — Bem, gostou?

— Seus outros encontros gostaram?

A irritação se move em seu rosto como uma sombra. — É a primeira mulher que trago aqui. — Sua atenção cai para os meus lábios, e ele lambe os seus. — Você também será a última.

Tento manter minha respiração estável. Tento não cair no seu charme. É incrível a facilidade com que vi através dele quando nos conhecemos, mas agora isso embaça minha visão e ameaça me desviar do caminho.

Corro meu dedo sobre a borda bordada do guardanapo, ignorando o peso de seu olhar. — Então, voltou a bancar o perfeito cavalheiro.

— Você preferiria que eu não fosse um cavalheiro, Penny?

Deslizo meu olhar para ele, assim que um garçom aparece em nossa mesa.

— Posso sugerir um vinho para harmonizar com a sua refeição? — Pergunta.

Os olhos de Rafe nunca deixam os meus. — Foda-se, Júlia.

Não sei de quem é a expiração, de mim, de Julia ou de ambas, mas quando ela sai correndo, o constrangimento esquenta minhas bochechas.

— Isso foi *rude, pra* caralho.

Rafe é a definição do dicionário de imperturbável. Age como se não tivesse me ouvido, então aperta as abotoaduras e se inclina para a luz da vela bruxuleante entre nós.

— Gostaria de saber um segredo, Queenie?

— Não. — *Sim.*

Ele estende a mão abruptamente ao redor da mesa, então há um ruído repugnante de raspagem quando arrasta minha cadeira sobre o chão de calcário, depois estou sentada ao seu lado. Olho para baixo em nossas coxas se tocando. Meu suor suave ao lado de suas calças afiadas. Tatty ao seu suave. Minha próxima respiração tremula, como quero odiar esse homem.

Seu cheiro familiar me enfraquece quando passa o braço pelas costas da minha cadeira e roça os lábios na minha têmpora.

— Estava certa o tempo todo.

— Sobre o quê? — Expiro.

— Sobre eu fingir ser um cavalheiro. — As costas de seus dedos roçam minha nuca, levantando todos os arrepios lá. — Mas apenas para outras mulheres, nunca para você. Nunca houve nenhum fingimento com você, Penny. Quando fala, eu escuto porque gosto do que tem a dizer. Quando a fodo por trás, é porque sei que também tenho o privilégio de fodê-la de frente. E quando sai da minha cama, não suporto a ideia de que seja para sempre.

Não posso fazer nada além de olhar para nossas pernas se tocando. Temo que, se eu me mexer, a queimação atrás dos meus olhos se transforme em algo mais. Estou dividida, rasgada bem no meio. Metade de mim quer gritar com ele um pouco mais, a outra metade me incita a inclinar meu queixo e beijá-lo, apenas para provar a confissão que acabou de sair de sua boca.

Não faço nenhuma dessas coisas. Não posso. Só fico olhando para nossas pernas até que outro garçom vem no lugar de Julia e nos pergunta timidamente sobre combinações de vinhos novamente.

* * *

A volta para casa é amortecida pelo couro Nappa e pelo ronronar familiar do motor. O para-brisa de Rafe já estava consertado quando terminei minha terceira sobremesa, e meio que gostaria que não tivesse. De jeito nenhum estaria tão perto de cochilar se estivesse no sedã de um estranho, mesmo que Rafe estivesse dirigindo.

Estou cheio de comida, vinho e contentamento, e minhas pálpebras ficam mais pesadas a cada poste de luz que passa. Não estou tão longe que não perceba Rafe me olhar, em seguida, desligar o rádio e aumentar o meu assento aquecido.

Ele é transparente. Sei que pensa que se estiver quente o suficiente, e se estiver quieto o suficiente, adormecerei, como nos velhos tempos.

A noite foi tingida com um brilho esperançoso. Apesar dos meus melhores esforços, me vi sorrindo muito esta noite. Senti coisas em meu peito e entre minhas coxas que gostaria de não sentir. Cristo, seria tão fácil adormecer aqui e acordar de manhã com Rafe acariciando minha testa, mas tenho muito orgulho e amargura dentro de mim, e ele ainda tem muito a provar.

Olhando pelo para-brisa, avalio onde estamos. Em menos de um minuto, estaremos parando do lado de fora do meu apartamento, mas depois a curva para a *Main Street* passa à esquerda e viro minha cabeça para olhar para Rafe. — Está indo pelo caminho errado. — Quando me deparo com o silêncio, meu estômago aperta. — Ei, para onde vamos?

Os nós dos dedos de Rafe apertam o volante, em desacordo com seu tom indiferente. — Casa.

— Minha casa fica por ali.

Ele acelera, me ignorando.

— Rafe — digo tão calmamente quanto posso reunir — Volte.

— O iate está pronto.

— Vire o carro!

Xingando em italiano, faz tracionamento, o motor desliga, mergulhando-nos em um silêncio tenso.

Ele abaixa a cabeça contra o encosto de cabeça. Passa a mão pela garganta. — Eu rastejei — diz calmamente. — Agora. Vamos. Para. Casa.

Encaro seu perfil afiado, observando o músculo em sua mandíbula se contrair. — Você rastejou por três horas e vinte minutos.

Ele rola a cabeça e me alfineta com um olhar suave. — Ainda me odeia, Queenie?

Apesar de minha garganta estar grossa com a verdade, aceno.

Ele pensa por um momento, então dá de ombros descuidadamente e estende a mão para a ignição. — Odeie-me no barco, então.

— Vou odiá-lo do meu apartamento.

— Ou, pode dormir no carro...

— Rafe.

Algo no meu tom o interrompe. Ele olha para fora do para-brisa por um longo tempo antes de dar um aceno apertado e me levar para casa em silêncio.

No momento em que estaciona em seu caminho imbecil do lado de fora do meu apartamento, seu aborrecimento se abrandou. Ele se mexe em seu assento para me estudar, os olhos brilhando. — Pelo menos me convide para um café.

Eu rio. — Sem chance.

Ele sorri, estendendo a mão para brincar com uma mecha do meu cabelo. — Provavelmente só tem essa merda instantânea, de qualquer maneira.

Estou prestes a lhe dizer que nem mesmo tenho “aquela merda instantânea”, não há bebidas no meu apartamento além de água da torneira e uma embalagem múltipla de refrigerante de laranja, mas então seu foco se move para minha boca. O carro esquenta e o assunto do café de repente se torna irrelevante.

Seu aperto no meu cabelo aumenta. — Estou ganhando um beijo de boa noite, e isso não é negociável.

Suspiro, resistindo ao impulso de torcer meu rosto em sua palma. Seria tão fácil beijá-lo. Para deixar suas mãos vagarem onde quiserem, depois deixá-las me puxar para o banco de trás quando a tensão sexual transbordar.

— Vai te custar.

Ele balança a cabeça em diversão. — Já paguei a você um milhão de dólares quando perdi a aposta. Certamente isso cobrirá todos os beijos nesta vida?

Um veneno quente chicoteia através de mim com a menção do cheque. — Nós dois sabemos que não me pagou porque perdeu a aposta.

Meu coração bate forte, ecoando no silêncio. A lembrança de acordar com uma cama vazia deixa minha garganta em carne viva. Porra, como não me sentirei mal quando penso nisso? Rafe pode me comprar rosas das quais não sei cuidar e me deixar comer três sobremesas com o seu dinheiro, mas como vou perdoá-lo por me pagar para ir embora? Por apenas admitir que é dono de *Sinners Anonymous* na esperança de que isso selasse minha decisão de partir?

Rafe franze a testa, sentindo a mudança de humor, então a compreensão suaviza sua testa enquanto desliza o polegar sobre minha bochecha. — Tudo bem, quanto?

— Cinquenta pratas.

Ele ri, jogando a carteira no meu colo. — Vendido.

Quando se inclina, pressiono minha mão contra seu peito. — Eu quis dizer cem!

— Jesus. Por cem, quero um pouco de ação de língua.

Antes que possa negociar, seus dedos deslizam até meu crânio e me puxam para dentro. Seus lábios tocam os meus, tão suaves quanto um sussurro ao vento. É a escovadela mais

leve, mas abre meu núcleo, deixando-me vazia e desesperada por mais.

Foda-se. Ele pagou, certo?

Agarro sua mandíbula e puxo seus lábios com mais força contra os meus. Seu grunhido de aprovação vibra contra a minha boca, e deslizo minha língua sobre a dele para prová-la. Ele suga meu lábio inferior, olhando para mim com olhos semicerrados e perigosos enquanto o solta de sua boca com um *pop visceral.*

Porra. O som é um pecado carnal, e a forma como aquece meu sangue só me faz querer ouvi-lo novamente. Persigo sua retirada, beijando-o com mais violência. Cada beijo mais quente e úmido, cada toque sem fricção de nossas línguas embaçando um pouco mais as janelas.

Estou tão perdida em seu gosto que mal noto sua palma queimando um caminho até o lado da minha coxa até que está puxando minha cintura. Quando o ar toca meu quadril, uma claridade repentina me domina.

Eu o afasto e pressiono minhas costas contra a porta. Ele avança para mim novamente, mas coloco meu pé no console central, meu joelho criando uma barreira física entre nós. — Chega — suspiro, limpando seu gosto dos meus lábios com as costas da minha mão.

Seus olhos estão negros e famintos enquanto descem meu moletom e observam meu peito subindo e descendo. — Quanto para beijar seus outros lábios?

Apesar de ele estar mortalmente sério e o pensamento fazer meu clitóris bater, solto uma risada. — Não mais. Boa noite, Rafe. Obrigada pelo jantar.

Ele geme, deixando cair o queixo no meu joelho. — Não seja uma merdinha tão teimosa. Pelo menos durma no carro. — Balanço a cabeça, desajeitadamente, estendendo a mão para a minha bolsa. — Bem, o que mais fará? — Olha para a janela da minha sala como se fosse seu pior inimigo. — Não dormirá. Vai sentar e jogar xadrez com as baratas a noite toda?

Não, me tocarei pensando onde isso teria ido se eu fosse mais fraca, depois fingiria assistir a vinte episódios de *Friends,* enquanto realmente obcecada com cada detalhe da noite.

Claro, não digo isso a ele; também não respondo ao seu insulto sobre meu apartamento. — Parece a noite perfeita.

— Ficarei estacionado aqui a noite toda, caso mude de ideia.

Eu me viro e abro a porta. Enquanto o ar frio entra e me morde, a mão de Rafe agarra meu pulso. Viro-me, esperando um apelo final, mas me deparo com um conjunto rígido de sua mandíbula.

Seus olhos procuram os meus, algo vulnerável dançando por trás de sua expressão séria.

— Apenas me diga que tenho uma chance, Queenie. — Seu polegar desliza sobre meu pulso. — Isso é tudo que

preciso saber.

Meu coração sai do eixo e bate em algum lugar acima do meu umbigo. Encaro-o de volta, observando seu olhar taciturno e cada plano afiado de seu rosto.

A emoção ameaça me sufocar, mas não deixarei. Pelo menos não no carro de Rafe. Pego o que devo de sua carteira - mais um pouco mais de gorjeta, é claro - e jogo no porta-copos.

Olho para ele enquanto respondo a sua pergunta.

— Eu lhe disse para escolher seu caminho para o inferno, Rafe. — Digo baixinho. — Não é minha culpa que escolheu o caminho mais longo.

Seu olhar queima minhas costas enquanto atravesso a rua e desapareço no meu prédio.

26

Rafe

O grito de Rory preenche o closet. — Não tão *apertado. Goose*, está segurando os fios como um Neandertal.

Encontro seu olhar no espelho da penteadeira. — Da última vez, disse que estava muito solto. Agora está muito apertado. Talvez seja o seu cabelo emaranhado que é o problema.

Ela é impressionantemente rápida, tirando a escova da cômoda e estendendo a mão para trás para estalar meus dedos com ela. Assobio, puxando sua trança torta.

— Se você fosse qualquer outra pessoa, irmão, arrancaria esses dedos.

Dou uma olhada descuidada em direção à porta, onde Angelo está encostado no batente, com uma expressão tão amarga quanto sua voz.

— Quase os perdi no ninho de pássaro de sua esposa, de qualquer maneira.

Rory sacode a trança e bagunça seus cachos. — Mesma hora amanhã?

— Infelizmente.

Pisco para o seu reflexo, então jogo sua faixa de cabelo na cômoda. A expressão de Angelo se transforma em diversão.

Sinto isso me seguindo enquanto coloco minha jaqueta e me inclino para dar um adeus a Maggie. No momento em que ele entra no corredor para me deixar passar, essa presunção está começando a me irritar.

— Diga de uma vez logo.

Ele faz um trabalho de merda em esconder seu sorriso atrás das costas da mão. — O quê?

— Qualquer comentário espertinho que esteja guardando até que eu esteja no meio da escada. Diga agora, enquanto está ao alcance do meu gancho de direita.

Ele franze os lábios. — Não ia dizer merda nenhuma.

— Bom.

No entanto, o bastardo é um mentiroso, porque estou a três passos do hall de entrada quando sua voz áspera me persegue.

— Faz três semanas.

Desacelero até parar, olhando para os corações de glitter rosa pendurados no lustre. Aparentemente, Rory se divertiu tanto decorando para o Natal que está começando no Dia dos Namorados duas semanas antes.

— Estou ciente — resmungo.

— Três semanas é muito tempo para ser um simplório puxa-saco, não é?

Irritação desliza ao longo dos meus nervos, mas mais porque sei que ele não está errado. Três semanas rastejando.

Três semanas preso no purgatório da redenção, jogando um jogo que apenas Penny conhece as regras. Três semanas saindo com ela, pagando cem dólares – mais gorjeta – por cada beijo. Três semanas olhando para a janela da sala do outro lado da rua a noite toda, todas as noites, no caso de ela mudar de ideia sobre não dormir no meu carro.

Curiosamente, estaria mentindo se dissesse que odiei. Foda-se, pelo menos já se passaram três semanas com ela na minha vida. Além disso, fiquei estranhamente obcecado em descobrir o que a faz feliz. Com cada caixa lindamente embrulhada que deslizo sobre uma mesa de jantar à luz de velas, observo-a puxar o arco com a respiração presa, esperando que isso faça seus olhos brilharem daquela maneira que deixa meu pau duro.

— A *Birkin* não funcionou então?

Olho para trás para ver que Rory se juntou ao marido no topo da escada.

— Qual delas? — Resmungo de volta. Além de estar a uma insatisfatória foda de quebrar meu pau, a única coisa frustrante sobre viver no modo rastejo é que ainda não encontrei aquela coisa que faz os seus olhos brilharem. Não, a porra da *Birkin* não funcionou. As três seguintes também não funcionaram, ou a pulseira *Cartier*, ou o *Benz* que está cobrando multas de estacionamento fora de seu apartamento.

— Ah, que merda você faz por amor, hein?

Meu olhar endurece em meu irmão. Ele está com o braço em volta da cintura de Rory, uma presunção em sua

expressão que quero derramar ácido sobre. É difícil acreditar que esta é a mesma vadia miserável que zombava com nojo sempre que as conversas sobre ele tomar uma esposa voavam sobre a mesa de jantar.

— A merda que faz, de fato. Como, oh, não sei, dizendo secretamente a todos os convidados do jantar para não tocarem no peru de sua esposa porque está tão rosa quanto a casa de brinquedo da Barbie, e depois começar a comer metade e enfrentar um ataque de salmonela em vez de apenas lhe dizer que coloque de volta no forno por mais quarenta e cinco minutos. — Levo a mão ao coração, apreciando a forma como a expressão de Angelo se torna perigosa. — Aí está o amor verdadeiro.

O queixo de Rory cai quando ela se vira para o marido. — Disse a todos para não comerem meu peru? — Seus olhos deslizam para os meus. — Jura? Ninguém comeu meu peru?

Sorrio para ela e continuo movendo em direção à porta. — Acho que Gabe estava certo - sou um delator.

Para minha satisfação, as palavras suplicantes de meu irmão me seguem até a entrada da garagem. Pelo menos não serei o único Visconti rastejando esta noite.

A viagem até o apartamento de Penny é lenta e dolorosa. Cheguei na hora do rush, juntando-me ao comboio de carros indo para *Hollow* ou *Cove* para passar a noite. Antes de encontrar meu cartão da desgraça, teria dirigido como um idiota - subindo no meio-fio, na contramão em ruas de mão

única - para chegar lá mais rápido, mas hoje em dia há uma chance maior de que, se eu fizer isso, talvez não consiga.

No momento em que estaciono do lado de fora do prédio de Penny e aponto minhas luzes contra sua janela, estou ansioso para vê-la. Sua cortina tremula, mas ela leva um tempo doce para descer. Estou no meio do caminho digitando um texto de aviso para seu novo celular quando sai de seu prédio e me para no meio de um palavrão.

Puta merda. Ela parece irreal.

Deixo meu telefone cair no porta-copos e saio para a rua. Estaria mentindo se dissesse que era apenas para abrir a sua porta - sério, quero dar uma boa olhada nela.

Ela está usando um vestido. Um rosa, brilhante, com acabamento de plumas ao redor da bainha e punhos. Seus saltos brancos são tão altos que facilitarão ainda mais lhe roubar beijos.

A visão enche meu peito por uma razão diferente de ela parecer ridiculamente gostosa. Ela se recusa a usar qualquer coisa além de moletom toda vez que a levo para sair, não importa o quão sofisticado seja o destino. Talvez eu esteja finalmente chegando a algum lugar com ela.

Quando atravessa a rua, seu olhar desliza para encontrar o meu. Ela faz o possível para fingir indiferença, mas, como sempre, um leve movimento arruína sua cara de pôquer de merda. Hoje à noite, é o jeito que ela engole quando olha para o espaço abaixo da minha cintura.

— Está atrasado — é tudo o que diz.

Abro a porta para ela e estudo sua bunda enquanto sobe em seu assento.

— E você está linda. — Descanso as palmas das mãos no batente da porta e fodo com os olhos aquelas coxas. Faz tanto tempo que não as coloco nas orelhas que estou começando a ter alucinações. — Bonito vestido.

Ela sorri docemente. — Obrigada, você pagou por isso.

Rindo, bato a porta um pouco forte demais.

Ela estuda suas unhas enquanto deslizo para o banco do motorista. — Onde vamos esta noite?

— McDonalds.

Sorrio com o calor de seu olhar na minha bochecha. Saindo na *Main Street*, deslizo minha mão sobre sua coxa nua. Claro, ela a afasta imediatamente, mas Deus ama um persistente.

— Estou um pouco mal vestida para um estabelecimento tão elegante, não acha?

Olho para os seus seios naquele busto de espartilho. Quero gravar a imagem em minhas retinas e adicioná-la ao meu banco de palmadas.

— Você sempre pode tirá-lo; não me importaria.

Ela solta uma risada. Eu sei que é real, porque suas risadas reais têm esse jeito de agarrar meu coração e espremê-lo.

Volto para a estrada. — Reservei uma experiência de gastronomia molecular de oito pratos no *Le Salon Privé.* Tenho certeza de que seu traje ficará bem, Queenie.

— São muitas palavras e pouco sentido. — Seu celular vibra em sua bolsa, e o pega rápido demais para o meu gosto. Ela ri de uma mensagem e meus olhos se estreitam.

— Importa-se em compartilhar?

— Não. — Coloca o celular virado para baixo no colo e olha para a frente. — Preciso parar em algum lugar antes do jantar.

— Parar onde?

— Em algum lugar em Cove. Irei orientá-lo.

A suspeita morde meus limites. Sou azarado demais para coisas como *paradas,* e muito neurótico com essa garota para ela rir de mensagens de texto desconhecidas.

— Não — resmungo, aumentando meu aperto no volante.

Seus dedos roçam levemente meu antebraço apoiado no console central. Serpenteiam até meu pulso e apertam minha mão.

— Por favor? — Pergunta, o tom todo suave como uma nuvem e doce açucarado.

Porra. O carro esquenta com todas as outras vezes que disse *por favor,* quando ela está me implorando para deixá-la gozar. Sabe tão bem quanto eu que estou tão sob seu domínio que posso provar sua impressão digital.

Aperto minha mão em torno da dela para que não possa afastá-la. — Tudo bem, mas é melhor ser rápido.

A sonolência de *Dip* se transforma na tranquilidade de *Hollow*, que é depois lavada pelo brilho intenso de *Cove*. A rua é frenética nas noites de sexta-feira. Passa em um borrão de luzes e risadas e, apesar de estar chateado com o desvio, não posso ignorar o zumbido de excitação que percorre meu sangue.

Amo *pra* caralho a atmosfera de Cove. Adorarei ainda mais quando finalmente conseguir a participação acionária que desejo do Tor.

Penny olha para o celular novamente. — Tudo bem, vire à esquerda no final da rua.

Franzo a testa. — Está me levando para o promontório norte? — Cristo, não subo lá desde que éramos crianças. Costumava haver um parque de diversões que oscilava à beira dele, mas Angelo o queimou depois que nossa mãe foi morta lá. — Penelope... — Minha voz baixa para um falso aviso. — Se você está planejando me empurrar de lá, me avise. Terei que cancelar todas as minhas reuniões amanhã.

Lá está aquela risada de novo, lambendo minha pele com suas deliciosas chamas. Aperto a sua mão, esperando que o reforço positivo a encoraje a rir um pouco mais. Ela me diz para encostar no que antes era o estacionamento da feira. Agora, é pouco mais que uma laje de concreto reivindicada por altas cicutas e suas raízes retorcidas.

Olho para os três carros estacionados na outra extremidade.

Ao que parece, ocupado também por *doggers.*[14]

Ela tenta pular para fora do carro, mas seguro sua mão com mais força. — Cobertor — exijo, alcançando o banco de trás e enrolando-a nele antes que possa protestar. É início de fevereiro e ela está vestida como se estivesse indo a um baile de verão.

Ela me guia por entre as árvores e pelos restos carbonizados da feira depois que coloco meu braço sobre seus ombros e pressiono meus lábios em sua têmpora. — Acabei de perceber que não confirmou nem negou que estava planejando me jogar do penhasco. Certamente estamos caminhando nessa direção.

— Não tenho planos de empurrá-lo do penhasco — Penny fala lentamente, sorrindo para mim docemente. Ela dá de ombros para se livrar de mim e avança com aqueles saltos ridículos. — Quem mais me levará para jantar?

— Tenho certeza de que teria muitos homens fazendo fila para levá-la para jantar.

— Mm, tenho certeza que eu também, na verdade.

O choque de violência que percorre minha espinha é irracional, mas ainda assim é violência. Sem pensar duas vezes, torço meu punho na base de seu cabelo e a puxo para trás, até que suas costas fiquem niveladas com meu peito.

— Seria estúpida se confundisse minha obsessão com você como uma vadiazinha, Queenie. Jogarei seus jogos e pularei todos os seus aros até apitar em tempo integral, mas o que *não farei* é tolerar que mencione outro homem, hipotético ou não. — Quando olho para cima, noto que as nuvens brancas de condensação deixando seus lábios cessaram. — Fui claro?

Um arrepio percorre suas costas, e o sinto contra a parede do meu estômago. A proximidade de seu corpo misturada com o cheiro familiar de seu xampu espalha aquele estremecimento mais ao sul.

Dou um pequeno puxão em seu cabelo quando não responde. — Bem?

— Eu sei que não é — sussurra.

— Não sou o quê?

— Uma vadiazinha de pau mole. — Desliza sua bunda sobre minha virilha, e a seguro ainda mais forte. — Este cobertor é tão grosso, mas ainda posso sentir sua ereção me cutucando.

Solto uma risada e gentilmente a empurro para frente. — Quando se resignar ao fato de que não há como fugir de mim, vou lhe dar uma surra por cada aro que me fez pular.

Quando chegamos à beira do penhasco, ela me olha, seus olhos dançando com um coquetel de travessura e algo um pouco mais incerto. Cabelo dançando ao vento, olha para o horizonte. — Acho que vai querer me dar mais do que isso.

Confuso, me viro para seguir sua atenção. Levo precisamente meio segundo para vê-lo. Foda-se, todo o litoral pode vê-lo.

O *outdoor* que aparece no penhasco acima de *Hollow* sempre esteve lá, mas geralmente exibe um anúncio "*Home of Smuggler's Club Whiskey*", mas não esta noite. Não, esta noite, tem uma foto minha muito grande e contraluz. Um enorme pau pontiagudo foi desenhado na minha cabeça - um no meio da porra - e à esquerda, um slogan está impresso em grandes letras maiúsculas pretas.

— Raphael Visconti é um grande idiota — digo lentamente, lendo em meu melhor tom entediado. — Uau, quanto tempo demorou para pensar nesse slogan?

— A agência de publicidade disse que eu não tinha permissão para usar "boceta".

— Estou surpreso que tenham deixado você colocá-lo.

— *Uhum*. Nico puxou algumas cordas. Ah, mas ele insiste que eu diga que não foi sua ideia.

Olho para ela, diversão enchendo meu peito. — De quem foi a ideia, então?

— Tayce, obviamente.

— Obviamente.

No bolso do meu terno, meu celular começa a zumbir. Em seguida, vibra de novo e de novo, e não tenho dúvidas de que são todos em um raio de dezesseis quilômetros me perguntando sobre o último marco de Coast.

Penny se move ao meu lado, pressionando seu corpo acolhedor ao meu lado. — Está louco?

Rio, envolvendo meu braço ao seu redor. — Estou impressionado, *baby*. Você até encontrou uma foto minha no meio de um piscar de olhos. Achei que minha equipe de relações públicas tivesse apagado todas do Google.

— E apagaram. Tive que tirar uma captura de tela de um vídeo seu em uma gala chique. Está desfocado, se você se aproximar o suficiente.

Murmuro uma maldição despreocupada em italiano, mas Penny tensiona. — Realmente não está bravo?

O vento ganha velocidade, assobiando entre nós. Coloco uma mecha rebelde atrás de sua orelha e passo meus dedos sobre sua bochecha fria. — Quer que eu fique bravo?

Ela engole. Abre a boca para dizer alguma coisa, mas depois a fecha com determinação. Está escuro aqui no promontório, mas não escuro o suficiente para que eu perca o brilho suspeito cobrindo seus olhos azuis.

Meu coração aperta. — O que está errado? — Eu a arrasto para o meu peito, deslizando minhas mãos sob o cobertor para que possa senti-la mais. Foda-se, ela está tremendo, mesmo com todo o enchimento extra. — Fale comigo, Queenie. Quer que eu fique bravo?

— Não sei o que eu quero — resmunga, seu hálito quente se infiltrando pela minha camisa. — Nada disso está funcionando.

— O que quer dizer?

— Gastar todo o seu dinheiro não está me fazendo sentir melhor, Rafe. Também não ligo para nenhum dos seus presentes. Porra, quando parou para abastecer ontem à noite, tirei trezentos dólares da sua carteira e não senti *nada.* — Inclina o queixo para me olhar. — Coloquei de volta.

— Jesus — murmuro, esfregando sua nuca. — Sério?

Ela balança a cabeça em direção ao meu rosto enorme no outdoor. — Pensei que talvez vingança fosse o que eu precisava. Achei que viríamos até aqui, veria seu rosto fálico nas luzes e sentiria que tudo estava bem entre nós, mas não.

Coloco minha testa na dela, a dor crescendo dentro de mim. — Não quer dinheiro; não quer presentes. Já me desculpei um milhão de vezes. Como faço para consertar isso, *baby*?

Ela está tremendo. Tremendo *pra* caralho. Quero rastejar para dentro dela e fazê-la parar. Inspira uma respiração firme e descansa sua bochecha abaixo do meu colarinho. As paredes do meu estômago apertam. Juro; se a sua resposta à minha pergunta for "Nada", então tenho noventa e nove por cento de certeza de que tirarei o Zippo do bolso e queimarei o mundo.

Em vez disso, ela enfia os dedos no bolso da minha camisa e solta um suspiro grande o suficiente para derreter seu corpo no meu. — Preciso saber que não é como os outros.

Ficamos ali por alguns minutos, meu queixo apoiado em sua cabeça, sua respiração quente subindo pelo meu pescoço. Apesar do frio amargo, minha pele arde quente e impulsiva. Não consigo pensar com todo o barulho na minha cabeça. Odeio que seja o tom presunçoso do meu irmão que escorre pelo caos e me traz a minha resposta.

Deslizo meu antebraço ao redor de sua cintura e gentilmente a pego.

— Vamos, temos outro desvio antes do jantar.

27

Rafe

Penny arranca sua mão da minha e lentamente se afasta da porta da igreja.

— Se você acha que entrarei aí, deve estar louco.

Eu a encaro com um olhar de diversão preguiçoso. — Se Gabe não foi ferido quando entrou, tenho certeza que você ficará bem.

— Deus não é minha preocupação. Por outro lado, terminar como tema de um verdadeiro documentário criminal... — olha para o abismo negro atrás de mim. — Vai primeiro e acende algumas luzes. Esperarei aqui.

Há duas coisas que eu poderia apontar neste momento. A primeira é que não há eletricidade nesta espelunca há anos. A segunda é que é muito mais assustador ficar do lado de fora no cemitério sozinha do que entrar em uma igreja escura comigo, mesmo com meus homens observando da estrada.

Mesmo assim, entro na sacristia, sopro o pó de algumas velhas velas votivas e as espalho pelo altar. O olhar de Penny queima minhas costas enquanto as acendo com meu Zippo. Quando um brilho laranja nebuloso corrói o suficiente da escuridão, seus passos relutantes ecoam pelo corredor.

— Por que estamos aqui, Rafe?

Seu calor roça minhas costas enquanto olho para a Virgem Maria.

— Meu pai era o dono desta igreja.

— Eu sei. Cresci em *Dip* também, lembra?

— Você também sabia que ele era uma fraude?

Penny solta uma risada estranha. — Acho que sempre achei suspeito que o chefe da máfia também fosse um diácono. Achei que era uma coisa de evasão fiscal.

Eu sorrio. — Foi em parte uma coisa de evasão fiscal, em parte uma coisa de chantagem.

— O que quer dizer?

Eu me viro e olho para ela. Está adorável *pra* caralho, enrolada em seu cobertor com nada além de seus olhos grandes e alguns fios de cabelo ruivo aparecendo.

— Meu pai se tornou diácono porque os católicos romanos amam nada mais do que uma boa confissão. — Mudo meu olhar para o confessionário no canto. — Ele tinha sujeira sobre todos e suas mães.

Penny segue a linha dos meus olhos e inclina a cabeça. — Isso é bastante inteligente, na verdade — admite.

É claro *que ela* pensaria isso, a maldita vigarista. — Venha. — Pego a sua mão e a puxo para a cabine. Com a luz do meu celular, ilumino o beiral estreito atrás dela, fazendo as teias de aranha brilharem como fios de purpurina. — Meus irmãos e eu nos escondíamos aqui atrás e ouvíamos todos os habitantes locais confessando seus pecados.

— Ah, então você sempre foi um intrometido de merda — diz, arrancando sua mão da minha. Atrás de nós, a porta range ao vento e ela rapidamente se agarra a mim novamente.

— Não apenas ouvíamos, *Queenie*. Nosso pai fazia com que decidíssemos sobre os piores pecados que havíamos ouvido durante a semana, e então... — mordo o interior do meu lábio. Claro, Penny não é santa, mas ainda odeio ser tão grosseiro com ela. — Eliminá-los.

Seus olhos perfuram as sombras. — O quê?

— Mataríamos os piores pecadores. — Dou de ombros, relembrando as boas lembranças da minha infância. — Aqueles que admitiam ter estuprado suas esposas quando chegavam em casa muito bêbados do bar. Aqueles que atropelaram ciclistas na estrada *Grim Reaper* voltando para casa depois de um turno da noite e os deixaram para morrer.

Penny respira fundo, processando minhas palavras. — Então, vocês eram basicamente vigilantes do coro?

Não posso deixar de rir. — Mais como Visconti em treinamento. A violência é um modo de vida para minha família, e acho que meu pai queria que começássemos cedo.

— Odiou?

Olho para ela. — Não. A verdade é que adoramos – eu mais do que meus irmãos. Isso começou meu gosto por jogos, suponho.

Aperta o cobertor em torno de si, olhando para o confessionário como se de repente ele fosse ganhar vida e

contar a ela todos os segredos derramados dentro de suas paredes de carvalho. — Gostou tanto que começou a linha direta.

— Sim. Depois que nosso pai morreu e meus irmãos e eu nos espalhamos por diferentes cantos da terra, decidi trazer o jogo de volta a um nível mais… *profissional.* Isso nos deu uma razão para ficar perto. Agora é maior que *Dip*. — Estendo a mão e acaricio sua bochecha com os nós dos dedos. — Maior que você, Queenie.

Seu olhar toca o meu, dançando com confusão. — Escolhe a pior confissão da linha direta, os caça e os mata?

— *Uhum*. Uma vez por mês.

— Jesus Cristo.

— *Shh*, ele vai ouvi-la.

Ela não ri da minha piada. Em vez disso, me estuda como se estivesse me vendo pela primeira vez. — Por que está me contando isso?

As palavras de Angelo saltam entre meus ouvidos. *Prove a ela que não é o pau enorme que fez parecer.*

— Porque eu preciso que saiba que não estabeleci a linha direta porque sou um esquisito que gosta de ouvir as pessoas confessarem seus pecados. — Paro. — Claro, alguns deles são suculentos, mas ser intrometido nunca foi meu jogo final. Escolhemos a escória da sociedade e matamos. Claro, não sou uma espécie de salvador, e sim, é irônico porque matá-los também me torna uma pessoa má, mas não há como negar

que o mundo é um lugar melhor sem eles. — Respiro fundo. — Não estava usando a linha direta para o propósito pretendido. E, claro, quando a ouvi ligar pela primeira vez, estava pensando em todas as maneiras mesquinhas que eu poderia foder com você...

— Os sanduíches de atum — diz secamente. — Arrancando a página do meu livro *Para Dummies.*

Eu lanço a ela um sorriso tímido. — Está me dizendo que não teria feito o mesmo se fosse o contrário? — Apenas uma batida se passa, mas é o suficiente para saber que a parede galvanizada ao redor de seu coração se partiu. Eu me aproximo dela, aproveitando o progresso. — Nunca houve uma intenção maliciosa. A novidade de foder com você passou tão rápido, baby. Logo, fiquei obcecado em ouvi-la falar. Sobre tudo e qualquer coisa - não me importava. Contanto que sua voz estivesse em meu ouvido, eu estava feliz.

Há um silêncio estrondoso entre nós, tendo como pano de fundo o vento batendo nas janelas com tábuas. Quando finalmente fala, não é nada do que uma pequena de uma palavra. Um sussurro no ar cheio de poeira.

— Porquê?

Corro meu polegar sobre seu lábio carnudo. A verdade desliza da minha boca como manteiga aquecida. — Porque eu te amo.

Ela me encara por mais alguns momentos, sua expressão rígida e ilegível. Meu coração para quando ela de repente se afasta e caminha pelo confessionário, passando um dedo

sobre o intrincado trabalho de madeira e as portas de treliça. Com um rápido olhar para mim, mergulha dentro do compartimento penitente e fecha a porta atrás dela. Sem questionar, deslizo para o outro compartimento e fecho a porta, mergulhando-nos na escuridão.

A respiração lenta e pesada de Penny penetra pela abertura de treliça que nos separa.

— Realmente me ama? — Sussurra.

Pressiono minha têmpora contra a grade de ferro. — Sim.

Há uma pausa. — Naquela noite na cabine telefônica, me disse que nunca tinha se apaixonado antes. Se você nunca sentiu isso, como sabe?

Fecho meus olhos. Eu tenho muitas palavras e não há maneiras suficientes de ordená-las. Como sei? Porque dizê-lo em voz alta é tão fácil quanto respirar. Porque até a menção de seu nome deixa minha pele em chamas. Porque ela é meu primeiro pensamento pela manhã e meu último à noite.

Porque eu apenas. Porra. Sei.

Engulo. — Porque mesmo não tendo sorte com você, me sinto ainda mais azarado sem você.

Sua respiração fica mais densa, preenchendo os vazios do meu peito. De repente me lembro por que a trouxe aqui: *preciso saber que não é como os outros.*

Enquanto seu corpo tremia contra o meu no promontório, percebi que todo o dinheiro, os presentes e as refeições sofisticadas nunca trariam sua segurança. Apenas minhas

ações e minhas palavras o farão. Ela está danificada; destruída por homens do nosso mundo, e é minha responsabilidade consertá-la e garantir que nunca se estilhace novamente.

Quando coloco meus dedos na grade de treliça, meus dedos roçam os dela do outro lado. — Não vou a lugar nenhum, Queenie. Nunca.

— Mesmo se quase for morto de novo?

Minha risada passa pela grade. — Acabei de aceitar que as experiências de quase morte são um risco de estar com você.

A grade chocalha suavemente. Ela deve ter encostado a cabeça também, porque sinto seu calor e seu perfume. Fecho meus olhos, lutando contra o desejo de socar esta parede e agarrá-la. Em vez disso, uso todo o controle que consigo reunir e tiro uma nota de cem dólares do bolso, em seguida, empurro-a para a grade.

— Beije-me.

Depois de alguns segundos, a nota desliza na direção oposta e cai de volta no meu colo. Então há um arrastar de pés e as dobradiças rangem, e a suave luz de velas preenche meu estande. Meu olhar desliza para Penny escurecendo a porta. Ela se abaixa para entrar e se senta no meu colo.

Suas bochechas estão molhadas e quentes contra as minhas. Roça os lábios no meu queixo e na minha boca, e sussurra contra ela.

— Este é grátis.

28

Penny

O escritório é preenchido com o som de trituração e zumbido de engrenagens. Nico enfia outro punhado de batatas fritas na boca e mastiga pensativo.

— Ele está contando cartas.

— É estúpido demais para contar cartas.

Mais trituração. Estamos estudando quem apelidamos de "cara de camisa vermelha" no monitor por três quartos de hora, e ainda não estamos nem perto de concordar se ele é um trapaceiro ou não.

Nico tira os pés da mesa e digita no teclado, dando um zoom nele. — Olhe para os lábios dele se movendo, Pen. Está contando.

— Poderia estar dizendo qualquer coisa. Cantarolando o Hino Nacional, recitando seu versículo bíblico favorito. Apenas iniciantes contam em voz alta.

Ele me olha incrédulo. — Realmente quer ganhar cinquenta dólares, hein?

Rio. — Claro que sim.

À medida que caímos em um silêncio fácil, uma explosão de felicidade se espalha pelo meu peito. *Amo* vir para o trabalho. Não só tenho a emoção de trapacear por

procuração, mas também saio com Nico. Sentados aqui, comendo salgadinhos e falando merda, parece que somos crianças escondidas no vestiário do *Visconti Grand* de novo.

Nico abre a caixa de chocolates em forma de coração que comprei para ele. Não é o tipo de lanche que costumo levar para o trabalho, mas afinal é Dia dos Namorados.

— Tem um encontro sexy depois do trabalho, então?

Ele bufa baixinho, como se minha pergunta não valesse uma resposta. — Infelizmente, é a única garota na minha vida, Little P.

— Caramba, isso é triste.

— Não é mais triste do que você realmente ter um dia dos namorados e vir trabalhar, de qualquer maneira.

Suas palavras fazem meu peito apertar, mas uma respiração profunda e alguns pensamentos racionais me colocam de volta no lugar. Vim para o trabalho como de costume, porque nem Rafe nem eu conversamos sobre o feriado.

Não sei. Estivemos neste limbo estranho, mas perfeito, que não tem nome ou livro de regras. Tudo mudou cerca de duas semanas atrás, depois da noite em que ele me levou à igreja. Algo sobre ele se abrir me deixou mais relaxada e muito menos amarga. Trocamos bons restaurantes por lanchonetes e minhas roupas de alta costura por pijamas. Não me torturo subindo para o meu apartamento depois de nossos encontros e cortinas se contorcendo a noite toda

também. Durmo no seu carro e, às vezes, quando seu beijo de boa noite quebra minha determinação, até o convido para cima para foder.

Muito bem, o tempo todo.

— O Dia dos Namorados é apenas uma farsa para ganhar dinheiro, de qualquer maneira — murmuro. À medida que o feriado se aproximava, o silêncio de Rafe sobre o assunto me deixou um pouco desconfortável. Acho que não adianta comemorar, de qualquer maneira. Saímos todas as noites, e lhe disse para parar de me comprar presentes. Além disso, além de Rafe insistir que todos os funcionários do restaurante me chamem de Sra. Visconti, ainda não colocamos um rótulo no que somos.

Nico me dá um tapinha paternalista no ombro. — Bem, ambos podemos ser perdedores solitários juntos.

Sorrio para mim mesma. Nico sempre esteve aqui para mim, fez coisas que nunca precisou fazer. De repente, me lembro de algo que estava tocando no fundo da minha mente. Algo que preciso perguntar a ele. Meu sorriso desaparece e minhas palmas ficam suadas.

— Nico? — Ele olha para mim de lado. — Meus pais nunca tiveram uma conta bancária no exterior com dinheiro suficiente para comprar um apartamento, não é?

Ele para, um chocolate em forma de coração a meio caminho de sua boca. — Como eu saberia o estado das finanças de sua família?

— Foi você, não foi?

Ele é tão transparente, inclinando a cabeça de um lado para o outro enquanto avalia os prós e os contras de me dizer a verdade. — Era meu fundo de faculdade — diz calmamente.

A mais afiada das facas se contorce em meu peito. — Nico...

— *Shh* — resmunga, digitando no teclado e trazendo telas de câmeras aleatórias com a pretensão de estudá-las. — Você me fez um favor. Na verdade, tive que *trabalhar* na escola para manter uma bolsa de estudos. E é por isso, Little P, que sou tão inteligente hoje.

A parte de trás dos meus olhos queima com o pensamento de um Nico adolescente esvaziando seu fundo fiduciário para mim. — Obrigada. — Nunca será suficiente.

— Vocês dois realmente fazem algum trabalho ou apenas ficam sentados e fofocam a noite toda?

A voz que sai da porta atrás de nós é pura seda, mas ainda me faz pular. Eu me viro para ver Rafe encostado no batente da porta, todo terno elegante e sorriso malicioso. Seus olhos se fixam nos meus e pisca.

Minha garganta aperta. Foda-se, ele é lindo de tirar o fôlego, mesmo com a iluminação fraca do escritório. Eu me pergunto se algum dia chegarei ao ponto de olhar para ele e não ter uma reação visceral. Se um dia, minha cabeça não flutuará e minhas bochechas não esquentarão quando ele entrar em uma sala.

Murmuro uma saudação fraca, depois limpo a garganta e volto para os monitores. Com o canto do olho, Nico revira os olhos.

— Está aqui para roubar Penny, ou para me dar uma palestra? — Nico pergunta a Rafe, estendendo a caixa de chocolate para ele enquanto se aproxima.

Olha para ele com diversão e balança a cabeça. — Acho que já lhe dei palestras suficientes, *cugino.*

Rafe deixou bem claro que desaprova que eu trabalhe aqui. Levei mais tempo do que deveria para perceber que *The Grotto* não é um cassino comum. Todos os patronos do outro lado das câmeras não foram convidados para jogar aqui por causa de seu status social ou patrimônio líquido. Estão aqui porque todos são suspeitos de trapacear em outros cassinos em *Hollow* e *Cove.* Acontece que alguns deles são superperigosos, e Rafe odeia que haja pouco mais do que uma parede escarpada e um corredor separando-os de mim, mas ele não precisa se preocupar. Não só provavelmente poderia dar um soco cruel se realmente precisasse, mas sei que Nico pode lidar com esses homens. Embora possa estar calmo no escritório, me entregando a jogos, como ver quantos *marshmallows* consegue colocar na boca, vi o que acontece quando ele coloca aquelas luvas de couro e sai pela porta.

Ele é um animal silencioso.

O calor de Rafe crepita contra minhas costas. Suas mãos descem de cada lado da minha lata de refrigerante e me

enjaulam, provocando minifogos de artifício no meu estômago.

— Pronta para ir, Queenie?

— Ir aonde? — Nico pergunta. — O turno dela só termina daqui uma hora.

— Não esta noite, não.

O olhar de Nico desliza para o meu, divertido e cínico. — Oh, o poder do nepotismo.

Despeço-me e encontro Rafe no elevador. Está com meu casaco pendurado em um braço e me observando com certo calor enquanto caminho em sua direção.

— Sim?

Ele não diz nada até as portas baterem. Dá um passo para o lado para me deixar entrar, e ficamos ombro a ombro, observando as portas espelhadas se fecharem. No momento em que o elevador ganha vida, olha para o meu reflexo distorcido, então de repente pressiona a palma da mão no meu estômago e me empurra contra a parede. Sua boca captura meu suspiro, e seu aperto áspero em minha garganta me mantém no lugar.

Ele rouba um beijo mais profundo. Morde meu lábio inferior. Estou derretendo sob sua boca molhada e queimando sob sua mão quente enquanto desliza pela parte interna da minha coxa e segura minha boceta com tanta força que fico na ponta dos pés.

O elevador desacelera até parar. Sua língua desliza pelo meu pescoço e estala contra minha orelha. — Estive morrendo de vontade de fazer isso o dia todo — murmura, dando outro aperto em meu monte antes de se afastar de mim.

Estou chapada com seu toque e sem fôlego com a rapidez com que o arrancou de mim. As portas do elevador se abrem e o ar amargo de fevereiro entra. Rafe alisa a camisa e agarra minha mão, saindo para a noite como o perfeito cavalheiro.

No momento em que chegamos ao seu carro, estou zumbindo de emoção. *Ele não esqueceu.* Minha mente corre com todas as possibilidades que a noite oferece. Um passeio romântico na praia de Cove, um jantar privado na sala dos fundos de um restaurante chique. Ele provavelmente abriu uma exceção para o meu pedido sem presentes também, mas meu humor diminui quando me viro e não vejo nenhuma caixa lindamente embrulhada no banco de trás; também não há nada no porta-luvas.

Rafe liga o motor e olha para mim. — Procurando por algo?

Minha boca se move antes que possa impedir. — É Dia dos Namorados — deixo escapar.

Ele descansa o cotovelo no console central, esfregando seu sorriso. — É mesmo? Então o hambúrguer é por minha conta, suponho.

Minhas bochechas queimam. *São sempre por sua conta, idiota.* No entanto, não digo isso. Em vez disso, enrijeço o

maxilar e olho para a neve que cai dançando nos faróis. Surpreendentemente, meu aborrecimento derrete mais rápido do que o gelo caindo no vidro aquecido do carro. Talvez seja o polegar de Rafe esfregando círculos na minha coxa, ou o fato de ele se lembrar de me trazer ketchup extra quando pega nosso pedido no restaurante.

O calor inunda meu estômago e floresce, aquecendo meu coração. *Isto* é o que quero. Não os presentes ou o dinheiro, mas *isso.* Este conforto, esta estabilidade, este *amor.* É tudo que esse homem me dá, todos os dias, sem falta. De repente, estou tão satisfeita que, quando subimos a colina para a igreja, estou com um sorriso sentimental no rosto.

O olhar de Rafe encontra o meu, confuso. — Porra, por que está olhando para mim assim, Queenie? — Varre o horizonte, como se procurasse outro *outdoor* com seu rosto estampado. — O que está planejando?

— Nada. — Mordo meu lábio. Por alguma razão, a palavra *amor* permaneceu e agora está borbulhando na ponta da minha língua. Estou tentando o meu melhor para não deixá-la escapar.

Os olhos de Rafe se estreitam em suspeita, e sinto vontade de jogar um osso para ele, pelo menos. Deslizo minha mão sobre a dele e levo seus dedos aos meus lábios. — Estou apenas feliz; isso é tudo.

Sua expressão suaviza. Ele me observa esfregar minha boca em sua mão e dá um pequeno ruído de aprovação. — Quer saber um segredo? — Sussurra, desenrolando a palma

da mão contra minha bochecha e passando o polegar em meu lábio inferior. Um arrepio de excitação percorre meu corpo: toda vez que me faz essa pergunta, sempre gosto do que vem depois.

Eu concordo.

— Não esqueci que é Dia dos Namorados. — Sua mão desliza pelo meu lado e aperta meu quadril. — Venha aqui.

Franzo a testa. — Onde?

Ele se abaixa e desliza a cadeira para trás. Ele dá um tapinha na coxa. — Aqui. E não diga que não há espaço. Se tem espaço *pra* balançar a bunda na minha cara, tem espaço *pra* você sentar no meu colo.

Com um leve tremor que sempre sinto quando estou prestes a entrar na órbita de Rafe, solto meu cinto de segurança e deixo que ele me puxe para seu colo. Deixei escapar um suspiro trêmulo, resistindo ao desejo de derreter em seu peito e sorver seu cheiro suave.

Ele pressiona um leve beijo na minha têmpora, enfia a mão no bolso da porta lateral e deixa cair algo no meu colo. É o peso de uma pilha de dinheiro, mas quando olho para baixo, vejo que é um retângulo perfeitamente enrolado.

— O que é?

Seu peito ronca contra minhas costas. — Descobriria se abrisse. — Esfrego minhas mãos suadas sobre minhas coxas e cuidadosamente puxo a fita. Rafe solta um bufo impaciente. — Caramba, Penny, não é uma bomba, apenas abra.

— Tudo bem, tudo bem.

Tiro o embrulho e olho para ele. É algum tipo de livro. Quando Rafe estende a mão para acender a luz do teto, um brilho laranja se espalha pelo carro, e percebo que não é um livro *qualquer.*

É encadernado em couro amarelo mostarda com um título gravado na capa.

Penelope Price para Dummies.

Minha garganta fica grossa. — O que é isso?

Rafe não responde, em vez disso, desliza o braço pelo meu e gentilmente abre a capa na primeira página. Leio o que está impresso no papel grosso e creme:

Penelope Price em Números

Altura: Chega até o terceiro botão da minha camisa. Atinge o segundo botão com saltos altos

Peso: Perfeito

Idade: Tento não pensar nisso

Apelidos: Queenie, Merdinha, Pirralha, Good Girl (nota: isso é raro; ela nunca é boa)

Sufoco uma risada, a parte de trás dos meus olhos queimando. A próxima página é intitulada: **Se Penny desaparecer.** Embaixo, está minha impressão digital, uma pequena mecha de cabelo ruivo e um lenço de papel com uma

marca de beijo. Levo um momento para perceber que é o lenço que deixei em seu banheiro particular na primeira vez que ele me deixou usá-lo.

— Você guardou? — Murmuro, passando o dedo sobre ele.

Solta uma risada silenciosa e descansa o queixo no meu ombro. — Está mais preocupada com o lenço do que com como consegui uma mecha do seu cabelo?

Quando rio de novo, sai como um soluço estranho. — Sim, isso é estranho *pra* caralho também — sibilo.

A próxima página tem todas as minhas coisas favoritas. Receitas para um martini de maracujá e para o café da manhã que me preparava todas as manhãs no iate. Meu pedido regular da lanchonete, os filmes que amo, as músicas que ouço repetidamente. Algumas ele teria aprendido ouvindo minhas ligações para os *Sinners Anonymous*, outras apenas *me ouvindo.*

Folheio página após página. Meus hobbies e sonhos. Minhas expressões desgastadas, meu estilo de roupa. Quando chego à página final, as lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto.

— Por que? — É tudo o que consigo.

Rafe me vira para olhar para ele e beija uma lágrima antes que escorra do meu queixo. — Você sabe a resposta — sussurra contra a minha mandíbula.

Porque ele me ama.

E não tenho dúvidas de que também o amo.

— Olhe para mim. — Através dos olhos embaçados, encontro seu olhar suave e verde. — Sou sua linha direta agora, Queenie. Todos os seus pensamentos mundanos, todas as suas divagações: são meus. Quero-os todos, não importa quão triviais. Você me entende?

Eu só posso acenar com a cabeça.

— Bom — murmura. Engole em seco, franzindo a testa para uma lágrima rolando pelo meu rosto. — Agora pare de chorar. Não gosto disso.

Sem outra palavra, me inclino para frente e roço meus lábios nos dele, reivindicando sua próxima respiração como minha. E então pressiono minha boca na dele e deslizo minha língua para dentro. Ele a captura com os dentes e me puxa para mais perto, passando a mão pela minha coluna e segurando minha nuca para me manter no lugar.

Estarei aqui para sempre - sei disso. Algemada por suas correntes, feliz em sua jaula. Pelo que me importa, pode me prender e jogar a chave no Pacífico.

Estou na armadilha de Raphael Visconti e nunca mais quero ser libertada.

29

UM MÊS MAIS TARDE

Penny

O iate rolando sobre uma ondulação matinal é o que me traz à consciência, mas é a dor satisfatória entre minhas coxas que me faz abrir os olhos e sorrir.

Eu me viro para o lado e me apoio no cotovelo, observando Rafe dormir. Está de costas como sempre, um braço tatuado desaparecendo debaixo do meu travesseiro. Lábios entreabertos, cílios escuros tremulando. Estudo o pulso uniforme em sua garganta barbeada e me pergunto com o que está sonhando. Seria narcisista esperar que seja eu?

Estendo a mão e passo minha mão sobre minha trança torta. Sei que ele pensa em mim quando está acordado, pelo menos. Por que outro motivo aprenderia a fazer tranças para mim? Claro, é uma bagunça, mas o pensamento de ele praticando aquece meu coração.

— Chute minha canela de novo e baterei em você com mais força do que na noite passada.

Pulo com seu súbito aviso cortando o silêncio. Quando não respondo, ele abre um olho e sorri para mim sonolento. — Não importa, está apenas admirando a vista novamente.

— Não, não estou. — *Sim, estou.* — Estou pensando.

— Isso dói?

— Cale-se.

Suas covinhas se aprofundam e ele passa uma grande mão sobre a bochecha. — Tudo bem, pensando em quê?

— Sabe, como é estranho você ser meu namorado agora.

Ele franze a testa, mandíbula tensa. — Está tentando me irritar antes das nove da manhã?

Eu rio, deixando cair minha cabeça em seu bíceps e me curvando ao seu lado. Passamos o Dia dos Namorados na suíte da cobertura do *Visconti Grand* e, no dia seguinte, voltamos para o iate, mas, apesar do que Rafe disse sobre querer todas as minhas roupas roubadas penduradas ao lado das dele e minhas velas femininas acesas em todos os quartos, não é o suficiente para ele. Ele também quer uma pedra no meu dedo.

Por alguns minutos, estudo seu peito subindo e descendo. Observe a serpente em seu colarinho dançar e as cartas de baralho em seu abdômen ganharem vida. Com um súbito desejo de interromper sua paz, traço uma linha de seu estômago até o cabelo escuro abaixo de seu umbigo.

Ele tensiona sob meu toque. — Onde essa mão vai, *Queenie*? — Murmura em meu cabelo.

Respondo segurando seu peso quente, massageando lentamente seu comprimento até que endureça na palma da minha mão. Ele grunhe em aprovação e rola a cabeça para

trás no travesseiro. Minha mão desliza para cima e para baixo em sua ereção, minha boca salivando enquanto a olho com fascínio. Na luz fria do dia, ele parece enorme. Não é de admirar que minha boceta esteja cronicamente dolorida. À medida que desço até sua base, seu relógio se move em meu pulso, revelando o bracelete de diamantes embaixo.

Um gemido baixo escapa de seus lábios e ele se abaixa para tocá-lo. — Bela pulseira; é nova?

Olho para cima em seu olhar semicerrado. — Sim, e *muito* cara.

Ele empurra para cima na palma da minha mão, seus dedos cavando em meu quadril. — Foda-se, acho que finalmente encontrei um fetiche: você gastando todo o meu dinheiro. Deve haver um nome para isso, certo?

Eu rio, passando meu polegar sobre sua ponta brilhante e apreciando a maneira como seu corpo estremece debaixo de mim. — Já tem um fetiche.

— Sim?

— *Uhum*. Um fetiche por calcinha.

Ele faz uma pausa. — O diabos faço.

— Sim, tem. Você está sempre roubando minha calcinha.

Ele dá uma risada estrangulada. — Você é tão fofa, baby. — Sua mão torce na base do meu cabelo e levanta minha boca para a dele. — Não tenho fetiche por calcinha; tenho um fetiche de “o que quer que tenha entre as nádegas de Penny”.

— Oh — digo, espantada.

Ele me beija, então me beija novamente com o dobro de força. Eu me desvencilho de seu aperto e me aninho de volta na curva de seu braço, provocando-o com carícias preguiçosas.

Seu silvo inquieto passa pela minha testa. — Mais rápido.

— Não dá.

— Seu pulso está quebrado ou algo assim?

— Não, só não quero que goze em sessenta segundos.

Eu me preparo para o impacto inevitável. Vem forte e rápido na minha bunda, acompanhado por um bramido sobre eu ser uma merdinha. Rafe me vira de costas e separa minhas coxas, mergulhando entre elas. É todo cabelo despenteado e olhar perigoso quando me olha.

— Farei você gozar em trinta - que tal?

Um arrepio rola da minha cabeça para minha boceta, onde bate em meu clitóris em antecipação. — Cem dólares que não consegue.

— Fechado. — Pega meu pulso e olha para o mostrador do relógio. Quando a mão longa toca o topo da hora, mergulha direto para o meu clitóris.

Porra.

Ele chupa forte e rápido. Calor úmido, beliscões afiados, músculos das costas flexionados contra minhas panturrilhas. Estou culpando minha concordância com esta aposta por ser muito cedo para pensar direito. Deveria saber que mal

aguentaria dez segundos sob a língua deste homem, muito menos trinta.

Sinto como se meus nervos tivessem sido encharcados de gasolina e a boca de Rafe fosse um fósforo aceso. Fecho os olhos, tentando pensar nos livros *Para Dummies mais chatos* que já li. É uma disputa entre *Reparação de Automóveis* e *Fundos Mútuos,* com certeza.

Oh não. Rafe abre um caminho desleixado da minha entrada para o meu clitóris com a língua, e aquela familiar pressão ardente se espalha dentro de mim. Meus membros ficam pesados, e sendo a mau perdedora que sou, tento me torcer debaixo dele. Ele sibila em resposta e me prende no lugar com uma mão, enquanto a outra desaparece entre minhas coxas.

Ele olha para mim. — Trapaceira. — Resmunga, antes de enfiar dois dedos grossos em mim.

Oh! Deus.

A pressão irrompe, inundando meu núcleo e vibrando cada músculo do meu corpo. Enquanto meu orgasmo flutua ao meu redor, minha euforia é prejudicada pelo aborrecimento. Eu me apoio nos cotovelos e olho para ele. — Os dedos estão trapaceando.

Ele lambe meus sucos de seu lábio superior, os olhos dançando com humor. — Não, só sei mexer nessa boceta, porque ela é minha. — Seu olhar desliza de volta para o meu sexo e faíscas com uma satisfação sombria. — Toda minha.

— Não é sua — murmuro. Em parte por hábito - disse isso quase todas as vezes que transamos - e em parte porque estou chateada por ter perdido cem dólares e ainda nem tomei café da manhã.

Seus olhos brilham. Passa as pontas dos dedos sobre minhas dobras lisas e circula meu clitóris sensível. Seu olhar pula de volta para o meu. — De quem é essa boceta, Penelope?

— Não. Sua... — suspiro conforme ele belisca meu clitóris. — Uma confissão torturada não é uma confissão verdadeira.

— Aceito qualquer confissão. — Ele me abre com os dedos novamente. — De quem é a boceta, Penelope?

Cerro meu maxilar. Como não respondo, ele crava os dentes na parte interna da minha coxa. — Depende! — Grito.

Os músculos das suas costas tensionam. — Depende?

Engulo em seco, sabendo que Rafe não deixará isso passar até que eu dê a ele minhas dúvidas. Limpo minha garganta, de repente sentindo muito calor para uma manhã fresca de março.

— Se você for legal com isso — sussurro.

Ele sorri preguiçosamente, dando um beijo gentil em meu clitóris. — Sou sempre legal com isso. O que mais?

— Se você prometer nunca deixá-la.

Ele franze a testa, mas se impede de dar uma resposta sarcástica. A percepção suaviza os planos de suas costas. Eu

me sinto vulnerável, desconfortável; carente. É óbvio que não estou mais falando da minha vagina.

Prendo a respiração enquanto Rafe sobe lentamente pelo meu corpo e me prende sob seu peso. Pressiona seus lábios nos meus. — Prometo, *Queenie*. Estarei aqui para sempre.

Suspiro. Envolvo minhas pernas ao redor de seus quadris e o puxo para mais perto.

— Então é sua.

* * *

Rafe está assobiando enquanto faz o café da manhã. *Assobiando.* Eu o observo do meu lugar no balcão com diversão. Está vestindo nada além de cuecas pretas e um sorriso meio torto, e talvez o avisasse sobre o óleo cuspir de uma panela quente, se não estivesse apreciando a vista de forma tão egoísta.

Ele passa por mim com o pretexto de pegar dois pratos no armário, mas o conheço melhor do que isso. Não é nenhuma surpresa quando para, mergulha as mãos entre minhas coxas e me segura. — De quem é essa boceta?

Meu suspiro se transforma em uma risada. Esse idiota me perguntou três vezes em trinta minutos, e espero que a novidade de eu dizer "sua" desapareça logo. Quando me abaixo e agarro seu pênis através de sua cueca, sua mandíbula cerra e seu olhar esquenta.

— Depende. De quem é esse pau?

Ele mergulha para beijar minha garganta, sorrindo contra ela. — Seu, *Queenie*. Para sempre e depois. Embora, se não tirar a mão das minhas joias da coroa imediatamente, comerá ovos muito queimados no café da manhã.

Eu o deixo ir, sorrindo como uma maníaca enquanto o observo empratando. Mal percebo a abertura da porta da cozinha, até que Rafe olha para cima e grita algo em italiano rápido.

— *Gesù Cristo* — murmura, passando a mão nos cabelos.

— *Gesù Cristo* mesmo. — Por mais que goste de morar com Rafe, não gosto de dividir nossa casa com um monte de gente da sua folha de pagamento. Não abriu o iate como um bar novamente, mas ainda assim, há uma dúzia de tripulantes necessários a bordo apenas para mantê-lo flutuando. — Rafe, precisamos nos mudar.

Ele franze a testa para mim. — Mas gosto de ter um oceano entre você e todos os outros.

Rio. — Sim, mas é um pé no saco. Além disso, como posso andar nua se há uma chance de esbarrar no primeiro oficial na sala de estar?

— Quer andar nua?

— *Uh-huh*.

Ele faz uma pausa. Passa um olho sobre a bainha de seu moletom. — Então, começaremos a procurar.

Cristo, não posso mais enganar os homens por seu dinheiro, mas com certeza são fáceis de enganar de outras maneiras.

Rafe

Acho que foi uma bênção disfarçada que o último grito de Dante nesta terra foi explodir o porto. Deu-me três meses extras para refazer o bar e o cassino em *Devil's Dip* e, devo admitir, ficou *excepcional*.

Decidimos reconstruir mais trinta metros acima do nível do mar, afastando-nos do caminho de futuras explosões e dando aos clientes uma visão completamente ininterrupta do horizonte através da janela panorâmica. No interior, a decoração é assinada por Raphael Visconti. As melhores mesas de pôquer revestidas de veludo, as roletas mais brilhantes e um bar totalmente abastecido servindo todas as edições do *Smuggler's Club* já feitas, mesmo as mais raras.

No entanto, por causa de uma certa beleza ruiva, ainda estou na vodca. Tomo um gole, no momento em que o ombro de Angelo roça no meu. Olho para o sol se pondo abaixo da água e reprimo um sorriso. Não preciso me virar para saber que meu irmão está fervendo; tem esse jeito de respirar como um rinoceronte quando está prestes a quebrar alguma coisa.

Seu tom é gelado. — Esta é a pior ideia que já teve.

Faço uma varredura preguiçosa dos convidados filtrando pelas portas e admirando a vista. — Jura? Todo mundo

parece estar se divertindo muito.

— Sabe que não é isso que quero dizer.

— Apoio o sentimento de Angelo — vem um murmúrio sedoso da minha esquerda. Eu me viro para encontrar o sorriso comedor de merda de Tor. — É uma ideia absolutamente horrível, *cugino.* E adoro, porra.

Sim, ele adora porque finalmente chegamos a um acordo. Fico com um terço de Cove, mas ele fica com 49 por cento do meu bar novinho em folha.

— Não vai adorar quando estiver desviando de balas, idiota. — Angelo murmura baixinho e olha para o elevador. — Afinal, onde está minha esposa?

— Fazendo compras com... Penny. — Quase digo, *fora com a minha,* mas me contive. Infelizmente, ela não é minha esposa.

Ainda.

— Não gosto quando elas saem.

Agora, o olho com um olhar furioso, aborrecimento contorcendo meus dedos. — Por que não?

— Porque ela está lhe ensinando suas coisas.

— Como?

— Como jogar *blackjack.* Rory é boa nisso agora. — Dá um gole em seu copo de uísque, os olhos escurecendo. — Diga-me por que estou perdendo todas as mãos que jogamos? Alguma coisa não está certa.

Tor e eu trocamos olhares divertidos. Angelo raramente joga e provavelmente nem sabe o que é contagem de cartas, mas não delato minha cunhada. Estamos começando *The Real Housewives of Atlanta* na próxima semana, e como se eu estivesse assistindo a franquia por conta própria.

Dou uma olhada no meu relógio e meus olhos seguem os de Angelo até o elevador. Penny, Rory, Wren e Tayce saíram para fazer compras a tarde toda, depois passaram a noite se arrumando na casa do meu irmão. Minha garota só se foi há algumas horas, mas já estou ansioso para vê-la, senti-la. Porra, beijá-la. Cristo, até me contentarei em olhar para ela como um idiota do outro lado da sala neste ritmo.

As portas do elevador batem e uma risada familiar sai delas. Eu me viro para ver Penny e as meninas entrarem na sala. Minha próxima respiração fica presa no fundo da minha garganta. Ela ainda nem tirou o casaco, mas já posso dizer que está incrível. Argolas douradas, grandes ondas vermelhas e um vestido justo apenas alguns tons mais escuro. Seus olhos varrem a sala, então pousam em mim.

Seu sorriso parte meu coração em dois.

Espremendo a ficha de pôquer em meu bolso, coloco meu copo na mesa e me movo para cumprimentá-la. Eu me inclino para lhe dar um beijo e aperto minha nuca quando se afasta. — Gorjeta extra — murmuro, roubando outra. — E IVA.

Eu me sirvo de um terceiro, sentindo seu sorriso contra meus lábios. — É lindo aqui — diz, caminhando para admirar a vista. Eu a sigo como um cachorrinho, absorvendo a

maneira como o sol baixo lança um brilho dourado sobre seu rosto e faz sua sombra brilhar. — Mas estou confusa. Não é noite de abertura, é?

Deslizo ao seu lado, passando um braço possessivo em volta de sua cintura. — Não exatamente, *Queenie*. — Olho ao nosso redor, então a puxo para uma alcova. — Tenho uma coisa para te dizer.

Seu rosto cai. — Oh Deus, o que você fez…

Agarro seu queixo e dou um beijo em seus lábios. É a minha nova e simpática forma de fazê-la calar a boca. Sempre funciona como um encanto. — Vê todos esses homens aqui? São todos para você.

Ela franze a testa. — Está me prostituindo?

— Os negócios não vão tão mal. — *Ainda.* — Quero dizer, estão todos alinhados para uma visita ao *The Grotto*. Achei que gostaria de se divertir um pouco com eles primeiro.

Seus olhos se arregalam e examina a sala como se a visse sob uma nova luz. — Jura? — Ela se aproxima e abaixa a voz para um sussurro teatral. — Está me dizendo que eu posso enganar qualquer um aqui?

— Engana-os *pra* caralho, baby.

— Mas eu me *endireitei.*

Eu rio em descrença. — Não há nada certo sobre você. Nunca foi, nunca será.

Ela olha para mim, seu choque se transformando em excitação. — Mas e se…

— Não vai acontecer. — Embora não tenha visto Gabe desde que saiu mancando da igreja, seus homens estão aqui com força total. Com suas cicatrizes e tatuagens e carrancas ameaçadoras, estão fazendo um péssimo trabalho em se misturar com as marcas, mas ainda assim estão aqui. Também estarei observando-a como um falcão, é claro. Não terei muito com o que me preocupar - todos os jogadores foram examinados. São os aventureiros milionários, não criminosos de carreira. Tentaram a sorte em um de nossos cassinos porque pensaram que poderiam se safar, não porque pensaram que poderiam se virar sozinhos se fossem pegos.

— Não posso acreditar que fez isso — grita, jogando os braços em volta dos meus ombros e me empurrando ainda mais para dentro da alcova. Beija minha garganta, abrindo caminho até minha mandíbula e minha boca. A sensação de seu corpo macio contra o meu é o suficiente para me deixar com tesão de colegial.

— Eu te amo — ela sussurra quando chega ao meu ouvido.

E isso? Isso é o suficiente para colocar minha pele em chamas.

* * *

Ao meu lado, Angelo se mexe na cadeira. Leva o uísque aos lábios, mas o coloca de volta na mesa sem tomar um gole. — Pelo amor de Deus.

Belmarsh, o advogado mastigando sua orelha do seu outro lado, se encolhe.

O olhar divertido de Nico aquece minha bochecha. Fizemos uma aposta: quanto tempo demorará até que Angelo perca a calma e dê uma surra no cara com quem Rory está jogando *blackjack*.

— Algo mais para você, Sr. Visconti?

Olho para cima para encontrar o sorriso doce e doentio de Laurie. Com um movimento preguiçoso do meu pulso, sinalizo para outra rodada. — Não está gostando do novo local de trabalho, Laurie?

Ela pega meu copo vazio e o coloca na bandeja. — Gosto muito bem. Afinal, é em terra. O que não gosto é ter dois funcionários inoperantes. — Faz uma pausa, inclinando a cabeça. — Mesmo que sejam vadias nojentas.

Está falando sobre Anna e Claudia - Penny queria que elas fossem embora, então não pensei duas vezes antes de demiti-las.

— Vou conseguir novos funcionários para vocês — digo. — Ainda melhores.

— Traga-me cinco. Esta espelunca ficará muito movimentada no verão.

Um grito chama minha atenção para o outro lado da sala. É Rory, pulando de pé e comemorando uma vitória. Quando pula, espalhando seus ganhos, Angelo também pula.

— Chega — brama, plantando um beijo possessivo em seus lábios. — *Sente-se.*

— Ah, esta deve ser sua adorável esposa — diz Belmarsh, levantando-se para cumprimentá-la.

Rory faz uma pausa. Curva o lábio superior em desgosto. Então empurra Angelo para longe e grita — Você tem uma *esposa?*

Há uma onda de risadinhas ao redor da nossa mesa. Angelo aperta o nariz, balançando a cabeça. — Puta merda. Sabia que deveria ter ficado em casa e assistido ao jogo.

Com um aperto na bunda de Rory e uma expressão sombria em seu ouvido, se dirige para um canto mais civilizado da sala, onde Cas e alguns de seus amigos de negócios fumam cubanos. Belmarsh dá suas desculpas desajeitadas e vai embora, enquanto Rory se senta no assento do marido.

— Há quanto tempo está esperando para usar esse?

— Desde que entrei no corredor.

Esfrego minha diversão com as costas da minha mão. — Estou impressionado. E também estou impressionado com suas novas habilidades de trapaça.

Rindo, estende as mãos, mostrando que há um leve tremor nelas. — Não é para mim. Fico muito nervosa. — Suspira. — Não sei como a Srta. *Artful Dodger* faz isso.

Meu olhar se volta para Penny, que está no bar com Tayce. Estão com as cabeças juntas, seus olhos se movendo

ao redor da sala. Penny fala em um murmúrio baixo enquanto Tayce franze a testa, ouvindo atentamente, sem dúvida recebendo as dicas que está dando a ela.

É irônico - odeio trapaceiros. No entanto, aqui estou eu, organizando um evento criado especialmente para minha garota ladra e de dedos pegajosos para enganar quem ela quiser. Acho que quebrei todas as regras e códigos morais que estabeleci para mim mesmo.

Há mais um que estou morrendo de vontade de quebrar.

— Faça-a se casar comigo — deixo escapar.

Um garçom vem com as bebidas que pedimos, além de um *spritzer* de vinho branco para Rory. Ela toma um gole, fazendo um péssimo trabalho em esconder sua diversão.

— Relaxe; já faz, tipo, um mês.

— Você se casou com meu irmão depois de um mês.

— Sim, mas só porque ele implorou.

Eu a encaro. — O quê?

— Oh, *swan*. Não diga a ele que lhe disse isso. Ele já está irritado comigo.

Não digo nada. Nós dois sabemos que sairá no segundo em que Angelo me irritar.

Rory gira os cubos de gelo em sua bebida. — Compre o anel certo para ela e talvez ela simplesmente diga sim.

Minha risada é amarga. — Comprei tantos anéis para ela, quando os usa juntos, se parece com o Sr. T.

Acomodo-me no meu lugar, sem realmente ouvir minha cunhada enquanto prega sobre o valor da paciência. Estou ocupado demais admirando a vista de Penny no bar. A verdade é que, apesar do meu instinto de homem das cavernas de colocar um anel no dedo para que o mundo e suas mães saibam que ela é minha, a minha parte lógica pode respeitá-la por não querer dar o nó ainda.

Ela passou tanto tempo tentando descobrir o que quer da vida; agora que o encontrou, quer se divertir como Penny Price por um tempo.

E tudo bem. Gosto dela sendo Penny Price também.

* * *

A noite está escura e amarga. Uma névoa se formou sobre o estacionamento, reduzindo as figuras que saem do bar a sombras distorcidas. Ligo o motor do carro, o assento aquecido de Penny, depois me inclino contra o porta-malas enquanto espero ela sair.

Como sempre, é sua risada alta que me alerta de sua presença. Ela cambaleia sob a luz de um poste de luz, de braços dados com Rory e Wren, com Tayce do outro lado de Wren.

É Rory quem me vê primeiro. — Rafe! — Grita. — Ainda estamos no domingo? — Balançando a cabeça, dou a ela um polegar para cima. — Bom. Peguei mais daquelas coisinhas de melancia e... ai!

Seu salto dobra debaixo dela, mas meu irmão sai das sombras e a agarra pela cintura. — Jesus, Magpie. Precisa de água e um hambúrguer. Vamos. — Ele a pega e a carrega para um carro que está esperando.

Rory acena para suas amigos por cima do ombro. — Ligue-me amanhã!

Observo divertido enquanto Penny se despede de Tayce e Wren, então caminha até mim. Está concentrada no chão, claramente determinada a não ter o mesmo destino de minha cunhada.

— Olá, lindo — diz docemente, deslizando para o banco do passageiro. Bato a porta atrás dela e dou a volta no carro. Uma vez que estou atrás do volante, me viro para o lado para dar uma boa olhada nela.

— Boa noite?

Ela morde o lábio inferior, olhando para mim através daqueles cílios grossos. — A melhor. Olhe!

Joga a bolsa no colo e todos os bens roubados caem. Dinheiro que ganhou, carteiras que roubou, relógios que roubou. Ergue um Rolex para a luz da lua e semicerra os olhos para ele. — Embora, não tenha certeza se este é real.

Balançando a cabeça, seguro seu queixo e dou um beijo rápido. — Você é uma ladrazinha suja; sabe disso?

Seu sorriso se alarga. — Eu sei.

Ela me encara por um tempo longo demais. Quando seu olhar começa a aquecer e esquentar o ar dentro do carro,

meus olhos se estreitam. — O quê?

— Nada.

— Não me venha com “nada”, Queenie. Achei que teria aprendido essa lição na semana passada. Da última vez que me deu “nada”, eu a inclinei sobre meus joelhos até que me dissesse o que era o “nada”.

Ela se concentra em sua carga, lentamente colocando os itens de volta em sua bolsa. — Tudo bem. Comprei um presente para você.

— Melhor não ser um relógio de segunda mão.

Estou surpreso que sua risada soe tão nervosa. — Não é. Aqui — enfia a mão no bolso da porta do passageiro e puxa uma pequena caixa de joias. Fica no console entre nós, e a encaro, a irritação arranhando meu peito.

— Não gosto de nada dessa merda de nova era, Pen. Se você está me pedindo em casamento, jogarei a porra do anel pela janela, e talvez você com ele...

— Jesus Cristo, cale a boca e abra.

Enrijeço minha mandíbula. Dou-lhe um último olhar de advertência e, em seguida, abro a caixa. Imediatamente, meu sangue gela. Algo se comprime em minha garganta e não consigo pronunciar nenhuma palavra, muito menos em ordem.

Eventualmente, consigo um estrangulado — Não está usando-o.

Não acredito que não percebi que ela não está usando.

Sua mão voa para o peito. — Tenho sorte, com ou sem o colar — diz baixinho. — Eu tenho você, tenho amigos, tenho o melhor emprego. Sou a garota mais sortuda do mundo.

Seus dedos deslizam sobre os meus e me tira a caixa. — Minhas meias não funcionaram para você, nem você seguiu o conselho de sua mãe sobre acreditar que tem sorte. Então, talvez isso funcione.

O pingente de trevo de quatro folhas pisca quando o levanta da almofada e o balança no espaço entre nós. — Coloquei uma corrente nova, então é um pouco mais longo. Mais viril também. — Arfa com uma risada estranha. — Aqui, deixe-me colocá-lo em você.

Não digo nada enquanto suas mãos macias alcançam meu pescoço. Não consigo. Não consigo pensar em nada além de como estou estupidamente obcecado por essa mulher.

— Aqui. — Desliza a corrente sob o colarinho da minha camisa e dá um tapinha no meu peito, depois olha nos meus olhos.

Eu a encaro por um instante, enquanto meu coração explode em chamas.

Meu punho encontra a parte de trás de seu cabelo e meus lábios encontram sua boca.

Meu coração pegou fogo e estou apaixonado pela Rainha que acendeu o fósforo.

Fim...

Notas

[←1]

-Em italiano: Porra, é perfeita.

[←2]

-Filme britânico de 1995, com Pierce Brosnan no papel do agente 007.

[←3]

-Escrito por John Steinbeck, publicado em 1937 pela primeira vez.

[←4]

-Personagem fictícia da série de videogames Super Mario Bros., produzido pela Nintendo.

[←5]

-Taxa Anual Efectiva Global – taxa de juros de um ano inteiro.

[←6]

-É um cão híbrido, gerado pelo cruzamento de um labrador retriever e um poodle comum ou miniatura.

[←7]

-Pequeno trecho, geralmente instrumental que se repete várias vezes na música. Muito utilizado como introdução, e pesa na identidade da música.

[←8]

-Modelo de bolsa mais conhecida e de sucesso da Hermès.

[←9]

-Tipo de boneco colecionável (funkos), a diferença que a cabeça costuma ser superdimensionada em comparação ao corpo e maleável.

[←10]

-Time canadense de hóquei no gelo.

[←11]

-O Senhor das Moscas, romance de William Golding, publicado a primeira vez em 1954.

[←12]

-É uma autora e apresentadora de programa televiso britânico.

[←13]

-Também conhecido como purificador ou cachimbo de água, é um aparelho utilizado para fumar qualquer tipo de erva.

[←14]

-Forma de barco de pesca, que comumente operava no Mar do Norte.